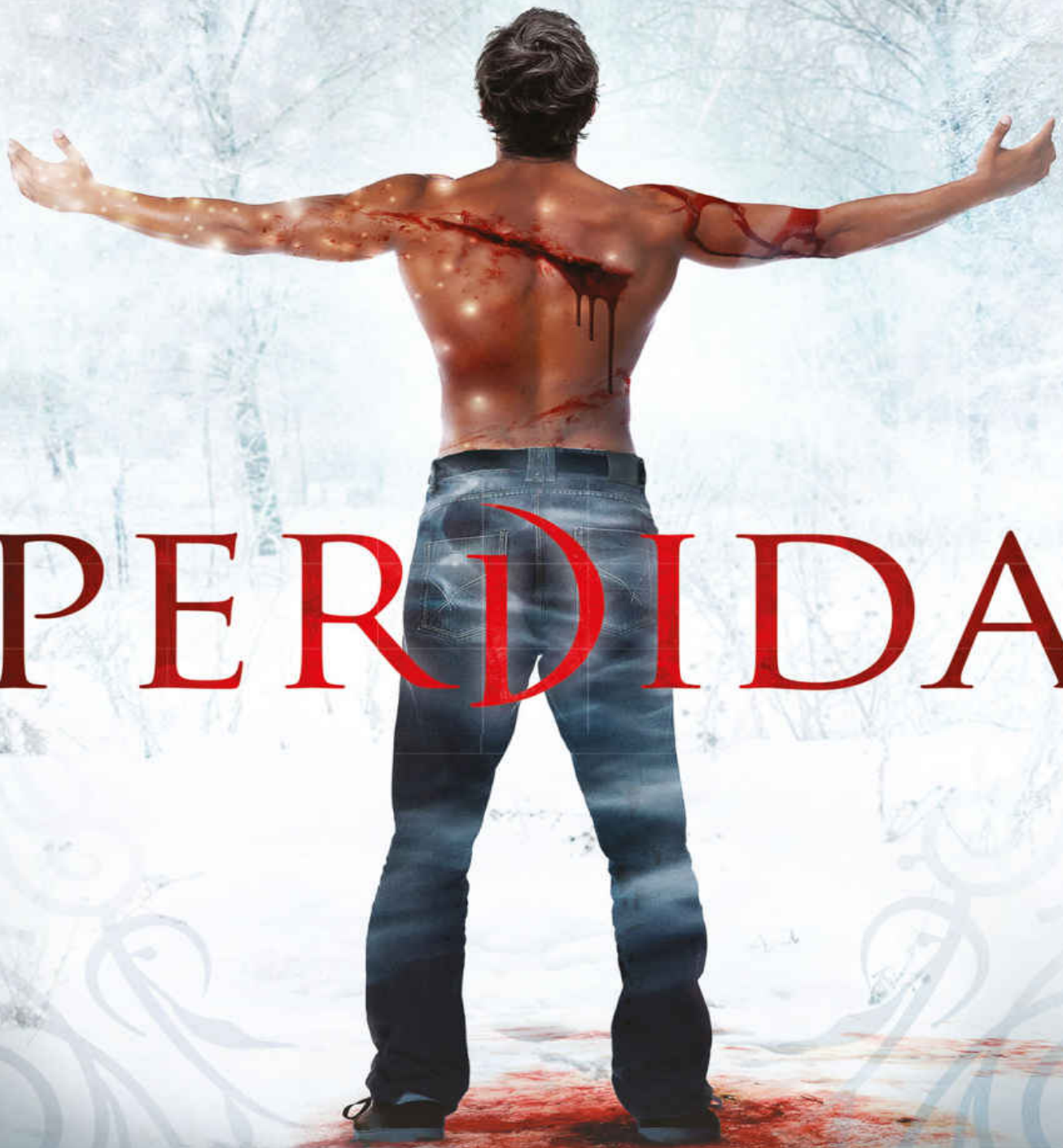
SÉRIE HOUSE OF NIGHT
OUTRO MUNDO



# PERDIDA

AUTORAS BEST-SELLERS DO *THE NEW YORK TIMES* E *USA TODAY*

P. C. CAST + KRISTIN CAST

ns

# PERDIDA

SÉRIE HOUSE OF NIGHT
OUTRO MUNDO

LIVRO 2

P. C. CAST + KRISTIN CAST

TRADUÇÃO ALESSANDRA KORMANN

ns
São Paulo, 2020

Perdida
*Lost*
Copyright © 2018 by P. C. Cast e Kristin Cast
Published in 2018 by Blackstone Publishing
Copyright © 2020 by Novo Século Ltda.

---

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Vitor Donofrio
TRADUÇÃO: Alessandra Kormann
PREPARAÇÃO: Laura Pohl
REVISÃO: Daniela Georgeto
CAPA: Kathryn Galloway English
DIAGRAMAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE CAPA: Vitor Donofrio

---

DESENVOLVIMENTO DE EBOOK: Loope Editora | www.loope.com.br

---

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

Cast, P. C.
Perdida
P. C. Cast e Kristin Cast; [tradução Alessandra Kormann]
Barueri, SP: Novo Século Editora, 2020.

Título original: Lost.
ISBN: 9788542817256

1. Ficção norte-americana 2. Vampiros I. Título II. Cast, Kristin III. Kormann, Alessandra IV. Série

20-1441 CDD-813

---

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção: Literatura norte-americana 813

---

Uma marca do Grupo Novo Século

Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1111
CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil
Tel.: (11) 3699-7107 | Fax: (11) 3699-7323
www.gruponovoseculo.com.br | atendimento@novoseculo.com.br

**Queridos leitores,**

Bem-vindos a mais uma aventura da série “House of Night – Outro Mundo”! Não vejo a hora de seguirem Outro Kevin no mundo dele e descobrirem todas as coisas bacanas e loucas que rolam por lá. Antes disso, eu preciso de um momento para explicar parte da minha metodologia de escrita e por que isso importa para você agora.

Eu sou uma escritora guiada pelo personagem. Isso quer dizer que, mesmo que eu faça um rascunho, um roteiro e planeje cada livro ou série, assim que eu crio os personagens e sopro vida dentro deles, todos os meus planos bem-feitos normalmente vão pelos ares. Um exemplo perfeito disso está em “Indomada”, o quarto livro da série “House of Night”. Nesse livro eu introduzi um novo personagem, James Stark. Eu o havia criado para ser o amor da vida de Stevie Rae, mas, no momento em que conheceu Zoey, ele me mostrou que definitivamente não seguiria o meu plano. E, é claro, isso acabou sendo bom porque Rephaim é definitivamente o cara/menino-pássaro da vida de Stevie Rae.

Por que eu estou contando isso a vocês agora? Bom, para aqueles que leram o trecho de “Perdida” que estava em “Amada”, isso é importante. Vejam bem, eu não havia começado a escrever “Perdida” quando escrevi aquele trecho. Tudo que eu sabia naquele momento era que Zoey ia atrás de Outro Kevin no mundo dele. Então escrevi uma cena que funcionava com o que eu sabia. Porém, quando realmente comecei a escrever “Perdida”, Zoey me

disse que o que eu tinha escrito naquele trecho estava tão errado quanto ter criado Stark para ficar com Stevie Rae!

Por um tempo, tentei encaixar aquela cena no livro que eu estava escrevendo. Isso me deixou agoniada porque simplesmente não estava funcionando. Aquilo não refletia as reais motivações de Zoey, mas já tinha sido publicado! Vocês já tinham lido! O que eu deveria fazer?

Felizmente, Kristin veio me salvar. Ela me disse que eu deveria reescrever a cena para fazê-la funcionar e que depois eu deveria simplesmente contar a vocês o que tinha acontecido. Simples! Kristin normalmente está certa, e essa não foi uma exceção.

Então, aí vai! O trecho que vocês leram em *Amada* é vagamente parecido com a cena finalizada, mas apenas vagamente, e agora vocês sabem o porquê. A lição aqui, para mim e para outros autores que escrevem romances guiados pelos personagens, é não tentar forçar uma cena antes que os alicerces do livro estejam construídos e antes dos personagens nesse livro estarem completamente elaborados, ou você vai ter que escrever cartas vergonhosas para os seus leitores explicando por que as coisas “de repente” mudaram.

Espero que vocês se divirtam nesta aventura no Outro Mundo. Eu sinceramente me diverti escrevendo para vocês. E lembrem-se, vocês são poderosos, as suas escolhas importam, e *vocês importam.*

Eu desejo amor a vocês, sempre amor…

P. C.

# 1

## Outro Kevin

No instante em que Kevin passou entre os mundos, ele conseguiu sentir: aquela terrível e desesperadora sensação de estar perdido. O estranhamento que era o efeito do feitiço de Zoey – aquele que o havia atraído e depois devolvido para o seu próprio mundo – era avassalador. A sensação de estar irremediavelmente perdido era tão forte, tão urgente, que o fez lembrar de um dia de primavera quando tinha sete anos e havia ido fazer compras com sua mãe no Super Target da Rua Setenta e Um em Tulsa. Ele havia se afastado enquanto a mãe e as irmãs estavam olhando roupas femininas. Quando se deu conta, estava sentado no meio do departamento de eletrodomésticos chorando incontrolavelmente.

Essa era a mesma sensação terrível, só que agora não haveria nenhum funcionário amigável para reconfortá-lo enquanto ele esperava que sua mãe respondesse ao aviso de criança perdida que soava pelo alto-falante. Sim, ele era um vampiro completamente Transformado – um tenente no Exército Vermelho –, mas, definitivamente, havia momentos em que ele desejava que alguém o salvasse.

– Não é possível, Kev. Recomponha-se – ele murmurou para si mesmo.

Com um forte barulho de sopro, como do ar sendo expirado, o bizarro buraco entre os dois mundos desapareceu, deixando apenas uma sorveira, deslocada em seu verde abundante, no espaço onde o tecido entre os mundos havia rompido. Enquanto a linha de comunicação com sua irmã Zoey se fechava – juntamente com o mundo dela, no qual ele se sentiu mais em casa do que no seu próprio –, Kevin desejou mais do que qualquer coisa que pudesse retornar ao seu eu de sete anos, sentar e chorar para que sua mãe o salvasse.

Só que ele não era mais criança, e a sua mãe havia parado de ser mamãe anos atrás, então Kevin fez o que havia aconselhado a si mesmo: ele se recompôs. Para se reconfortar, ele tocou a bolsinha pendurada por uma tira de couro em seu pescoço e se tranquilizou por ela ter feito a viagem junto com ele. Conferiu o bolso interno da sua jaqueta para se certificar de que a cópia do diário de Neferet ainda estava ali, e então analisou o cenário ao seu redor.

Estava escuro, assim como quando ele deixou o mundo de Zo, e frio – embora não houvesse nenhuma neve cobrindo o gramado marrom do inverno. Ele olhou para a sua direita. Não havia um muro de pedra fechando a tumba da Grande Sacerdotisa Neferet. Havia apenas uma gruta e um pequeno lago meio congelado.

*É porque neste mundo Neferet está livre e no comando.* Só pensar isso fez com que o seu nível de estresse aumentasse.

Kevin estalou as juntas dos dedos enquanto levantava o olhar, seguindo a colina acima da gruta. Como esperado, carvalhos antigos formavam um pano de fundo para moitas enormes de azaleias adormecidas.

– Aqui com certeza é o Woodward Park, mas não aquele do qual eu acabei de sair – Kevin suspirou.

*Ok, uma coisa de cada vez, é só o que eu posso fazer, mas eu preciso realmente* fazer *algo de fato, e não apenas ficar parado aqui estalando os dedos e me sentindo péssimo.*

Kevin tinha um plano, mas era um que fazia o seu estômago se contrair de nervoso. Ele tinha que encontrar alguém e não tinha certeza se as coisas iam transcorrer muito bem. As pessoas eram as mesmas, mas perturbadoramente diferentes aqui, e ele não a via há mais de um ano.

E se ela não quisesse vê-lo de jeito nenhum? Ou pior, e se ela o visse, mas o rejeitasse – se recusasse a ver que ele era diferente dos outros e não o convidasse para entrar? *Então que diabos eu vou fazer? E como eu vou aguentar se ela virar as costas para mim?*

– Eu tenho que arriscar. Se eu quero tentar acertar as coisas, não tenho muita escolha. Preciso de aliados, e ela é a melhor pessoa em quem consigo pensar – Kevin disse a si mesmo enquanto atravessava o frágil gramado marrom em direção à calçada na Rua Vinte e Um que contornava o parque. Andando rapidamente, ele virou à direita, subindo a pequena ladeira até a fraca iluminação em frente à Utica Square.[1]

Era uma caminhada curta até as lojas e restaurantes sofisticados que rodeavam a praça, apesar de Kevin se pegar desejando que demorasse mais. O grande e antigo relógio de quatro faces da Utica, que ficava imponente na frente da loja Russell Stover Candies, dizia que já passava da meia-noite, mas o local estava fervilhando com atividade. Desde que Neferet havia assumido o controle de Tulsa e da maior parte do Meio-Oeste, o horário comercial dos humanos havia mudado drasticamente para refletir o

fato de que eram os vampiros que mandavam, e não os humanos. As lojas da Utica Square – assim como *qualquer* outra loja ou restaurante em Tulsa e na área ao redor que os vampiros poderiam querer frequentar – abriam ao anoitecer e fechavam ao nascer do sol.

Havia, é claro, algumas poucas lojas que abriam para os humanos durante o dia – a maioria delas mercearias, postos de gasolina e que providenciavam outras necessidades, mas, comparadas aos negócios frequentados por vampiros, elas eram pobres lembranças de um passado em vias de extinção.

Nesta fria véspera de Natal, a Utica Square estava enfeitada com luzes – não em comemoração ao Natal, mas sim porque Neferet gostava que tudo parecesse brilhante, reluzente e bonito na superfície, não importando o que acontecia logo abaixo das belas aparências.

Vampiros e novatos azuis passaram por Kevin na calçada, mal olhando para ele, o que o tranquilizou. Se um alerta tivesse soado quando ele, General Dominick e outros do seu pelotão do Exército Vermelho foram dados como desaparecidos, os Guerreiros Filhos de Erebus teriam espalhado cartazes em todos os lugares públicos de Tulsa, e Kevin definitivamente seria interrogado.

Os poucos humanos que estavam na rua também reagiram normalmente a ele. Não fizeram contato visual e abriram bastante espaço para que ele passasse, mudando de calçada ou disparando para dentro de qualquer restaurante ou loja por perto, preferindo evitá-lo e também se esquivarem da possibilidade de ele estar com fome o suficiente para agarrá-los e fazer um lanche rápido. Embora a postura “oficial” de Neferet fosse a de desencorajar vampiros vermelhos de se alimentar de humanos em público, a verdade era

que a única razão pela qual a Grande Sacerdotisa queria que o Exército Vermelho demonstrasse algum autocontrole era que a alimentação em público costumava causar pânico. Neferet considerava o pânico humano feio e motivo de distração. Então, basicamente, se acontecesse… bem, aconteceu. Normalmente não havia nenhuma consequência para os vampiros, exceto uma pequena advertência.

Kevin costumava ficar perturbado com o fato de ele óbvia e justificadamente apavorar os humanos, mas naquela noite isso o tranquilizou. Ele sabia que o seu cheiro estava diferente – ou, mais especificamente, não estava com cheiro de túmulo – desde que Nyx havia concedido a ele sua humanidade de volta, mas as pessoas de Tulsa estavam tão acostumadas com monstros na noite que não chegavam perto o bastante para notar que ele não era mais o bicho-papão.

Kevin não baixou a guarda, porém. Ele pensou em pegar o ônibus até a estação onde o seu carro estava estacionado, mas só imaginar a possibilidade de encarar novatos vermelhos esfomeados e vampiros vermelhos curiosos deu um aperto no estômago. Que diabos ele iria dizer a eles quando o inevitável acontecesse – quando eles percebessem que ele havia se Transformado irreversivelmente? Ele precisava de tempo e também de um plano.

Mas, principalmente, Kevin precisava de ajuda.

Ele poderia facilmente andar o quarteirão até a Morada da Noite, mas não encontraria nenhuma ajuda por lá, e ele não tinha nenhuma vontade de voltar para *esta* Morada da Noite. Não agora. Não depois de ele ter passado algum tempo na *outra* Morada da Noite, onde a sua irmã era a Grande Sacerdotisa e os humanos eram bem-vindos como amigos, não sofriam abusos sendo

escravizados e não eram considerados geladeiras de sangue ambulantes.

Havia apenas um lugar para onde Kevin queria ir, e apenas uma pessoa que ele queria ver. De novo, sua mão tocou o volume que estava debaixo de sua camisa perto do coração. Ele pressionou a mão contra a pequena bolsa de couro com miçangas feita a mão, encontrando consolo na sua presença.

Kevin atravessou a Utica Square até os fundos do centro de compras com aparência de vilarejo, passando pela Fleming's Steakhouse e pelo Ihloff Salon até chegar ao estacionamento, mais escuro e mais silencioso. Estava cheio, então não levou muito tempo até Kevin encontrar o que precisava.

Um homem sozinho, humano e bem-vestido, andava apressado entre os carros, em direção às vagas de estacionamento na frente dos condomínios no estilo de vilas italianas, que se erguiam ali como se um pedaço do Mediterrâneo tivesse sido deslocado da Costa Amalfitana e se estatelado no centro de Tulsa.

Silenciosamente, Kevin o seguiu. Quando o apito do alarme na chave do carro soou, desbloqueando o Audi SUV, Kevin saiu das sombras para encarar o homem.

– Boa noite – Kevin disse.

Os olhos do homem se arregalaram e o seu rosto ficou pálido feito osso. Ele estendeu as sacolas nas suas mãos, em parte como oferenda, em parte como escudo.

– Po-por favor! Eu tenho uma família em casa. Por favor, não me morda. Eu dou tudo que você quiser, mas os meus filhos precisam de mim, e eu não quero morrer.

O estômago de Kevin se revirou. Ele odiava isso. Odiava que apenas a imagem da sua Marca de vampiro vermelho

instantaneamente criasse uma sensação de pavor e pânico nos humanos. Kevin encarou o homem nos olhos e falou vagarosa e gentilmente:

– Eu não vou machucá-lo. Você não precisa ter medo – ele disse, e o homem se acalmou. – Você não está sob a proteção de um vampiro? – Kevin perguntou ao ver a mão sem marcas do homem. Os vampiros azuis haviam tatuado a lua crescente nas mãos de humanos sob a sua proteção para que os vampiros vermelhos famintos soubessem que eles estavam fora do cardápio.

– Não de um vampiro específico – o homem respondeu como se estivesse em um sonho quando o poder da mente de Kevin o dominou, deixando-o imóvel e incapaz de fazer qualquer coisa, exceto o que Kevin ordenasse.

– Mas você faz algo para se proteger?

O homem assentiu, sonolento.

– Eu sou o dono do Harvard Meats. Na esquina da Quinze com a Harvard.

– Ah, claro. Eu conheço o lugar. – E Kevin realmente conhecia. Aquele homem não precisava estar sob a proteção de um vampiro específico porque o seu negócio era uma proteção por si só, já que era o açougueiro que fornecia as melhores carnes da cidade para a Morada da Noite e todos os seus restaurantes favoritos. – Está bem, eu quero que você faça o seguinte. Dê as chaves do seu carro para mim. Você está perto de casa?

O homem assentiu novamente.

– Eu moro na esquina da Rua Treze com a Columbia.

– Ótimo. Você vai precisar ir andando para casa. Amanhã registre uma queixa do desaparecimento do seu carro. Diga que você acha que foram garotos do ensino médio… da Union – Kevin acrescentou

após uma breve reflexão. Ele tinha estudado na Broken Arrow. BA e Union eram rivais conhecidos, e ele teve que disfarçar o seu sorriso por essa pequena vingança pelo fato de a Union ter vencido o último campeonato estadual de futebol americano.

– Vou registrar a queixa de furto. Por garotos da Union. Amanhã – o homem repetiu automaticamente, entregando as chaves a Kevin.

Kevin hesitou, chamando o homem de volta quando ele se virou, movendo-se mecanicamente para começar a caminhar até sua casa.

– Ei, ahn, você precisa de alguma coisa do carro?

O homem piscou os olhos para ele, como se não tivesse entendido a pergunta.

– Tem alguma coisa no seu carro que você precisa levar para casa? – Kevin reformulou a pergunta, olhando bem nos olhos do homem, aumentando o seu controle sobre ele.

– Sim. O meu laptop – o homem respondeu imediatamente, embora sua voz ainda tivesse um tom sonolento. – E mais alguns presentes para as crianças.

– Pegue-os – Kevin disse. – Rápido.

O homem se mexeu rapidamente, abrindo a porta traseira e retirando um laptop fino e uma sacola cheia de pacotes embrulhados. Então ele se virou para Kevin, esperando receber uma ordem sobre o que fazer em seguida.

– Vá para casa agora. Rápido. Não fale com ninguém. Se você for parado por um Guerreiro, diga que está em uma missão em nome de um tenente do Exército Vermelho.

– Eu estou em uma missão em nome de um tenente do Exército Vermelho.

– Mais uma coisa. Este vai ser o melhor Natal da sua vida. Na verdade, vai ser o melhor ano da sua vida. Você vai mostrar para a sua mulher e os seus filhos o quanto você os ama todo dia, e você vai se certificar de que você e a sua família são valiosos para a Morada da Noite escolhendo cortes especiais de carne exclusivos para Neferet. – Kevin fez uma pausa, refletindo, e então continuou: – Prepare a carne marinada em um molho de vinho tinto. Neferet realmente gosta de vinho tinto. Entendido?

– Entendido.

– Ok, agora vá. Rápido!

O homem saiu apressado, apertando o laptop e a sacola de presentes contra o peito como se eles fossem feitos de ouro.

Cantarolando baixinho o grito de guerra da Broken Arrow para si mesmo, Kevin entrou no Audi. Ele se demorou um minuto apreciando o interior agradável antes de dar a partida e sair da Utica Square, e então ele estava no seu caminho até a estrada Muskogee Turnpike, que ficava a um pulo do centro de Tulsa. Quando entrou na estrada em direção ao sul, ligou a rádio 98.5 e tentou deixar a voz anasalada de Blake Shelton com seu sotaque familiar de Oklahoma acalmar seus nervos.

Kevin ainda não sabia muito bem o que faria, mas tinha certeza de quem precisava encontrar para conseguir ajuda e descobrir isso.

O trajeto de uma hora e meia passou voando, e logo Kevin estava saindo da rodovia e serpenteando por uma estrada antiga de duas pistas até chegar ao caminho de terra e cascalho que dividia campos de lavanda adormecidos e finalmente acabava em uma casa de pedra familiar com uma ampla varanda frontal.

O seu estômago deu reviravoltas de nervoso quando ele estalou os dedos e levantou a mão para bater na porta.

Kevin hesitou. E se ela não o convidasse para entrar?

Ele engoliu aquele pensamento horrível no instante em que a porta se abriu, antes mesmo de precisar bater.

– Oi, Vovó Redbird! Sou eu, Kevin.

O único sinal de choque que a mulher deu foi um leve rubor na pele marrom de suas bochechas.

– Já faz um tempo que não nos vemos, mas eu ainda reconheço a minha própria família – Vovó disse. Ela não fez nenhuma menção de convidá-lo para entrar. – O que eu posso fazer por você, Kevin?

– Eu preciso de sua ajuda. Na verdade, eu preciso de mais do que sua ajuda. Eu preciso de um plano. É muita coisa para explicar. Posso entrar, por favor?

– Não fico feliz em dizer isso, mas não. Você não pode entrar. Vejo que você completou a Transformação.

– Sim, meses atrás. Sinto muito por não ter vindo vê-la até hoje, mas você sabe por que não vim. Eu tinha que ter certeza de que conseguiria me controlar. Bom, agora tenho certeza, e a razão de eu ter certeza é inacreditável.

– Desculpe, Kevin. Hoje não é o meu dia para morrer. E, mesmo que fosse, eu não quero encontrar a Grande Deusa depois de o meu neto me transformar em um monstro devorador. Não. Por favor, vá embora, meu filho. Você está partindo o meu coração, e ele já está em mais pedaços do que eu posso contar.

Triste, Vovó Redbird começou a se afastar lentamente da porta.

– Espere, Vovó. Por favor, primeiro olhe isto aqui. – Kevin tirou a bolsinha medicinal do pescoço e a estendeu na frente da Vovó Redbird para que ela pudesse ver.

Ela franziu o cenho, confusa.

– Isso é meu. Mas eu estou com ela… – Ela ergueu a mão automaticamente, levando-a até a tira de couro que prendia uma bolsinha medicinal idêntica ao redor do seu pescoço.

– Vovó, você deu isso para mim.

– Não, Kevin. – Ela levantou a idêntica bolsa com miçangas. – *Esta* é a minha. Essa daí, bom, é uma cópia estranhamente parecida.

Kevin não podia cruzar a barreira da porta a menos que fosse convidado a entrar, mas a bolsinha definitivamente podia.

– Aqui, olhe só. Você vai ver. – Ele a atirou na direção dela, e Vovó a pegou facilmente.

Ele observou enquanto ela abria a bolsinha e depositava o conteúdo na palma de sua mão. Havia um cristal de ametista roxo e um pedaço de turquesa bruta lapidada em forma de um perfeito coração, assim como um ramo de lavanda, uma pena do peito de uma pomba e um punhado de terra vermelha. A última coisa que caiu da bolsa foi uma tira de papel enrolado com cheiro de lavanda.

Com mãos firmes, Vovó Redbird desenrolou o papel para revelar três palavras, escritas na sua forte letra cursiva.

*Confie em Kevin.*

Os sagazes olhos castanhos da Vovó encontraram os dele.

– Onde você conseguiu isto?

– Como eu disse, foi você que me deu. Em outra versão do nosso mundo. Depois que Zoey me levou para lá e que Aphrodite e Nyx restauraram a minha humanidade. Vovó, é uma longa história, mas eu juro pela memória de Zoey que você realmente me deu isso e me falou para procurá-la e mostrar isso a você. Eu preciso de você, Vovó. Eu não sei mais aonde ir nem quem devo procurar. Por favor,

você vai me deixar entrar? Eu não vou te machucar. Eu nunca vou te machucar.

Sylvia Redbird analisou Kevin cuidadosamente. Então ela abaixou os olhos novamente para as três palavras escritas com sua própria letra no papel que ela mesma fez na fazenda de lavandas que dava plantas tão perfumadas e únicas que os vampiros a deixavam em paz – desde que ela continuasse fornecendo os produtos de lavanda que Neferet tanto apreciava.

– Kevin, eu gostaria de convidá-lo a entrar na minha casa. – A idosa deu um passo para trás, segurando a porta aberta para o seu neto.

Ele entrou na casa e inspirou fundo o ar com aroma de memórias de infância. Através das lágrimas inundando os seus olhos, ele abriu o sorriso para sua avó.

– Estou sentindo cheiro de cookies de chocolate e lavanda?

– Está sim, com certeza. Quer alguns?

– Mais do que qualquer outra coisa do mundo – Kevin respondeu. – Mas, primeiro, por favor, posso te dar um abraço?

– Ah, *u-we-tsi*, nada me deixaria mais alegre!

Kevin abriu os braços, e a sua pequena, adorável e linda avó se adiantou no seu abraço. E de repente ele se viu soluçando enquanto ela o apertava e acariciava suas costas com carinho, e ele liberava a tristeza, a solidão e o arrependimento de ter deixado sua irmã e voltado para um mundo cheio de batalhas e temores.

– Vai ficar tudo bem agora, *u-we-tsi.* Vai ficar tudo bem. Eu estou aqui. Eu estou aqui…

---

1 Espécie de shopping ao ar livre de Tulsa. (N.T.)

# 2

## Outro Kevin

– Vovó, estes cookies são os melhores entre *todos* os mundos!

Vovó Redbird sorriu carinhosamente para Kevin.

– Você devolveu a minha alegria em prepará-los. Eu não tenho ideia de como Neferet os descobriu, mas alguns meses atrás seus capangas do Exército Azul apareceram aqui, insistindo que eu entregasse um pedido semanal de duas dúzias de cookies… para a própria Grande Sacerdotisa. Eu achei estranho, mas isso de fato ajudou a garantir a minha segurança, e enquanto eles estavam aqui também fizeram uma encomenda permanente dos meus sabonetes e cremes… – ela perdeu as palavras quando a compreensão floresceu no seu rosto. – *Você* fez isso!

Kevin deu de ombros, um pouco envergonhado, enquanto pegava outro cookie.

– Bem, sim. Todo mundo sabe que a sua lavanda é a melhor de Oklahoma. Os seus sabonetes e cremes são incríveis e os seus cookies são especiais e deliciosos. Eu pensei que, se Neferet soubesse sobre eles, iria querer. Ela é daquele tipo que adora coisas que ninguém mais tem, e ninguém tem a sua receita.

– Eu não uso receita.

– Exatamente! São coisas que só você pode fazer. Então, eu mencionei isso para um Guerreiro que é companheiro da Sacerdotisa e que leva o lanche da noite para Neferet. Eu sabia que ela só precisava experimentar um cookie e já ficaria fisgada. Aparentemente, Neferet tem uma queda por doces. Os sabonetes e cremes foram um bônus.

Vovó Redbird não falou nada por um bom tempo. Ela observou o seu neto como se ele fosse um enigma que ela tivesse acabado de desvendar.

– Você já era diferente. Mesmo antes de ser arrastado para aquele Outro Mundo.

Kevin assentiu, falando com a boca cheia de cookies.

– Eu ficava pensando que isso iria mudar… que algum dia eu iria acordar e não seria mais capaz de controlar a minha fome de jeito nenhum. Mas isso não aconteceu.

Vovó colocou a sua mão calejada no rosto dele.

– Ah, *u-we-tsi*, queria que você tivesse vindo me procurar quando estava pensando nisso.

– Eu não consegui, Vovó. Eu tinha muito medo de me transformar em um monstro. – Kevin estava com a cabeça baixa, encarando fixamente a antiga mesa de madeira. – Eu não podia correr o risco de te machucar.

– Então, mesmo de longe, você arrumou um jeito para que eu ficasse segura… para que eu fosse uma das protegidas.

Kevin assentiu.

– Obrigada – ela disse simplesmente.

Quando Kevin teve certeza de que não ia se dissolver em lágrimas escandalosas de novo, ele encontrou os seus olhos

castanhos gentis e sorriu.

– Era o mínimo que eu podia fazer depois de você ter perdido Zoey. Eu sempre soube que ela era a sua favorita.

– Zoey e eu éramos próximas desde que ela nasceu, mas isso acontece muito entre avós e netas. Isso não significa que eu a amasse mais do que eu amo você.

Kevin sentiu lágrimas enchendo seus olhos e ele piscou com força para impedi-las de transbordarem.

– Mesmo?

– Dou minha palavra. Era mais fácil ser próxima de Zoey Passarinha. Ela queria cozinhar comigo, trabalhar no jardim, aprender os costumes do nosso povo.

– E eu queria jogar videogames e contar piadas de peido com os meus amigos – Kevin disse com uma ironia amarga.

Vovó Redbird sorriu com afeto e compreensão.

– Você simplesmente queria ser um menino. Não há nada de errado nisso.

– Eu sei que não posso ocupar o lugar deixado por Zo, mas quero que a gente fique mais próximo. Eu… eu preciso de você, Vovó.

A idosa apertou a mão do neto.

– Eu estou aqui por você. Eu sempre vou estar aqui por você. Você nunca mais vai ficar sozinho de novo, meu *u-we-tsi.*

Pela primeira vez desde que percebeu que ele precisava voltar para o seu mundo – teria que de alguma forma liderar a Resistência para derrotar Neferet –, Kevin sentiu uma parte do peso terrível que tinha se instalado sobre o seu corpo se evaporar.

– Obrigado, Vovó. Isso torna tudo melhor.

– Fico feliz. Agora, eu tenho algumas perguntas que talvez você possa me ajudar a responder.

– Com certeza! Pode perguntar enquanto eu devoro os cookies.

– Ótima ideia. Então, você estava me contando que a nossa Zoey Passarinha está viva em um mundo alternativo, do qual você acabou de voltar?

– Sim. Ela está. Bom, ela não é *exatamente* a nossa Zo, mas é bem parecida. Tão parecida quanto aquela Vovó Redbird é parecida com você, quase exatamente igual. É estranho. Legal, mas estranho.

Vovó se sentou diante dele, servindo-se de uma xícara de chá de lavanda cheiroso do bule de ferro desgastado pelo tempo que usava desde que Kevin se entendia por gente.

– Deixe-me ver se compreendi direito. Naquele mundo Zoey é a Grande Sacerdotisa no comando. Não há Neferet e…

– Neferet está lá – Kevin a interrompeu. – Ela está magicamente trancada dentro da gruta no Woodward Park.

– Certo – Vovó Redbird assentiu. – Você disse que ela se tornou imortal?

– Sim. Na verdade, eu não entendi muito bem essa parte, mas acredito em Zo e sua turma. Eles disseram que ela tentou se transformar na Deusa de Tulsa e simplesmente surtou pra caralho, matou um monte de gente… humanos e vampiros. Ahn, desculpe pelo palavrão, Vó.

Ela fez um gesto indicando que as desculpas eram desnecessárias.

– Às vezes é preciso usar uma linguagem forte. A sua descrição é válida.

– Obrigado, Vó. – Kevin apontou para a cópia do diário que Zoey havia lhe dado antes que ele fosse embora do mundo dela. – Zo me disse que isso explica muito sobre o passado de Neferet e as suas

motivações. Ela e seus amigos descobriram que a história de Neferet é um ponto fraco dela. Zo acha que talvez a gente possa encontrar algo aí que possa nos ajudar a derrotá-la nesse mundo também.

– Isso faz sentido. Então, Neferet está sepultada. Zoey está no comando. E ela abriu a Morada da Noite de Tulsa para os humanos? De verdade?

– Sim! Você precisava ver… garotos humanos estavam realmente brincando com novatos vermelhos e azuis na neve. Era bizarro, mas muito legal, e Zo e a sua turma… eles dizem que são a Horda Nerd… – Kevin fez uma pausa quando sua avó riu como uma garotinha. – Ela fez a Horda Nerd iniciar programas de estudantes humanos, como o da Morada da Noite de Tulsa, por todo o país. Aparentemente, está indo muito bem, por isso ela ficou super preocupada quando ficou parecendo que Neferet podia estar se movimentando. Zoey sabia que os humanos seriam o segundo alvo dela.

– Porque a própria Zoey seria o primeiro alvo.

– Sim. Elas são inimigas. Hum, Vó, quando eu expliquei a Zo como ela morreu aqui, ela disse que tinha certeza de que Neferet a matou, porque no mundo dela Neferet matou dois professores vampiros exatamente do mesmo jeito, apesar de ela ter encenado os assassinatos para parecer que o Povo da Fé era o responsável.

Vovó Redbird ficou pálida com a menção à morte repulsiva de sua neta. Kevin estendeu a mão sobre a mesa para apertar a mão de sua avó.

– Está tudo bem, Vó. Só precisa lembrar que ela ainda está viva. Ela só não está mais neste lugar.

A velha senhora assentiu rapidamente e deu um gole no chá, tentando se recompor.

– O plano de Neferet em ambos os mundos era criar uma guerra entre humanos e vampiros?

– Sim.

– Zoey e a sua… Horda Nerd foram responsáveis por conseguir detê-la nesse outro mundo?

– Sim – Kevin disse.

– Muito bem, Zoey Passarinha – Vovó Redbird disse baixinho. – Esse outro mundo… o mundo de Zoey… parece um lugar encantador.

– E é. Decorações de Natal por toda parte… humanos e vampiros se misturando… Vovó, eles até transformaram a estação de Tulsa em um restaurante descolado gerenciado por vampiros. Os humanos lotam o lugar toda noite. – Kevin rapidamente decidiu deixar de fora o detalhe complementar de como vampiros e novatos vermelhos do seu mundo tinham destruído o restaurante e comido todo mundo. Vovó não precisava dessa tristeza.

– É mesmo? – ela perguntou, maravilhada.

– Sim! Zo inclusive me contou que eles têm uma feira de produtores nos jardins da Morada da Noite toda semana, e o campus é completamente aberto aos humanos para isso.

– Isso é realmente mágico – ela comentou. – Mas por que você voltou para cá?

– Eu tive que voltar. Eu sou a Zoey.

– *U-we-tsi*, você vai ter que se explicar melhor do que isso.

– Vó, assim como a Zo naquele mundo, eu tenho afinidade com todos os cinco elementos.

Ela arregalou os olhos com a surpresa feliz.

– Oh, Kevin! Essa é uma notícia incrível.

– Bem, sim e não. Sim, porque é legal e um sinal das boas graças de Nyx. Ei, eu quase esqueci de contar! A tatuagem da Transformação completa de Zo é igual à minha. Só que a dela é azul, claro, mas ela também tem um monte de outras tatuagens, como nas palmas das mãos, em volta da cintura, nas costas e até nas clavículas.

– Ela foi até um tatuador? Parece lindo, mas certamente deve ter levado bastante tempo para fazer.

– Não, Vó, Nyx concedeu a ela essas tatuagens como um sinal de que ela estava no caminho certo – Kevin suspirou. – Eu meio que espero que Nyx possa me ajudar dessa mesma forma. Pelo menos eu saberia que estou fazendo a coisa certa.

– E o que é essa coisa certa que você quer fazer?

Kevin não hesitou.

– Isso me traz à parte não tão incrível. Como eu tenho afinidade com todos os cinco elementos assim como Zo, isso significa que eu também tenho as responsabilidades dadas pela Deusa que ela herdou. Vó, eu tenho que derrotar Neferet, assim como Zo fez no mundo dela, para recuperar o equilíbrio entre Luz e Trevas.

Vovó Redbird não perdeu o compasso.

– E como você planeja fazer isso?

– Não tenho ideia, Vovó. Não tenho ideia. – Ele abriu o sorriso atrevidamente para ela. – Mas aposto que você pode me ajudar a pensar em um plano.

– Se eu não posso, sei quem pode. Kevin, o que você sabe sobre a Resistência?

– Eu sou um tenente no Exército Vermelho de Neferet. A nossa única missão neste momento é encontrar e eliminar todos os

membros da Resistência.

– O fato de você ser um tenente pode ajudar. Você tem acesso a informações, como talvez o local onde Neferet acredita que a Resistência está se escondendo, ou como eles conseguem levar pessoas clandestinamente para fora do Meio-Oeste até um lugar seguro?

– Não exatamente. A estratégia fica a cargo de Neferet, os generais do Exército Azul e os Guerreiros Filhos de Erebus. Até nós, vampiros vermelhos que conseguem manter um controle suficiente da nossa humanidade para nos tornarmos oficiais, não somos incluídos no planejamento. Basicamente, os Guerreiros de Neferet nos usam como se fôssemos armas irracionais. Quando eu completei a Transformação, escutei o General Stark falando sobre o Exército Vermelho. Ele nos chamou de descartáveis.

– O General Stark parece desprezível.

– Neste mundo, ele é mesmo. No mundo de Zo, ele é o seu Guerreiro Juramentado e companheiro… um cara realmente bacana.

Aquilo deixou Vovó Redbird pensativa.

– E o General Stark não está errado. Tudo que ele tem que fazer é apontar uma direção para o Exército Vermelho e nos soltar. – Kevin estremeceu. – A maioria dos vampiros vermelhos são máquinas irracionais de comer, feitos para devorar tudo no seu caminho.

– Na verdade, isso é bom para nós – Vovó disse.

– Ahn? – Kevin falou, soando muito como a sua irmã.

– Bom, se o General Stark é um bom rapaz no mundo de Zoey Passarinha, então lá no fundo há bondade nele. Talvez ele possa

ser convencido. E você é um oficial. Você tem acesso para ir e vir facilmente na Morada da Noite, certo?

– Sim, imagino que sim, mas só entre o anoitecer e o amanhecer. Durante o dia, nós somos todos banidos para os túneis embaixo da estação.

– Mas ninguém na Morada da Noite… nenhum vampiro… iria imaginar que você está do lado da Resistência.

Kevin se endireitou na cadeira.

– Você está certa, Vovó! Isso nem passaria pela cabeça deles. Eles normalmente não incluem oficiais do Exército Vermelho nas reuniões estratégicas, mas eles não iriam notar se eu estivesse lá, parado por perto esperando receber ordens – ele sorriu. – Eu posso descobrir todo tipo de coisa! – ele hesitou, e o seu sorriso esvaneceu. – O problema é que eu não estou com o cheiro certo, e eles iriam reparar nisso.

Os olhos da Vovó brilharam maliciosamente.

– Deixe que eu cuido disso, *u-we-tsi.*

– Eca, ok. Então, este é o nosso plano? Você vai me fazer ficar fedido de novo, e eu vou espionar na Morada da Noite e descobrir coisas sobre a Resistência? Vamos ter que descobrir onde eles estão se escondendo antes que o exército os encontre, e avisar para a Resistência tudo que eu descobrir.

– Encontrá-los não é um problema.

– Vovó! Você faz parte da Resistência?

– Como Martin Luther King Jr. resumiu tão bem, “A pior tragédia não é a opressão e a crueldade das pessoas ruins, mas sim o silêncio das pessoas boas”. Eu não serei silenciada.

– Caraca, Vó, você *faz* parte da Resistência!

– Tenho orgulho de dizer que sim, eu faço.

– Eles matariam você se a pegassem. Nossa, Vó. Neferet não ia se importar que você é uma idosa. Você iria morrer – Kevin afirmou.

– Estou ciente disso, mas, Kevin, se eu ficasse parada e não fizesse nada, seria o meu espírito que morreria.

Kevin suspirou pesadamente.

– O meu também. É por isso que eu voltei. Eu tenho que fazer algo, e acho que sou o único que pode fazer isso.

– Isso é muito corajoso da sua parte, *u-we-tsi.*

– Não, fazer a coisa certa não é corajoso. É só o que pessoas decentes fazem – Kevin respondeu.

– De fato.

– Quero que você me leve até eles – Kevin disse com firmeza.

– Eles?

– A Resistência. Quero falar com eles, e contar o que aconteceu comigo no mundo de Zo.

– Não sei se isso vai funcionar. Eles podem achar que é apenas um inimigo quando olharem para você – Vovó refletiu. – O que pode funcionar melhor é você espionar, contar para mim, e eu levarei as informações até eles.

– Isso seria ótimo, se não fosse por Aphrodite – Kevin falou.

– Aphrodite? A deusa grega do amor?

Kevin sorriu com ar travesso.

– Aposto que ela pensa que é uma deusa, mas imagino que, *tecnicamente*, ela é uma Profetisa, e não uma deusa.

– Filho, isso não faz sentido.

– Desculpe, Vó. É simples, na verdade. No mundo de Zo, há uma Profetisa de Nyx chamada Aphrodite que tem o poder de conceder segundas chances. Por causa dela, nenhum dos novatos ou

vampiros vermelhos perdeu a sua humanidade. Ela está neste mundo também.

– Ah, Grande Deusa! Se isso pudesse acontecer neste mundo também! – Vovó exclamou.

– Sim, se a humanidade dos soldados do Exército Vermelho voltar, Neferet perde as suas armas – Kevin afirmou. – No mundo de Zo, Aphrodite e eu temos uma conexão. – Ele fez uma pausa, ignorando o fato de suas bochechas estarem corando muito. – Ela, hum, falou para eu encontrar a versão dela neste mundo, e que *ela* me amaria também.

Vovó ergueu as sobrancelhas, mas não falou nada. Kevin limpou a garganta e continuou:

– Além disso, Zo falou que eu tenho que montar o meu próprio círculo. Basicamente, a minha versão da Horda Nerd que ela tem. Eu já sei que pelo menos dois dos vampiros que preciso recrutar são azuis… e que eles estão na Morada da Noite neste exato momento.

– Mas, *u-we-tsi*, a Resistência está cheia de vampiros azuis. Você não pode simplesmente usá-los para o seu círculo?

– Acho que sim, mas a Horda Nerd de Zo é diferente, assim como ela. Assim como eu. Eles também têm afinidades com os seus elementos.

– O que torna o círculo dela mais poderoso que um círculo comum – Vovó observou.

– Sim. Você entende por que eu tenho que fazer mais do que apenas espionar para a Resistência?

– Entendo. E porque eu entendo isso, tenho muito mais esperanças com relação às nossas chances de sucesso do que eu tinha apenas alguns minutos atrás. – Vovó Redbird deu uma olhada

para fora da janela da frente. – O amanhecer já está deixando o horizonte rosa. Vamos dormir, *u-we-tsi*, e amanhã… amanhã nós vamos até a Resistência.

– Está certo, Vovó – Kevin disse corajosamente antes de enfiar outro cookie na boca e pensar: *“Ah, que inferno…”*.

# 3

## Outro Kevin

– *Sap-a-lup-a?* Sério, Vó? Isso aqui é bem no meio do nada – Kevin disse quando sua avó indicou a ele a saída para a rodovia Turner Turnpike.

– Kevin, pronuncie direito.

– Certo. *Sapulpa.* Mesmo assim… sério, Vó? Por que aqui?

– Porque, como você disse… é no meio do nada. O que significa que é um excelente lugar para o quartel-general da Resistência, já que Sapulpa fica a apenas uns trinta minutos do centro de Tulsa. Perto o bastante para ser útil, mas ainda uma cidade rural com nada que possa interessar os vampiros, com a exceção de vários ranchos que plantam a melhor alfafa do estado.

– Então, eles têm o suficiente para serem protegidos por Neferet, mas não o bastante para despertar o interesse dela para fazer uma visitinha nem nada do tipo.

– Exatamente. Vire à esquerda no próximo semáforo. É a South Hickory. Então siga essa estrada por cerca de um quilômetro e meio até a gente passar por algumas placas. Depois da tabacaria, procure pela Lone Star Road e vire à direita.

– Para onde diabos você está nos levando, Vó?

Ela sorriu angelicalmente.

– Para um desses adoráveis e pequenos ranchos de alfafa, *u-we-tsi.*

Eles serpentearam pela Lone Star Road, passando por campos verdejantes, alguns deixados ociosos em preparo para a plantação da primavera, e outros já verdes com o trigo de inverno. Como é de praxe em Oklahoma, as casas alternavam-se entre quase mansões e trailers caindo aos pedaços, e então mais mansões.

– Ei, olhe só, Vó. É o trio perfeito dos pobretões de Oklahoma: uma casa de trailer, uma piscina portátil *e* um colchão velho que aqueles pitbulls estão usando como cama… tudo em um só quintal.

Vovó Redbird franziu o nariz.

– Acho que são boxers, não pitbulls, Kevin.

– Erro meu. É isso que dá forçar estereótipos.

– Bem, definitivamente foi um bom palpite. Vá devagar agora. Está vendo à sua direita, onde aquela cerca branca bonita começa?

– Sim.

– Há um portão logo em frente. Pare ali, abaixe o vidro e aperte o botão do interfone. Deixe que eu prossiga com o resto.

Kevin seguiu as instruções, virando em uma entrada bloqueada por um grande portão de ferro. Ele deu uma rápida olhada em volta enquanto abaixava o vidro e viu que a aparência tranquila e organizada do pequeno rancho não passava de uma fachada.

O portão, assim como a cerca branca bem-cuidada, era cheio de cabos elétricos grossos. O olhar de Kevin seguiu os cabos.

– É uma cerca elétrica poderosa, Vó.

– Sim, estou ciente disso. Aperte o botão do interfone, por favor.

Kevin apertou o botão branco perto do interfone e uma luzinha vermelha se acendeu, chamando atenção para a câmera de alta tecnologia apontada na direção deles.

– Quem é? – saiu do interfone uma voz incisiva de mulher, com uma sinfonia de cães ganindo ao fundo.

– Sylvia Redbird. Ouvi dizer que você tem uma ninhada de cachorrinhos. Gostaria de dar uma olhada neles, se você ainda tiver algum para vender.

Houve uma pausa e então ela disse:

– Estou vendo um vampiro vermelho com você.

Vovó Redbird deslizou para o lado e enfiou sua cabeça ao lado da de Kevin.

– Sou eu, Tina. Este é o meu neto, Kevin.

– Vampiros vermelhos não são bem-vindos na minha propriedade, muito menos na minha casa.

– Este vampiro vermelho é diferente. Eu dou a minha palavra – Vovó afirmou.

– É claro que você fala isso. Você está sob o controle dele. Não é não. Você não pode entrar na minha propriedade. Você não pode entrar na minha casa.

– Tina, mande Babos até aqui.

– Cachorros odeiam vampiros vermelhos. Ela vai rosnar, latir e atiçar todos os outros – a voz metálica respondeu.

– Ela vai me adorar. Eu juro, senhora – Kevin disse.

– Você vai ficar feliz por ter corrido esse risco – Vovó acrescentou.

– Está bem. Mas, quando ela começar a latir e ficar louca, eu vou ficar muito chateada com você, Sylvia. E eu estou levando a minha .45 comigo. Um movimento em falso, neto ou não, e eu arranco a cabeça desse vampiro.

– Você deve fazer isso mesmo, Tina – Vovó Redbird respondeu calmamente.

– Já vou aí.

A conexão do interfone se desligou enquanto o portão se abria.

– Não entre com o carro na propriedade dela. Vamos apenas sair do carro – Vovó disse, encontrando os olhos dele. – A cadela vai gostar de você, não vai?

Kevin abriu o sorriso.

– Os cachorros costumavam gostar de mim… antes de eu ser Marcado. E depois, na Morada da Noite de Zo, havia uma labradora dourada super legal chamada Duquesa. Ela me *amava.* Então acho que vai dar tudo certo.

O som de um motor de carro se aproximando cada vez mais fez Vovó Redbird suspirar.

– Bem, agora é tarde demais se estivermos errados.

– Não estamos errados, Vó. Só observe. Eu consigo lidar com essa parte. Cachorros são simplesmente incríveis! – Kevin deu a volta no carro e parou logo antes da linha de entrada na propriedade, diante do portão aberto.

O motor roncou, derrapando até parar na frente deles. Kevin teve que apertar os olhos diante das luzes ofuscantes do veículo, mas conseguiu ver uma mulher baixa – provavelmente com uma idade próxima à de sua avó. Ela tinha um cabelo desgrenhado com mechas grisalhas onduladas pintadas de roxo, rosa e azul. Era velha, mas seu corpo ainda estava em forma, o que era óbvio, pois estava usando uma calça legging enfiada em botas de cowboy turquesa e um moletom escrito KALE imitando o logo da universidade de Yale[2]. Apontando uma espingarda .45, ela desceu agilmente do carro, seguida por uma pequena terrier preta malhada.

– Oi, Tina. Este é o meu neto, Kevin.

– Boa noite, senhora – Kevin disse educadamente.

– Vamos ver se a noite é boa mesmo – a velha resmungou.

– Ei! É um terrier escocês! – Kevin exclamou. – Eu sempre quis ter um. Acho que eles são os cachorros pequenos mais legais de todos.

Os olhos verdes de Tina analisaram Kevin.

– Você não soa como um vampiro vermelho.

– É porque eu sou um tipo diferente de vampiro vermelho – ele explicou.

– Um tipo bom – Vovó acrescentou.

– Impossível – Tina afirmou.

– Mostre a ela, *u-we-tsi.*

Kevin se agachou e sorriu para o pequeno terrier.

– E aí, garotinha! Você é muito linda. Que tal vir aqui e me deixar fazer carinho em você?

A cadela o observou tão atentamente quanto a mulher ao seu lado.

– O nome dela é Babos.

– Babos, que nome legal. Oi, Babos. – Ele estendeu a mão. – Venha cá, garota.

A cadelinha hesitou, com as orelhas levantadas para Kevin. Ela ergueu a cabeça e farejou o ar.

– Pena que não tenho nenhuma guloseima para você. Da próxima vez vou lembrar disso, mas eu prometo que sou ótimo em fazer carinho. – Ele fez gestos de coçar o queixo com os dedos. – Venha cá, Babos. Dê uma chance para mim.

O terrier escocês inclinou a cabeça, farejou o ar de novo e então, com uma pequena bufada, saiu trotando diretamente até Kevin, que

sorriu e disse que ela era a cachorrinha mais esperta, bonita e doce que ele já tinha visto, cumprindo a sua promessa de coçar o seu queixo peludo enquanto ela balançava o rabo entusiasticamente.

– Uau. Eu nunca teria acreditado nisso se não estivesse vendo com os meus próprios olhos – Tina falou. – O que ele é?

– Eu disse. Ele é meu neto. E ele vai mudar tudo.



– Você tem mesmo um rancho de terriers escoceses! – Kevin não conseguiu evitar o olhar embasbacado enquanto ele e Vovó Redbird seguiam Tina para dentro do rancho espaçoso. Quando eles entraram pela garagem, foram cercados por um grupo de terriers pequenos, com suas cabecinhas em forma de tijolo, variando em cores do dourado ao trigo até o preto e o preto malhado. Kevin tentou contar quantos eram, mas, quando contou quinze deles, desistiu.

– Ahn, Vó, você estava falando sério sobre os filhotes? Cara, espero que sim.

Tina então sorriu para ele – a primeira vez que ela fez algo além de olhar como se ele fosse um inseto espetado em um mostruário de exibição.

– Eu não tenho filhotes agora, mas vão nascer em algumas semanas.

– É um código, *u-we-tsi.* Humanos ou vampiros azuis e até novatos azuis que são aliados da Resistência vêm ao rancho da Tina e perguntam por filhotes.

– Mas o que eles realmente estão pedindo é proteção – Tina disse.

– Espero que algum dia eu possa ter um filhote – Kevin murmurou enquanto se agachava e aproveitava totalmente o fato de estar

sendo acossado por uma horda de terriers escoceses.

– Por que ele é diferente? – Tina perguntou.

– Isso, minha amiga, é uma longa história com a qual nós preferíamos não gastar tempo neste momento, já que a Resistência vai precisar dessa explicação também. Eles estão aqui?

Tina assentiu.

– No topo da montanha. Sabe onde ficam os esconderijos de caça, naquelas árvores adjacentes que dão na passagem do gramado?

– Sei.

– Alguns estão nos esconderijos. Outros estão trabalhando, tentando expandir uma área parecida com uma caverna que descobriram uns dias atrás entre as pedras ao lado da montanha. Eles chegaram na noite passada, com alguns refugiados que precisam levar clandestinamente para fora daqui, a maioria mulheres e crianças. Há uma tempestade de neve se formando. Eles acham que os refugiados vão estar seguros na montanha, pelo menos por uns dias.

Vovó Redbird suspirou.

– Eles ficam vulneráveis demais nesses esconderijos. Há tão pouco abrigo neles. Eu sei que vampiros têm resistência ao clima frio, mas é simplesmente horrível que tenham que correr de um lugar para o outro, como fazem. O estresse de não ter um lugar realmente seguro deve ser muito desgastante.

– Foi por isso que eles ficaram tão animados ao encontrar a caverna – Tina concordou. – Mas Dragon me disse que neste momento ela pode comportar apenas cerca de cinco pessoas, e isso se não se importarem em ficar amontoadas. Eles estão trabalhando para expandi-la, mas você sabe que a montanha é composta, na

maior parte, por rochas e terra vermelha dura. Está indo devagar, especialmente no meio do inverno.

– Espere aí, você disse Dragon? Dragon Lankford? – Kevin perguntou.

– Sim. Dragon Lankford era o Mestre da Espada da Morada da Noite de Tulsa… antes de Neferet começar a guerra – Tina respondeu.

– A companheira dele, Anastasia, está aqui também? – Kevin quis saber, a empolgação aumentando o seu tom de voz.

Tina assentiu.

– Está sim.

– Vovó! Zoey me disse para encontrar Dragon e Anastasia Lankford… que eles com certeza poderiam me ajudar.

– Então nós estamos no caminho certo – Vovó falou com um sorriso.

– Cara, espero que sim. – Kevin se levantou depois de dar mais um abraço nos terriers. – Então, quer dizer que na real a Resistência não tem um quartel-general?

– Eles tinham um quartel-general de verdade, mas isso foi antes de Lenobia e Travis serem seguidos, encurralados e mortos, junto com os seus cavalos… – Tina perdeu as palavras enquanto tentava se recompor, obviamente perturbada demais para continuar.

Vovó Redbird se aproximou de Tina, abraçando-a em solidariedade, e então terminou a explicação.

– Lenobia e Travis tinham criado um quartel-general para a Resistência no meio do Parque Nacional de Keystone. Tem mais de setecentos acres e, exceto pelas áreas próximas à Represa e à Barragem de Keystone, é selvagem e não possui nenhuma construção, apesar de o parque ficar a apenas cerca de uma hora

do centro de Tulsa. Era um lugar excelente para um acampamento rústico, principalmente porque Lenobia conseguiu retirar clandestinamente vários cavalos da Morada da Noite quando ela e Travis saíram. Alguém os traiu. Lenobia e Travis ficaram com os cavalos, atraindo o Exército Vermelho para longe do resto da Resistência e dos inocentes que estavam tentando ajudar a encontrar um lugar seguro. Eles foram massacrados. Lenobia, Travis, os membros da Resistência, os inocentes e todos os cavalos.

Kevin abaixou a cabeça, a tristeza e o arrependimento tomando conta dele.

– Você estava lá, não estava? – a voz de Tina soou áspera.

– Não. E eu agradeço a Nyx por isso. Eu ainda era um novato quando isso aconteceu, e novatos nunca tomam parte em combates. Eles ainda não são boas armas. Eles precisam estar completamente Transformados para que a sua humanidade esteja extinta o suficiente para que eles sejam perigosos e descartáveis. – Ele fez uma careta de desgosto. – Mas eu ouvi falar no massacre. O meu general, Dominick, se gabou muito por causa dessa vitória. Aquilo… aquilo me deu nojo. Ainda dá.

– Ainda bem que você não estava lá – Tina disse, com a voz ainda trêmula. – Acho que eu não conseguiria aguentar ter você aqui na minha casa se você estivesse envolvido nisso. Lenobia era uma boa amiga. E aqueles cavalos… – Ela estremeceu. – Não consigo nem pensar no que o Exército Vermelho fez com eles.

– Sinto muito – foi tudo que Kevin conseguiu pensar em dizer.

– Mostre que você sente muito. Não basta me dizer isso. Ajude-nos a impedir Neferet e reverter a tragédia que ela provocou neste

mundo, e aí eu vou acreditar que você realmente sente muito – Tina disse.

– Eu vou. Eu juro.

Tina assentiu rapidamente e então fez um gesto para que eles a seguissem para dentro da cozinha, que estava exalando um cheiro delicioso. Com a horda de terriers trotando ao redor dos seus pés, Vovó Redbird e Kevin abriram caminho lentamente atrás de Tina, com cuidado para não pisar em nenhuma patinha.

– Imagino que vocês querem se juntar a eles logo.

– Sim. Seria melhor – Vovó Redbird respondeu.

– Na verdade, vocês vão me fazer economizar a viagem. Eu assei uma dúzia de pães e terminei de enlatar a minha geleia de amora. Nunca soube que vampiros amavam tanto pão fresco e geleia antes de Neferet mudar o nosso mundo, mas eles com certeza amam.

Kevin ficou salivando ao observar Tina terminar de colocar os pacotes de geleia e pão caseiro saído do forno em grandes sacolas de lona.

– Quem não gosta de pão caseiro? – ele comentou. – E o cheiro do seu pão é incrível.

Tina parou para olhar para ele. Ela balançou a cabeça.

– É difícil se acostumar com isso.

– Isso? – Kevin perguntou.

– Acho que *você* é uma palavra melhor do que *isso.* O que eu quis dizer foi que é difícil se acostumar a ter um vampiro vermelho que age como uma pessoa normal e racional dentro da minha cozinha – ela bufou, acrescentando: – Quase vale a pena sair com vocês no frio e no escuro só para ver a reação deles.

– Eu não espero que minha aceitação vá ser fácil – Kevin disse.

– Quer ouvir a verdade?

Kevin assentiu.

– Você precisa de um milagre para que eles o aceitem.

– Tudo bem – Kevin sorriu para ela. – Sei de fonte segura que Nyx está me concedendo alguns milagres.

– Para o seu bem, espero que sim. – Tina voltou a encher as sacolas de lona.

– Para o bem de todos nós, eu espero que sim – Vovó reafirmou.

– Ok, Kevin Milagroso, me ajude a carregar isto aqui.

Tina abarrotou Kevin com o máximo de sacolas que conseguia carregar, deixando apenas uma para a sua avó, e então seguiram Tina para fora pela porta de trás e passaram por uma piscina, da qual emergia um vapor semelhante a espíritos errantes.

– Que demais! – Kevin exclamou.

Tina sorriu.

– Isso e os meus terriers são os principais prazeres que me permito. Bem, isso se você não contar o meu amor por macarrão e cerveja artesanal. Eu deixo essa piscina aquecida o inverno inteiro. É lindo boiar nela olhando para as estrelas através do vapor. Faz com que eu esqueça como o nosso mundo está ferrado.

– Minha amiga, ajuda um pouco se eu contar a você que, por causa do que aconteceu com Kevin, nós temos uma chance real de derrotar Neferet? – Vovó Redbird falou.

– Sylvia, eu adoraria acreditar que nós podemos voltar a como tudo era antigamente.

– Que tal mais do que isso? – Kevin interveio. As duas mulheres apontaram olhares curiosos na direção dele. – Que tal um mundo onde humanos e vampiros são aliados e amigos de verdade? Assim como vocês duas são aliadas da Resistência. É mais do que

possível. Eu vi. Pode funcionar, e faz do mundo um lugar até melhor do que o que a gente tinha aqui antes de Neferet começar a guerra.

– Filho, você não é daqui, é?

– Na verdade, eu sou. Vamos apenas dizer que eu viajei bastante recentemente.

– Eu quero o mundo de Kevin – Vovó Redbird afirmou, sorrindo carinhosamente para o seu neto.

– Bem, o seu mundo parece bom, meu filho. Mas, para mim, basta ter a paz.

– Senhora, a minha avó me ensinou a não me contentar com pouco – Kevin disse, abrindo um sorriso travesso para a sua avó.

– Ele é um pouco inexperiente, mas acho que devo acreditar nele – Sylvia Redbird falou.

– Vou dizer uma coisa: se conseguir fazer a Resistência confiar em você e aceitá-lo, eu posso acreditar nesse seu mundo – Tina disse. – E posso conseguir um filhote de terrier escocês para você de presente.

Kevin abriu um sorriso como um raio de sol.

– Promete?

– Desde que a gente não esteja em guerra e que você possa dar a ele um bom lar… sim, eu prometo.

– Feito! – Kevin exclamou.

– Feito – Tina concordou. – Ok, coloquem as sacolas aqui e levem o Polaris.

Ela abriu a tampa da caixa de metal presa ao local onde deveria ficar o assento traseiro do veículo. Kevin colocou as sacolas lá dentro depois que Tina afastou os cobertores, caixas de fósforos e bolsas de sangue…

– Sangue! – Kevin exclamou. – Nós vamos levar sangue para eles?

– É claro – Tina disse, perplexa. – Vampiros não sobrevivem só com pão e geleia.

– Mas… sangue!

Tina inclinou a cabeça.

– Meu jovem, nesse mundo em que você diz que os humanos e os vampiros vivem como amigos, eles também curaram o fato de que os vampiros precisam de sangue humano para sobreviver?

– Hum, não.

– Então, os humanos lá devem estar acostumados com os vampiros bebendo sangue, certo?

– Sim, acho que sim – Kevin respondeu.

– Bom, eu sou vegana. Eu realmente não vejo muita diferença entre beber sangue humano e comer um bife malpassado ou um carré de cordeiro sangrento. – Ela deu de ombros. – Eu não comeria nada disso, mas cada um na sua.

– Quem *é você*? – Kevin falou sem pensar.

– Apenas uma professora de inglês aposentada. Depois que você dá aula numa escolha pública de ensino médio, não se abala com muita coisa.

– Óbvio. Queria ter sido seu aluno. Aposto que sua aula não era um tédio – Kevin disse.

– Eu te digo que não – Tina respondeu. Então ela o surpreendeu ao lhe dar um abraço rápido. – Cuidado. E lembre-se do nosso acordo.

– Sem chance de eu esquecer que você me prometeu um filhotinho!

– Sylvia, você lembra como se chega até a montanha, não?

– Ah, acho que sim. Se não me engano, é só virar à direita – Vovó falou.

– É isso. Lembrem-se de tomar cuidado com o portão. Se tocarem naquela cerca elétrica, ela vai fritar vocês.

– Vou me lembrar disso – Vovó afirmou. Ela fez um gesto para Kevin assumir a direção. – Você dirige, *u-we-tsi.*

– Devagar e sempre – Tina disse quando Kevin deu a partida no Polaris. – Nós mantemos essas velhas trilhas esburacadas, principalmente depois do que aconteceu em Keystone. Você vai ter que parar e tirar uns galhos do caminho algumas vezes. É de propósito.

– Pensei que você estivesse sob a proteção de Neferet por causa das plantações de alfafa – Vovó Redbird observou.

– Eu estou, mas ultimamente os cachorros têm dado o alerta no meio da noite, e não é por causa de Dragon e do nosso grupo. Acho que o Exército Azul anda farejando por aqui. Lembre-se de contar isso a Dragon.

– Vou dizer – Vovó respondeu.

– Quando vocês chegarem à árvore caída, que é grande demais para tirar do caminho, vai ser a hora em que serão interditados – Tina os avisou.

– Eu tenho o meu código. Estou pronta – Vovó disse.

Tina balançou a cabeça.

– Você sabe que eles vão pensar que você está sob a influência de um vampiro vermelho. Eles podem atacar antes que você consiga convencê-los de não fazerem isso.

– Então eu só tenho que ser mais esperta e mais rápida do que eles – a idosa retrucou.

Tina sorriu ironicamente.

– Boa sorte.

– Obrigado, senhora – Kevin falou.

– Você não precisa me agradecer por ajudar a Resistência, filho. É a coisa certa a fazer.

– Eu não estava agradecendo por isso. Eu agradeci por você confiar em mim. Por me convidar para entrar.

– Ah, entendo. Não me agradeça. Só não faça com que eu me arrependa de confiar em você.

– Eu não vou. Prometo.

Kevin engatou a marcha no Polaris e foi na direção que a sua avó apontou – um caminho de terra que mal dava para ver e que desaparecia na escuridão dos cumes de Oklahoma. Se não tivesse que segurar as duas mãos no volante para contornar buracos e pedras, ele estaria estalando os dedos feito doido.

---

2 Kale significa couve em inglês. O moletom com a palavra “KALE” estampada, com a mesma letra do blusão tradicional da Universidade Yale (em que se lê apenas “YALE”), já foi usado por Beyoncé em um videoclipe. (N.T.)

# 4

## Zoey

– Zoey! Ah, que bom que eu te achei. Você tem um segundo? – uma voz familiar gritou de algum lugar no corredor.

Fiz força para não suspirar, fixei um sorriso no rosto e me virei, enquanto Damien e Outro Jack abriam caminho pelo corredor lotado na minha direção. Assim que eles me alcançaram, meu sorriso se tornou verdadeiro.

– Oi, Damien e Jack. Vocês estão bem acomodados? Precisam de algo? – perguntei. A felicidade que irradiava deles deixava o meu coração pesado mais leve, pelo menos por um momento.

– *Aiminhadeusa!* Tudo aqui é simplesmente fabuloso! – Outro Jack exclamou, mirando Damien com seus olhos grandes e cheios de amor.

O sorriso de Damien era para Jack, mas ele também me inclui, compartilhando a alegria.

– Z, a gente tem tudo que precisa… nós temos um ao outro.

– E este mundo *mais que demais* – Jack acrescentou.

– Sim, concordo com Jack. Na verdade, a gente queria ver se *nós* podemos ajudar *você* em algo – Damien disse.

– Bem, certo. Mas o que isso quer dizer?

– A gente queria ficar mais envolvido na nova decoração do Restaurante da Estação – Damien falou.

Jack ficou assentindo feito um boneco de cabeça de mola, apesar de eu ter que admitir que ele é muito mais bonito do que os bonecos de mola em geral.

– Vocês falaram com Kramisha? Na verdade, o projeto é dela – eu disse.

– A gente não quis falar com ela antes de expor a nossa ideia para você – Damien respondeu.

Como os dois apenas ficaram ali parados sorrindo para mim, eu os incentivei a continuar.

– Ok, bom, qual é a ideia?

– Você vai amar! – Jack estava dando pulinhos, mal conseguindo controlar a ansiedade.

– A gente precisa contar para ela – Damien disse.

– Siiiiim, a gente precisa! – Jack concordou.

E, é claro, nenhum dos dois disse nada.

Eu resisti à tentação de estrangular seus pescoços ridiculamente felizes, o que Damien deve ter percebido, pois ele limpou a garganta e explicou.

– Então, você sabe que Kramisha já decidiu decorar o restaurante como uma boate da era das *big bands*, certo?

– Sim, certo. Todos achamos que era uma ótima ideia – eu disse.

– E é, por isso nós queremos trazer alguns especialistas em boates – Damien falou.

– Os gays! – Jack vibrou.

– Os gays? – eu disse, agora totalmente confusa.

– Na verdade, seria melhor dizer a comunidade LGBTQ – Damien corrigiu. – Eu fui até o Centro de Igualdade… você sabe que não fica longe da estação, não é?

– Sim, claro. O Centro de Igualdade de Oklahoma fica a menos de um quilômetro e meio da Rua Quatro. Eu fui lá outro dia discutir sobre uma parceria com eles para o próximo Show de Arte Mais Cores. Eu ia anunciar isso na nossa próxima newsletter – eu contei.

– A gente já sabe – Jack disse. – Toby nos contou quando estávamos lá, conversando sobre a nossa outra ideia.

Senti que eu estava parecendo uma bola de pingue-pongue entre os dois, então me concentrei em Damien.

– Explique-se, por favor.

– É simples. Toby Jenkins, o diretor do centro…

– Sim, eu conheço Toby – eu assenti.

– Ele é apaixonado por história e ficou entusiasmado de ouvir que nós vamos transformar o restaurante em um clube dançante. Ele gostaria de nos ajudar a fazer não apenas um lugar bonito com boa comida e música. Ele pode nos ajudar a fazer com que seja *historicamente preciso.* Certificando-se de que o palco, a pista de dança, as mesas, as toalhas e até o uniforme dos garçons sejam tão parecidos com os da era do jazz que as pessoas vão realmente sentir como se estivessem voltando ao passado quando reservarem uma noite no nosso restaurante – Damien explicou.

– Isso parece legal mesmo – eu concordei. – O que me faz lembrar que Toby me disse que tem uma lista de fornecedores que são pró-igualdade e, é claro, esses são os únicos fornecedores que nós devemos contratar. Ele disse que compartilharia essa lista comigo e então, bom… – perdi as palavras quando todos nós pensamos nos acontecimentos dos últimos dias.

– Ei, sem problemas, Z – Damien disse carinhosamente. – Nós vamos cuidar disso pra você.

– Sim, você já tem muita coisa na cabeça. Deixe a gente ajudar com isso – Jack completou.

– Obrigada. Aos dois. Sim, eu aceito a ajuda e acho que a ideia de vocês de trazer Toby e qualquer um que ele recomendar é fantástica. Podem falar para Kramisha que vocês definitivamente têm a minha aprovação.

– Aêêêê! – Jack bateu palmas.

– Você não vai se arrepender, Z. O restaurante vai ser espetacular – Damien prometeu. Ele fez uma pausa e me olhou atentamente. – Você parece cansada.

– Yoga é excelente para o alívio do estresse – Jack sugeriu. – No meu outro mundo, antes de todas aquelas coisas horrendas começarem a acontecer, eu era um professor certificado de yoga. Quer que eu conduza você em alguns alongamentos meditativos?

– Hum, não neste momento – eu respondi. – Mas se você quiser dar algumas aulas de yoga aqui na escola, acho que seria ótimo.

– Ai. Minha. Deusa! *Sério?* Você está brincando? Você me deixaria mesmo dar aulas?

Como é possível alguém não amar esse garoto? Ele era como um unicórnio cintilante.

– Sim, com certeza. Só espere que eu me reúna com o Conselho da Escola para pensar onde podemos encaixar as suas aulas.

Jack se atirou em meus braços, quase me derrubando.

– Obrigado! Obrigado! Posso tocar música? Yoga é sempre melhor com música. E hot yoga! A gente pode ter isso também?

Eu me desvencilhei de Jack.

– Claro. Hot yoga parece legal – eu menti. *Hot yoga*? Como se a yoga normal não fosse difícil o bastante. – Faça um programa do curso, com uma lista de suprimentos, para que eu possa informar o Conselho do que você precisa exatamente, e a gente bola alguma coisa.

– Que ótimo, Z. – Damien estava me observando por cima da cabeça exultante de Jack. – Mas parece que você precisa de um pouco de descanso e alívio de estresse *agora.*

– Você não poderia estar mais certo – eu concordei. – Por isso preciso ir. Estou a caminho da minha terapia de estábulo.

O alívio suavizou a expressão preocupada de Damien.

– Ah, excelente! Escovar Persephone sempre te ajuda a relaxar. Divirta-se. E se alguém perguntar onde você está, eu digo que você está na estação.

– Isso seria maravilhoso. Eu só preciso de uma hora para mim mesma.

– É toda sua. – Damien colocou o braço ao redor de Jack. – Venha. Vamos falar com Kramisha, e então a gente pode dar as boas novas a Toby.

Conversando animadamente com os rostos colados, Jack e Damien foram na direção da entrada da Morada da Noite. Eu observei os dois se afastando, tentando capturar um pouco da felicidade que eles exalavam.

Não funcionou. Eles se foram e tudo que eu senti foi cansaço e tristeza. De novo.

*Vamos lá, Z. Recomponha-se e saia dessa! Kevin está de volta onde ele precisa estar, e é isso. Aquele mundo precisa dele. Neste mundo, Heath está morto. A sua mãe está morta. E a gente conseguiu derrotar Neferet pra valer. Controle-se!*

Sacudindo-me mentalmente, saí pela porta de trás da escola, virei à esquerda e segui pela calçada até a entrada dos fundos do centro equestre. Caminhei rapidamente, mal assentindo para os novatos que me cumprimentavam. Eu só precisava de um tempo sozinha… um tempo para relaxar e não pensar muito.

No instante em que abri a porta do estábulo, respirei fundo, inalando os aromas reconfortantes de cavalo e feno. A aula já tinha começado, e eu podia ouvir Lenobia na arena, dizendo ao seu grupo de calouros que cavalos *não* são cachorros grandes, o que me fez sorrir em nostalgia enquanto caminhava até a baia de Persephone. Assim que a égua ruã me viu, ela fez uma saudação baixa e retumbante.

– Bom, oi pra você também, menina bonita! Como você está? – Eu peguei a escova para crinas, outra escova grande e macia e um limpador de casco na prateleira do lado de fora da baia, bem como um punhado de guloseimas de hortelã que eram as suas preferidas, e entrei. Persephone me acariciou com o focinho, obviamente procurando pelos doces, que eu ofereci a ela. Eu sorri e beijei a sua testa ampla enquanto ela lambia delicadamente a hortelã da minha mão. Depois de fazer um pouco mais de carinho e beijar o seu focinho de veludo, a égua voltou a atenção para a sua comida e eu comecei a trabalhar.

Eu amava tratar de cavalos – de Persephone principalmente. E a energia positiva dela sempre me atingia rapidamente. Logo a minha mente se esvaziava e eu não pensava em mais nada, exceto em trançar bem a sua crina e o seu rabo e em cuidar para que os seus cascos ficassem livres até da menor pedrinha.

– Persephone, menina bonita, queria que o meu cabelo brilhasse tanto quanto o seu pelo – eu disse, encostando o queixo no seu

pescoço grosso e quente. Ela levantou uma pata, bufou e pareceu muito que ia tirar uma soneca. Por entre as colunas da baia, dei uma espiada no relógio do estábulo. – Droga. Mais uns vinte minutos e essa aula vai terminar, e então os novatos vão se esparramar por todo canto.

O que eu não daria para ser uma novata de novo, sem nenhuma preocupação com o mundo.

Comecei a ir na direção da porta para guardar as escovas quando Persephone bufou de novo e, com um grunhido muito satisfeito, dobrou as longas patas e se estatelou no meio da sua baia cheia de palha.

– Então você estava falando sério em tirar uma soneca, hein? – Eu me virei para a porta e então hesitei. – Bem, por que não? Talvez um pouco de descanso vá me ajudar a sair desse mau humor terrível. – Soltei as escovas e fui até Persephone. A doce égua mal abriu o olho quando eu me aconcheguei, bem na frente das suas patas dianteiras, recostando-me na sua barriga quente. – Mas eu provavelmente não vou dormir de verdade. Não tenho conseguido dormir muito bem ultimamente – contei a ela em meio a um bocejo gigante. Então coloquei a cabeça no ombro dela, fechei os olhos e caí direto no sono.



*Toc-toc-toc!* Alguém estava esmurrando a minha porta.

*Minha porta? Espere aí. Eu estou no estábulo com Persephone. Estão esmurrando a porta da minha baia?*

Levantei a cabeça. Tudo escuro… estava tudo muito, *muito* escuro mesmo. Como poderia estar tão escuro nos estábulos?

*Toc-toc-toc!*

– Ok, ok! Já vai – eu disse.

*Eu disse? Mas eu nem abri a boca.*

Uma luz se acendeu e eu dei um pulo em choque.

Eu não estava no estábulo. Eu estava no dormitório. No meu antigo dormitório, mas, na verdade, era parecido com o meu antigo dormitório. As minhas coisas estavam lá, mas a cama de solteiro do outro lado do quarto estava vazia. Stevie Rae não estava em lugar nenhum. As coisas dela também não estavam lá. Era como se ela não existisse.

*Toc-toc-toc!*

– Ei, estou me vestindo. Psiu! Aguenta aí!

Eu observei enquanto uma versão de mim colocava uma calça jeans e um moletom preto e dourado dos Tigers da Broken Arrow.

*Que diabos era isso?*

Eu me senti super tonta e enjoada, e então a minha confusão começou a clarear quando eu vi que o meu corpo estava quase completamente transparente, e que eu estava pairando um pouco acima da cama.

Então eu finalmente entendi. *Aaah, eu estou dormindo. Isso é um sonho… um sonho sobre quando eu ainda era uma novata.* O que, na verdade, fazia sentido. Quer dizer, eu andava tão estressada que estava me escondendo no estábulo, tirando uma soneca com o meu cavalo e desejando muito que eu fosse uma novata sem preocupações. Não é surpreendente que eu estivesse sonhando que era uma novata de novo.

Só que *eu* não era a novata. Eu estava observando a mim mesma, eu que era uma novata.

Ok, então, tudo bem. Sonhos são esquisitos. Olhei em volta do quarto semifamiliar enquanto “Zoey” corria até a porta. *Se Kalona aparecer… de novo… eu acordo desta vez. Na mesma hora.*

A Zoey do sonho hesitou diante do pequeno espelho sobre a pia e tentou ajeitar o cabelo de quem tinha acabado de acordar, e eu dei a primeira boa olhada no seu rosto.

*Espere aí, isso está errado. Essa novata Zoey tem uma Marca normal, como todos os outros novatos.*

Novamente, racionalizei que aquilo não era um grande problema. Quer dizer, se eu estava sonhando em escapar do estresse sendo uma novata, eu definitivamente não queria ser a única novata com uma Marca preenchida. De novo.

A Zoey do sonho abriu uma fresta na porta. Eu vi o seu corpo se contrair com a surpresa, e então ela deu um passo atrás para poder abrir a porta inteira e… *mostrar Neferet parada no corredor.*

– Ah, que inferno! Corra! Este é um sonho péssimo! – eu gritei.

Mas a Z do sonho não me ouviu – nem a Neferet falsa do sonho.

– Grande Sacerdotisa! Oi. Eu, ahn, posso convidá-la para entrar? – a Zoey do sonho perguntou desajeitadamente.

– Não! Não a deixe entrar no seu quarto! – eu disse, mas, de novo, nenhuma delas me ouviu.

– Ah, não, querida. Sinto muito por acordá-la, já que o sol ainda não se pôs, mas você tem uma visita que parece um pouco perturbada – disse a Neferet do sonho com uma falsa simpatia que me dava nojo.

– Vai se ferrar, Neferet! – eu berrei. Claro que elas não me ouviram, então eu suspirei e esperei para ver qual esquisitice ia acontecer em seguida no sonho, e reconsiderei seriamente a minha postura de nunca falar palavrão.

– Uma visita? Sinto muito, Grande Sacerdotisa, mas não estou entendendo.

– É o seu padrasto. Ele está… – Neferet fez uma pausa e uma careta obviamente contrariada – insistindo muito para que você vá falar com ele. Ele mencionou algo sobre a sua alma imortal.

– Ah, eca! Ele! – a Zoey do sonho disse, e eu ecoei o seu pensamento. *Só fale que é para ela dizer que ele vá embora e nunca mais volte!*

Mas a Zoey do sonho parecia mais nova e mais legal do que eu – ou talvez apenas mais nova e mais ingênua.

– Ok, eu vou falar com ele.

– Ótimo! Eu vou acompanhá-la até lá e permanecer com você. Ele realmente é um homem desagradável.

– Sim, com certeza, e obrigada por ficar comigo.

Neferet fez um gesto para que a Zoey do sonho a seguisse, o que ela fez, apesar de eu ficar gritando “Não, não vá!”.

E quando a Z do sonho fechou a porta, eu me senti flutuando atrás dela e *atravessando a porta fechada.*

– Ok, este é o sonho mais estranho que já tive na vida – falei em voz alta para mim mesma enquanto voava atrás da versão de mim e de Neferet no sonho. As duas estavam conversando despreocupadamente, como se a Neferet do sonho fosse mesmo uma Grande Sacerdotisa decente e a Zoey do sonho fosse apenas uma novata recém-Marcada. Quase como quando eu fui Marcada pela primeira vez e Neferet fazia um papel de mãe para mim.

Eu estava *muito* errada sobre aquilo, mas isto era apenas um sonho. Devia mesmo parecer estranho.

E a Morada da Noite parecia estranha também. De alguma forma, parecia mais escura e vazia do que a minha escola sempre cheia e onde ninguém nunca dormia. Nesse último ano, desde que meus amigos e eu assumimos o comando, nós havíamos expandido tanto

os programas humanos/novatos que sempre havia algo acontecendo a qualquer hora.

Ali, não. Tudo estava silencioso, e a luz cada vez mais acuada do sol se pondo não fazia nada para aliviar a sensação de escuridão.

– Hum, a gente não está indo na direção errada? – a pergunta da minha eu do sonho chamou de volta a minha atenção, e eu percebi que Neferet havia guiado a Zoey do sonho para fora pela porta de trás da escola, em vez de na direção dos escritórios administrativos na frente do prédio principal.

– Oh, desculpe. Eu deveria ter explicado. O seu padrasto se recusa a entrar no campus. Um dos Guerreiros o encontrou espreitando lá fora no muro leste. – Neferet fez uma pausa e abriu um sorriso falso. – Isso não foi muito generoso da minha parte. Eu deveria ter escolhido outra palavra no lugar de *espreitando.*

O rosto da Zoey do sonho se enrubesceu e ela balançou a cabeça de desgosto.

– Não, essa é a palavra perfeita. E sou eu que preciso pedir desculpas. De novo. O meu padrasto é péssimo. Um religioso totalmente hipócrita, cheio de ódio e preconceito. – A eu do sonho estremeceu. – Ser Marcada e então me afastar dele foi um alívio. Eu vou conversar com ele e me certificar de que ele não voltará aqui para incomodar você nem nenhum outro vampiro.

– Ah, querida, por favor, não se preocupe com um humano sendo um incômodo. Não há nada de novo nisso. É o que os homens humanos parecem saber fazer melhor: incomodar quem é melhor do que eles.

A Zoey do sonho pareceu não saber como responder. Nesse instante, Neferet acelerou o passo, então nós duas tivemos que nos

apressar para alcançá-la enquanto ela atravessava o gramado, indo direto até o alçapão no muro leste.

– O muro leste. Típico. Coisas horríveis sempre acontecem aqui – resmunguei.

Mas a Zoey do sonho não podia me ouvir, então nós seguimos Neferet até o alçapão, que ela abriu pressionando a pedra em que estava escrito 1926, o ano em que o muro foi construído. Eu flutuei pela passagem atrás delas até a área do lado de fora, bem ao lado do muro. Mesmo que o sol ainda não houvesse se posto, com certeza parecia que sim, pois estava tão escuro abaixo dos braços dos antigos carvalhos gigantes que ficavam em volta do muro que nós estávamos completamente nas sombras.

– John? – a Zoey do sonho chamou, olhando em volta da área escura e vazia. – Sou eu. Zoey. O que você precisa me dizer?

A eu do sonho estava procurando ao redor, com as mãos no quadril, obviamente exasperada. Só que a minha atenção não estava na Zoey do sonho. Estava em Neferet. A Grande Sacerdotisa havia ficado perto do muro, onde eu percebi que uma estaca grossa de madeira havia sido fixada no chão, tipo algo que um fazendeiro usaria para amarrar arame farpado.

Mas não havia cercas de arame farpado no centro de Tulsa. Que diabos estava acontecendo?

Neferet foi até a estaca e abriu uma grande bolsa que estava ali atrás – *e desembainhou uma espada longa que parecia muito perigosa.*

Eu entendi tudo em um instante. A estaca era parecida demais com aquela na qual eu encontrei a Professora Nolan, com a cabeça decepada.

– Zoey! Saia daí *agora*! – eu berrei para a minha eu do sonho desavisada, mas aquela Z não fez nada além de olhar em volta procurando pelo padrasto irritante.

Silenciosamente, Neferet se aproximou dela pelas costas, carregando a espada com as duas mãos, parecendo um samurai assassino.

– *Aiminhadeusa*, se mexa!

A Zoey do sonho não me ouviu, mas ela de fato se mexeu, virando-se de volta para dizer:

– Neferet, acho que ele foi embora. Sinto muito mesmo que isso tenha sido tanta perda de tempo e que você teve que… – Ela perdeu as palavras ao ver a espada de Neferet.

– Ah, querida, não há *absolutamente* nada a se desculpar. E as coisas saíram *exatamente* como eu planejei. Quando encontrarem você, vão acreditar que foi trabalho de humanos… do Povo da Fé, na verdade. Eu vou conseguir a minha guerra. – Neferet sorriu de modo irracional, mostrando os dentes, vitoriosa. – E você nunca mais vai ser importunada pelo seu padrasto ridículo de novo. Acho que isso é uma vitória para nós duas.

Os olhos da Zoey do sonho ficaram vidrados com o choque, e ela ficou balançando a cabeça de um lado para o outro sem parar. Com uma voz de menininha, ela repetiu várias vezes:

– Não, eu não entendo… eu não entendo… eu não…

Eu gritei quando Neferet girou em uma curva tão graciosa quanto mortal e, com apenas um golpe, cortou a cabeça da Zoey do sonho. O sangue se espalhou por toda parte quando o corpo desabou, contorcendo-se espasmodicamente.

*Tanto sangue! Há tanto sangue!*

Eu não conseguia parar de gritar. Eu queria fechar os olhos. Eu queria acordar, mas eu estava congelada no lugar, pairando sobre a minha eu do sonho, enquanto Neferet limpava a sua espada no chão. Depois ela voltou até a bolsa para tirar de lá uma corda e uma placa rústica, artesanal, na qual estavam rabiscados os dizeres: **A FEITICEIRA NÃO DEIXARÁS VIVER! ÊXODO 22:18.**

Eu reconheci aquela citação da Bíblia. Foi a mesma encontrada sobre o corpo crucificado e sem cabeça da Professora Nolan.

E então eu a escutei. Eu *me* escutei. O meu olhar desviou de Neferet e se voltou para a cabeça cortada que tinha rolado até parar em uma poça de sangue abaixo de mim, com o rosto virado para cima. Quando eu olhei horrorizada, os olhos se abriram de repente, e a minha própria voz explodiu na minha cabeça.

*Você tem que ajudar Kevin a detê-la – nada mais importa!*

Atrás de mim, alguém segurou o meu ombro, e eu gritei tão alto que parecia que a minha voz estava rasgando…

– Z! Sou eu! Está tudo bem!

Ainda gritando, eu me sentei, dando de cara com Stark e quase quebrando o seu nariz. Persephone bufou e colocou as orelhas para trás, como se estivesse procurando algo para atacar.

– Shhh, está tudo bem, doce égua – Lenobia apareceu repentinamente, acalmando Persephone e lançando um olhar preocupado na minha direção.

– Stark? – Eu olhei freneticamente em volta, com meu coração batendo tão forte e rápido que eu podia senti-lo nas minhas têmporas. *Estou na baia com Persephone. Foi só um sonho. Não foi real.*

– Ei, sim, é claro que sou eu. Que diabos está acontecendo? Eu senti o seu medo como um ferro em brasa. O que aconteceu?

Eu abri a boca para contar a ele sobre o sonho… e não consegui. Porque eu percebi que estava errada. Não tinha sido *só* um sonho. Era uma mensagem. Uma mensagem que eu tinha que guardar para mim mesma, ao menos por enquanto.

– Stark! – Eu deixei que ele me puxasse para dentro dos seus braços fortes e seguros. – Sinto muito. – Virei a cabeça para poder ver Lenobia. Persephone tinha se levantado e estava recostada contra a Mestra dos Cavalos, parecendo assustada e preocupada. – Ah, não! Eu assustei Persephone também! – Eu me levantei com a ajuda de Stark e fui até a égua para acariciá-la e beijá-la. – Sinto muito, muito mesmo, menina bonita. Eu estou bem. Está tudo bem.

– Não. Não está. Eu senti o seu medo, seu pavor. O. Que. Diabos. Aconteceu? – Stark perguntou.

Eu tentei dar uma risada, mas saiu mais parecido com um soluço.

– Isso é realmente constrangedor. Foi só um sonho.

– Na maioria das vezes, seus sonhos são mais do que apenas imagens da sua imaginação – Lenobia disse, não de um jeito rude. – Da última vez que um sonho a despertou, era Kalona.

– Só que não era *realmente* Kalona – Stark acrescentou. – Então, o que foi?

Eu enxuguei o suor do meu rosto.

– Gente, eu realmente sinto muito. Não foi nada como os sonhos com Kalona ou o não Kalona. Eram só aranhas.

– Aranhas? – Lenobia perguntou.

Eu assenti e estremeci.

– Aranhas.

Stark suspirou e me puxou de novo para os seus braços.

– Ela morre de medo de aranha – ele explicou para Lenobia.

– No meu sonho, eu caí em um poço cheio delas. Foi horrível – eu menti, sentindo-me tão horrível por isso quanto o próprio poço cheio de aranhas.

– Bom, que alívio – Lenobia disse. – Mas, Zoey, se você tem tanto pavor de aranhas, você realmente deveria procurar uma terapia com hipnose. Uma das Grandes Sacerdotisas da Morada da Noite de Saint Louis é especialista nisso. Tenho certeza de que ela pode ajudar você.

– Obrigada. Vou me lembrar disso. Eu normalmente não me incomodo muito com a minha fobia de aranha.

– Mas você anda estressada e sem dormir direito – Stark falou. – Então, um pouco de terapia talvez fosse bom pra você.

– É, talvez. Se eu tiver outro sonho como esse, com certeza vou procurar.

Stark deu um beijo na minha testa.

– Ei, será que um *festival de psaghetti* vai fazer você se sentir melhor? Você dormiu na hora do almoço, e já é quase hora do jantar.

Eu não demonstrei como fiquei chocada ao descobrir que tinha dormido por horas em vez de por uns vinte minutos. Em vez disso, eu assenti e tentei demonstrar entusiasmo.

– Psaghetti *sempre* faz com que eu me sinta melhor.

– Foi o que pensei – Stark disse, segurando a minha mão. – Foi um longo dia para mim também. Vamos comer.

– Boa ideia. – Dei um beijo em Persephone de novo e sorri envergonhada para Lenobia enquanto saíamos da baia. – Desculpe por assustar você. Estou realmente me sentindo idiota por isso.

Lenobia estava olhando para mim com seu olhar cinza e esperto.

– Você está perdoada – ela falou. – E, Grande Sacerdotisa, se precisar conversar, lembre-se de que estou sempre aqui a seu dispor.

– Obrigada! Vou me lembrar disso – falei, fechando a porta da baia.

De mãos dadas, Stark e eu saímos do estábulo, na direção do refeitório.

*Eu vou falar sobre isso, mas só quando tiver decidido exatamente o que fazer e como.* Verdade seja dita, eu já tinha uma ideia. Dei uma olhada em Stark, sabendo que ele seria o meu maior obstáculo. Ele ia ficar bravo. Muito bravo mesmo.

*Ah, que inferno…*

# 5

## Outro Kevin

– Você parece estar com frio, Vó. Da próxima vez que eu for tirar um desses galhos do caminho, vou pegar um cobertor na caixa lá atrás. Não quero que você fique doente.

A idosa gesticulou para afastar a preocupação do seu neto.

– *U-we-tsi*, eu ainda me purifico naquele córrego que corre atrás da minha casa. Está sempre frio. Estou bem. E nós já estamos quase no topo da montanha. Acho que, da próxima vez que a gente parar, não estaremos mais sozinhos.

– O que é esta terra? – Kevin olhou em volta, apertando os olhos através da escuridão para a área selvagem de uma montanha de Oklahoma, cheia de carvalhos antigos, relva na altura da cintura e muitas e muitas rochas de arenito.

Vovó indicou a estrada de terra irregular em que o robusto Polaris estava sacolejando.

– Estas são velhas trilhas da época em que o petróleo foi descoberto, e quando digo velhas, quero dizer *velhas* mesmo. Elas foram feitas por volta de 1901 e, para a nossa sorte, abandonadas em 1902, bem antes de pensarem em colonizar tudo isso ou pelo

menos em alargar estes caminhos e pavimentá-los. A família de Tina por parte de mãe era líder do Povo Creek, e a propriedade desta enorme porção de terra passou para ela. Tina a protege há décadas.

– Então, a cerca elétrica já existia antes de a guerra começar?

– Não. Isso foi uma melhoria que ela fez no último ano. Discretamente, usando apenas o trabalho daqueles que são aliados à Resistência. Ela sabe que aquilo não iria deter um ataque do Exército Vermelho, mas a cerca tem o efeito de dissuadir bisbilhoteiros aleatórios e caçadores clandestinos.

– Aposto que deve ser bem bonito aqui durante o dia. É fácil imaginar como seria esse lugar há cem anos.

– É mesmo.

– Mas seria mais divertido imaginar se não tivesse tantas aranhas. Sem para-brisa nem capota nesta coisa, a gente é tipo um imã para aranhas. – Kevin fez uma careta quando ergueu o galho grosso que ele tinha quebrado na primeira parada, balançando-o na frente dele e de Vovó, tentando retirar teias de aranha do caminho antes que acabassem parando no meio delas.

– Aranhas comem carrapatos e mosquitos, *u-we-tsi.* Elas são apenas um mero inconveniente para nós. – Ela levantou as sobrancelhas. – A menos que, como Zoey Passarinha, você também tenha pavor delas.

– Vó, a minha masculinidade diz que é melhor eu não responder a essa pergunta.

Kevin seguiu em frente, aproveitando o som da risada doce de sua avó. Logo, porém, ele percebeu que não tinha escolha a não ser deixar que as teias de aranha decorassem todo o seu corpo, já que ele tinha que manter as duas mãos no volante e se concentrar para

que o Polaris não capotasse quando o caminho foi ficando cada vez mais traiçoeiro. Os seus faróis iluminaram uma árvore enorme, caída como um gigante adormecido sobre a trilha, e ele diminuiu a velocidade até quase ficarem parados.

– Essa deve ser a barricada final – ele disse.

– Prepare-se, *u-we-tsi.* Dirija direto até a árvore e então pare. Desligue o motor imediatamente.

Kevin engoliu o nervoso e fez o que ela disse. Dirigiu até a enorme árvore caída, estacionou o veículo e desligou o motor. Assim que ele fez isso, a sua pequena e velha avó o deixou totalmente chocado ao subir com agilidade para o banco elevado da parte de trás do Polaris, tão perto dele que sua perna estava pressionada contra o braço dele. Ela levantou a cabeça através das barras estabilizadoras, respirou fundo e então gritou.

– Estou tentando colher pés de mostarda à luz da lua. É nessa hora que eles ficam mais potentes!

– Isso é verdade, Vó?

– Claro que não. É o meu código. Agora, shiu.

Houve um barulho como o do vento farfalhando através da grama alta e meia dúzia de vampiros azuis desceram dos carvalhos enormes ao redor deles – com espadas levantadas de prontidão, enquanto formavam um círculo que foi se fechando em volta do Polaris.

Um vampiro baixo e corpulento, em cuja face havia uma intrincada tatuagem com dois dragões cuspindo fogo, deu alguns passos à frente, ficando a poucos metros de Kevin. Ele empunhava uma espada longa com as duas mãos, e a sua atenção estava concentrada no vampiro vermelho.

– Vampiro vermelho, liberte Sylvia Redbird. Ela não merece perder a vida junto com você hoje.

Sylvia cuidadosamente se colocou na frente de Kevin, ficando empoleirada entre o seu neto e a espada do vampiro azul.

– *Merry meet*, Dragon.

Dragon Lankford estreitou os olhos e continuou a não falar diretamente com a idosa, dando uma ordem para Kevin.

– Liberte-a.

Devagar, com cuidado, Kevin levantou as mãos do volante, mantendo-as estendidas, com as palmas voltadas para fora.

– Minha avó está completamente livre.

– Sylvia, venha para cá – Dragon disse.

– Só se você me der sua palavra de que vai me escutar antes de decapitar o meu neto.

Dragon voltou o olhar rapidamente para a velha senhora.

– Seu neto?

– Sim, meu amigo. Este é Kevin. Ele vem em paz como seu aliado, assim como eu.

O olhar duro e vazio de Dragon se voltou de novo para Kevin.

– Então eu sinto muito pela dor que essa morte vai causar a você.

– Dragon, você precisa me escutar. Se não fizer isso, se você o massacrar sem pensar, como você vai ser diferente de Neferet e do seu exército de monstros vermelhos?

Dragon Lankford fez uma pausa longa o suficiente para olhar com tristeza para Sylvia de novo.

– Eu não a culpo por trazê-lo aqui. Você está claramente sob a influência dele. Você vai me perdoar quando recobrar a consciência.

A visão de Kevin, que era aguçada de modo sobrenatural, conseguiu perceber o que estava prestes a acontecer um instante

antes de Dragon atacar. Kevin só conseguiu pensar no que a longa espada afiada igual a uma navalha poderia fazer na sua pequena e velha avó. Ele se mexeu com uma velocidade estonteante quando Dragon deu o bote, atirando-se na frente dela enquanto pegava o seu galho de proteção contra aranhas e desviava o golpe da espada. Deslocado para o lado, o golpe que era destinado a decapitar sua cabeça acabou riscando as suas costas de ombro a ombro.

No começo, ele não sentiu nenhuma dor – apenas um puxão e o súbito calor do seu sangue jorrando pelas costas.

Vovó Redbird gritou e caiu sobre o corpo de Kevin, bloqueando o próximo golpe fatal de Dragon.

– Cheire o sangue dele! – Sylvia berrou. – Cheire, Dragon! O sangue dele não é como o dos outros vampiros vermelhos! – Pressionada contra o corpo ensanguentado do seu neto, a raiva de Sylvia era quase palpável. – Você vai ter que me matar para atingi-lo!

– Bryan, espere.

Em meio à confusão do choque, Kevin observou uma mulher se aproximar do Mestre da Espada e gentilmente tocar o seu braço. A beleza dela era etérea, fazendo-a parecer com uma das fadas ancestrais. Kevin achou que o seu longo cabelo loiro parecia irradiar luz própria. E um corvo enorme estava empoleirado serenamente no seu ombro.

– Meu amor, a nossa amiga Sylvia está certa. O sangue desse garoto não tem cheiro de morte.

Aquilo fez a espada de Dragon hesitar. O Guerreiro respirou fundo, e então arregalou os olhos. Ele deu um passo à frente, facilmente retirando Vovó Redbird de cima de Kevin e depositando-a

ao lado da trilha, perto da mulher com o corvo. Dragon então pressionou a espada contra o pescoço de Kevin.

– Isso é magia negra? O Exército Vermelho aprendeu a disfarçar o seu cheiro? – Dragon o interpelou.

– Não – Kevin respondeu de modo ofegante, tentando falar em meio à dor ardente em suas costas. – Não é magia negra… é amor. Nyx intercedeu por mim e devolveu a minha humanidade. Por favor, não machuque a minha avó.

E então a beleza etérea novamente estava lá. Facilmente afastando a espada assassina para o lado, ela tocou o rosto de Kevin, sorrindo docemente para ele. Então ele percebeu quem aquela bela devia ser: Anastasia, a companheira de Dragon Lankford.

– Bryan, olhe além da sua raiva e *veja* este garoto.

Lentamente, Dragon colocou a longa espada na bainha presa às suas costas. Então ele deu um passo à frente, ficando a um palmo de distância de Kevin, que estava fazendo o melhor que podia para não desabar sobre o volante. O Guerreiro o cheirou e analisou a sua Marca.

– O que você é? – ele finalmente perguntou.

– Um garoto vampiro que você quase matou – disse Sylvia Redbird ao abrir caminho e passar por Dragon. – Esta ferida precisa de um curativo. Ele está perdendo muito sangue.

– Nós vamos cuidar dele. Você consegue andar? – a mulher encantadora perguntou a Kevin.

Dragon falou antes que Kevin conseguisse fazer a sua voz sair.

– Não, Anastasia. Diferente ou não, ele ainda é um vampiro vermelho e, portanto, nosso inimigo. Eu preciso acabar com ele.

– Meu amor, nós não podemos perder a nossa capacidade de demonstrar misericórdia ou, como Sylvia resumiu tão bem, não vai haver diferença entre nós e os monstros de Neferet. Confie em mim. Tenho um pressentimento bom sobre este garoto.

Dragon olhou para a sua companheira por um longo momento antes de assentir. Era um aceno leve, mas, ainda assim, ele havia assentido.

– Vamos cuidar dele e ouvir a sua história. Nós não somos monstros.

Anastasia beijou o rosto de Dragon enquanto o corvo em seu ombro observava Kevin com olhos escuros e inteligentes.

– É claro que não somos. – Ela se virou de novo para Kevin e repetiu a pergunta: – Você consegue andar?

– Sim. Acho que sim. – Ele começou a tirar as pernas para fora do Polaris. Antes que conseguisse se conter, Kevin arfou com a pontada de dor. Pontos brilhantes de luz brotaram na sua visão. Ele teria caído se Anastasia não o tivesse segurado.

– Eu… eu si-sinto muito – ele disse, batendo os dentes.

– Bryan! Este garoto está terrivelmente ferido – disse a bela, enquanto o seu corvo levantava voo, grasnando indignado.

– Há bolsas de sangue e cobertores no contêiner, junto com o resto dos mantimentos que Tina enviou. – Vovó Redbird foi apressada até o porta-malas do Polaris, voltando para o lado de Kevin com dois cobertores enrolados e o braço cheio de bolsas de sangue. Ela desenrolou o cobertor na trilha, no espaço entre o Polaris e a árvore caída, e arremessou o outro cobertor para Dragon. – Use essa espada para algo além de machucar crianças. Corte isso em tiras.

Kevin achou ter ouvido Dragon resmungar “Sim, senhora”, mas era difícil ter certeza com o zumbido nos seus ouvidos.

– *U-we-tsi*, Anastasia e eu vamos ajudar você a se deitar naquele cobertor. Depois nós vamos fazer um curativo nesse ferimento. Mas primeiro beba uma dessas bolsas de sangue. Isso vai ajudar.

– A-Anastasia? – Kevin gaguejou. – Vo-você é a companheira de Dragon, ce-certo? Mi-minha irmã me disse para en-encontrar vocês. Mas ela nã-não falou que você tinha um pássaro. – As mãos dele estavam tremendo demais para segurar a bolsa de sangue, então Vovó a segurou perto dos seus lábios enquanto ele bebia a primeira bolsa, depois a segunda, e, por fim, a terceira.

– Sim, é claro que sou a companheira de Dragon, e Tatsuwa não é um pássaro. Ele é um corvo. Se ele ouvisse você o chamando de pássaro, nunca o perdoaria – Anastasia falou com Kevin com uma voz calma e tranquilizadora. – Ok, vamos colocar você no cobertor.

Ela voltou o olhar aguçado para o seu companheiro e, antes que Kevin pudesse se dar conta, uma onda de dor e surpresa ameaçou inundá-lo quando o compacto Guerreiro o carregou para fora do veículo, como se ele não pesasse mais do que uma criança pequena. Então ele o levou até o cobertor e o soltou sobre ele, de bruços.

Determinado a não chorar, Kevin mordeu com força a parte interna da sua bochecha enquanto sua avó e Anastasia pressionavam tiras de cobertor contra a ferida encharcada de sangue. Elas o ajudaram a se sentar para que conseguissem enfaixá-lo em volta do peito e em cima dos braços.

– Eu me sinto estranho – Kevin disse. – Tipo como se eu estivesse flutuando.

– O corte é longo e profundo, mas você vai se recuperar – Anastasia prometeu. – Eu vou dar pontos para fechá-lo assim que nós o levarmos de volta conosco.

– Você é muito bonita – Kevin falou sem pensar.

– Grumpf – Dragon grunhiu de onde estava, bem perto da sua mulher, ainda observando Kevin com desconfiança.

– Obrigada. E você está sendo um ótimo paciente – Anastasia respondeu, ignorando o seu companheiro.

– Pronto. Isso é o melhor que nós podemos fazer aqui. – Vovó Redbird terminou o curativo. – Acho que é melhor ele não tentar andar. O sangramento ainda não parou de fato. Quanto mais ele se mexer, pior vai ficar.

– Concordo. – Anastasia olhou para o seu companheiro e ergueu uma sobrancelha loira e arqueada. – Bryan?

Dragon Bryan Lankford suspirou.

– Johnny B e Erik… peguem o resto dos mantimentos no Polaris.

– Erik? – Kevin virou o rosto para poder ver o vampiro jovem e alto. – Erik Night?

Erik deu uma olhada rápida na direção dele.

– Sim, eu sou Erik Night.

– Eu amei você como o Super-Homem! Mas, ahn, achei que você tivesse morrido. Foi o que falaram no Exército Vermelho.

Erik bufou.

– A única coisa que está morta em mim é a minha carreira de ator… morta pelas merdas que Neferet fez.

– Ei! Chega de conversa fiada. Vocês dois, peguem os mantimentos como eu mandei. – Dragon deu um olhar fulminante para Kevin antes de se voltar para Vovó Redbird. – Sylvia, imagino

que você virá junto com o seu neto e não voltará para o rancho de Tina hoje.

– Imaginou certo.

Dragon suspirou de novo.

– Drew, esconda o Polaris. É melhor que os outros se espalhem pela montanha para ter certeza de que o Exército Vermelho não os estava seguindo. E eu quero dizer até lá embaixo da montanha. Verifiquem todos os caminhos, principalmente os que vêm da Lone Star Road. – Ele ergueu a voz e chamou: – Erik! Pensando bem, deixe Johnny B descarregar os suprimentos. É melhor você descer até o lado da montanha que dá para a casa de Tina, e verificar se ela não acendeu uma fogueira de alerta.

– Pode deixar!

– Ninguém está me seguindo. Eles não sabem que estou aqui – Kevin afirmou.

– É melhor você não falar – Dragon disse a ele.

– Não dói mais nem menos se eu falar – Kevin respondeu, tentando sorrir para o vampiro carrancudo.

– Eu quis dizer que é melhor para mim. – Em um movimento, Dragon se inclinou e colocou os braços em volta de Kevin, levantando-o como se ele fosse um bombeiro resgatando uma vítima e colocando-o sobre suas costas largas. Então o Guerreiro se voltou para a sua companheira.

– Eu sigo vocês.

– É claro, meu amor – disse Anastasia.

A última coisa que Kevin ouviu antes de felizmente ficar inconsciente foi a risada musical de Anastasia Lankford e o grasnido do seu corvo que voava em círculo acima deles.

# 6

## Outro Kevin

Kevin recobrou a consciência ao ouvir o barulho de uma discussão.

– Ele não vai conseguir subir em nenhum dos esconderijos de caça. Nós precisamos levá-lo para a caverna – Anastasia estava dizendo.

– Eu não acho isso uma boa ideia – Dragon retorquiu. – Se ele souber que nós estamos escavando uma caverna, então existe o risco de que o Exército Vermelho descubra isso também.

– Meu amor, o garoto já sabe como as coisas funcionam aqui. Ela sabe que Tina é uma aliada. Se ele nos trair, vai ser como o Keystone Park de novo, e nós nunca vamos conseguir voltar para cá – Anastasia falou.

– Kevin não vai trair vocês – a avó afirmou. – Dragon Lankford, você pode sentir pelo cheiro que ele não é como os outros. Ele não age como os outros. Há uma explicação para o que aconteceu com ele, mas essa explicação não será relevante se o meu neto morrer da ferida que você infligiu.

Foi preciso várias tentativas, mas finalmente Kevin fez a sua voz soar. Apesar de mal conseguir pronunciar mais alto do que um

sussurro, o seu rosto estava perto do ouvido de Dragon, e o Mestre da Espada não teve dificuldade em escutá-lo.

– Por favor, me coloque no chão.

– Kevin? Você está acordado? – Vovó Redbird estendeu a mão para tirar o cabelo cheio de suor de Kevin dos seus olhos.

– Po-por favor. Eu prefiro sangrar até a morte do que continuar sendo carregado.

– Bryan Lankford, leve este garoto até a caverna. Agora.

Kevin sentiu o suspiro de Dragon, mas o poderoso Guerreiro fez o que sua companheira ordenou. Ele seguiu por um caminho estreito, que, pelo que Kevin conseguiu ver, era uma área plana e coberta por grama no alto da montanha. Eles desceram contornando várias rochas enormes de arenito e finalmente chegaram a uma abertura estreita voltada para o precipício. Uma luz pálida e trêmula vinda de dentro projetava sombras que bruxuleavam nas pedras. Dragon fez uma pausa, enquanto Anastasia deslizava para dentro. Momentos depois, três figuras encapuzadas saíram apressadas. Eles não olharam para cima, apenas mantiveram suas cabeças abaixadas, escondendo os rostos ao passar por Dragon, Kevin e Vovó Redbird.

– Ok, tragam o garoto para dentro – a voz de Anastasia chegou até eles.

Dragon virou-se de lado para que ele e a sua carga conseguissem entrar. Então, sem a menor cerimônia, ele largou Kevin no chão de pedra da pequena caverna, e o mundo de Kevin ficou temporariamente cinza com pontos brilhantes.

– Você poderia ter sido mais gentil – Anastasia disse.

– Eu poderia tê-lo matado e poupado todos nós dos problemas que ele vai trazer – Dragon replicou.

– O meu neto traz esperança, não problemas, Dragon Lankford – Vovó Redbird disse com firmeza.

– Sylvia, perdoe-me por dizer isso, mas é claro que você pensaria dessa maneira. Ele é sua família. A grande lealdade que você demonstra por ele é admirável, seja ela justificada ou não – Dragon respondeu.

Conforme a visão de Kevin ficou mais clara, ele viu sua avó encarar o Mestre da Espada. As mãos no quadril, os cabelos grisalhos recaindo por seus ombros, e ele nunca a havia visto ficar tão enfurecida.

– Kevin foi Marcado há mais de um ano. Ele se Transformou logo depois disso. Alguma vez eu mencionei o nome dele a você?

– Não, mas…

– Não! Eu não mencionei – ela o interrompeu. – E não fiz isso porque eu não iria, *não poderia* colocar a Resistência em perigo, e ainda assim aqui estou. De repente trazendo o meu neto até vocês… um neto que é claramente um vampiro vermelho, mas que não tem o cheiro diferente do seu e que age de um modo perfeitamente racional.

– Sylvia, desde os assassinatos de Lenobia e Travis, manter a Resistência em segurança é o meu trabalho. Já aconteceram tantas mortes e, se houver pelo menos um pequeno risco de o seu neto nos comprometer, então nós precisamos tomar todas as precauções. Você acha que me dá prazer decapitar um garoto? Ele não tem culpa por ter sido Marcado como vermelho. Eu não sou um monstro, Sylvia Redbird.

– É claro que você não é, meu amor. – Anastasia levou uma lamparina a óleo até Kevin e a colocou em um nicho na rocha perto deles antes de depositar uma bolsa grande de couro ao lado dele.

Ela abriu a bolsa e começou a procurar algo lá dentro enquanto falava: – Sylvia tem razão. Ela está trabalhando conosco por muitos meses e nenhuma vez tentou trazer o neto dela aqui.

– Porque não seria seguro me trazer até aqui antes do que aconteceu – Kevin se esforçou para falar. – Não importa o quanto eu me esforçasse para manter a minha humanidade.

– Fique quietinho. Preciso dar pontos nesse ferimento – Anastasia disse enquanto desenrolava o curativo improvisado. – Sylvia, há várias garrafas de água limpa lá no fundo da caverna. Você pode trazer aqui para mim, por favor?

Sylvia foi apressada até o fundo da caverna, retornando com duas garrafas de um litro de água fresca, que entregou para Anastasia.

– O que mais posso fazer para ajudar?

Anastasia passou para ela uma compressa de gaze.

– Vá secando o sangue enquanto dou os pontos para que eu consiga enxergar o que estou fazendo. – Ela segurou uma agulha longa e curva que estava presa ao fio escuro de sutura. – Kevin, pressinto que isso vá ser um pouco desagradável para nós dois… mais para você do que para mim.

– Tudo bem. Não é tão ruim quanto sentir a minha humanidade escapando de mim.

– O que aconteceu com você? O que mudou você? – Dragon perguntou de repente.

Anastasia levantou rapidamente os olhos para o seu companheiro, que estava em pé perto da entrada da caverna, os braços cruzados, com uma expressão sombria turvando seu belo rosto.

– Você pode interrogá-lo depois que eu der os pontos nele.

– Eu prefiro falar. Vai me distrair um pouco – Kevin disse.

– Muito bem. Vou começar. Primeiro vou colocar álcool sobre o ferimento. Vai doer bastante.

– Estou pronto. Ok, então, o que aconteceu comigo? Bom, eu…! – Kevin perdeu as palavras e deu uma arfada de ar brusca. Era como se Anastasia estivesse derramando fogo líquido nas suas costas, e ele teve que lutar para permanecer consciente.

– Respire, *u-we-tsi.* Respire. Profundamente, inspire e expire, inspire e expire. Vai passar – Vovó o tranquilizou enquanto secava as suas costas.

Kevin cerrou os punhos e respirou fundo várias vezes junto com sua avó.

– E agora vou começar a dar os pontos. A boa notícia é que o ferimento é longo e reto. Você vai ficar com uma cicatriz, mas deve sarar rápido.

– Melhor isso do que perder a cabeça – Kevin conseguiu falar entre dentes cerrados.

Quando ela começou a dar os pontos, Kevin pensou que ia desmaiar. Ele queria desmaiar, mas, como isso não aconteceu, Kevin voltou a se concentrar na sua história. Ele tentou fingir que estava fora do próprio corpo, em pé ao lado de Dragon, olhando para a noite fria de inverno enquanto falava.

– Três noites atrás, eu era parte de um grupo de soldados vampiros vermelhos e aprendizes novatos que foram arrancados de nossos alojamentos nos túneis embaixo da estação e levados para um mundo alternativo – Kevin fez uma pausa e respirou fundo várias vezes quando a dor nas suas costas ameaçou subjugá-lo.

– O que você quer dizer com um mundo alternativo? – Dragon perguntou.

– Um mundo que é quase como este aqui, só que Neferet não está no poder. A minha irmã está.

As mãos ocupadas de Anastasia fizeram uma pausa.

– Zoey?

– Você conhecia a minha irmã?

– Sim. Ela era uma jovem adorável. Ela entrou na minha aula de Feitiços e Rituais algumas semanas antes de ser assassinada, mas já tinha demonstrado que seria promissora com a magia. Você se lembra dela, não lembra, Bryan?

– Eu lembro que a morte dela foi o começo oficial da guerra de Neferet – Dragon respondeu.

– Neferet a matou – Kevin disse.

– Como você sabe disso? – Dragon perguntou repentinamente.

– Porque no mundo da outra Morada da Noite, Neferet tentou começar uma guerra com humanos da mesma forma… culpando-os pela morte de vampiros. Vampiros que ela mesma matou.

– E a sua irmã morta contou isso pra você? – Dragon falou.

– Não, a minha irmã viva me contou isso… na Morada da Noite de Tulsa, onde ela é uma das várias Grandes Sacerdotisas poderosas que comandam tudo. Zo e o seu grupo derrotaram Neferet e impediram que a guerra acontecesse.

– Garoto, você acabou de cometer o seu primeiro erro. Nós temos espiões no acampamento do Exército Vermelho. São poucos, mas posso conferir com eles essa história de desaparecimento.

– Ótimo – Kevin disse entre dentes cerrados enquanto Anastasia passava a agulha através de outro pedaço de sua carne rasgada. – Quero que você faça isso. Pergunte aos seus homens o que aconteceu com o General Dominick e os seus soldados.

– Vou perguntar. Pode ter certeza.

– Ótimo – Kevin repetiu.

– Mas, até lá, vamos dizer que eu acredito em você. Como o fato de ser atraído para outra versão do nosso mundo restaurou a sua humanidade?

– Foi algo que Nyx fez depois de abençoar Aphrodite com o dom de conceder segundas chances.

– Aphrodite? – Dragon pronunciou o nome com sarcasmo. – Você quer dizer a Sacerdotisa azul que tem visões sobre morte?

– Ela mesma. Só que no outro mundo ela é uma Profetisa de Nyx, tão poderosa quanto bonita.

Dragon bufou.

– Bom, *neste* mundo ela é praticamente inútil, a menos que você esteja tão iludido com a beleza dela que faça vista grossa para os seus prazeres egoístas e a sua ganância mesquinha.

– Mas, mesmo nesse mundo, ela ainda é uma Profetisa – Kevin argumentou.

– Ela é uma Profetisa que tem visões que raramente consegue interpretar. Antes de Anastasia e eu escaparmos para nos juntar à Resistência, havia rumores de que Neferet estava descontente com ela.

– E por que não estaria? – Anastasia comentou enquanto continuava a fazer a sutura nas costas de Kevin. – Eu abomino tudo que Neferet defende, mas Aphrodite é uma Profetisa horrível. Ela usa a beleza e o dom concedido pela Deusa para manipular os outros. Acredito de verdade que ela retém informação das suas visões, a menos que ache que pode ganhar algo com elas. Não sei por que Neferet não se livra dessa criatura.

– Eu sei. Aphrodite é uma mestra em saber em quanto ela pode abusar ou não de Neferet. Quando vai longe demais, Aphrodite

simplesmente tem uma visão que é subitamente clara o bastante para que possa interpretá-la, e, *coincidentemente*, essa visão também é de grande valor para Neferet – Dragon explicou.

– Ela é diferente no outro mundo – Kevin insistiu. – Ela sacrificou a sua humanidade para salvar os primeiros novatos vermelhos. E desde então, naquele mundo, *todos os novatos e vampiros vermelhos têm a capacidade de manter a sua humanidade.* Tudo por causa de Aphrodite.

– E por causa dessa diferença, Kevin acredita que pode chegar até a Aphrodite que está neste mundo e convencê-la a fazer o mesmo sacrifício – Vovó Redbird acrescentou.

Houve um longo silêncio durante o qual Kevin tentou, em meio à dor ardente nas suas costas, pensar em algo a acrescentar – alguma coisa que convencesse Dragon de que o que ele estava contando era verdade.

Quando Dragon falou novamente, Kevin escutou uma mudança na sua voz. Muito leve, mas um pouco do sarcasmo e da raiva pareciam ter desaparecido.

– O que faz você pensar que Aphrodite pode fazer essa escolha? A Profetisa que você descreve tem muito pouco em comum com a do nosso mundo.

– Porque mesmo em outro mundo, quem nós somos lá no fundo parece não mudar muito. A única diferença é que nós passamos por experiências de vida diferentes, as quais têm o poder de mudar as nossas personalidades e as nossas reações – Kevin explicou. – Zoey me falou para procurar você e Anastasia neste mundo. Ela disse que vocês me ajudariam a derrotar Neferet, porque vocês a ajudaram no mundo dela.

– Bryan e eu também somos companheiros nesse outro mundo?

Kevin pensou em não contar o que havia acontecido, mas ele afastou aquele pensamento rapidamente. A verdade era uma das poucas forças que ele tinha, e ele não iria começar a mentir e estragar o que já tinha conquistado.

– Vocês eram – ele contou a Anastasia.

– Éramos? – Dragon perguntou.

– Vocês foram mortos. Não sei bem o que aconteceu. Zoey não teve tempo de me contar isso. Só que vocês morreram corajosamente salvando os outros.

– Nós dois estamos mortos? – a voz de Anastasia soou trêmula.

– Estão. Sinto muito – Kevin respondeu.

Anastasia pousou a mão ensanguentada no ombro dele por um instante.

– Não sinta. Se o meu Bryan perecesse, eu não gostaria de viver sem ele.

– E eu não iria dar nem um suspiro em um mundo sem você, meu amor – Dragon afirmou.

Do canto do olho, Kevin viu Anastasia se virar e levantar os olhos para o seu companheiro.

– E é a sua capacidade de amar que faz você maior do que a sua espada. Maior do que um dragão. Pense nisso, Bryan. Se isso for verdade, se Kevin conseguir chegar até Aphrodite e convencê-la a repetir o que fez naquele outro mundo… então *a guerra de Neferet mudaria drasticamente.*

– Sim – Kevin concordou. – Ela não teria um exército de armas irracionais. Ela teria apenas os oficiais azuis e os Guerreiros Filhos de Erebus, e quantos deles vão permanecer fiéis a ela e lutar se perceberem que Nyx não abençoa essa guerra?

– Ela perderia um pouco de poder, mas talvez não o bastante para acabar com a guerra – Dragon disse pensativamente. – Ela tem sido cuidadosa de apenas colocar em posições importantes Guerreiros que querem ter mais coisas: mais riquezas, mais terras, tudo.

– Mas pelo menos a gente teria uma chance de combatê-los – Kevin insistiu. – Dragon, eu vi o que acontece quando vampiros e novatos vermelhos têm a sua humanidade restaurada, e eu prometo a você que nenhum deles vai querer lutar de novo.

– Onde eles estão, esses outros vampiros e novatos vermelhos alterados? – Dragon perguntou.

– Ainda no outro mundo. Zoey teria que forçá-los a voltar para cá, e ela se recusou a fazer isso. Foi um choque terrível quando eles se recuperaram e se deram conta de tudo que tinham feito. Vários cometeram suicídio antes que pudéssemos detê-los.

– E você? Por que você não ficou devastado? – o Mestre da Espada perguntou.

– Porque eu era diferente desde o momento em que fui Marcado. Eu conservei mais da minha humanidade do que qualquer outro, e por causa disso eu garanti que…

De repente, do lado de fora da caverna vieram os gritos de alerta de um corvo, imediatamente seguidos por um alvoroço. O pássaro voou freneticamente até Anastasia enquanto Erik Night foi apressado até Dragon.

– *Perigo! Perigo! Perigo!* – o corvo berrou ao pousar no ombro de Anastasia.

– Tina acendeu uma fogueira de alerta! – Erik contou a Dragon.

Kevin estava ocupado demais olhando fixamente para o corvo e pensando se corvos normais conseguiam falar ou se esse em

específico tinha poderes sobrenaturais, quando Dragon virou-se e o encarou.

– Seu desgraçado traidor! – Dragon atirou as palavras para Kevin.

– Não! Não fui eu! Não poderia ser. E-eu nem fui para o quartel ontem. Fui direto até a fazenda de Vovó Redbird.

Outro vampiro azul entrou apressado na caverna. Com a respiração ofegante, ele anunciou:

– Soldados do Exército Vermelho estão subindo a montanha!

Dragon Lankford marchou até Kevin e agarrou forte o seu braço, fazendo-o ficar em pé e arrastando-o até a entrada da caverna.

– Antes de matá-lo, você vai me dizer quantos soldados você trouxe até aqui!

# 7

## Outro Stark

– Tenente Dallas, explique de novo para mim por que diabos nós estamos aqui, no meio do nada, em uma noite de inverno congelante, quando eu poderia estar nos meus aposentos com uma fogueira crepitante, venerando o sabor da boca da minha sacerdotisa atual?

O pequeno e jovem vampiro correu até Stark. A sua Marca azul de adulto tinha a forma de relâmpagos, o que fazia sentido por causa da sua estranha afinidade com eletricidade, mas Stark achou que ela ficava mais ridícula naquele rosto que lembrava o de um furão.

– Bom, General, como eu disse a Artus, hoje a nossa varredura de segurança era em Sapulpa e Sand Springs. Lá na mercearia Reasor's, na esquina da Taft com a Hickory aqui em Sapulpa, o gerente relatou que tinha certeza de que viu Erik Night com um grupo de vampiros azuis que estavam espreitando no estacionamento.

– Bom, Night realmente se juntou à Resistência alguns meses atrás, mas por que nós estamos *aqui*, se ele foi visto na cidade?

– Porque eu andei pressionando um tenente do Exército Vermelho e ele conseguiu *encorajar* – Dallas pronunciou a palavra com uma alegria maliciosa – alguns dos moradores locais a admitirem que eles têm notado luzes estranhas vindo desta montanha. A maioria dos caipiras acha que ela é mal-assombrada… eles falaram alguma coisa sem sentido sobre a montanha pertencer ao Povo Creek há gerações. Disseram inclusive que os fantasmas perseguiam os técnicos que perfuravam petróleo no começo dos anos 1900, mas eu não acredito nessa merda. – Eles estavam parados ao lado de uma rodovia denominada Lone Star, que serpenteava pela montanha. Dallas apontou para a cerca com oito arames grossos, que parecia emoldurar toda a grande área selvagem que formava o local chamado Polecat Ridge. – Então, eu dei uma fuçada por aí e encontrei isso.

– Uma cerca? Há fazendas por toda parte nessa região que são cercadas. Por que isso seria um problema? – Stark perguntou.

– Porque isso não é uma fazenda. A montanha é selvagem. Ninguém fez nada nela desde o começo do século passado. Então por que ela é protegida por uma cerca elétrica de alta voltagem?

– Isso é muito? – Stark deu um passo para mais perto da cerca e de fato ouviu um zumbido fraco e sentiu algo diferente no ar.

– Muito. Eu tentei conversar com a velha que é dona da montanha, mas ela não foi muito prestativa… e ela é protegida pelas diretrizes de Neferet porque também é dona das melhores plantações de alfafa em todo o estado. Então eu não pude ser tão *persuasivo* quanto gostaria.

– Mas ela te deu uma resposta.

– Sim, senhor. Ela falou que tem um rebanho de um tipo especial de veado. Um tipo que Neferet também ama.

– Veado de cauda branca – Stark assentiu. – Neferet gosta de carne de veado. Muito. Não sabia que o fornecedor dela ficava por aqui.

– Sim, essa mesma mulher, Tina, é a dona desta montanha e de todos os campos ao redor. Enfim, ela disse que cria os veados especiais e os deixa soltos na montanha porque ficam mais saudáveis assim, então a carne deles é melhor. Por isso ela tem uma cerca elétrica em volta de toda a propriedade, para manter os veados dentro e os predadores longe.

– Acho que faz sentido. Você perguntou a ela sobre alguma atividade na montanha?

– Sim, senhor. Não consegui nada dela. A velha disse que é silencioso aqui, e por isso ela vive aqui, *afastada* das pessoas. Ela também disse que vigia a própria montanha, expulsando qualquer intruso, e que ela não precisa, nem quer, a nossa ajuda. Depois disso ela bateu o portão na minha cara.

– Nada de novo – Stark resmungou.

E não era mesmo. Desde a guerra de Neferet, os humanos sofriam. Não que ele estivesse muito preocupado com humanos. A única coisa com que Stark estava muito preocupado era com a sua própria pele – a vida era mais fácil assim –, principalmente nos últimos dias. No entanto, humanos se escondendo atrás de portas fechadas e demonstrando nada além de medo e/ou repugnância por vampiros não ajudava a luta contra a maldita e irritante Resistência.

– Então, quanto eu reportei tudo a Artus, ele disse que a montanha precisava ser inspecionada. E é por isso que nós estamos aqui.

– Tudo bem, então. Essa velha desligou a cerca elétrica? – Stark perguntou, mantendo uma distância segura dos cabos grossos.

– Não, mas a gente não precisa que ela faça isso. Eu consigo colocar a gente aí dentro sem problemas.

– Bom, então faça isso – Stark disse.

Ele deu as costas a Dallas e fez um gesto para o primeiro dos cinco utilitários estacionados atrás do seu veículo na liderança. O motorista obedeceu imediatamente, e soldados vampiros vermelhos e os seus oficiais responsáveis começaram a desembarcar. Stark fez outro gesto para que esperassem, o qual foi passado para a fila atrás, mas ele não precisava ter feito os soldados pararem. Dallas tinha ido até a cerca e colocado a mão no poste mais próximo. Os olhos do jovem vampiro estavam fechados, e a expressão do seu rosto quase indicava que ele estava sentindo prazer – o que não seria uma surpresa para Stark. Ele sempre achou que Dallas era estranho.

Quando Dallas levantou a cabeça no instante seguinte e olhou para Stark, os seus olhos estavam reluzindo com uma luz amarela bizarra.

– Mande os soldados passarem por cima da cerca aqui – Dallas manteve ambas as mãos no poste, indicando com o queixo o local à sua esquerda. – Fale para eles se apressarem. Essa certa tem muitos volts passando por aqui. Eu só posso segurá-los por alguns minutos.

– Vocês ouviram o tenente, façam os homens se mexerem! – Stark gritou.

Stark se afastou e ficou observando os vampiros vermelhos se arrastarem por cima da cerca. *Eles parecem umas malditas baratas esfomeadas.* Stark não se permitiu estremecer, apesar de sentir como se insetos estivessem rastejando na superfície de sua pele. *O Exército Vermelho é necessário*, ele lembrou a si mesmo com

firmeza. Além do mais, não era como se eles pudessem se sentir ofendidos. Eles não davam a mínima para o quanto eles eram nojentos. Só o que importava para eles era a sua fome insaciável.

– Sua vez, General – as palavras de Dallas tiraram Stark dos seus pensamentos.

Ele rapidamente passou por cima da cerca.

– Ok, vamos nos espalhar e formar uma linha afrouxada, e então vamos subir com essa linha montanha acima.

Eles estavam andando por cerca de quinze minutos, abrindo caminho através de uma vegetação rasteira marrom devido ao inverno e cheia de detritos da floresta. Então encontraram uma estrada de terra acidentada em que mal cabia um quadriciclo, apesar de ser óbvio que ela tinha sido usada recentemente.

– Isso não parece nada bom – Stark disse. – Tenente, você viu algum carro na propriedade daquela senhora?

– Sim, senhor. Vi algumas dessas coisas caras que parecem carrinhos de golfe melhorados. Ela foi dirigindo um deles até o portão para falar comigo.

– Um Polaris – Stark disse, analisando os rastros.

– Perdão, senhor?

Stark levantou os olhos para Dallas.

– Esse é o nome desses veículos. E esses rastros parecem ter sido feitos por um deles. Pode não ser tão ruim quanto eu pensei. A velha senhora pode realmente ter dado uma circulada por aí procurando invasores, mas vamos seguir essa trilha por mais um tempo para ter certeza.

– Sim, senhor!

Depois de mais ou menos trinta minutos de caminhada, ouviu-se um grito à direita de Stark.

– Alto!

Stark pegou o seu arco sempre presente, preso às suas costas, e engatou uma flecha. Seis veados, completamente assustados e de olhos arregalados, passaram saltitando por eles, fazendo os soldados vermelhos se agitarem confusos, enquanto olhavam fixamente a carne de veado em movimento, claramente considerando se deveriam perseguir a presa ou esperar por um jantar mais delicioso e que se movimenta mais devagar com apenas duas pernas.

Stark franziu o cenho de desgosto.

– Dallas! Mantenha esses soldados sob controle. Ninguém mata um veado sem a permissão de Neferet. Cuide para que essas máquinas carnívoras entendam isso.

– Sim, senhor! – Dallas voltou correndo pelo caminho.

Stark podia ouvi-lo gritando para os tenentes do Exército Vermelho. Pela segunda vez naquela noite, ele ficou muito irritado com o fato de o General Dominick e seu pelotão de soldados terem aparentemente desaparecido sem explicações alguns dias atrás. Dominick era amplamente reconhecido como o mais implacável e inteligente dos generais vermelhos, o que significava que os seus soldados eram sempre os mais disciplinados.

– Maldito Exército Vermelho! – Stark resmungou. Ele tentou lembrar a si mesmo para tentar convencer Neferet a considerar a retirada progressiva do máximo possível dos vampiros vermelhos do dia a dia da guerra, e somente usá-los durante as batalhas principais contra os exércitos humanos ou a Resistência. – Eles fazem mais mal do que bem.

Isso sem mencionar que ele achava repugnante que a mordida de qualquer novato ou vampiro Marcado como vermelho fosse

venenosa para humanos, inevitavelmente os matando e fazendo com que ressurgissem em três dias como coisas grotescas como zumbis, cuja mordida também era contagiosa.

– E eles têm um mau cheiro horrível.

– Senhor, os soldados estão sob controle – Dallas disse, ofegante, ao chegar correndo perto de Stark.

Stark soltou um grunhido.

– Então vamos em frente de novo. Ficar rastejando por esta montanha não é minha escolha ideal para passar a noite.

A fileira de soldados continuou se movendo, serpenteando pelo caminho, enquanto seguiam o que mal podia ser chamado de estrada de terra. Logo a trilha dobrou drasticamente para a direita, e então seguiu quase em linha reta. Stark suspirou e se concentrou na missão, não gostando nada de sentir o ar mais frio e úmido. Ele tentou lembrar se havia previsão de gelo ou neve. Ele deu uma olhada no seu telefone e praguejou em voz baixa.

É claro que não tem *um maldito sinal aqui no meio do nada.*

De repente, acima dele, um corvo começou a voar em círculos e a grasnar, como se estivesse irritado por estarem invadindo a sua montanha.

– Vamos apertar o passo – Stark disse a Dallas. – Volte descendo a fila e diga a eles para me acompanharem.

General Stark não esperou por uma resposta. Balançando os braços, ele começou a subir correndo a trilha de terra vermelha, desejando estar em qualquer lugar, menos ali.

## Outro Kevin

Dragon Lankford agarrou o braço de Kevin, puxou-o bruscamente, fazendo com que ele ficasse em pé, e o arrastou até a boca da pequena caverna. A sua espada montante estava desembainhada e ele ficou na frente de Kevin, segurando a ponta da lâmina afiada contra o seu pescoço.

– Quantos são? – Dragon o interpelou.

Vovó Redbird tentou correr para ficar ao lado de Kevin, mas Anastasia segurou o seu pulso, não permitindo que ela fosse até ele.

– Não, minha amiga. Isso foi além da nossa boa vontade. Dragon precisa lidar com o seu neto agora.

– Quantos? – Dragon repetiu, e a espada tirou uma pequena gota de sangue do pescoço de Kevin.

– Mate-me. Corte a minha cabeça. Faça o que quiser, mas isso não vai mudar a minha resposta *porque eu estou dizendo a verdade.* Eu não sei o que está rolando lá fora. Eu não sei como eles acharam a sua montanha, mas isso não tem nada a ver comigo.

– Então, é só uma coincidência que um tenente do Exército Vermelho apareça aqui na noite em que os soldados do Exército Vermelho fazem o mesmo? – A voz de Dragon estava pesada com uma fúria mal controlada. – Você sabe quantos inocentes estão aqui? Dezenas! Eles estão espalhados ao nosso redor em esconderijos de caça. Humanos *e* novatos azuis. Alguns são… apenas crianças. Todos procurando segurança e liberdade, e eles vão perder a vida esta noite. Por sua causa!

– Não! – Vovó Redbird gritou. – Kevin estava comigo. Ele está dizendo a verdade! Eu juro pela minha vida.

Dragon se dirigiu apenas a Kevin.

– Ela vai morrer hoje também. De uma maneira horrível. E, se eles deixarem sobrar algo, ela vai acordar como uma máquina de comer, voraz e irracional. A sua alma só pode estar completamente repleta de Trevas para fazer uma coisa dessas.

Kevin virou a cabeça para o outro lado, incapaz de olhar para a sua avó.

– Sinto muito, Vó. Eu nunca deveria ter deixado você me trazer aqui. Eu sabia que era perigoso demais. Eu devia ter espionado Neferet como você me disse para fazer e deixar que você viesse falar com a Resistência no meu lugar. Eu sinto muito, muito mesmo.

– Eles estão vindo pela trilha oeste! – Um vampiro azul que Kevin não reconheceu arrastou-se pelos últimos metros montanha acima até chegar onde eles estavam.

– Apaguem todas as chamas! – Dragon virou a cabeça para olhar para a sua companheira. – Meu amor, leve os inocentes até lá embaixo pela parte de trás da montanha. Pode ser que eles não nos tenham cercado. – O seu olhar duro encontrou Kevin de novo. – O resto de nós vai ficar aqui e ganhar tempo para que vocês escapem.

– Não. Eu não vou deixar você – Anastasia falou baixo, mas com firmeza. – Sylvia está acostumada com a natureza de Oklahoma. Ela pode guiar os inocentes. Eu vou ficar com o meu companheiro. Eu também sei empunhar uma espada, e prefiro morrer a seu lado.

Kevin viu a dor que atravessou os olhos de Dragon Lankford e o desespero que curvou os seus ombros, e ele não conseguia aguentar aquilo.

*Que diabos Zoey faria?*

Ele sabia o que ela não faria. Zoey Redbird – a Grande Sacerdotisa que comandava a Morada da Noite de Tulsa com força e honestidade – *não* iria desistir.

– O sangue da minha companheira vai estar nas suas mãos – Dragon triturou as palavras por entre dentes cerrados. – E depois de acabar com você, que tipo de recepção você acha que Nyx vai lhe oferecer? Essa é a parte boa de morrer. Eu vou estar lá, no Bosque da Deusa, para testemunhar a punição de Nyx.

Enquanto falava, Dragon pressionou a espada com mais força contra o pescoço de Kevin.

Kevin reagiu automaticamente. Ele se jogou para trás, gritando:

– Eu faria qualquer coisa para consertar isso! – As suas costas feridas arderam quando ele colidiu com a parede de pedra da caverna, abrindo os poucos pontos que Anastasia já tinha dado. Kevin cambaleou e caiu, enquanto o sangue escorria pelas suas costas e manchava as pedras.

Instantaneamente, houve uma mudança tão grande no ar que penetrou a fúria de Dragon. Ele congelou com a espada sobre a cabeça, pronta para dar um golpe mortal.

Depois de tudo isso, Kevin pensou que foi semelhante ao modo como o ar ficou em volta da fenda entre o seu mundo e o de Zo, mas, naquele momento, tudo que ele conseguiu fazer foi ficar olhando boquiaberto quando seres etéreos começaram a se materializar ao redor dele. Alguns se ergueram das rochas de arenito da caverna. Alguns desceram dos céus, como penas flutuando até o chão. Outros ainda pereceram emergir de dentro da casca dos carvalhos antigos, cheios de nós, pendurados precariamente no precipício ao redor deles.

Eles eram muito diferentes entre si. Muitos pareciam um cruzamento entre folhas caídas e borboletas. Então uma leve rajada de vento soprou e eles mudaram de forma, tornando-se repentinamente belas mulheres aladas. Algumas lembravam beija-

flores, só que tinham cabeças delicadas de mulheres incrivelmente bonitas e de homens lindos. Alguns pareciam fogos de artifício de Quatro de Julho, só que menores e translúcidos. Vários tinham forma de vaga-lumes… grandes e lindos vaga-lumes que não deviam estar esvoaçando por aí em pleno inverno. E outros ainda pareciam sereias e águas-vivas cintilantes.

Todos estavam descendo sobre Kevin.

– *Magia Antiga! Magia Antiga!* – grasnou o corvo, empoleirado no ombro de Anastasia.

A bela Sacerdotisa de repente estava agachada ao lado de Kevin, observando as criaturas com curiosidade e reverência.

– Sim, Tatsuwa! Esses espíritos *são* Magia Antiga. Nunca pensei que veria um, já que a Magia Antiga quase desapareceu do mundo.

Uma figura com asas de borboleta, que era uma mulher voluptuosa do tamanho aproximado da mão de Kevin, inteiramente nua, exceto por um vestido feito de brilho, esvoaçou até ele, concedendo um olhar suplicante.

– O-o que eles querem? – Kevin gaguejou.

– Você os invocou. Pergunte a eles – ela disse.

– Hum, o que vocês querem? – Kevin perguntou inseguro para o espírito flutuante.

*“Nós aclamamos o chamado.*
*Vosso sangue é verdadeiro.*
*Qual é o vosso desejo*
*Que devemos realizar?”*

Kevin não hesitou.

– Escondam-nos! Não deixem que os vampiros que estão subindo a montanha encontrem nenhum de nós que já estamos aqui em

cima – ele fez uma pausa e então acrescentou: – Por favor.

*“Se fizermos isso por vós,*
*O que fará por nós?”*

Kevin abriu a boca para responder, mas Anastasia colocou a mão no seu braço e o deteve. Imediatamente, ela sussurrou:

– Tome cuidado. A Magia Antiga é poderosa. E também nunca é gratuita.

– O que você acha que eles querem? – Kevin sussurrou de volta.

– Os espíritos são ligados aos quatro elementos físicos: ar, fogo, água e terra. Encobrir esta montanha deve ser uma tarefa fácil para eles. Ofereça o seu sangue, mas apenas a quantidade que você já verteu.

Kevin limpou a garganta e então respondeu ao espírito cintilante.

– Eu vou pagar vocês com o meu sangue, mas apenas o sangue que eu já derramei. Isso é o suficiente para nos manter a salvo?

O espírito rodopiou no ar e foi cercado por todas as outras diferentes criaturas. Kevin podia ouvir que elas estavam murmurando, mas as palavras eram estranhas. Não como outra língua, mas como um modo diferente de pensar e de formar sons.

Então ela flutuou até pairar acima dele de novo.

*“Nós aceitamos vosso preço esta noite*
*Já que vosso sangue é forte com a Luz.*
*Nós selamos este acordo convosco.*
*E é dito – que assim seja!”*

Quando Tatsuwa grasniu um lamento, Anastasia se afastou rapidamente do caminho, juntando-se a Dragon, que estava a poucos metros de Kevin, com a espada ainda desembainhada, enquanto os espíritos cobriam o jovem vampiro vermelho. No início

Kevin se contraiu, esperando que eles causassem ainda mais dor do que ele já tinha suportado aquela noite, mas o toque deles era estranhamente suave, como chuva fria caindo em uma floresta em chamas. Os espíritos também cobriram toda a parede rochosa da caverna, o chão de terra ao redor dele e até a ponta da espada de Dragon – qualquer lugar onde houvesse uma gota salpicada do seu sangue. Enquanto bebiam, os seus corpos resplandeciam com luz e cor, e eles fizeram tantos sons de estalos e gorjeios animados que fizeram Kevin sorrir.

Então, com a mesma rapidez com que haviam surgido, eles desapareceram.

E a noite ao redor deles mudou totalmente.



## Outro Stark

Começou de modo inocente. Stark sentiu a direção da fria brisa da noite se alterar e se acentuar. Ele estava suando por causa da subida da montanha, então o seu rosto úmido registrou instantaneamente a mudança e ele estremeceu, apertando o passo.

E então o céu da noite começou a cuspir gelo.

Stark escorregou em uma pedra, subitamente lisa com o gelo, tão escura quanto a floresta ao redor deles, e teve que girar os braços para não cair. Ele abaixou a cabeça, protegendo-se da chuva fria, e diminuiu o ritmo.

Depois disso a névoa começou, vinda de lugares mais baixos ao redor deles, e erguendo-se das entranhas da montanha. Atrás dele, alguém gritou alto, e alguns instantes depois, Dallas estava ofegante ao seu lado.

– Senhor, os homens estão escorregando. Um dos soldados acabou de cair e espatifou a cabeça contra uma pedra.

Caminhando com dificuldade, Stark parou.

– O tempo virou. Eu devia ter conferido a previsão antes de sair da Morada da Noite.

– Senhor, eu conferi – Dallas disse, enxugando o rosto com as costas da manga do seu casaco encharcado. – A previsão era de frio e tempo firme.

– Isso que dá escutar Travis Meyer e o *News on Six* – Stark resmungou. – Bom, diga aos oficiais vermelhos para levarem os seus soldados de volta para os utilitários. Você e eu vamos em frente, continuar vasculhando até o topo da montanha para que eu tenha certeza…

Um grupo de vaga-lumes incrivelmente grandes saiu voando de dentro da névoa, esvoaçando rapidamente na chuva de gelo ao redor como se fossem crianças brincando em uma fonte. Stark ficou olhando fixamente para eles através do gelo, da chuva e da neblina enquanto os seus corpos de inseto se alteravam para corpos de mulheres nuas e depois novamente para insetos.

Stark sentiu o seu sangue ficar tão frio quanto o gelo que caía.

– Magia Antiga – ele falou baixo.

– O que foi, senhor? – Então os insetos incandescentes atraíram a visão de Dallas. – Ei, vaga-lumes! Merda, que coisa estranha.

– Não são vaga-lumes. São espíritos. Vamos recuar, Dallas. Diga aos soldados que estamos indo embora. Agora!

Dallas olhou confuso para Stark, mas saiu apressado para fazer o que ele ordenou. Stark fez uma pausa só por um segundo antes de segui-lo trilha abaixo.

Os espíritos eram realmente espetaculares – tão bonitos quanto haviam sido descritos nos tomos antigos que o seu professor de Feitiços e Rituais insistiu que a sua classe avançada lesse, de ponta a ponta. Stark havia ficado imerso na aula de Feitiços e Rituais, principalmente porque ele adorava ler. A metade final do último livro mais avançado usado na aula era dedicada à Magia Antiga e principalmente aos espíritos elementais.

Stark vasculhou a memória enquanto se afastava devagar da nuvem cintilante de criaturas. Os espíritos eram poderosos, mas tão instáveis quanto a Magia Antiga que os constituía – em outras palavras, eles podiam ajudar você em determinado momento, e se voltar contra você no instante seguinte.

*O que Dallas falou sobre esta montanha? Era uma terra ancestral da Nação Creek.*

– Faz sentido – ele murmurou para si mesmo enquanto continuava o caminho de volta, relutante em desviar o olhar dos espíritos. *Eles devem ter sido protetores da terra, aliados da Nação Creek quando os indígenas viviam no local, e não compreendem que o mundo mudou, seguiu em frente. Eles ainda continuavam protegendo a terra.*

Ele alcançou a fila de retirada, ordenando aos soldados que andassem o mais rápido possível para sair daquela terra. Dallas correu na frente deles, controlando a eletricidade o suficiente para que o grupo passasse sobre a cerca novamente. Na hora em que Stark chegou ao utilitário e Dallas manobrou o veículo líder em que eles estavam para voltarem para Tulsa, a estrada estava quase intransitável por causa do gelo.

– Senhor, o que diabos aconteceu lá em cima? – Dallas perguntou.

– A confirmação de que nenhum membro da Resistência anda rondando por aquela montanha. Magia Antiga com esse tipo de proteção não admite intrusos. Aquela mulher, Tina, é dona de toda a montanha?

– Sim, senhor.

– Ela deve ter sangue Creek. É por isso que os espíritos a deixam zanzar por ali, fingindo procurar por intrusos – Stark bufou. – Intrusos, caramba! Eu detestaria ver o que a Magia Antiga faria com qualquer um que invadisse aquela terra.

– Bom, pelo menos nós sabemos que os habitantes não estão mentindo – Dallas disse. – Não sei quase nada sobre Magia Antiga, mas eu vi aqueles insetos. Eles brilhavam como luzes. Deve ser isso que as pessoas falaram que viram lá em cima.

– Só pode ser. – Stark hesitou. – Foi só isso que você viu? Apenas insetos brilhantes grandes?

– Sim, isso não é estranho o suficiente?

– É sim – Stark respondeu, perguntando-se por que ele se sentia aliviado por Dallas não ter visto os espíritos se transformando em formas semi-humanas.

– Bom, parece que a gente não tem que se preocupar em vigiar aquela montanha. Ótimo. Muitos espinheiros malditos, pedras e coisas assim para o meu gosto. Além disso, eu odeio o campo. Sou um cara da cidade.

– Tenente, quero que você mantenha a boca fechada sobre o que nós vimos lá em cima. A última coisa que precisamos é de um bando de novatos idiotas pensando que seria uma aventura ir até lá para dar uma olhada na Magia Antiga.

– Como quiser, senhor, mas não pareciam perigosos. Eles parecem vaga-lumes anormalmente grandes, até são bem

bonitinhos.

– Dallas, só um daqueles insetos bonitinhos tem a capacidade de devorar você inteiro… e eu quero dizer *você inteiro mesmo.* Os espíritos conseguem drenar almas tão facilmente quanto drenam sangue.

– Pelas tetas de Nyx! Você está brincando?

Stark deu um olhar duro para ele.

– Parece que estou brincando com você, Tenente? E nunca mais use o nome da Deusa dessa forma perto de mim de novo.

– Sim, senhor. Desculpe, senhor.

– Cale a boca e dirija.

O tenente obedeceu, deixando o seu general contemplando a noite.

*A Magia Antiga já deveria ter desaparecido quase completamente do mundo. Os livros dizem que ela só pode ser encontrada na Ilha de Skye, e ninguém tem permissão de entrar lá há séculos.* Stark não conseguia imaginar o que os espíritos estavam fazendo ali. O fato de ser uma terra de indígenas americanos que eles ainda estavam protegendo fazia sentido.

Ainda assim não explicava o porquê de estarem despertos e ativos o bastante para serem vistos por habitantes humanos do local.

*Será que isso tem alguma coisa a ver com a guerra de Neferet?*

Um arrepio de mau pressentimento desceu pela coluna de Stark, mais frio do que o gelo que parou de cair assim que saíram da Lone Star Road.

Stark tinha certeza de que ele sabia a resposta para a sua pergunta. O que ele não sabia era se era um bom ou mau sinal que

os espíritos estivessem ficando ativos. Ele também não sabia que diabos fazer com a sua descoberta.

O seu dever era reportar isso a Neferet, mas Stark era um Guerreiro Filho de Erebus juramentado antes de se tornar general de Neferet, e o seu primeiro dever de lealdade era com a Deusa Nyx.

A verdade secreta que Stark mantinha escondida lá no fundo era que ele não confiava em Neferet, nem concordava com a guerra dela.

Claro, ele fazia parte de um grupo muito grande e firme de vampiros azuis que exigiam um melhor tratamento para os humanos. Antes da guerra, ele estava farto daquela besteira de separados-mas-iguais que os políticos humanos empurraram para cima deles por tanto tempo. Ele até apoiou o começo da guerra de Neferet, mas depois de poucos meses ficou óbvio que Neferet nunca quis criar uma ordem mundial onde todos fossem iguais. Neferet queria mandar e subjugar todos os humanos.

Stark não era um vampiro vermelho. Ele tinha princípios morais. Ele manteve a sua humanidade. E ele não era um assassino. Ele era um Guerreiro, que jurou proteger a Grande Sacerdotisa que recebeu de Nyx o dom de liderar a nação dos vampiros.

Mas e se os boatos fossem verdadeiros? E se Neferet não fosse mais uma seguidora de Nyx, e se a Deusa realmente tivesse se afastado da sua Grande Sacerdotisa?

– Eu rezo a Nyx por um sinal… – Stark murmurou para o seu reflexo no vidro escurecido.

– Senhor? Disse algo?

– Só estou falando comigo mesmo – Stark respondeu. Ele fechou a boca, mas o sussurro na sua mente não parou.

*Eu tenho rezado por um sinal de que Neferet está seguindo a vontade da Deusa. Isso foi um sinal? Ou a aparição da Magia Antiga é uma indicação do contrário?*

Stark esfregou a testa, odiando aquela dor de cabeça que estava aumentando. Até ele ter certeza de que Neferet havia renunciado Nyx, ele iria cumprir o seu dever. Ele iria proteger a sua Grande Sacerdotisa.

No entanto, ele também manteria a sua mente e os seus olhos bem abertos e, pelo menos por enquanto, não contaria a ninguém sobre os detalhes mágicos do que tinha acontecido na montanha aquela noite.

# 8

## Outro Kevin

– Eles bateram em retirada! Todos eles! – um vampiro azul alto e loiro entrou correndo na pequena caverna, tirando gelo de uma tatuagem de adulto formada por nós celtas, enquanto se aproximava de Dragon.

– Cole, você tem certeza? – Dragon perguntou.

– Sim. Estava uma confusão lá fora, mas eu vi o que aconteceu. Foi bem lá no nosso primeiro posto de controle. Um bando de coisas que pareciam vaga-lumes saiu da neblina na frente do General Stark. Ele imediatamente ordenou a retirada. Não consegui chegar perto o bastante para entender o que ele estava dizendo, mas eu ouvi claramente as palavras *Magia Antiga*, e deu pra ver que ele parecia assustado. Pra valer.

– Oh, graças à Deusa! – Vovó Redbird desabou no chão de pedra bruta da caverna.

– Vó! Você está bem? – Kevin tentou ir até ela, mas as suas pernas se recusaram a funcionar, e ele não conseguiu fazer muito mais do que encostar dolorosamente contra a parede da caverna.

– Sylvia? – Anastasia começou a se afastar de Kevin para ir até a velha senhora, mas Vovó Redbird levantou uma mão para detê-la.

– Eu estou bem. Só precisava sentar. Acho que o meu pico de adrenalina já passou. Por favor, cuide do meu neto e não se preocupe comigo. – Ela abraçou a si mesma e estremeceu.

– Meu amor, você acha que nós podemos acender pelo menos algumas fogueiras de novo? – Anastasia perguntou para Dragon.

O Mestre da Espada olhou para o gelo e a névoa que ainda encobriam a montanha.

– Sim. Se eles voltarem, não será hoje. As estradas estarão intransitáveis e a neblina é excelente para ocultar as fogueiras. Acendam aquela no fundo da caverna. Cole, vá até os esconderijos de caça e diga a todos que é seguro manter as fogueiras acesas enquanto o gelo e a neblina durarem – Dragon disse, e Cole desapareceu na noite. Então Dragon encarou Kevin. – Deu certo. Os seus espíritos nos salvaram.

Kevin deu de ombros e fez uma careta de dor.

– Eles não são *meus* espíritos, na verdade. Eles só gostam do meu sangue.

– Porque o seu sangue contém o poder dos seus ancestrais, que já foram parte desta terra e destas rochas – Sylvia Redbird afirmou. – E porque é um sangue bom e honesto, não manchado por mentiras e ódio. Você acredita agora, Dragon Lankford?

– Eu acredito que o seu neto nos salvou, mas ainda há a questão sobre como o Exército Vermelho sabia que nós estávamos aqui e por que eles vieram na mesma noite que Kevin.

– Eu não posso responder nenhuma dessas perguntas agora – Kevin disse. – Não enquanto estou aqui. Mas eu posso conseguir respostas para todos nós de dentro da Morada da Noite.

– Você acha que eu deixarei você ir embora?

– Não. Eu acho que você me deixará lutar com vocês. Eu quero fazer parte da Resistência. Eu quero espionar para vocês… para nós.

– Impossível! – Dragon exclamou.

– Por que é impossível, Bryan? – Anastasia se agachou ao lado de Kevin de novo, reexaminando as suas costas, enquanto o seu corvo encontrou um poleiro na parede escarpada da caverna.

Kevin achou que os olhos negros do corvo pareciam tão céticos quanto os de Dragon.

– Ele é um vampiro vermelho! Ele não pode fazer parte da Resistência. Nós estamos combatendo a espécie dele.

– Vocês não estão combatendo a *minha* espécie – Kevin argumentou. – Não há ninguém mais da *minha* espécie neste mundo, e é por isso que eu sou o espião perfeito. Ninguém na Morada da Noite vai prestar atenção em um tenente do Exército Vermelho. Eles não dão a mínima para nós, exceto para nos considerar descartáveis. Eu posso ir a qualquer lugar, ouvir o que qualquer um fala… e eles nem vão notar.

– Você também pode ser promovido a general do Exército Vermelho e ter um esquadrão de homens seguindo suas ordens. Por que você escolheria se colocar em risco? – Dragon perguntou.

– Porque *eu* sou uma pessoa decente! – Kevin desabafou. – Afe, o que há de errado com você? Qualquer um que não seja um monstro ou um idiota ambicioso faria o mesmo.

– Isso não é verdade, Kevin. – Anastasia pousou uma mão suave em seu ombro. – Há muitas pessoas que nós chamaríamos de decentes, tanto vampiros quanto humanos, que não farão nada

além de ficar sentados nos bastidores, balançando a cabeça para o estado do mundo.

– Bom, eu acho que, se você é uma pessoa decente e não se levanta contra monstros, então você é pior do que eles – Kevin disse. Ele virou a cabeça e encontrou os olhos azuis inconfundíveis de Anastasia. – Pode ir em frente e começar a me costurar de novo. Estou pronto como jamais estarei.

Ela sorriu gentilmente para ele.

– Isso não vai ser necessário. Não depois de a Magia Antiga ter feito o trabalho. – Anastasia indicou com um gesto as costas dele.

Kevin esticou cuidadosamente o pescoço e encontrou uma cicatriz sensível e elevada e pele limpa onde apenas alguns minutos atrás havia um corte profundo e sangrento.

– Mas isso é impossível!

– Aparentemente, não. Quando os espíritos beberam o seu sangue, eles também tocaram todo o seu ferimento, e o toque deles o curou. Porém, não completamente. Você vai ficar fraco, dolorido e sensível por um tempo, e você vai ficar com uma cicatriz grande e horrível, mas você não precisa mais da minha habilidade em dar pontos.

Vovó Redbird se aproximou de Kevin, inclinando-se para examinar suas costas nuas.

– Isso é extraordinário! *U-we-tsi*, os espíritos realmente fecharam o seu corte.

– Hum – foi tudo que Kevin pensou em dizer.

– Isso diz algo a você sobre o caráter dele? – Dragon perguntou à sua companheira.

– Só que os espíritos gostam dele e, já que eles são neutros, nem bons nem maus, isso não quer dizer muita coisa – Anastasia

respondeu. Então ela se levantou e pegou as mãos calejadas pela espada do seu companheiro. – Bryan, acredito que nós já conhecemos o caráter de Kevin. Ele definitivamente não é como os outros vampiros vermelhos. A gente devia confiar nele – ela afirmou, e Dragon abriu a boca para responder, prestes a protestar, mas as palavras de Anastasia o silenciaram. – Ele é diferente. A sua humanidade está intacta. E ele conseguiu brandir a Magia Antiga. Nem mesmo Neferet consegue fazer isso.

– Ainda – Kevin disse.

Dragon se virou para ele.

– Explique esse *ainda.*

– No mundo da minha irmã, eles de fato derrotaram Neferet, mas não conseguiram matá-la porque ela se tornou imortal.

Anastasia arfou em choque.

– Ela aprendeu a brandir a Magia Antiga!

– Vó, você está com o diário?

Ela assentiu levemente e indicou o local onde os mantimentos do Polaris tinham sido empilhados, no fundo da pequena caverna.

– Estou. Está na cesta que eu enchi de cookies.

– Eu trouxe uma cópia do diário que Neferet escreveu quando ainda era humana. É do mundo da minha irmã, mas nele há provas de que a Magia Antiga vem influenciando Neferet desde que ela era criança.

– E o fato de o diário ter sido escrito por outra versão de Neferet não significa que não tenha relevância para nós – Vovó disse. – Como Kevin já explicou, quem nós somos em cada mundo permanece essencialmente igual. São apenas as nossas experiências que mudam. Eu vou dar o diário a vocês. Façam cópias dele. Repassem para os outros. Todos nós devemos lê-lo

para obter o máximo de informação possível a respeito de maneiras de combater o mal de Neferet.

– Concordo. Precisamos de toda a ajuda que conseguirmos, principalmente se essa ajuda vem na forma de um jovem vampiro que nos traz informações e também consegue brandir Magia Antiga – Anastasia disse.

Dragon suspirou fundo e foi até Kevin, agachando-se ao lado dele, da mesma forma que a sua companheira tinha feito.

– Eu não gosto de ser colocado em uma posição na qual preciso confiar em um inimigo.

– Eu não sou seu inimigo.

– Prove.

– Acabei de tentar provar – Kevin respondeu. – E vou continuar tentando provar isso a vocês. Eu vou para a Morada da Noite espionar para vocês. Vou contar tudo que eu ouvir por lá. Vou ajudar de todas as formas que eu puder.

– O meu neto está falando a verdade, Dragon. Você vai ver – Sylvia Redbird disse, batendo os dentes de frio.

– Vó, você tem que ir para o fundo da caverna onde está a fogueira.

– Eu estou bem aqui. Tem muita fumaça lá atrás.

– Garoto, se você quer fazer algo para cair nas minhas graças, pense em um jeito de fazer com que a Magia Antiga nos ajude a tornar esta caverna habitável – Dragon falou baixo, mais para a noite do que para Kevin, quando se levantou e encarou a chuva congelante e a névoa lá fora.

Kevin olhou para a sua avó e para Anastasia.

– Vocês acham que eu poderia mesmo fazer isso? Conseguir que os espíritos ajudem a deixar esta caverna maior e melhor?

– Claro que sim – Anastasia respondeu sem nenhuma hesitação. – Como eu disse quando eles apareceram, espíritos estão sempre ligados aos elementos, e a terra é um dos elementos. Não seria um exagero imaginar espíritos da terra moldando uma caverna no seio desta montanha.

– Beleza! Eu vou só chamar os espíritos e perguntar a eles…

– Lembre-se, Kevin, você nunca deve abusar da Magia Antiga de modo impertinente – Anastasia o interrompeu. – É uma das magias mais poderosas do mundo… e também uma das mais imprevisíveis.

– Mas os espíritos fizeram exatamente o que eu pedi – Kevin falou.

– Ah, eles sempre mantêm a palavra, desde que sejam pagos. O problema vem com o pagamento – Anastasia disse.

– Por favor, explique – Vovó Redbird pediu.

– É simples *e* complicado. Simples porque os espíritos concordam com um pagamento por um serviço. Quando é algo parecido com o que acabaram de fazer, uma tarefa específica por um favor específico, tudo normalmente corre bem. Quando o pagamento não é executado imediatamente é que você pode se meter em encrenca, e eu quero dizer uma encrenca profunda envolvendo sua alma, que pode, inclusive, ser fatal.

– Se eu entendi bem o que você disse, então Kevin deveria concordar apenas com um pagamento que seja imediato e muito específico, certo? – Vovó Redbird perguntou.

– Bem, sim e não. Mesmo dessa forma, ele ainda pode ter problemas. Essa é outra parte complicada do processo. Os textos ancestrais alertam que usar tanto poder é perigoso e pode ferir o vampiro que o está brandindo.

– Mas eu já tenho afinidade com os cinco elementos. Assim como a minha irmã no outro mundo que eu acabei de visitar. Ela é uma boa Grande Sacerdotisa, das boas mesmo. Ela derrotou Neferet. Eu realmente acho que ela não foi ferida por isso.

– As afinidades elementais são concedidas por Nyx e, portanto, elas não são Magia Antiga. É impressionante que você tenha essas afinidades, juntamente com seu sangue cherokee. Deve ser esse o motivo pelo qual os espíritos ouviram o seu chamado – Anastasia disse. – E em relação ao que os textos querem dizer quando falam que o vampiro pode ser ferido por lidar com esse poder… sinto muito por simplesmente não ter conhecimento suficiente para explicar melhor. Eu nunca vi Magia Antiga antes, nem ninguém que pudesse invocá-la. Tudo que eu sei é o que li em textos antigos.

– Bom, estou querendo arriscar e usá-la, pelo menos mais uma vez. Você acha que eles vão me ouvir de novo?

Ela deu de ombros.

– Eu não posso responder isso, Kevin. Nem posso responder se você *deveria* invocá-los de novo. Eu não conheço a natureza da sua alma. Eu não sei o quanto você é suscetível às Trevas.

– Eu conheço – Vovó Redbird afirmou. – A alma dele é boa. Boa de verdade. Ele não será sujeito às Trevas, ao ódio nem ao mal. Mesmo antes de Nyx restaurar a sua humanidade naquele outro mundo, ele combateu a fome e a insanidade que muitos de nós estão chamando de Maldição Vermelha. *U-we-tsi*, eu acredito que você pode ajudar a endireitar o equilíbrio entre Luz e Trevas porque você *pode* brandir Magia Antiga. Mas não se esqueça das palavras de Anastasia: o pagamento tem que ser específico e feito imediatamente.

– Eu vou me lembrar disso. Prometo. Mas, hum, vocês acham que eu tenho sangue o suficiente agora para isso?

– Não, você não tem – Anastasia respondeu.

– Eu tenho uma ideia para um pagamento alternativo. – Vovó levantou a mão e a colocou sobre a bolsinha que fazia uma protuberância embaixo da sua blusa.

– Espere aí, não. Você não pode dar a sua bolsa medicinal – Kevin disse.

– Posso e vou. As minhas *duas* bolsas medicinais.

Kevin colocou a mão sobre a réplica que repousava no meio do seu peito.

– Não sei, Vó. Será que é uma boa ideia abrir mão do seu poder assim?

– Ah, *u-we-tsi*, uma bolsa medicinal não tem poder por si só. Ela apenas simboliza o poder de quem a fez. E eu posso simplesmente fazer outra, assim como provavelmente a Outra Sylvia Redbird fez no mundo de Zoey – ela puxou a bolsa com miçangas debaixo da sua blusa e levantou a tira de couro por sobre a cabeça, entregando-a para Kevin. – Invoque os seus espíritos.

Kevin pegou a bolsa medicinal depois de apertar a mão fria de sua avó, e então ele levantou os olhos para Dragon.

– Pode me ajudar a ficar em pé?

O poderoso Guerreiro segurou o cotovelo de Kevin, erguendo-o. Kevin ficou em pé, cambaleando levemente quando pontos brilhantes apareceram na sua visão, mas ele logo se estabilizou. As suas costas estavam sensíveis e doloridas de um ombro a outro, mas a sua tontura passou. Ele não ia conseguir correr uma maratona, mas tinha certeza de que não iria cair. De novo.

Então ele percebeu que não tinha a menor ideia do que fazer em seguida.

– Hum, Anastasia, como eu invoco os espíritos?

– Quando eles vieram até você antes, foi na hora em que você tinha aberto o seu ferimento, então estava sangrando bastante, e você tinha acabado de dizer algo sobre querer consertar as coisas.

– Então, você acha que eu deveria me cortar de novo e depois chamá-los?

– Eles já não estão aqui? – Vovó fez um gesto indicando a noite gelada lá fora. – Você não pode simplesmente pedir que eles voltem até você?

Kevin olhou questionador para Anastasia, que deu de ombros e assentiu.

Ele estalou as juntas dos dedos e balançou as mãos enquanto se movia para mais perto da entrada da caverna. Kevin limpou a garganta, respirou fundo e abriu a boca para gritar sabe-a-Deusa-o-quê, mas hesitou. *Talvez eu deva pensar antes de falar… ou, mais especificamente, deva rezar.* Kevin fechou a boca. Fechou os olhos. E baixou a cabeça.

*Por favor, me ajude, Nyx. Isso tudo está muito acima da minha capacidade… e não estou falando só dos espíritos. Eu quero ajudar a Resistência, mas sou só um garoto. Não sou nem tão velho quanto a Zo, nem tão experiente. Eu prometo que vou tentar fazer a coisa certa e seguir o caminho que você quer que eu siga. Você pode me dar uma ajudinha para que eu continue seguindo esse caminho?*

Kevin levantou a cabeça e encarou o gelo e a névoa mágica que tinham afastado Stark.

– Espíritos da água nos protegeram com gelo e névoa… – ele murmurou para si mesmo, pensando em voz alta. – E os espíritos são ligados aos elementos. – Kevin pensou bastante. E então ele deu um suspiro gigante. – Espíritos da terra!

Sorrindo, ele se virou e encontrou os olhares confusos que Anastasia, Dragon e sua avó estavam dando na sua direção.

– Acho que descobri! – Ele encarou a noite de novo e, com mais confiança do que sentia, falou com uma voz alta e clara. – Espíritos do ar, fogo, água e terra, eu sou Kevin… – ele hesitou um instante. E então ele sabia exatamente o que precisava dizer e como tinha que dizer. – Eu sou Kevin Redbird e, com a minha afinidade concedida pela Deusa e pelo meu direito de sangue, o mesmo sangue que pulsou forte nas veias daqueles que foram protetores desta terra, eu invoco vocês, principalmente aqueles que são espíritos elementais da terra! Espíritos que já estão por aí na montanha, por favor, venham até mim!

Foi como se a noite inspirasse fundo, segurasse o fôlego e então, ao expirar, soltasse a magia. Anastasia e Vovó Redbird arfaram quando uma revoada de espíritos, alterando a sua forma de vaga-lumes para fadas aladas, subiu voando desde a parte de baixo da montanha até o alto. Eles pairaram diante da caverna, iluminando a noite gelada, de modo que Kevin pôde ver claramente as rochas enormes que pontilhavam a área íngreme ao redor deles começarem a brilhar. Então figuras emergiram, como se elas estivessem encolhidas dentro das pedras dormindo, aguardando o chamado de Kevin. Eles eram maiores do que os espíritos vaga-lumes – tinham o tamanho aproximado de uma criança de um ou dois anos. Os espíritos da rocha eram inacreditavelmente lindos. Pareciam não ter um gênero definido; a pele dos seus corpos tinha

a aparência exata dos minúsculos veios de quartzo compacto que marmorizavam o arenito de Oklahoma de onde emergiram – brilhavam como se fossem acesos por dentro. Kevin percebeu que eles eram o que a princípio ele achara parecido com fogos de artifício de Quatro de Julho. Os seus pés delicados não tocaram o chão quando eles flutuaram na direção dele.

– *Magia Antiga!* – o corvo de Anastasia grasniu ao levantar voo da caverna.

Uma movimentação à sua direita e à sua esquerda atraíram a atenção de Kevin, e ele assistiu à casca nodosa dos carvalhos antigos e desfolhados pelo inverno ondular se levantando como ondas de calor de uma estrada asfaltada de Oklahoma no verão. De dentro das árvores, os espíritos se materializaram. Kevin teve que conferir se a sua boca não estava aberta (uma olhadela para Dragon mostrou que o Guerreiro estava de olhos arregalados *e* de boca aberta). Os espíritos das árvores eram as coisas mais perfeitas que ele já tinha visto desde que fora apresentado para Aphrodite no mundo de Zo. Eram todos femininos. A sua pele era de um marrom terroso como casca de árvore, mas, em vez de ser nodosa e antiga, parecia veludo. O cabelo flutuava ao redor de cada uma delas, caindo bem abaixo da cintura, em todos os tons de folhagens: o verde-limão brilhante da primavera, o jade forte do verão e o dourado avermelhado e fúcsia do outono. Elas eram tão únicas como as árvores de onde cada uma surgira. No começo, Kevin achou que os seus corpos eram cobertos de tatuagens, mas, quando elas se moveram graciosamente para mais perto, ele percebeu que elas eram, na verdade, cobertas por uma miríade de diferentes plantas da floresta – samambaias, cogumelos, flores e musgo – em vez de roupas.

Os diferentes tipos de espíritos elementais formaram um semicírculo em volta da boca da caverna, onde eles aguardavam silenciosamente na chuva congelante que ainda caía. A luz dos espíritos vaga-lumes atingiu o gelo que já tinha começado a cobrir a montanha, fazendo aquela pequena área brilhar como um diamante.

– Olá – Kevin disse, esperando que o sorriso enorme que ele não conseguia tirar do rosto não fosse inapropriado. – Hum, obrigado por terem vindo.

Um espírito da árvore foi mais para a frente. Ela era mais alta que as outras, e o seu cabelo era laranja, vermelho e dourado, como um poderoso carvalho no outono. O seu corpo era flexível, curvilíneo e mal coberto pela folhagem delicada de uma avenca.

– *Garoto Redbird, não esperávamos que você repetisse o seu chamado, principalmente porque as nossas crianças ainda estão cuidando do seu pedido.*

A voz dela era inesperada – agradável e doce, como a sombra de um velho carvalho em um dia quente de Oklahoma, mas também repleta de uma força que fez os galhos nus de todas as árvores próximas tremerem.

– Peço perdão. Eu não queria perturbar vocês – Kevin disse rapidamente.

– *Você nos entendeu mal. Não estamos reclamando. Só quisemos demonstrar surpresa. Nós não somos despertados há muitas eras. As crianças se divertiram esta noite.* – Ela ergueu uma mão, com a palma para cima, recolhendo o gelo de modo que ele revestiu a sua pele de veludo escura, deixando-a com a cor de cristal de quartzo esfumaçado. – *Embora a água possa ter sido exuberante demais.* – Ela chacoalhou o gelo da sua mão e do seu braço, e choveu ao redor dela, com as gotas faiscando na pálida luz

da lua. – *E elas realmente apreciaram o sabor do sangue indígena, por mais distante que seja a linhagem.*

Kevin escutou a sua avó dar um grunhido irônico atrás dele, mas a sua atenção continuou focada no espírito.

– As suas crianças nos salvaram hoje – ele disse. – Por favor, agradeça a elas por mim.

O espírito inclinou a sua cabeça para o lado, como um passarinho, analisando-o.

– *Você já agradeceu, Garoto Redbird, com o seu sangue. Você não precisava nos chamar para isso.*

– Essa não é a única razão pela qual eu chamei vocês. Eu esperava que vocês pudessem me ajudar de novo.

Os olhos dela, escuros e amendoados, faiscaram com um brilho que Kevin achou ser malicioso.

– *De qual outro serviço você precisa e qual o pagamento que você propõe, Garoto Redbird?*

– São duas coisas – Kevin respondeu. – Primeiro, nós realmente precisamos que esta caverna fique maior e melhor. Sabe, mais ou menos… – ele hesitou e deu uma olhada rápida para Dragon. Então sussurrou para o Guerreiro. – Quantas pessoas mais ou menos precisam caber lá dentro?

Dragon apenas ficou olhando para ele, ainda boquiaberto, mas Anastasia deu um passo à frente rapidamente.

– Seria adorável se a caverna pudesse abrigar cem pessoas.

Kevin pensou que aquilo parecia coisa demais para pedir, mas ele voltou sua atenção para o espírito da árvore e falou com muito mais confiança do que de fato sentia.

– Vai ser ótimo se a caverna for grande o bastante para abrigar cerca de cem pessoas.

O espírito nem piscou ao ouvir o número.

– *E o segundo serviço que você requisita?*

– O que as suas crianças fizeram por nós esta noite… escondendo-nos do Exército Vermelho e Azul… bom, hum, vocês poderiam continuar a fazer isso? Por favor? – ele disse. Como ela não respondeu, ele acrescentou: – Nós também temos nossas crianças e inocentes que precisam de um lugar seguro, e esta montanha seria perfeita se a caverna fosse maior. Eu prometo que nós vamos respeitar a montanha. Não vamos construir mais nada aqui, e vamos manter tudo completamente limpo e sem bagunça.

– *Ah, entendo. Você está pedindo santuário permanente.*

Atrás dele, Anastasia sussurrou alarmada.

– Pare, Kevin. Você está pedindo demais.

Kevin a ignorou. Ele já havia medido se estava brincando com a sorte com os espíritos, mas ele percebeu que tinha duas oferendas para eles, então ele podia também pedir por dois serviços.

– Sim. Eu estou pedindo santuário, na forma de uma nova caverna, e a sua proteção, mas não de maneira permanente. Eu só solicito essa proteção até que eu restaure o equilíbrio entre Luz e Trevas neste mundo. Então nós não vamos precisar nos esconder mais.

– *E o que você tem a oferecer como pagamento por esses serviços?*

Kevin ergueu a bolsa medicinal que estava em volta do seu pescoço e a segurou, junto com a bolsa gêmea, mostrando-as para o espírito. Ela foi para a frente, não exatamente flutuando, mas os seus pés descalços não mexeram no chão no qual eles pisaram. Ela chegou tão perto de Kevin que ele conseguiu sentir o seu cheiro – ela tinha todos os aromas do outono: a canela das folhas que caem,

o frescor acentuado do primeiro dia frio depois de um longo e quente verão, a riqueza das raízes grossas se estendendo para o fundo da terra fértil. Ao se dar conta de que a estava encarando, ele se sacudiu mentalmente quando ela pegou as bolsas.

O espírito levou as bolsas até seu rosto, cheirou-as e colocou a língua para fora, sentido o gosto de cada uma. Ela piscou os olhos, surpresa.

– *Elas são de mundos diferentes.*

– São – ele confirmou. – Pagamentos de dois mundos diferentes por dois serviços diferentes.

– *O seu pagamento é mais interessante do que poderoso. Vamos ver se é interessante o bastante.*

O espírito da árvore deu as costas a ele, voltando-se para os outros que se reuniram ao som do seu chamado em um semicírculo frouxo em volta da frente da caverna. Ela falou rapidamente com eles, usando a estranha linguagem que era mais música do que palavras.

Em resposta, um espírito de cada um dos diferentes grupos deu um passo à frente, fazendo uma série de assobios e sons de estalos parecidos. Depois que todos tiveram a sua vez, o espírito da árvore abaixou a cabeça de leve antes de se voltar de novo para Kevin. Quando ela falou, a sua voz entrou em uma cadência musical repetitiva que o fez lembrar as vozes que ele havia escutado quando os outros espíritos aceitaram o seu sangue mais cedo, só que desta vez o poder na voz do espírito fez uma pressão contra a sua pele como a ameaça de uma tempestade com raios e trovões.

*“Nós aceitamos este pagamento – esta magia*
*de mundos feitos em dois*
*Formada da sabedoria ancestral e dada*

*com amor para depois*
*Em troca –*
*A terra vai se mover*
*O ar vai escutar*
*A água será testemunha*
*E o fogo que aquece e impunha*
*Mas atenção ao meu comando, Garoto Redbird*
*Nem uma árvore viva deve destruir*
*Ou o nosso acordo irá para sempre ruir*
*E é dito – que assim seja!”*

Então o espírito da árvore abriu a boca de um jeito impossivelmente amplo, dando a Kevin uma visão desconcertante dos seus dentes brancos e afiados, e engoliu uma das bolsas por inteiro. Em seguida, com um movimento tão rápido que para Kevin foi só um borrão, ela atirou a segunda bolsa para o ar, onde ela explodiu. Pedaços dela começaram a cair junto com a chuva de gelo, e o tempo desacelerou quando os espíritos começaram a esvoaçar em volta, alimentando-se dos restos da bolsa medicinal de Vovó Redbird como um cardume de piranhas lindas, mas mortais. Durante todo esse processo, eles piaram, assobiaram e cantaram uma canção sem palavras, mas cheia de alegria.

O tempo acelerou de novo, e o espírito da árvore olhou para um local atrás de Kevin, onde Vovó Redbird estava parada em pé, do lado de dentro da entrada da caverna.

*– Mulher Sábia, a sua essência é deliciosa. Você controla o seu próprio tipo de poder da terra. Eu irei até você um dia, se alguma vez você precisar de mim.*

Vovó Redbird abaixou a cabeça em um reconhecimento respeitoso para o espírito antes de responder.

– Se algum dia eu tiver uma necessidade tão grande que estiver disposta a pagar o seu preço, eu invocarei você, adorável espírito da árvore.

– *Você e esse filho do seu sangue podem me chamar de Oak.*

Desta vez, quando sua avó abaixou a cabeça, Kevin a imitou.

– Obrigado, Oak – ele falou.

– *Você já me agradeceu. E o seu pagamento estava delicioso. Agora, o seu grupo deve sair da caverna enquanto nós trabalhamos.*

Dragon e Vovó Redbird saíram da caverna com Kevin, mas Anastasia fez uma pausa na boca da caverna para fazer um chamado lá para dentro.

– Shadowfax, Guinevere! Venham, vocês dois. Sei que está frio e molhado aqui fora, mas vocês têm que sair da caverna.

Lá do fundo, dois gatos emergiram: um gato maine coon enorme, com cara de descontente, e um gato elegante cor de creme que Kevin tinha quase certeza de que era um siamês. Ambos estavam com as orelhas grudadas nas cabeças enquanto caminhavam até Dragon para pular nos seus braços.

– Pronto. Agora, venha para trás com a gente, Anastasia.

A companheira de Dragon se juntou a eles, e Kevin colocou o braço ao redor de sua avó, tentando protegê-la o máximo que podia daquela chuva que congelava os ossos, mas ele ainda estava fraco e se viu cambaleando, a menos que se apoiasse com força nela. De repente Dragon passou os dois gatos para a sua companheira, e então estava ao lado de Kevin, agarrando o seu outro braço, estabilizando-o o suficiente para que ele conseguisse subir entre duas rochas, que quase os protegiam da umidade. Com Dragon de um lado e sua avó de outro, Kevin observou como, em menos tempo do que tinha levado para expulsar o Exército Vermelho da

montanha, os espíritos realizaram um milagre. E então, sem nem mais uma palavra, eles se dissolveram de novo em árvores, em pedras e na noite escura e fria.

# 9

## Zoey

– Só faz alguns dias desde que Kevin foi embora, mas sinto como se fossem meses. Por favor, Nyx, cuide dele e não deixe que ele se meta em muitos problemas. – Eu acendi a vela roxa e então a coloquei aos pés da maravilhosa estátua de Nyx que ficava como ponto principal do jardim entre os prédios da escola e o templo da Deusa. Sua chama tremulou ali, acrescentando a sua luzinha alegre às outras velas oferecidas, cada uma representando uma oração que tinha sido elevada à nossa Deusa.

Então eu dei um passo para trás e me sentei no banco esculpido em pedra ao lado da minha melhor amiga, Stevie Rae.

– Sim, Nyx, por favor, fique de olho no irmão de Z no Outro Mundo – Stevie Rae disse. – E eu entendo o que você quer dizer, Z. É esse tempo. Dois dias atrás a gente estava enterrado em neve, e hoje está fazendo quase vinte graus. Faz com que pareça que passou muito mais tempo. Ei, sabe o que é ainda mais estranho do que o clima de Oklahoma?

– Não, porque o clima de Oklahoma é a coisa mais estranha do mundo.

– Né? Mas a coisa ainda mais estranha é que eu sinto falta disso. Muita. Quer dizer, o clima de Chicago é bem louco também, mas não no nível daqui. Eu sinto falta do gelo, do vento e de como as tempestades aparecem do nada como um estouro da boiada que cai do céu.

– Aham – eu respondi automaticamente, com os olhos fixos no modo como a luz das velas brincava através da pele de mármore de Nyx, enquanto minha mente estava bem longe. Um mundo inteiro de distância, para ser mais precisa.

– Você ficaria surpresa com todas as coisas de que vai sentir falta quando sair de casa.

– Sim. – Meu olhar se desviou da estátua e se voltou para a noite perfeitamente clara e cheia de estrelas.

– Como carrapicho-de-carneiro. Sabe, aquele tipo que machuca quando você puxa o espinho para fora da pele e também quando ele entra em você.

– Aham.

– Ah, e carrapato. Eu *morro* de saudade de carrapato.

– Sim, eu também.

– Hum, Z. Você não.

– Certo.

– Zoey Redbird, pare de sonhar acordada!

Stevie Rae deu um cutucão no meu ombro. Com força.

– Ei! O que foi isso?

– Z, sério? O que eu acabei de dizer?

Eu mordi a bochecha.

– Hum, alguma coisa sobre lã? O que não faz muito sentido. Você está bem? Eu estava falando sério quando disse que você e Rephaim não precisam voltar para Chicago. Vocês não precisariam

ter ficado lá nesse último ano se eu soubesse que você estava triste.

Stevie Rae se virou no banco para me encarar.

– Zoey, você confia em mim, não confia?

– É claro que confio em você.

– Então, por favor, me conte o que tem de errado.

Eu suspirei.

– Não tem nada…

Stevie Rae levantou a mão rápido, com a palma para fora, com um sinal para parar.

– Não. Conte essa pra outro. Eu sei que é mentira e, depois de tudo que a gente passou, é quase ofensivo.

– Ei, você sabe que eu jamais ofenderia você de propósito – eu disse, sentindo-me péssima por ter feito minha melhor amiga se sentir péssima.

– Então me conte o que tem de errado.

Suspirei de novo.

– Estou preocupada com Kevin. Bem, com o Outro Kevin. Não o Kevin daqui. Na verdade, eu e ele vamos nos encontrar no Andolini's para comer uma pizza antes que as férias de inverno dele acabem.

– Só isso?

– Bom, sim. Quase. Quer dizer, nós ainda não sabemos o que fez todas as rosas ficarem escuras e nojentas antes da visão de Aphrodite, mas, se foi Neferet, eu esperaria que ela fizesse algo mais. Qualquer coisa mais do que isso. E os Guerreiros que fazem guarda na gruta dizem que nada mais aconteceu por lá.

– As rosas voltaram ao normal.

– O quê? Voltaram? Como você sabe disso?

Stevie Rae abriu o sorriso.

– O jardim de rosas é mais uma das milhares de coisas de Tulsa da qual eu sinto falta. Rephaim me fez uma surpresa noite passada e fomos dar um passeio pelos jardins depois de jantar no Wild Fork. Foi quando ele me deu isto. – Ela apalpou o colar de prata cintilando no seu pescoço. Pendurada na correntinha brilhante, havia uma réplica perfeita do estado de Oklahoma como um pequeno talismã.

– Own, que lindo. Eu nem tinha reparado. Desculpe.

– Z, tem muita coisa que você não está reparando nos últimos dias. Eu… eu queria que você me deixasse ajudar.

– Não há nada que você possa fazer. Eu só tenho que descobrir um jeito de parar de me preocupar com Kevin – *e de pensar em Neferet… na Neferet que está lá, no comando, provavelmente massacrando milhões de inocentes, assim como ela assassinou a Outra Zoey!* Mas eu não deixei a minha boca pronunciar essas palavras em voz alta. Se eu deixasse, tinha medo de não parar mais, de não parar de falar sobre Neferet, de não parar de pensar que eu precisava ajudar Kevin.

E além disso havia Heath. O Heath vivo. O Outro Heath, que estava de luto pela Outra Zoey, que eu havia acabado de ver Neferet assassinar.

– É só o Kevin? – Stevie Rae perguntou.

– Sim. Não.

– Hum, Z, qual dos dois?

– Não – eu disse com tristeza. – Também tem a idiota da Neferet e qualquer mal novinho em folha que ela está aprontando. Além disso, bom, tem Heath – então eu me esforcei para continuar rápido. – E a minha mãe. Ela está viva lá também. E tem Outra Vovó

Redbird. Você consegue imaginar como deve ter sido difícil a minha morte para ela?

– Z! Aí está você! – Kramisha chegou falando alto e usando um par de botas de salto vermelhas brilhantes na altura do joelho. – Chega pra lá, Stevie Rae. Eu tenho muito mais peso na minha bunda do que vocês duas, branquelas magrinhas.

Ela empurrou Stevie Rae com o quadril, que deslizou para mais perto de mim, e nós nos ajeitamos rápido para abrir espaço para Kramisha.

– Ei, eu não sou branca. Ou pelo menos não sou cem por cento branca – eu protestei.

– Desculpe. Esqueci que você tem um pouco de cor aí, Z. Mas a sua bunda ainda é pequena.

– Gostei das suas botas novas – Stevie Rae falou. – Elas têm a cor exata da sua peruca. Como você faz isso?

– Talento. Puro talento. E essas botas não são novas, mana. Mas este macacão colante de mulher-gato é. Que tal? Miau! – Ela fingiu dar um chiado de gato para Stevie Rae, que começou a rir.

– Kramisha, eu te amo! E senti falta tanto de você quanto de Tulsa – Stevie Rae disse.

– Você vai me amar mais ainda daqui a um segundo. Z, eu quero ir para Chicago.

– Hum? – eu perguntei. – Mas você mal começou a reconstrução do Restaurante da Estação.

– Olha só, todo mundo sabe que Damien e Outro Jack podem fazer um trabalho melhor do que eu nessa reconstrução. Z, *eles são gays.* E eles chamaram mais gays.

Eu revirei os olhos.

– Kramisha, isso é um estereótipo horrível.

– Diga que isso não é verdade que eu calo a boca. – Ela fez uma pausa e, como eu não disse nada porque, bem, Damien, Outro Jack e Toby, o diretor do Centro de Igualdade de Oklahoma, eram todos super incríveis em design de interiores, ela continuou. – Onde eu estava? Ah sim – Kramisha se virou para Stevie Rae. – Você quer voltar para Chicago?

– Bem, hum, não exatamente, não de modo permanente, mas Z e eu já falamos sobre voltar para Tulsa de vez assim que eu deixar as coisas organizadas na Morada da Noite de Chicago.

– "Organizadas" quer dizer "depois de escolher a sua substituta"? – Kramisha perguntou.

– Imagino que sim. Certo, Z?

– Claro. A menos que você já tenha alguém em mente, como Damien tinha – eu disse.

– Queria ter, mas não escolhi ninguém. Há algumas Grandes Sacerdotisas que têm potencial, mas ninguém que se destaque – ela falou.

– Eu vou fazer isso – Kramisha afirmou.

– Fazer o quê? Você está me deixando bem confusa, Kramisha. Vá direto ao ponto – eu pedi.

– Certo. A questão é que eu não posso voltar para a estação. Não agora. Eu preciso me dar um tempo. Eu… eu ainda consigo ouvir os gritos. – Kramisha fez uma pausa e tirou algumas mechas vermelhas e brilhantes do seu rosto com uma mão trêmula. – Stevie Rae é uma Grande Sacerdotisa vampira vermelha. Ela e Rephaim se encaixam bem na estação. Os novatos gostam deles, o que eu acho meio estranho, já que ele é um pássaro boa parte do tempo, mas que seja. Não gosto de julgar. – Ela deu de ombros. – E você sabe que sou boa em organizar tudo. Eu vou para Chicago e deixo

tudo organizado e encaminhado e, quando isso já estiver resolvido, talvez os gritos que eu ouço à noite já tenham sido resolvidos também, e então eu posso vir para casa de vez – Kramisha concluiu apressada.

– Eu não sabia – eu falei em voz baixa, estendendo o braço por cima de Stevie Rae para pegar a mão de Kramisha. – Kramisha, sinto muito.

– Você anda distraída. Ninguém te culpa por isso, Z. O Outro Kevin passou só um tempinho aqui, mas todo mundo que conheceu o seu mano gostou dele. Muito.

Eu sacudi a cabeça.

– Não, eu sou a sua Grande Sacerdotisa, e eu estou fazendo um trabalho ruim.

– Você vai voltar a ser o que era logo, assim como eu. A gente só precisa de tempo e um pouco de descanso.

– Você não vai ter muito descanso se for para Chicago. Aquela Morada da Noite é agitada pra caramba – Stevie Rae disse. – E eles não têm nem um programa equestre. Andei falando com Lenobia sobre…

– Sei tudo sobre isso. Também andei falando com Lenobia – Kramisha falou.

– Ela quer ir para Chicago com você? – eu perguntei, sem saber ao certo se deveria ficar surpresa, irritada ou aliviada por obviamente haver um monte de coisas rolando ao meu redor sobre as quais eu não tinha a menor ideia.

– Só o suficiente para resolver a questão dos cavalos. O que você acha, Grande Sacerdotisa?

*O que eu acho?* Eu encarei a estátua de Nyx. *Acho que eu preciso descobrir um jeito de ajudar Kevin sem ferrar totalmente*

*com a minha própria vida.* Decidi falar outra coisa em voz alta.

– Eu acho que você é altamente capaz. Você e Lenobia vão fazer um belo trabalho, desde que Stevie Rae não se importe de você assumir o lugar dela imediatamente.

– Isso significa que Rephaim e eu podemos ficar aqui e não precisamos mais ir embora?

– É isso que significa, sim – eu respondi.

– Então eu não me importo nem um pouquinho! Kramisha, você me deixou mais feliz do que urubu em cima de carniça! – Stevie Rae atirou os braços ao redor de Kramisha, que deu um grunhido, abraçou-a rapidamente de volta e então se afastou, endireitando a sua peruca.

– Cuidado com o cabelo. Sei que não parece, mas todo esse glamour pode se estragar rapidamente se o cabelo estiver errado.

Eu abri a boca para perguntar para Kramisha em quanto tempo ela estaria pronta para partir quando a primeira sensação me atingiu. Ela começou no meio do peito, apenas um pequeno calor começando a espalhar, mas não tão pequeno que passasse despercebido. A sensação pulsou e cresceu, como se eu tivesse acabado de subir correndo as escadas de um estádio em um dia quente (o que eu absolutamente *não* faria, a menos que alguém estivesse me perseguindo).

Eu tossi. Enxuguei o meu rosto, que de repente ficou suado. Limpei a garganta. Tossi de novo.

A minha mão se levantou como se eu não tivesse nenhum controle sobre ela e foi até o centro do meu peito. Minha palma pressionou a minha pele.

Não havia nada ali. Nenhum calor. Nada.

Mas eu jurava que tinha sentido algo. Alguma coisa quente, forte e estranhamente familiar.

– Zoey! Você está me ouvindo?

Eu olhei para cima e vi Stevie Rae em pé sobre mim com Kramisha ao seu lado. Eu ainda estava sentada no banco, mas elas tinham se levantado e estavam debruçadas sobre mim, obviamente preocupadas.

– Sim. Eu estou te ouvindo. Eu… eu estou bem. Eu acho.

– O que aconteceu? Você congelou com a mão sobre o peito, quase como se estivesse se agarrando às suas pérolas. Só que você não está usando um colar de pérolas – Kramisha falou.

– Não sei. Foi uma sensação estranha. Já passou.

O som de pés correndo veio por trás de nós, e de repente Stark estava lá, agachado ao meu lado, com as mãos nos meus joelhos, enquanto ele analisava o meu rosto.

– Zoey! O que foi?

– Você sentiu também?

– Calor? E alguma outra coisa. Algo que não consegui identificar. – Ele tocou o meu rosto, tirando o meu cabelo da minha bochecha úmida. – Z, a sua respiração está ok? O seu peito está doendo?

– Não, não doeu. Não senti dor nenhuma. Só calor e… uma sensação estranha. – Eu estava aliviada e com medo ao mesmo tempo. Se Stark sentiu também, eu não tinha imaginado aquilo. Mas, por outro lado, se Stark sentiu, o que quer que tenha acontecido foi real. E isso podia significar más notícias *de verdade.*

– Acho que a gente tem que levar Z para a enfermaria para que ela possa ser examinada – Stevie Rae disse.

Rephaim devia estar com Stark, porque de repente ele estava ali também, segurando a mão de Stevie Rae e me analisando com uma

concentração típica de pássaro.

– Enfermaria? Que diabos está rolando? Z, você se machucou?

Eu desviei os olhos de Rephaim e vi Aphrodite em pé ao lado de Darius (Deusa, será que estavam *todos* no Ginásio com Stark?). Ela estava com as mãos no quadril e me olhava intensamente, com os olhos estreitos, com os quais ela provavelmente queria demonstrar preocupação, mas que na verdade estavam mais dizendo algo como "*AiminhaDeusa*, por que você está me enchendo agora?".

– Eu não preciso ir para a enfermaria. Estou bem. Sério – eu insisti.

– E isso não foi algo que Z fez para si mesma – Stark afirmou. – Foi algo que aconteceu *com* ela.

– Isso não faz algum sentido – Kramisha disse.

– Ou, dito corretamente, isso não tem nenhum sentido. Gramática: errada. Sentimento: certo – Aphrodite provocou.

– Isso tem sentido sim – eu falei rapidamente, antes que Kramisha conseguisse espetar Aphrodite verbalmente. – Stark quis dizer que não tem nada de errado comigo. Que, seja o que for que nós sentimos, foi algo que aconteceu fora de mim. E isso foi mais estranho do que assustador.

– Ei, o que está acontecendo aqui? – Damien perguntou quando ele e Outro Jack se juntaram ao grupo. Ambos estavam segurando velas votivas perfeitas que eles obviamente tinham a intenção de acender aos pés de Nyx. – Z, você está bem?

Eu suspirei. Às vezes, era realmente como se eu tivesse zero privacidade.

– Estou bem. Não foi nada.

– Não diga isso – Stark falou sério quando sentou ao meu lado, colocando o seu braço ao meu redor de modo protetor. – Você está

bem agora. Nós estamos bem, mas não quer dizer que não foi nada. Alguma coisa aconteceu. Algo que tocou você ou a mim ou a nós dois.

Foi a vez de Damien se agachar ao meu lado.

– Conte-me o que você sentiu.

Eu descrevi o súbito calor e observei Damien ficar cada vez mais pálido enquanto Stark assentia em concordância com a minha descrição. Mas, antes que Damien pudesse dizer qualquer coisa, Aphrodite se adiantou.

– Ah, que merda, seus imbecis! É óbvio o que acabou de acontecer.

– Aphrodite, é super ofensivo chamar a gente de imbecis – Stevie Rae protestou.

– Caipira, é só um chute, mas aposto que, antes de eu me juntar a este grupo improvisado, você fez pelo menos uma comparação terrível que tinha a ver com a sua mamãe ou com carrapatos. Acertei?

– Quase – Kramisha falou. – Tinha a ver com urubu em cima de carniça, o que é nojento. – Ela olhou para Stevie Rae e deu um sorriso de desculpas. – Só estou dizendo a verdade.

– Certo – Aphrodite continuou. – E isso é ofensivo, mas você vai continuar com suas analogias de caipira e, já que você vai fazer isso, também vou continuar chamando um imbecil de imbecil quando estiver presenciando vocês agindo feito imbecis.

– Ai minha Deusa, parem de discutir! – Eu senti como se minha cabeça pudesse explodir. – Aphrodite, você realmente sabe o que aconteceu?

– Claro que sim – ela respondeu. – É Magia Antiga. E aquele som de tapa na cara que você ouviu metaforicamente está te dando

vontade de cobrir o rosto de vergonha enquanto você se dá conta de que estou certa.

– Ela *está* certa – Damien disse enquanto se levantava e segurava a mão de Outro Jack de novo. – Era o que eu estava pensando também.

Eu apenas fiquei sentada, incapaz de dizer qualquer coisa porque eu estava lembrando do tempo que eu passei na Ilha de Skye, do talismã de mármore de Skye que eu trouxe para Tulsa. Daquele calor e do poder daquela magia, e de como ela quase me engoliu e me transformou em alguém tão parecido com Neferet que não merecia continuar sobrevivendo.

– Z?

Eu podia sentir a preocupação de Stark e deixei que ela me tirasse dos meus pensamentos.

– Aphrodite e Damien estão certos – eu afirmei. – Não percebi isso na hora porque foi só um eco distante da real sensação de brandir a Magia Antiga.

– Então, isso só pode significar que alguém está usando Magia Antiga de novo – Stevie Rae concluiu.

– E isso é ruim – Rephaim falou.

– Ruim mesmo – Kramisha concordou.

– Você deveria ligar para a Rainha Sgiach – Aphrodite sugeriu. – Ela é a especialista em Magia Antiga.

– Eu adoraria – eu disse. – Mas ela está de luto, o que significa que ela se retirou totalmente do mundo exterior. Eu sei. Eu venho tentando falar com ela uma vez por semana, e já fiz isso ontem. Ela ainda está totalmente off-line e o telefone dela só chama, chama, e ninguém atende.

– Ela *ainda* está sem atender o telefone? Quanto tempo já faz, quase um ano desde que o Touro Branco atacou Skye na mesma noite em que Neferet nos atacou aqui? Já era de imaginar que ela pelo menos estivesse dando uma olhada no Facebook – Aphrodite falou.

Eu levantei os olhos para Aphrodite. Ela era minha amiga, uma poderosa Profetisa de Nyx e, com a sua nova Marca azul e vermelha, uma vampira adulta, mas ainda assim ela podia soar como uma criança mimada e egoísta.

– Ela e Seoras foram companheiros por séculos. Acho que um ano de luto não é nada perto disso. Você já teria seguido em frente se Darius tivesse sido assassinado naquela noite?

Aphrodite empalideceu e se recostou em Darius.

– Não. Não, não teria. Você está certa, Z. Peço desculpas por ter soado como uma imbecil.

– Aphrodite, você sabe que Damien podia ajudar você a melhorar o seu vocabulário para que você não tenha que usar palavras como… – Stevie Rae tinha começado um novo sermão quando a segunda onda daquela sensação me atingiu.

Eu ofeguei e coloquei meus braços ao redor do meu corpo, enquanto Stark me abraçava forte.

– Está tudo bem. Está tudo bem. A gente está bem. Vai passar – Stark murmurou frases para me tranquilizar.

– O que foi? O que está acontecendo? – Aphrodite chegou mais perto de mim, ombro a ombro com Damien.

– Você está com dor? – Damien perguntou.

– Nã-não – eu respondi com voz trêmula. – Eu só sinto como… como…

– Como se alguém estivesse pisando no seu túmulo – Stark concluiu por mim.

– A-alguém que usa Magia Antiga – eu acrescentei e Stark assentiu em concordância.

Como meu Guerreiro Juramentado, Stark compartilhava as minhas sensações. A ligação Grande Sacerdotisa-Guerreiro era estabelecida dessa forma para que nossos protetores sempre soubessem quando precisávamos deles. Mas havia momentos, como agora, em que eu preferia poder apertar um botão e não fazer ele passar por essas coisas estranhas que aconteciam frequentemente comigo.

– Está sumindo – Stark disse.

Eu soltei um longo suspiro de alívio.

– Sim. Acabou.

– Z, de onde isso está vindo? – Stevie Rae perguntou.

– Não tenho ideia – respondi. – Stark, você sabe de algo?

Ele balançou a cabeça.

– Não, acho que eu não estou tendo a sensação de fato, mas apenas um eco do que você está experimentando.

– Bom, está ligado a você – Damien falou. – Seja a magia propriamente dita ou a pessoa que está mexendo com ela.

– E se Sgiach invocou Magia Antiga? Será que pode ser isso que você sentiu? Vocês duas ficaram muito próximas – Stevie Rae deu um palpite.

– Não acho que seja isso – eu respondi. – A Rainha Sgiach é guardiã da Magia Antiga, e eu sei que ela se manifesta na ilha dela com muita frequência, mas, a menos que eu esteja lá com ela, nunca senti nada.

– Ela usou Magia Antiga na batalha contra o Touro Branco na noite em que sepultamos Neferet – Damien lembrou. – Você não sentiu nada?

Balancei a cabeça.

– Não.

– Merda! Será que pode ser Neferet? – Aphrodite disse.

De repente, senti um calafrio.

– Não sei.

– Bom, descubra! – Aphrodite exclamou.

Eu franzi o cenho para ela.

– Você é a Profetisa. Que tal *você* descobrir?

Ela atirou o longo cabelo loiro para trás.

– Não funciona desse jeito e você sabe disso.

– Além disso, você não precisa de nenhuma Profetisa. Você só precisa de uma Grande Sacerdotisa que possa invocar Magia Antiga. Conhece alguma, Z? – Kramisha perguntou, dando um olhar aguçado na minha direção.

Eu metaforicamente dei um tapa na minha testa.

– Eu devo ser uma imbecil.

– Z! – Stevie Rae bufou.

Fiz um gesto para evitar o que provavelmente seria um sermão politicamente correto enquanto Aphrodite caiu na gargalhada.

– Desculpe. Eu só estava brincando. Na maior parte. Eu sou a Grande Sacerdotisa de quem Kramisha estava falando.

– Não gosto de você mexendo com Magia Antiga – Stark falou.

– Eu não vou mexer com isso – eu argumentei. – Vou só dar uma invocada rápida, só isso.

– *Nunca* é só isso quando Magia Antiga está envolvida – Stark rebateu sombriamente.

Eu suspirei e concordei silenciosamente com ele.

– Será que a gente deve ir até Skye? Apesar de ela estar de luto, não acredito que a Rainha Sgiach recusaria dar passagem a você.

– Lá é longe demais – Stevie Rae protestou. – Tem que haver um jeito mais fácil. Ou pelo menos um lugar mais perto.

– Eu sei de um lugar mais perto – Rephaim disse.

A atenção de todo mundo se voltou para o jovem Cherokee alto e bonito.

– Ok, estou ouvindo – eu o incentivei a continuar.

– Tem Magia Antiga aqui. Bem aqui nos jardins da escola – ele falou em voz baixa, mas gravemente. – Eu sei porque eu vim dela.

Eu me endireitei no banco, como se o que Rephaim acabou de dizer tivesse entrado na minha mente. O meu olhar se perdeu pelos jardins da escola na direção leste, onde a distância eu mal podia distinguir a silhueta escura de um carvalho enorme e quebrado.

– Rephaim está certo. Há um jeito mais perto, mas eu não tenho muita certeza se vai ser muito mais fácil – eu afirmei.

O olhar de Stark seguiu o meu, e eu o escutei resmungar baixinho.

– Ah, que inferno.

# 10

## Zoey

– Não sei se essa é uma boa ideia – Stevie Rae disse.

– Eu tenho certeza de que *não* é – Stark falou.

– Zoey, você não deveria fazer um círculo antes de tentar invocar Magia Antiga? – Rephaim perguntou. – Shaylin ainda está aqui, não está? Posso ir chamá-la. E eu vi Shaunee indo para a aula de Teatro com Erik. Posso falar para ela, caso você precise dela aqui também.

– Uau! Definitivamente essa árvore não se parece com a que está no meu velho mundo – Outro Jack exclamou.

– Ok, escutem bem. – Eu dei as costas para o carvalho destruído e encarei os meus amigos. – Eu não vou fazer um círculo. Quero fazer isso de um jeito rápido e simples, sem precisar focar muita energia em Magia Antiga. – Eu me virei para Rephaim. – Obrigada por me lembrar que essa árvore estava aqui. Queria que você e Stevie Rae ficassem – o meu olhar desviou dele e abarcou Aphrodite e Stark –, mas eu quero que todos os outros, exceto Stark e Aphrodite, vão embora. Minha intuição me diz para não tentar fazer um espetáculo para invocar Magia Antiga e, quanto mais gente

estiver aqui, maior a bagunça. Eu faria isso sozinha, mas conheço o meu Guerreiro o bastante para saber que isso não é possível.

– Com certeza – Stark afirmou, com jeito de Guerreiro valentão, enquanto olhava sobre o meu ombro para a árvore quebrada, em cuja direção eu nem tinha olhado ainda.

– E Aphrodite é, bom… – minhas palavras sumiram quando percebi que não sabia muito bem como descrever o que Aphrodite havia se tornado.

– Estranhamente ligada a Nyx e poderosa? – Stevie Rae sugeriu.

– Que tal incrivelmente ligada a Nyx e poderosa? – Aphrodite a corrigiu, estreitando os olhos.

– As duas coisas – eu disse.

– E eu vou usar a minha posição de Grande Sacerdotisa e ficar bem aqui com Z – Stevie Rae falou.

– Eu fico com Stevie Rae – Rephaim acrescentou.

– Exatamente como eu esperava – eu concordei.

– O que nós podemos fazer enquanto isso? – Damien perguntou, entrelaçando os dedos com os de Outro Jack.

– Obrigada pela compreensão – eu agradeci. – Você e Jack podem cuidar para que todos os estudantes fiquem lá dentro.

– Claro – Damien respondeu. – Está na metade da segunda aula. Vamos enviar um e-mail de emergência para todos os professores. Ninguém pode ir a lugar nenhum por mais ou menos uns trinta minutos.

– E se alguém sair, Damien e eu vamos enxotar a pessoa direto de volta para a aula – Outro Jack completou, mostrando as covinhas para mim.

– Mas você tem certeza absoluta de que não quer que eu fique? – Damien perguntou. – Eu poderia fazer anotações sobre o que

acontecer.

– Na verdade, o que me ajudaria ainda mais do que isso seria se você pudesse pegar aqueles livros sobre Magia Antiga na área restrita do Centro de Mídia, e marcar tudo que você achar que eu preciso ler sobre o assunto.

– Eu posso fazer isso, Z.

– Posso ajudar também? – Outro Jack se ofereceu, olhando para mim com olhos grandes e ansiosos. – Quer dizer, assim que a gente avisar os professores para não deixarem os novatos saírem das salas.

– Claro – eu respondi. – Eu agradeço.

Outro Jack deu um pulinho de alegria, que me fez sorrir, e então ele e Damien saíram apressados de mãos dadas.

– Bom, da minha parte, não preciso ver Magia Antiga nem qualquer coisa do tipo – Kramisha disse. – Tenho que fazer as malas. Z, se um poema vier até mim, eu mando uma mensagem pra você. Beleza?

– Sim – eu respondi, desejando secretamente não receber nenhum poema profético maluco enviado para mim via mensagem de texto com a fonte roxa brilhante que Kramisha usava para escrever.

– Grande Sacerdotisa, eu gostaria de permanecer com Aphrodite.

Meus olhos encontraram o olhar sério de Darius. Eu suspirei, mas assenti.

– Sim, eu entendo isso. Você pode ficar.

Darius fez uma reverência respeitosa para mim, com o punho sobre o coração.

– Ok, Z. Você encontra a gente no refeitório depois? Já está quase na hora do almoço e eu estou ficando irritada de fome –

Kramisha disse.

– Sim, combinado. Não vou demorar. – Eu esperava que, ao falar em voz alta, pudesse transformar isso em realidade.

Enquanto meus amigos seguiam de volta para o prédio principal da escola, eu finalmente voltei minha atenção para a árvore rachada.

A aparência dela era horrível. Conforme eu a observei, percebi que deveria ter mandado arrumar tudo meses atrás. Estava assustador. Eu sabia que os estudantes evitavam o muro leste por causa daquilo, e imagino que parte do motivo que me fez adiar fazer qualquer coisa ali era porque aquilo desencorajava novatos a usarem o alçapão escondido no muro atrás da árvore para saírem escondidos do campus. Mas, por outro lado, agora eu era a Grande Sacerdotisa desta Morada da Noite. Como se eu fosse realmente tomar conhecimento de cada novato que estava saindo escondido do campus. Era muito improvável.

– Z? Você está bem? – Stark perguntou.

Eu assenti.

– Sim, só estou pensando em mandar arrumar essa bagunça.

– Não. Deixe assim – Aphrodite falou. – Se você quiser fazer algo, faça uma defumação e um círculo de sal para proteção, mas deixe do jeito que está.

Eu me virei para ela.

– Por quê?

Ela indicou a ruína maléfica da árvore sem folhas e o buraco criado na terra de onde Kalona e os seus Raven Mockers haviam saído em uma explosão em um tempo que parecia muito, muito distante.

– Eu posso estar errada, mas para mim parece que essa bagunça é uma lição visível do que acontece quando você brinca com poderes em que é melhor não mexer.

Os meus olhos focaram nos galhos escuros feito garras, onde as folhas se recusavam a nascer.

– Você tem razão.

– Eu sempre tenho razão. Então, você vai invocar Magia Antiga ou o quê?

Eu queria poder escolher *"ou o quê"*, mas sabia que essa não era uma opção.

– Alguém tem uma faca?

Juntos, Darius e Stark tiraram adagas que pareciam muito perigosas de sabe-a-Deusa-onde em seus corpos extremamente armados. Eu estendi a mão, com a palma para cima, e falei para Stark:

– Faça um corte.

Ele franziu a testa.

– Que tal eu me cortar e você usar o meu sangue?

– James Stark, eu sou a sua Grande Sacerdotisa e a sua Rainha. Eu disse para você me cortar. *Então me corte.*

Ele ainda estava franzindo a testa, mas desta vez fez o que eu pedi, rapidamente abrindo um corte raso na parte mais carnuda da palma da minha mão. A adaga dele era tão afiada que eu sequer senti dor. Fechei a mão e a apertei de leve para que o sangue se juntasse em uma quantidade razoável.

– Aphrodite e Darius, por favor, fiquem à minha esquerda. Stark, Stevie Rae e Rephaim, fiquem aqui do lado direito. Eu vou caminhar até a árvore. Deixem-me ir um pouco na frente de vocês. Não façam

nada enquanto eu ainda estiver falando coisas com sentido, mas se algo estranho demais acontecer…

– Se alguma merda estranha acontecer, eu vou carregar você para fora de lá – Stark afirmou.

– Não – eu falei, cortando-o. – Coisas estranhas vão acontecer. É Magia Antiga. Não faça nada, a menos que eu pare de me comunicar com você, ou que eu seja puxada para dentro da, hum, árvore. – Fiz uma pausa, esforçando-me para não estremecer ao lembrar da última vez que a Magia Antiga havia me tocado ali. Da última vez eu quase havia me perdido. Encontrei o olhar preocupado de Stark e minha voz suavizou. – Você vai saber se alguma coisa estiver dando errado. Você vai sentir. Só não faça nada *a não ser* que dê tudo errado. Ok?

– Ok – ele respondeu com relutância.

– Eu te amo e sinto muito que isso esteja te estressando – eu disse.

Os ombros de Stark relaxaram um pouco.

– Eu também te amo, Z, e estresse faz parte do trabalho de um Guerreiro.

Fiquei na ponta dos pés para beijá-lo e então encarei a árvore. Levantei a minha mão fechada diante de mim e inspirei profundamente três vezes para me centrar. Então hesitei.

– Bom, que inferno. Não sei quem eu devo invocar – eu falei.

– Você me disse que gostou dos espíritos elementais que responderam ao seu chamado em Skye – Stark lembrou.

– Sim, mas aquilo era diferente – eu respondi.

– Não exatamente. Pare de se preocupar tanto com o fato de ser Magia Antiga. Pense nisso em termos mais simples. É uma árvore

velha toda ferrada. É só invocar os espíritos da terra – Stevie Rae sugeriu. – É o que eu faria.

– Sim, você está certa. Espíritos da terra. Isso parece o correto – eu concordei nervosamente.

– E pare de ficar tremendo tanto. Eles são só elementais. Você tem afinidade com todos os elementos. Imagine que você está invocando a terra para um círculo – Aphrodite reforçou.

– Essa é mesmo uma boa ideia – eu disse.

– Claro que é. Eu sou cheia de boas ideias. – Ela atirou o seu cabelo comprido e loiro para trás e levantou suas sobrancelhas perfeitamente arqueadas para mim.

– E se eu tentar ajudar? – Stevie Rae veio para o meu lado. – Não sei muito sobre Magia Antiga, mas eu sou da terra. Vamos invocar juntas. Como a gente faz no círculo.

– Ok, isso faz sentido. Stevie Rae, você começa, e eu vou usar o meu sangue como se eu estivesse acendendo uma vela na terra.

– Facinho! – Stevie Rae limpou a garganta e falou para a árvore quebrada. – Eu sou Stevie Rae, Grande Sacerdotisa vampira vermelha de Nyx, que me presenteou com a afinidade com a terra. Com o poder concedido pela Deusa, eu gostaria de invocar os espíritos ancestrais da terra. – Então ela assentiu e deu um passo atrás, deixando que eu liderasse a invocação final.

Eu estendi a mão de novo, inspirei fundo e disse:

– Espíritos da terra! Espíritos das árvores da Magia Antiga! Eu sou Zoey Redbird. Grande Sacerdotisa a serviço de Nyx, e eu consigo brandir a Magia Antiga. Com o poder ancestral no meu sangue, eu os invoco e peço que apareçam para mim. – Então, como se eu estivesse atirando uma mão cheia de água para longe

de mim, arremessei o meu sangue na casca de árvore nodosa e quebradiça.

Nada aconteceu por um instante, e eu senti o meu coração afundar no peito. Eu ia mesmo ter que voar até Skye e incomodar Sgiach em seu luto? Será que isso poderia ser feito? Ou talvez eu devesse tentar falar com o Conselho Supremo dos Vampiros, o Europeu, aquele que não estava particularmente satisfeito com o fato de os meus amigos e eu termos assumido a liderança na América do Norte em vez deles…

– Ei, Z. Acorde. Tem alguém aqui – Aphrodite sussurrou.

Eu me sacudi mentalmente e fiquei olhando uma figura emergir do centro da árvore partida. Ela era obviamente um espírito da árvore. Alta e graciosa, tinha pele escura – da cor de casca de árvore à meia-noite –, mas não havia nada de rústico nela. Ao contrário, sua pele parecia incrivelmente suave e macia – e havia muita pele visível, pois o vestuário que ela estava usando era composto de delicadas folhagens de samambaia. Quanto mais eu olhava, mais me dava conta de que a samambaia parecia estar rente à sua pele, como uma pintura corporal ou mesmo uma tatuagem. Ela piscou para mim com olhos grandes, escuros e bonitos.

– Olá – eu disse. – Obrigada por atender ao meu chamado.

O espírito inclinou a cabeça para o lado com um movimento parecido com o de um passarinho. Isso fez o seu cabelo espetacular, da cor das folhas do outono, ondular como se estivesse sendo mexido por um vento que afetava apenas o espírito.

Eu estava tentando descobrir como persuadi-la a falar comigo quando o espírito inspirou profundamente, e então os seus olhos grandes e escuros ficaram ainda maiores.

– *Outro Redbird? Esta noite está mesmo muito interessante.*

Ela saiu do meio da árvore despedaçada, dando um olhar triste para ela enquanto passava a mão no tronco partido. Ela não estava exatamente flutuando, mas os seus pés descalços não fizeram som nenhum nem remexeram o gramado marrom do inverno sobre o qual ela caminhava. O espírito parou diante de mim, se inclinou para a frente e me cheirou.

– *Você é, de fato, uma Garota Redbird.*

– Como você sabe o meu nome? – eu falei sem pensar.

– *Eu acabei de encontrar outros do seu sangue. Um garoto jovem e uma mulher* – a voz musical do espírito hesitou antes de continuar. – *Mas eles não estão neste mundo. Que estranho.*

– Espere aí, você está falando do meu irmão, Kevin?

– *O Garoto Redbird… sim, acho que ele se chama Kevin.*

– Quem era a mulher? Z, eu pensei que você estivesse, ahn, morta do lado de lá – Stevie Rae sussurrou.

O espírito voltou sua atenção para Stevie Rae, que sorria nervosamente e acenou, dizendo:

– E aí! Sou Stevie Rae. Prazer em te conhecer.

– *Eu não a conheço, mas posso sentir a força da sua ligação com a terra. Como um espírito da árvore, eu aprecio isso. Pode me chamar de Oak.*

– Obrigada, Oak – Stevie Rae fez uma reverência respeitosa.

Oak começou a farejar o ar de novo e, ao fazer isso, ela chegou mais perto de Rephaim, que estava tão imóvel que pensei que ele nem estivesse respirando.

– *O que é você? Eu sinto o cheiro de Magia Antiga nos seus ossos, mas ela foi modificada.*

– Sou Rephaim. Filho de Kalona. Eu fui um Raven Mocker.

– Portanto, não humano. Nem corvo. Mas algo modificado para fundir ambos em um só.

– Modificados por Nyx – eu me manifestei, sentindo a necessidade de ter algum tipo de controle sobre a conversa. – Rephaim conquistou o perdão da Deusa, e ela concedeu a ele o corpo de um garoto.

– Mas só do pôr do sol até o nascer do sol – Rephaim concluiu por mim. – Enquanto o sol está no céu, eu sou um corvo.

O espírito continuou a encarar Rephaim, farejando o ar ao redor dele, receoso.

*– É uma punição pelos atos sombrios que você já cometeu que a Deusa permite que o corvo assuma o seu corpo.*

Rephaim empinou o queixo.

– Sim. Nyx é justa. O meu passado não é algo do qual me orgulho.

– Exceto pelo ano passado – Stevie Rae disse, pegando a mão de Rephaim. – Ele escolheu a Luz, e Nyx o perdoou.

– Então, Oak, você não é deste mundo? – Aphrodite perguntou.

A cabeça de Oak girou, feito uma coruja, para observar Aphrodite.

*– Eu não a conheço, Profetisa.*

– Ainda assim você me chamou de Profetisa.

O espírito assentiu, fazendo o seu cabelo longo e multicolorido brilhar ao redor com um som parecido com o do vento derrubando as folhas do outono.

*– A Magia Antiga reconhece uma Profetisa de Nyx. Houve um tempo, no passado distante, em que nós estivemos ao lado das Profetisas de Nyx, seguindo as ordens da Deusa. Infelizmente, esse tempo já passou, mas nós nos lembramos dele* – Oak disse de forma enigmática antes de olhar para Darius. *– Eu também não o*

*conheço, Guerreiro* – e então o olhar dela encontrou Stark. – *Você, eu reconheço. O Garoto Redbird pediu santuário para se proteger de você e do seu exército, embora sua Marca fosse azul, não vermelha.*

– Você é do Outro Mundo! – Stark exclamou. – Você conheceu Kevin Redbird lá, certo? Mas quem é a outra mulher Redbird? – Stark se virou para mim. – Será que a sua irmã foi Marcada no Outro Mundo sem Kevin saber?

Eu comecei a abrir a boca, mas a voz de Oak me interrompeu.

– *Tantas perguntas, mas eu não recebi nenhuma oferta de pagamento*. – Oak virou a cabeça e olhou sombriamente para a árvore quebrada na qual ela tinha se materializado. – *E eu fui invocada através de um lugar que foi manchado pelas Trevas e pela destruição.*

– Eu sou responsável por sua invocação. Peço desculpas. Eu realmente tenho perguntas a fazer, mas eu também tenho o seu pagamento. – Eu abri a mão, mostrando a Oak a ferida ensanguentada que ainda pingava.

Oak farejou delicadamente a palma da minha mão. Ela lambeu os seus lábios carnudos, lembrando estranhamente como eu costumava fazer quando tinha noite de festival de psaghetti no refeitório, mas então ela me surpreendeu ao desviar a sua atenção do meu sangue para encontrar o meu olhar.

– *Você oferece um pagamento aceitável, mas eu prefiro outra coisa.*

– Que tipo de pagamento você quer? – Senti a necessidade de prender a respiração enquanto esperava pela resposta dela.

Oak virou a cabeça para olhar sobre o seu ombro para a árvore destroçada.

– *O pagamento que eu quero pela informação que você busca é que você limpe a abominação que aconteceu aqui, e restaure o equilíbrio deste lugar.*

Eu pisquei em choque, mas ainda consegui dizer:

– Eu posso fazer isso.

A cabeça dela girou de novo para mim e a sua voz se tornou ritmada, como se ela estivesse recitando um belo poema.

> *"Eu aceito o pagamento do equilíbrio a esta árvore restaurado*
> *Grande Sacerdotisa – você prometeu isso de bom grado*
> *Eu concordo em fornecer informação*
> *Eu concordo com a verdade dita na canção*
> *Pergunte, então, Garota Redbird*
> *Mas escute bem, para que minhas palavras acate*
> *E se você esquecer do pagamento aqui rebate*
> *Saiba que há outras formas de pagar antes que a mate…"*

Oak não atirou sangue no ar nem fez nenhum outro tipo de floreio dramático, mas, no instante em que terminou de falar o feitiço de amarração, o ar ao redor dela brilhou como se alguém tivesse soprado purpurina sobre o pátio da escola. Tentei não pensar nas outras formas com que a Magia Antiga podia me fazer pagar pela promessa e fiz a minha primeira pergunta.

– Você conhece o meu irmão, Kevin?

– *Conheço. Ele se parece muito com você.*

– Então, você é de outro mundo?

– *Para as fadas ancestrais, todos os mundos são um só. Nós prestamos pouca atenção no véu que os separam.*

– A outra mulher Redbird que você mencionou. Você pode me dizer quem ela é?

– *Sim, Garota Redbird. Ela é uma Mulher Sábia, uma do seu sangue. Ela é formidável. Eu realmente me deliciei com as suas bolsas medicinais. Elas não foram pagamentos poderosos pelos nossos serviços, mas foram saborosas*.

– Ela está falando de Vovó Redbird! – Stevie Rae exclamou.

Eu assenti.

– Ela também falou em bolsas medicinais… no plural. Oak, a Mulher Sábia da qual você está falando deve ser minha avó. Ela e Kevin estão lidando com Magia Antiga no Outro Mundo?

– *A Mulher Sábia não invocou Magia Antiga, mas, como respeito pelo seu sangue ancestral, eu responderia se ela me chamasse e precisasse da minha assistência. Foi o Garoto Redbird. Ele requisitou nossa ajuda.* – Os olhos escuros de Oak se viraram para Stark. – *Ele precisava de proteção contra um Guerreiro muito parecido com este que lhe pertence.*

– Kevin deve estar trabalhando com a Resistência – Stark disse.

– Onde Kevin e minha avó estavam quando eles usaram Magia Antiga? – eu perguntei.

– *Em uma montanha não muito longe daqui. É lá que o povo deles se reúne e se esconde daqueles que os caçam.*

– É isso. O Outro Kevin se juntou à Resistência – Darius concluiu.

– E você realmente não me viu lá em nenhum lugar? – Aphrodite perguntou ao espírito.

Oak olhou atentamente para ela.

– *Não. Você não faz parte do povo do Garoto Redbird*.

– Olha, que merda – Aphrodite falou.

– Por que isso faz tanta diferença? – Rephaim perguntou para Aphrodite.

Stevie Rae respondeu por ela.

– Porque Aphrodite é a razão pela qual novatos vermelhos e vampiros vermelhos no nosso mundo podem escolher manter a sua humanidade. Sem ela, todos nós seríamos monstros, como o pobre Outro Jack já foi.

O que Stevie Rae disse deu um cutucão na minha memória, e de repente eu tinha outra pergunta a fazer para o espírito.

– Oak, você realmente é feita de Magia Antiga, certo?

Quase pareceu que o espírito se segurou para não rir.

– *É claro, Garota Redbird. Do que mais eu seria feita?*

– Bom, eu não sei, mas estou confusa. Pensei que Magia Antiga não tomasse partido nessa batalha entre Luz e Trevas. E mesmo assim você está aqui, contando que protegeu o meu irmão e o seu povo contra o Exército Vermelho, e que o pagamento que você quer é que eu limpe as Trevas desta árvore. Isso soa como se você estivesse tomando partido… não que eu me importe. Eu estou feliz que você esteja escolhendo a Luz. Só me pergunto por quê.

– *Você está parcialmente correta, Garota Redbird. A Magia Antiga não escolhe lados, já que vemos as muitas camadas que compõem a Luz e as Trevas, e nós compreendemos profundamente que ninguém é completamente bom nem completamente mau. Eu concedi santuário ao seu irmão porque aceitei o pagamento dele, e não porque fiquei do lado dele contra as Trevas. Em relação a essa árvore, os espíritos elementais não são neutros quando uma abominação é cometida contra a natureza. E essa árvore, este lugar*

*de poder elemental, foi de fato profanado, o que é uma abominação contra a natureza. Isso tem que ser consertado.*

– Isso tem sentido, Z – Stark disse. – Ela soa muito como Sgiach, quando chegamos na ilha. Ela não sairia da ilha para combater as Trevas, mas, quando as Trevas invadiram a sua ilha, Sgiach lutou contra elas.

– *Ah, a Rainha Sgiach. Nós ficamos tristes pela perda do Guerreiro dela.*

– Você a conhece! – eu exclamei.

– *Sim. Há muitos séculos.*

– Como ela está?

– *Em luto profundo.* – E então Oak fechou a boca, deixando claro que não ia falar mais nada sobre a Rainha Sgiach, a Grande Cortadora de Cabeças.

– Ok, então, como o meu irmão está no Outro Mundo? – eu perguntei.

– *O ferimento dele se curou. Nós concedemos santuário ao povo dele na montanha. Ele brande Magia Antiga com maestria.*

– E o ferimento dele? – a minha pergunta saiu como um grito agudo.

– *Ele se curou* – Oak repetiu, como se pensasse que eu podia ser meio devagar.

Eu queria perguntar mais sobre Kevin ter se ferido, mas Aphrodite agarrou meu pulso e falou urgentemente para mim:

– Kevin está brandindo Magia Antiga. Foi isso que você sentiu.

– Sim, eu sei.

– Z – ela parecia exasperada –, lembre-se de como é brandir Magia Antiga.

E então eu percebi o que Aphrodite estava dizendo. Kevin estava encrencado, e ele provavelmente não sabia disso.

– Oak, você pode levar uma mensagem minha para Kevin?

– *O seu pagamento foi por informação. Não para ser uma mensageira.*

Eu baixei os olhos para a minha mão. A ferida tinha começado a coagular, mas eu sabia que podia abri-la de novo com a unha.

– Sangue. Eu pagarei com o meu sangue para você levar uma mensagem para o meu irmão.

– *Não, Sacerdotisa. Você me julga mal. Não sou sua mensageira. Não tenho nenhum compromisso com você. Você me ofereceu um pagamento por informação. Eu dei essa informação. Agora você tem que cumprir o que me deve. Faça isso, e depois talvez me peça outra tarefa. Apenas tenha certeza de que o pagamento que você oferece é atraente…*

E sem fazer nenhum barulho, Oak deu as costas para nós e, em um *puf* de névoa, ela desapareceu no meio da árvore caída.

# 11

## Outro Kevin

Água da chuva gotejava do teto encurvado de pedra da caverna e formava poças, lama e barro ao redor dos pés de Kevin. Ele enxugou o rosto com a manga do seu casaco e espirrou violentamente.

– Acho que eu prefiro gelo do que essa droga de garoa e névoa. Se isso continuar por muito tempo, vai virar uma primavera de Oklahoma precoce com a tríade de coisas pé no saco que sempre vêm junto: tornados envoltos em chuva, pólen de ambrósia[3] e carrapatos – Kevin resmungou para si mesmo.

– Ei, levante a cabeça! Podia ser bem pior. Que inferno, seria bem pior se você não tivesse nem vindo até aqui. Pelo menos estamos seguros, aquecidos e relativamente secos aqui.

Kevin sorriu ironicamente para o vampiro baixo, mas poderosamente musculoso, que pareceu se materializar de repente ao lado dele.

– Cara, você poderia ser menos silencioso? Esse jeito lento de andar não é bom para a minha ansiedade.

– Não há nada de errado com a sua ansiedade, Kevin querido. Mas Dragon não deveria importunar você andando por aí feito um espírito. – A adorável mulher com o véu de um longo cabelo loiro com mechas prateadas tocou o ombro de Kevin delicadamente, embora o afeto no seu olhar fosse todo direcionado a Dragon. – Principalmente com a quantidade de espíritos que temos por aqui. Eles podem ficar com inveja.

Dragon Lankford levantou as mãos em sinal de rendição.

– Anastasia, meu amor, não deixe que se diga que eu afronto os espíritos. – Ele fez uma pausa e então perguntou a Kevin: – Como eles são?

– Os espíritos? – Kevin disse, enxugando mais água da chuva do seu rosto enquanto saía da entrada da caverna muito maior e melhor.

– Sim, os espíritos. Você se lembra deles, certo?

– Ah, Bryan, deixe o garoto em paz. São os espíritos *dele.* É claro que ele se lembra deles. Todos nós lembramos deles e somos gratos – Anastasia Lankford repreendeu o seu companheiro, apesar de dizer isso deslizando o braço em volta da cintura dele com intimidade e recostando a cabeça rapidamente em seu ombro, o que Kevin achava que tirava totalmente a bronca que estava em suas palavras. Afinal de contas, que cara *não* levaria um sermão da bela Sacerdotisa numa boa se ela estivesse ao mesmo tempo encostando sua bochecha macia no ombro dele?

Em meio ao silêncio crescente, Dragon Lankford estalou os dedos algumas vezes na frente do rosto de Kevin, fazendo-o piscar e dar um pulo para trás – e se dar conta de que ele estava sentado lá encarando Anastasia como um menino de escola apaixonado.

*Cara, eu preciso de uma namorada.* Kevin suspirou internamente e se sacudiu.

– Desculpe. Eu estava pensando.

– Percebi. – Dragon deu um olhar divertido para ele.

Kevin devolveu o olhar com o seu próprio sorriso.

– Eu estava realmente pensando em mais coisas além da beleza da sua companheira.

– Bem, obrigada, Kevin querido. – Os cantos dos olhos de Anastasia se enrugaram de modo cativante.

Dragon limpou a garganta.

– Que *outras* coisas são essas em que você estava pensando?

– Que eu realmente preciso ir embora. – Kevin levantou a mão quando Anastasia começou a protestar. – Não, já faz três dias. As estradas estão limpas. O Exército Vermelho não voltou. – Kevin fez uma pausa e gesticulou para o local que antes era o fundo da minúscula caverna, mas agora era uma entrada em arco perfeita para um sistema de cavernas e túneis que serpenteavam como um labirinto, adentro da montanha rochosa. Mesmo de onde ele e os Lankfords estavam, todos podiam ver pessoas – novatos azuis, vampiros e humanos – apressadas indo de lá para cá, preparando o jantar, remendando roupas rasgadas, fervendo ervas para o chá e outras tarefas caseiras. Gatos caminhavam distraídos por ali, atrapalhando o caminho, mas também mantendo a população de ratos e de toupeiras sob controle. E de algum lugar mais lá embaixo na caverna, o aroma de chili se levantou, fazendo Kevin salivar. – Está tudo funcionando. A caverna está aquecida, seca e bem ventilada, e os espíritos estão mantendo a montanha encoberta com névoa. Já está na hora de eu ir embora.

– Eu concordo – Vovó Redbird chegou até a entrada da caverna, vindo do ponto mais fundo do seu interior recém-concluído. – Está tão agradável e aquecido lá atrás! Não sei como os espíritos fizeram isso, mas o sistema de ventilação é um milagre. Quase não tem fumaça nenhuma em nenhum lugar. Onde é que eu estava mesmo? Ah, sim. Kevin, eu concordo com você. Se você demorar muito mais para voltar para a Morada da Noite, a sua reaparição vai levantar suspeitas.

– Mas Kevin voltar já não será suspeito por si só? – Anastasia questionou. – De acordo com o que ele nos contou, um grupo inteiro de novatos e soldados do Exército Vermelho *e* um general vermelho desapareceram. Como você vai explicar onde esteve? E onde eles estão?

Kevin soltou um longo suspiro.

– Andei pensando nisso e tenho uma ideia. Eu vou mentir.

Dragon deu risada.

– Obviamente!

– O que você quer dizer com isso, *u-we-tsi?*

– Bom, se alguém me perguntar sobre o restante do meu grupo, vou dizer que não sei nada sobre isso porque o meu general, que está morto lá no mundo da minha irmã, me mandou em uma missão de reconhecimento alguns dias atrás. E eu fui. Não encontrei nada de mais, mas aí acabei me perdendo.

– Acabou se perdendo? – Dragon bufou.

– Ah, eles vão acreditar. E também não vão me perguntar mais nada sobre o general. Pense na maneira como os vampiros vermelhos agem. Mesmo os oficiais não são muito mais do que máquinas de comer. O General Dominick era o meu oficial superior, mas até ele era basicamente um babaca desgraçado e do mal, que

controlava os seus soldados com ameaças e medo. Para um vampiro vermelho, ele era considerado esperto, mas na verdade ele não pensava muito além de quem nós poderíamos atacar em seguida. – Kevin balançou a cabeça de desgosto. – Acredite em mim, sei tudo sobre isso. Eu estou me escondendo no Exército Vermelho há quase um ano, e nenhum deles jamais suspeitou que eu fosse diferente.

– Mas, Kevin, você tem um *cheiro* diferente agora – Anastasia lembrou.

– Essa foi a última coisa que eu andei tentando resolver. Tenho quase certeza de que nenhum vampiro azul vai prestar atenção suficiente em mim para reparar que eu não tenho um fedor.

– Mas "quase" não é bom o bastante, *u-we-tsi.*

– Os vampiros vermelhos vão reparar, não vão? – Anastasia perguntou delicadamente.

– Acho que eles podem reparar. Bom, não os soldados comuns, mas alguém como um dos generais vermelhos… tenho quase certeza de que iriam notar sim.

– O que Kevin pode fazer em relação a isso? – Dragon perguntou.

– Bom, eu posso pensar em jogar um feitiço sobre ele… algo que tenha um cheiro junto – Anastasia refletiu. – Mas qualquer Sacerdotisa que cruzar o caminho dele poderia facilmente perceber o rastro de energia do feitiço. E, se você estiver em qualquer lugar perto de Neferet, ela reconheceria o meu feitiço imediatamente.

– Então essa ideia está definitivamente fora de questão – Dragon afirmou.

– Que tal algo mais simples? – Vovó Redbird sugeriu. – Kevin, qual a intensidade que esse cheiro precisa ter?

Kevin deu de ombros.

– Não tenho certeza. Quando eu era um vampiro vermelho, nunca percebia o fedor.

– Depende do tipo de vampiro vermelho – Dragon explicou. – Os soldados fedem como cadáver e bolor. Já os oficiais, especialmente os oficiais de patentes mais elevadas, não possuem um cheiro tão ruim.

– Então, um oficial, como o Kevin, não tem o aroma muito mais forte do que o de um perfume de mulher? – Vovó perguntou.

– Acho que é uma boa comparação – Dragon respondeu. – Se a mulher exagerou e colocou perfume demais.

– Bom, *u-we-tsi*, isso vai parecer repugnante, mas acho que você deveria usar o sangue de um vampiro vermelho como se fosse perfume.

– Você quer que eu passe perfume de sangue em mim?

Vovó sorriu.

– Talvez funcione melhor se espalhar um pouco de sangue na sua pele em lugares que não possam ser vistos.

– Que nojento – Kevin resmungou.

– Porém prático – Anastasia disse.

– Sim, acho que vocês estão certas – Kevin falou. – Cara, eu queria poder fazer só uma tentativa sem o perfume de sangue fedido.

– Você não pode – Dragon afirmou. – Eles vão descobrir você, e vão nos descobrir em seguida.

– Eu jamais contaria a eles onde vocês estão! – Kevin protestou.

Anastasia colocou a mão no ombro dele.

– Não por livre e espontânea vontade, mas depois que eles torturarem você e o deixarem passar fome… bom, vamos apenas dizer que é melhor ficar fedido.

– Sim, você está certa. Então vou voltar para a estação hoje à noite, depois de conseguir um pouco de sangue de vampiro vermelho. Não vou gostar disso. – Kevin estremeceu e então estalou as juntas dos dedos. – Mas vou fazer tudo que tiver de ser feito. Ok, eu já tenho um plano, mas quero a contribuição de vocês.

– Claro – Anastasia disse, e os quatro foram até os bancos de pedra que os espíritos haviam esculpido de algum modo na parede da caverna. O corvo enorme que nunca ficava longe da Sacerdotisa voou para dentro da caverna e esticou suas asas escuras no ar frio, aterrissando em um afloramento rochoso em cima de Anastasia. – O que você está pensando, Kevin?

– Nós precisamos de Aphrodite.

– Aphrodite? – Dragon grunhiu.

– Antes que você reclame, apenas pense no que eu contei antes. O que aconteceria se não existisse mais o Exército Vermelho para Neferet usar como uma máquina de comer em tempos de guerra?

Dragon suspirou e assentiu.

– Sim, é verdade. Sem o Exército Vermelho, não seria mais tão fácil para Neferet ganhar a guerra.

– Exatamente – Kevin concordou.

– Então você deve saber que o risco compensa – Vovó Redbird disse.

– Certo. Vou pedir para Johnny B levar vocês até onde nós escondemos o Polaris. – Dragon voltou seu olhar sombrio para Vovó Redbird. – Sylvia, quero que saiba que você tem um lugar aqui conosco se preferir ficar.

– Obrigada, Dragon, mas eu preciso voltar para a minha fazenda. Eu sou protegida, então não corro perigo e posso ajudar mais lá fora do que me escondendo aqui.

– Como eu vou enviar mensagens para vocês aqui? – Kevin perguntou. – Vou tentar voltar para cá o maior número de vezes que conseguir, mas tenho que ter cem por cento de certeza de que ninguém está me seguindo. E se eu tiver informações que vocês precisam, mas não conseguir escapar?

– Isso é fácil – Anastasia respondeu, levantando os seus grandes olhos azuis na direção do corvo. – Vou enviar Tatsuwa para encontrá-lo todo dia. Ele vai voar em círculos sobre você. Se você tiver uma mensagem para nós, escreva em um pedaço de papel e dê a ele. Tatsuwa vai trazer a mensagem para mim. Da mesma forma, se nós tivermos uma mensagem para enviar, ele vai levá-la até você.

– Hum, como ele vai me encontrar? – Kevin deu uma olhada rápida para o corvo, e o grande pássaro grasnou para ele.

– Ah, você não precisa se preocupar com isso. Se você estiver ao ar livre, Tatsuwa vai encontrá-lo. A visão dele é tão aguçada quanto a sua inteligência.

– Anastasia, minha querida, eu já tinha visto o seu corvo adorável antes, e ele parece estar sempre perto de você, mas eu não tinha ouvido antes você o chamando pelo nome até recentemente. Eu queria dizer que gostei que você escolheu como nome dele uma palavra indígena – Vovó Redbird falou, aproximando-se do pássaro o bastante para acariciar suas penas pretas e brilhantes.

– Tatsuwa significa corvo em Cherokee? – Anastasia pareceu surpresa.

– Sim – Vovó Redbird respondeu. – Se você não sabia disso, como foi que deu esse nome a ele?

O sorriso brilhante de Anastasia iluminou a caverna quando ela olhou carinhosamente para o pássaro.

– Eu não o nomeei. Ele me disse o seu nome, não foi, Tatsuwa?

– *Tatsuwa!* – o corvo falou tão claramente quanto a Sacerdotisa que ele tinha escolhido como sua.

– Às vezes eu acho que os dois são mais próximos do que eu e ela – Dragon resmungou.

– *Ciumento!* – Tatsuwa grasnou.

Anastasia riu musicalmente.

– Ah, Tatsuwa, pare de provocar Bryan.

O pássaro saltou do seu poleiro e andou gingando até Anastasia, aconchegando-se ao lado dela, enquanto ela usava um dedo longo e fino para fazer carinho na penugem em cima do seu bico.

– Quantas palavras ele sabe falar? – Kevin perguntou, totalmente intrigado com o estranho pássaro negro.

– Ah, Tatsuwa não apenas imita palavras. Ele realmente fala – Anastasia explicou. Ela beijou o topo da cabeça do grande pássaro, e Kevin pôde jurar que ouviu a criatura ronronar.

– Um *ta-tsu-wa* é um aliado poderoso – Vovó Redbird afirmou. – Quando eles se ligam a alguém, essa ligação é para a vida toda.

– Se ao menos eu soubesse disso quando o encontrei, congelando e quase completamente sem penas no inverno passado – Dragon resmungou.

– Oh, Bryan, você nunca teria deixado ele sofrer e ficar para morrer – sua bela companheira falou. – Tatsuwa e eu somos gratos pelo seu bom coração.

– *Obrigado, Bryan* – o pássaro disse, soando igual Anastasia de um jeito desconcertante.

– Eu estabeleci o limite de ele não dormir conosco – Dragon disse.

– Meu amor, você sabe que ele prefere o ninho dele.

– Feito com os seus cabelos.

– Sério? – Kevin perguntou para Anastasia.

– Apenas parcialmente. O resto é feito com um dos meus velhos suéteres. E ele não arrancou o cabelo da minha cabeça. Ele é ótimo em limpar as minhas escovas.

Os olhos da Sacerdotisa faiscaram quando ela beijou o topo da cabeça negra lustrosa do corvo de novo.

– Humpf – Dragon resmungou. Então ele voltou seu olhar sarcástico para Kevin. – Mas o que tudo isso significa é que o pássaro é bizarramente inteligente e vai fazer qualquer coisa que Anastasia pedir.

– Ok, bom, acho que ele vai ser o meu celular então. É estranho, mas não tão estranho quanto o fato de ele dormir em um ninho feito com os cabelos da sua companheira. – Kevin levantou e se alongou, fazendo só uma pequena careta ao sentir uma fisgada na cicatriz do seu ferimento. – Você está pronta, Vó?

– Totalmente. – Vovó Redbird se levantou e fez mais uma longa carícia no corvo antes de abraçar Anastasia e depois o companheiro dela. – Obrigada por confiarem em mim.

– E em mim. – Kevin estendeu a mão para Anastasia, que sorriu docemente antes de abraçá-lo e de beijar sua bochecha.

– É tão fácil confiar em você quanto na sua avó – disse a Sacerdotisa.

– Bom, só depois que a gente supera essa sua Marca vermelha. – Dragon também puxou Kevin para um abraço com tapinha nas costas. – Fique em segurança, Kevin Redbird. Você pode ser a nossa única esperança de acabar com essa guerra sem nos render e condenar o nosso mundo às Trevas.

– Ei, sem pressão, certo? – Kevin se esforçou para não estalar os nós dos dedos.

Quando ele e sua avó saíram da caverna seguindo Johnny B, Tatsuwa passou voando por eles e então Kevin ouviu o pássaro chamando no vento:

– *Garoto Redbird… Garoto Redbird… Garoto Redbird…*

---

3 Causador de muitos casos de alergia no hemisfério norte. (N.T.)

# 12

## Outro Kevin

– *U-we-tsi*, você tem certeza disso? – Vovó Redbird perguntou enquanto se inclinava sobre o assento, procurando algo dentro da grande cesta que ocupava a maior parte do banco traseiro do carro. Ela havia parado em uma das vagas na parte mais escura do estacionamento da Utica Square, bem no fundo.

– Não, mas eu tenho certeza de que você não pode me levar até a escola. Você está sob a proteção de Neferet, mas nenhum humano racional jamais iria entrar em um carro com um vampiro vermelho, a menos que estivesse prestes a ser devorado.

– Ah, aqui está! Eu sabia que tinha um desses aqui atrás. Coloque isso. Tem um capuz e deve ser grande o bastante para puxar para baixo para cobrir o seu rosto. – Vovó entregou a ele um velho moletom escuro que tinha um leve cheiro de lavanda, e ele o vestiu. Então ela abriu a cesta de novo e pegou uma bolsa de couro com uma tira grossa para colocar sobre o ombro. – Aqui, pegue isto também. Coloquei aí dentro algumas coisas que acho que você pode precisar. E, não, eu não quis dizer que eu deveria levá-lo de carro até lá. Entendo que isso é impossível e você pode facilmente ir

a pé até a Morada da Noite. Estou preocupada com o seu perfume de sangue.

Vovó Redbird franziu o nariz quando disse as últimas palavras.

Kevin riu, colocou a tira da bolsa sobre o ombro e a abraçou.

– Você não precisa se preocupar com isso. Já pensei em tudo.

– Sei que isso é algo que você precisa fazer, mas me deixa muito angustiada pensar em você matando um novato ou vampiro vermelho.

– Vó, eu não vou matar ninguém.

– Então, você vai apenas cortar um vampiro vermelho para pegar o sangue de que precisa?

– Vó, eu tenho uma ideia melhor que essa. Vou visitar o necrotério da escola.

Vovó Redbird o abraçou forte.

– Oh, *u-we-tsi*, fico tão feliz em ouvir isso! – Então ambos riram como criancinhas por causa do ridículo de ficar feliz por alguém visitar um necrotério.

Finalmente, Kevin deu um beijo na bochecha dela.

– Prometa que não vai fazer nada que possa te machucar.

Ela segurou o rosto dele com as mãos e sorriu amorosamente, olhando nos olhos dele.

– Não posso prometer isso, mas prometo que vou ser sábia e pensar um pouco antes de agir.

– Acho que vou ter que me contentar com essa promessa.

– Acho que sim. – Vovó o beijou. – Vá com a proteção da Grande Deusa, *u-we-tsi*, e lembre-se sempre de como eu tenho orgulho de você.

Kevin odiou deixar sua avó para trás. Ele teve que se esforçar para não começar imediatamente a imaginar hordas de vampiros

vermelhos insaciáveis atacando a sua fazenda para devorá-la por ajudar a Resistência.

*Vovó está sob a proteção de Neferet.*

*Ninguém no Exército Vermelho ou Azul sabe que ela faz parte da Resistência.*

*Eu realmente preciso relaxar.*

Pensamentos sobre a sua avó e a Resistência ficaram revirando sem parar na cabeça de Kevin enquanto ele cortava caminho pela Rua Vinte e Dois e seguia pela Avenida Yorktown em direção ao lado leste da Morada da Noite.

Era tarde – apenas algumas horas antes do amanhecer –, mas ele não estava preocupado. Visitar Zoey tinha dado a ele uma percepção maior da Morada da Noite, e ele sabia onde poderia se esconder em segurança do sol e de vampiros curiosos. *Se* os dois mundos fossem realmente mais parecidos do que diferentes. Se esta Morada da Noite *não* tiver sido construída como a de Zo…

Kevin balançou a cabeça. *Não tem motivo para ficar pessimista a não ser que eu precise.* Se tudo mais falhasse, ele sempre podia se fingir de bobo e ser apenas outro vampiro vermelho que tinha perdido o ônibus de antes do amanhecer para os túneis da estação. Com sorte, os vampiros azuis o deixariam ficar em um dos quartos escurecidos no dormitório e não iriam atirá-lo no meio da rua para fritar.

O muro de pedra que rodeava a Morada da Noite surgiu subitamente à sua direita, parecendo austero, intimidador e basicamente nada parecido com o da Morada da Noite iluminada e receptiva que a sua irmã comandava.

Por um instante, uma saudade profunda apertou, e Kevin desejou mais do que qualquer coisa que ele pudesse sair correndo para o

Woodward Park e descobrir um jeito de reabrir o portal entre os mundos e deslizar de volta por ele – para nunca mais voltar.

– Mas e se eu realmente fizesse isso? O que iria acontecer com Vovó aqui? Ela nunca iria parar de se preocupar comigo e nunca iria sair do luto por perder Zo *e* eu – ele disse a si mesmo.

E agora havia Dragon, Anastasia e o restante da Resistência. Eles iriam achar que ele havia sido pego e morto, ou que tinha mentido para eles. Provavelmente iriam abandonar a caverna na montanha, o que seria realmente terrível. Não, Kevin não podia ir embora. Não importava o quanto ele quisesse isso.

Postes de rua feitos para parecer que eram do começo dos anos 1900, inclusive com as chamas tremulantes do gás, projetavam sombras em movimento pelo muro enorme. Kevin atravessou a Yorktown para se juntar a elas enquanto sua visão sobrenaturalmente aguçada começava a vasculhar a parede, procurando a pedra antiga e retangular em que estava inscrito 1926 – o ano em que o muro que circundava a escola havia sido terminado. Ele estalou as juntas dos dedos nervoso enquanto procurava, sem nem ter certeza de que ela estava mesmo ali. Zo tinha contado a ele sobre essa pedra – que era um tijolo específico no muro leste da escola que, na verdade, era parte de um sistema de alçapão acionado por molas. Esse tijolo no muro não parecia muito diferente dos outros, mas ela disse que do lado de fora ele estava marcado e que era através desse alçapão que novatos escapavam para fora do campus há quase um século.

Pelo menos era assim no mundo *dela.*

Aquele era o primeiro teste – a primeira vez em que ele iria ver o quanto os dois mundos eram parecidos em sua estrutura.

Quando os olhos dele avistaram a inscrição 1926, ele sentiu uma onda de alívio. O tijolo estava na altura dos seus olhos. Ele respirou fundo e o pressionou.

Houve um clique baixo quando algum mecanismo se abriu, e então o muro pareceu dar um suspiro ao aparecer um vão – com espaço apenas suficiente para alguém passar apertado por ele – naquela obra de alvenaria antes aparentemente perfeita.

Depois que entrou, ele empurrou o tijolo de novo e a porta se fechou, e então Kevin fez uma pausa. Ele se agachou contra o muro, desejando que a escuridão antes do amanhecer estivesse menos límpida e com mais névoa, chuva ou até gelo, mas, depois que o seu olhar fez uma varredura pelos jardins da escola, ele começou a relaxar. Aquela não era a Morada da Noite da sua irmã. Não havia garotos humanos se misturando aos novatos, azuis e vermelhos, brincando pelo jardim. Tudo o que Kevin viu foi um gramado meticulosamente bem-cuidado, alguns gatos furtivos e Guerreiros Filhos de Erebus de guarda em cada uma das portas do prédio principal.

Kevin definitivamente iria evitar o prédio principal.

Mantendo-se perto o bastante do muro para se misturar às sombras bruxuleantes da iluminação a gás, Kevin começou a correr. Ele seguiu o muro todo até passar pelo Templo de Nyx. Ao passar por ali, ele lançou um olhar nostálgico naquela direção. Ele nunca se esqueceria da sensação de amor e aceitação que experimentou com Zoey e os seus amigos dentro do Templo da Deusa. Esse lugar parecia quase exatamente igual a esse templo, embora não houvesse nem perto da mesma quantidade de velas brilhando através das janelas e ele não sentisse nem um pingo de aroma de baunilha ou lavanda.

É Neferet. Ela não está honrando a Deusa como Zo faz.

Esse pensamento deixou Kevin irritado e muito triste.

Logo depois do Templo de Nyx, o muro começou a fazer uma curva para a direita, onde ele corria paralelo à Rua Utica, e não muito depois disso Kevin avistou o prédio solitário que ele procurava, construído com a mesma pedra do muro e do resto da Morada da Noite, só que esse edifício era diferente.

Não que parecesse muito diferente. Ele era pequeno – realmente uma versão em miniatura do Templo de Nyx. Tinha um jardim de meditação estilo japonês adjacente que era emoldurado em três lados por um mausoléu, que guardava os corpos cinzentos dos novatos azuis que haviam rejeitado a Transformação.

– E apenas dos novatos azuis – Kevin murmurou para si mesmo. – Os novatos vermelhos são retirados do necrotério, queimados e então as suas cinzas são jogadas fora. Literalmente. Como lixo mesmo, eles são coletados com o resto do lixo da escola toda semana. Espero que hoje não tenha sido o dia da coleta.

Kevin se aproximou do mausoléu. Ele teria que atravessar o jardim de meditação para entrar no necrotério em si, mas ele não previa nenhum problema nessa hora. O necrotério não era exatamente um lugar efervescente da Morada da Noite. Na verdade, dificilmente alguém ia até lá, já que Neferet encorajava os novatos a “não ficar de luto por aqueles que se mostraram indignos”.

A areia do jardim de meditação continuou silenciosa sob os pés de Kevin e, apesar de a área parecer deserta, ele ficou satisfeito com a existência de biombos de madeira decorados que seccionavam o jardim, criando alcovas particulares de sombras.

Não muito longe, ele conseguiu ver a porta de madeira arqueada que era a entrada para o necrotério. Kevin estava quase deixando

que a tensão saísse dos seus ombros quando, pelo canto do olho, percebeu um movimento.

No meio do jardim de meditação havia uma bela estátua de Nyx. Aquela estátua em particular retratava Nyx como a deusa piedosa Kwan Yin. Feita de um onírico ônix branco, sentada com as pernas cruzadas em posição de lótus, ela estava acesa por dentro e era a única luz no sereno jardim.

Na frente da estátua havia um banco de madeira simples, muito parecido com os bancos dentro de cada alcova de meditação, porém maior. No banco estava sentada uma figura solitária, com o rosto levantado, contemplando a Deusa.

*Merda! Uma Sacerdotisa!*

Kevin se enfiou rápida e silenciosamente na alcova de meditação mais próxima. Ele estava analisando a mulher sentada no banco, tentando ter uma visão mais clara do seu rosto e pensando que ela parecia familiar, quando outra pessoa entrou apressada no jardim, vindo da direção oposta, como se estivesse chegando do prédio principal da escola. Ela caminhou a passos largos até o banco, fazendo uma grande encenação ao baixar os olhos para a Sacerdotisa que estava sentada sozinha. Kevin se espremeu no canto da sua alcova e rezou para que nenhuma das duas o descobrisse ali.

– Aí está você! Um dos Guerreiros disse que viu você vindo nesta direção, mas eu tinha certeza de que ele estava errado. Eu inclusive falei isso para ele. Eu disse: “Por que a adorável Aphrodite iria querer passar um tempo no jardim do necrotério?”. Mas, como não consegui encontrar você em lugar nenhum e como você se recusa a atender o seu telefone, eu resolvi vir aqui procurar você.

Kevin sentiu um tranco de choque elétrico. Aquela era Aphrodite! E então a sua mente alcançou o seu choque quando ele reconheceu a voz da segunda Sacerdotisa.

O som do suspiro de Aphrodite atravessou a areia até Kevin.

– Olá, Neferet. Respondendo à sua pergunta, eu venho bastante aqui porque dificilmente alguém está por aqui. Gosto de ter tempo para pensar. Sozinha. É por isso que o meu telefone está desligado.

– Minha querida, isso seria aceitável se você fosse qualquer outra Sacerdotisa, mas você não é. Você é minha Profetisa.

– Não é como se eu estivesse tendo uma visão neste exato momento.

Kevin sorriu ao ouvir a voz sexy e sarcástica de Aphrodite. Ele raramente tinha visto Neferet tão de perto. Ele nunca tinha falado com ela, mas havia testemunhado como os outros vampiros a tratavam – com respeito e uma dose segura de medo. Aphrodite, não. Aphrodite falava com Neferet como se elas estivessem no mesmo patamar, e ela estivesse irritada por ter sido interrompida.

– Neste momento você não está, mas você teve uma visão mais cedo.

Aphrodite se levantou e encarou a Grande Sacerdotisa mais alta.

– Você colocou espiões para me observar?

– Espiões? Não. Só aqueles que são leais e que cumprem o seu papel de me informar sobre qualquer coisa que eu possa considerar importante, e o fato de a minha Profetisa ter uma visão e esconder isso de mim definitivamente é importante.

Aphrodite atirou para trás o seu longo cabelo, o qual capturou a luz suave da imagem da Deusa e brilhou como fios de ouro.

– Ah, que merda! Eu não estou escondendo nada. Eu achei seriamente que vir até o necrotério poderia ajudar. Não estou vendo

nada além de morte nas minhas visões. A visão de hoje não foi diferente. Você quer saber o que eu vi? Novatos e vampiros azuis sendo massacrados em um campo por uma horda nojenta de vampiros vermelhos. Na verdade, a única coisa que eu posso dizer especificamente, além de quem estava massacrando quem, é que era um campo de trigo de inverno que tinha acabado de ser cortado. Tinha um cheiro muito bom, até o fedor dos vampiros vermelhos tomar conta de tudo. Nada mais estava muito claro. Apenas morte, sangue, massacre e pânico em um campo infestado de soldados vermelhos.

– Qual campo? Onde? – Neferet falou rispidamente.

– Eu não sei! Neferet, eu continuo tentando fazer você entender que eu *sempre* tenho as minhas visões do ponto de vista de alguém que está morrendo, normalmente de um jeito horrível. Por isso que é tão difícil compreendê-las. Portanto, como as minhas malditas visões são tão cheias de morte, faz sentido que eu possa encontrar uma resposta perto do necrotério. Tipo, você acha que eu *quero* dar uma voltinha aqui? Cai na real. Este lugar não é o meu estilo.

– Oh, então você quer a *real?* – Neferet disse com voz baixa. Kevin sentiu a sua alma estremecer quando Neferet deslizou para mais perto de Aphrodite, fazendo a jovem vampira dar um passo para trás na areia do jardim. – O que é *real* é que há um movimento de Resistência do meu próprio povo lutando contra mim. O que é *real* é que a cada dia novatos azuis, vampiros azuis e até *humanos* fracos e repugnantes desertam nosso exército. Eles *vão embora*! Como se eu não soubesse o que é melhor para eles! Como se eu não fosse a Grande Sacerdotisa!

– Bom, você realmente não é a Grande Sacerdotisa de nenhum humano – Aphrodite respondeu.

Rápida como uma víbora, Neferet atacou Aphrodite. O tapa ecoou por aquele espaço sereno, e Kevin se encolheu em um reflexo de empatia.

– Nunca diga o que eu sou ou deixo de ser! Tudo o que eu quero é que você me diga como alcançar o fim da Resistência. Se você não consegue fazer isso, você tem menos utilidade para mim do que um vampiro vermelho raivoso e recém-Transformado. Pelo menos eles lutam por mim. Refresque a minha memória, minha querida, o que é que *você* faz por mim?

– Eu sou sua Profetisa.

– Mesmo? As suas visões se tornaram nada mais do que disparates confusos e sem sentido.

– Mas eu só posso ver o que Nyx permite que eu…

– Talvez você conseguisse trabalhar melhor se rastejasse menos diante de Nyx e passasse mais tempo servindo a sua Grande Sacerdotisa! – Neferet a interrompeu.

– Neferet, eu sou uma Profetisa de Nyx. O meu poder vem da Deusa. Se eu não *rastejar*, como você diz, então eu não tenho nenhuma visão.

– Então talvez você deva procurar poder em outro lugar, minha querida. Ou você prefere que eu a envie junto com o Exército Vermelho no próximo confronto deles contra nossos inimigos? Melhor ainda, alguns generais meus sugeriram que eu deveria ser mais presente para meus soldados vermelhos. – Neferet fez uma pausa e Kevin viu que ela estremeceu de asco. – Mas eu simplesmente não suporto o cheiro e a burrice deles. Eles realmente não são nada além de animais raivosos. Talvez *você* seja a minha resposta para o pedido dos generais. Talvez você deva transferir as suas coisas para a estação e virar a Profetisa *deles.* Você pode até

ir para a guerra com eles. Ver a morte *de verdade* em vez de suas visões complicadas pode ser uma experiência de iluminação para você! Você pode se acostumar com isso e começar a ser capaz de *pensar* um pouco durante as suas visões.

Kevin ficou estarrecido com as palavras de Neferet. A estação e os túneis eram pouco mais do que celas para o Exército Vermelho e os novatos vermelhos recém-Marcados. Tudo fedia lá embaixo – até Kevin tinha se sentido enojado. E era imundo – realmente asqueroso, com restos de humanos em decomposição espalhados como bonecas quebradas gigantes, que o exército comia. Os novatos e vampiros vermelhos que habitavam aquele lugar não eram muito distantes de animais. Kevin odiava só imaginar o que ser forçada a viver com eles faria com Aphrodite.

– Eu vou para onde você mandar, mas prometo que estar cercada pelo Exército Vermelho não vai ajudar as minhas visões em nada – Aphrodite tentou soar forte, como se ela particularmente não se importasse para onde Neferet iria enviá-la, mas Kevin conseguiu escutar o pânico dela, levemente encoberto pela indiferença.

– Você tem que descobrir o que *vai* ajudar as suas visões! Se você não começar a me dar alguma informação que eu possa usar, vai perder os seus aposentos suntuosos, o seu serviço de quarto e o seu abastecimento inesgotável de champanhe e de vampiros azuis viris com quem você vadia o dia todo. *Tudo isso* – Neferet fez um gesto nervoso que abarcou o jardim sereno, o terreno da escola e o pequeno e organizado necrotério – será substituído por túneis úmidos, fétidos e morte, já que eu estou começando a acreditar que os seus *dons* são relevantes apenas para os mortos. Então, da próxima vez que nos falarmos, espero que você consiga lembrar de

mais detalhes a respeito de sua última visão. Ou pode ir arrumando a sua mala Louis Vuitton e se preparando para a mudança.

Com um rodopio do seu vestido longo de seda, Neferet deu as costas a Aphrodite e saiu com passadas firmes, deixando a sua Profetisa em pé sozinha nas areias do jardim de meditação iluminadas pela lua.

Kevin permaneceu ali, observando Aphrodite silenciosamente. Assim que Neferet saiu, os ombros da jovem Profetisa desabaram. Ela esfregou a lateral do rosto onde havia sido atingida, e Kevin teve quase certeza de que ouviu ela segurar um soluço.

E então ela fez algo que Kevin não esperava de jeito nenhum. Aphrodite não foi embora. Ela não voltou para o aconchego e a opulência dos seus aposentos no prédio principal da Morada da Noite. Em vez disso, ela se virou e por um instante ele pensou que ela estava vindo na direção da sua alcova. A mente de Kevin zuniu, freneticamente testando e descartando mentiras que ele poderia contar, desculpas que ele poderia dar por estar ali.

Ela parou e desabou no banco em que estava sentada antes de Neferet a interromper. Com um suspiro que soou como se tivesse saído das profundezas da sua alma, ela tirou do pé direito um sapato de salto brilhante que parecia muito desconfortável e começou a fazer pequenos desenhos na areia com o que ele podia ver claramente que era o seu dedão, a unha pintada de rosa.

– Nyx, ela é tão horrível! – Aphrodite disse para a estátua. – Talvez eu deva dizer para Neferet que ela está ficando velha. Ela não está, claro, aquela *vaca.* Mas, se eu começar a perguntar se ela está dormindo direito e mencionar pés de galinha e peitos caídos, sabe, no geral… *não* sobre ela especificamente, ela vai ficar tão paranoica que pode ser que ela foque mais no espelho dela do que

em mim – ela soltou outro longo suspiro derrotado. – Não quero contar para ela tudo que eu vejo. Eu… eu não suporto saber que sou a causa de mais mortes. Lenobia, Travis e todos aqueles cavalos… – A voz de Aphrodite se perdeu em um soluço. Então ela enxugou os olhos com raiva e levantou a cabeça para a Deusa. – Nyx, ela é a sua Grande Sacerdotisa, mas eu simplesmente não entendo. Ela é *terrível.* Eu a odeio mais do que odeio aquelas lojas de departamento baratas e horríveis onde tudo está sempre em liquidação e os caipiras que compram lá precisam ficar remexendo em araras e mais araras cheias de porcarias bregas sem o benefício de provadores com lustres de cristal e taças de champanhe.

Ela estremeceu delicadamente.

Pego completamente desprevenido pela comparação muito bizarra e muito no estilo de Aphrodite, Kevin riu alto.

A atitude de Aphrodite mudou instantaneamente. A sua espinha ficou ereta. Ela atirou o cabelo para trás e franziu os olhos azuis que faziam uma varredura no jardim de meditação.

– Quem é que está aí?

Kevin congelou. Então, lembrando do moletom que Vovó tinha lhe dado, ele puxou o capuz sobre a cabeça o máximo que podia – esperando fortemente que o capuz e as sombras fossem o bastante para encobrir a sua tatuagem vermelha.

Aphrodite levantou, colocando o seu pé arqueado de volta no sapato brilhante. Ela deu alguns passos no jardim de meditação, na direção exata da alcova de Kevin.

– Eu já perguntei, quem está aí?

– De-desculpe. Eu não queria perturbar você – ele gaguejou, pensando que era mais inteligente admitir a sua presença do que ser descoberto fugindo nas sombras.

Ela marchou até a alcova de meditação e parou diante dele, com as mãos no quadril.

– O que é? Que merda você quer de mim? Saber o futuro? Conhecer a Deusa? *Me* conhecer? – ela zombou dele, e o seu rosto bonito virou algo maldoso e cheio de ódio. – Bom, você está sem sorte. Não posso ajudar você com nenhuma dessas coisas.

– E-eu não estou aqui porque quero alguma coisa de você! – Kevin falou honestamente, sem pensar. A sua mente estava acelerando como um carrinho de bate-bate no Festival Rooster Days,[4] chocando-se contra ideias e quicando quando ele as rejeitava.

– Ah, é claro que não. *Todo mundo* quer alguma coisa de mim – Aphrodite afirmou, e Kevin viu que um lampejo de emoção bruta, com amargura e repleta de dor, cruzou o rosto dela. – Quanto tempo faz que você está aí?

Ele abriu a boca para tentar responder, mas ela não deu chance para ele começar.

– Você trabalha pra ela? Ela colocou você aqui para me espionar? Se foi isso, escute aqui e escute bem: *eu não ligo se você vai contar para ela que porra eu falei.* Eu vou mentir. Vou dizer a ela que estava sentada rezando para Nyx e que você me interrompeu bem na hora em que eu estava tendo uma resposta da Deusa. Ela vai acreditar em mim porque, não importa o quanto ela goste de transar com homens, Neferet, na verdade, não *gosta* de homens. E ela nunca, jamais confia neles. Então, seja lá quem você for, se for falar de mim para Neferet, ela vai acabar acreditando em mim e odiando você, porque ela precisa de poucos pretextos para odiar qualquer homem.

Kevin ficou atordoado com a profundidade da crueldade na voz dela. A Profetisa linda e triste, que apenas alguns segundos atrás estava sentada melancolicamente em um banco conversando com a sua Deusa, tinha se transformado em alguém detestável.

Devagar, de maneira bem clara, Kevin disse:

– Ah, eu acredito. Você obviamente sabe do que está falando. Vocês se parecem muito.

Aphrodite deu um solavanco para trás, como se ele tivesse dado outro tapa na sua bochecha.

– Quem é você?

Kevin se pressionou contra a alcova, desejando que ele pudesse se tornar uma sombra.

– Eu não sou ninguém. Neferet não me mandou até aqui. Eu não tinha ideia de que ela estaria aqui. Eu não tinha ideia de que você estaria aqui.

– Então que diabos você quer? – Aphrodite perguntou de novo.

Ela parecia tão fria, tão diferente da sua Aphrodite, que a irritação de Kevin começou a cozinhar em fogo brando junto com o seu medo. Se ela gritasse, um Guerreiro Filho de Erebus certamente a ouviria. Ele seria arrastado para fora dos jardins por perturbar a Profetisa de Neferet e se tornaria o centro das atenções – *sem nem ter seu perfume fedido de sangue.*

Ele seria descoberto como alguém diferente, e isso seria péssimo em vários níveis. Então ele endureceu a sua voz e abasteceu a sua irritação com o seu medo.

– Ei, eu já disse. Não quero *nada* de você. Não queria nem estar aqui… neste lugar horrível que tem cheiro de morte neste maldito mundo horrível!

Ele pôde ver que as suas palavras a abalaram. Houve um longo silêncio enquanto ela ficou encarando a sombra sentada que era Kevin. Quando ela falou, a sua voz tinha perdido aquela ponta de amargura, e a sua pergunta simples o surpreendeu.

– Você perdeu alguém que amava?

Aquela pergunta penetrou na mente dele, trazendo com ela imagens de um mundo perdido, uma vida deixada para trás. Zoey, rindo com a sua Horda Nerd. Vovó Redbird, dando a ele uma bolsa medicinal e tentando não chorar ao dizer adeus. A Aphrodite do outro mundo, sorrindo para ele enquanto os seus olhos faiscavam como pedras preciosas com humor e aquele seu tipo especial e sarcástico de inteligência. Damien e Jack, de mãos dadas e parecendo tão, mas tão felizes e apaixonados, e novatos vermelhos e azuis divertindo-se pacificamente na neve, rodeados por gatos e amor. Sempre o amor.

– Sim – ele perdeu a voz e teve que limpar a garganta antes de continuar. – Sim. Eu perdi o meu mundo inteiro.

O rosto dela mudou. Ele se suavizou, e uma lágrima escorreu pelo seu rosto impecável, e Kevin pensou que ele nunca tinha visto ninguém mais triste nem mais bonita.

– É, eu também. Eu me perdi. Sinto a mesma coisa.

Então ela se virou e saiu do jardim de meditação sem nem mais uma palavra ou olhar na direção dele.

---

4 O festival mais antigo de Oklahoma. (N.T.)

# 13

## Outro Kevin

Kevin tomou uma decisão rapidamente. Ele poderia ir embora – imediatamente. Poderia fugir, correr para a Utica Square, ligar para Vovó e voltar para a montanha. Ou ele podia levantar a bunda daquele banco no qual estava praticamente colado e entrar no necrotério para coletar um pouco de sangue fedido de vampiro vermelho para camuflar o seu cheiro e continuar com o trabalho que ele havia se disposto a fazer.

Ele sabia o que Zoey faria.

Kevin se mexeu o mais rápido e o mais silenciosamente possível. O seu olhar vasculhou a área enquanto os seus ouvidos se esforçaram para escutar até o menor dos sons de alguém se aproximando enquanto ele atravessava o jardim de meditação em direção à porta do necrotério. Quando ele chegou lá, não hesitou. Kevin abriu a porta e entrou.

Ele já tinha estado no necrotério apenas uma vez. Foi com o General Dominick logo antes de ele ser promovido a tenente. Eles haviam tido uma briga com um grupo de humanos que haviam formado uma milícia a leste de Broken Arrow, no meio de algumas

terras do estado que já haviam sido um campo de escoteiros no passado, mas que agora era um lugar desleixado, com trilhas abandonadas e cobertas de vegetação. Os humanos tinham se recusado a desistir. Neferet enviou o Exército Vermelho.

Foi um massacre brutal. Todos os humanos foram mortos. O Exército Vermelho perdeu uma dúzia de soldados. O general havia pedido por voluntários para trazer os corpos dos vampiros vermelhos que tombaram de volta para a Morada da Noite, e Kevin imediatamente se candidatou, pensando que dirigir um caminhão militar cheio de vampiros mortos empilhados era muito melhor do que ficar lá e se juntar ao resto do exército enquanto eles despedaçavam os humanos e os devoravam. O General Dominick havia ficado impressionado com a habilidade de Kevin de liderar essa missão e imediatamente o promoveu de cargo.

Assim, Kevin sabia exatamente aonde estava indo – embora não estivesse ansioso para chegar lá.

Ele seguiu pelo corredor da entrada até o final, ignorando as portas que estavam enfileiradas à direita e à esquerda. Elas davam para salas cheias de vampiros azuis que haviam morrido durante as batalhas e de novatos azuis que rejeitaram a Transformação. Não havia nenhum vampiro vermelho em nenhuma dessas salas, já que Neferet fazia questão de manter os seus Exércitos Vermelho e Azul separados, até mesmo na morte.

Não havia nenhuma sinalização em nenhuma dessas portas, exceto na última delas, no final do corredor. Essa porta estava marcada claramente com um grande X vermelho. Kevin não hesitou. Ele abriu a porta e entrou silenciosamente no quarto escuro.

O cheiro foi a primeira coisa que o atingiu. A sala era fria, mantida daquela forma para que os corpos não entrassem em decomposição

antes que pudessem ser queimados e então descartados como lixo. Não havia quase nada na sala, exceto mesas e armários de metal alinhados contra uma parede. Ele rapidamente contou dez mesas. Apenas uma delas estava ocupada. Desviando o olhar dessa mesa, Kevin foi rapidamente até os armários e começou a vasculhar os suprimentos médicos.

Levou pouco tempo para encontrar um vidro com tampa.

Kevin pegou o vidro e foi até a mesa ocupada. Um corpo jazia ali, coberto por um lençol ensanguentado.

É só fazer isso. Só faça logo e acabe com o sofrimento.

Kevin levantou o lençol do corpo e suspirou com tristeza.

– Caramba, cara, isso deve ter doído.

A causa da morte do jovem vampiro vermelho era óbvia. Algo tinha esmagado a sua cabeça. Todo o lado direito da cabeça, da maçã do rosto para cima, estava um horror. Kevin queria desviar os olhos. Ele não queria olhar para o rosto daquele cara, mas não conseguia evitar.

O vampiro morto era tão jovem! O seu rosto, congelado pela morte, estava medonho do lado ferido, mas no restante dele parecia que ele mal tinha dezoito anos.

– Você não deve ter se Transformado há muito tempo – ele falou em voz baixa para o cadáver. – Eu também não. Eu me lembro tão bem de me Transformar. Lembro de como fiquei com medo, sabendo que a minha humanidade estava escapando de mim. Eu ainda não sei o que é pior. Perder totalmente a sua humanidade e virar uma máquina de comer, ou manter a humanidade e compreender muito bem a sua monstruosidade. – Kevin colocou a mão no ombro frio e sem vida do garoto. – Sinto muito. Vou tentar fazer o melhor que posso para evitar que outras pessoas virem

monstros, mas eu preciso da sua ajuda. Isso não vai ser agradável, e fico realmente feliz que você não pode sentir nada, mas assim mesmo eu sinto muito por ter que fazer isso com você. Ok, bom, vou acabar logo com isso e depois eu cubro você de novo.

Primeiro, Kevin levantou o braço do vampiro morto, virando-o para ter acesso ao lado de baixo do antebraço.

– De novo, cara, desculpe.

Então, ele pressionou a unha do seu dedo indicador com força contra a pele flácida, cortando devagar a veia principal do pulso até o cotovelo. A pele se partiu facilmente sob a unha sobrenaturalmente afiada de Kevin, e ele trabalhou rápido, apertando e pressionando para fazer o sangue estagnado e coagulado passar para dentro do vidro.

O cheiro era terrível – ainda pior do que o de vampiros vermelhos vivos, que já era péssimo. Kevin continuou mesmo assim, passando para o outro braço e depois finalmente rolando o corpo de lado para expor mais sangue estagnado. Era um trabalho demorado. O sangue era pegajoso e estava coagulado, e era totalmente repugnante ordenhar sangue do corpo morto como se fosse uma vaca. Finalmente, Kevin se viu tendo que enfiar os dedos dentro dos cortes que ele fez para tirar aquela coisa viscosa para fora. Com o vidro cheio, ele finalmente colocou a tampa antes de ir até a pia.

Cuidadosamente, Kevin levantou o moletom e a camiseta que estava usando por baixo. Com uma careta de nojo, ele esfregou uma linha de gosma sangrenta com cheiro podre na barriga, logo acima da cintura da sua calça jeans. Ele também puxou as mangas para cima, esfregando mais sangue nas dobras dos seus cotovelos. Satisfeito com o trabalho, pois agora ele passaria em um teste de cheiro de vampiro vermelho, lavou as mãos e o vidro e então pegou

um monte de papel toalha em um dispenser de metal posicionado sobre a pia. Kevin molhou metade dos papéis toalha e então foi de novo até o corpo.

– Nunca mais vou comer nada que pareça geleia de morango. Jamais – Kevin disse para o cadáver. – Não vou deixar você assim. Não que alguém fosse notar. Eles vão levar você na maca de rodinhas e colocá-lo dentro do crematório sem nem olhar para você. Mas assim mesmo… não é certo deixar você assim.

Kevin limpou o sangue do corpo, colocando as roupas de volta no lugar e até secando a mesa. Quando o vampiro morto pareceu quase arrumado, Kevin colocou a mão de novo no ombro do garoto morto.

– Obrigado. O seu sangue vai fazer com que eu não seja pego… para que eles não saibam que eu sou diferente. Eu vou mudar as coisas por aqui. Dou a minha palavra. Vou ser parte de um milagre. Sei que isso pode acontecer porque eu já presenciei isso antes. Eu já senti. E agora eu vivo isso. Eu vou garantir que vampiros vermelhos não sejam mais monstros. Eu prometo. – Kevin baixou a cabeça e sussurrou para a sua Deusa: – Obrigado, Nyx. Por favor, receba este garoto no seu bosque. Ele não pediu por esse destino. Não importa quem ele era quando humano, bom ou mau, ele não merecia isso.

Então, devagar, Kevin puxou o lençol ensanguentado sobre o corpo do jovem vampiro vermelho.

Kevin enfiou o vidro dentro do bolso interno da mochila – bem longe dos cookies deliciosos da sua avó. Então ele colocou a tira da mochila sobre o ombro de novo e foi até a porta, abrindo-a apenas o suficiente para espiar o corredor e dando um suspiro de alívio ao ver que estava deserto.

Sem perder nem mais um segundo, Kevin se apressou pelo corredor e saiu pela porta. Ele contornou discretamente o lado do necrotério que dava para o resto dos jardins da escola e analisou a área. Uma sensação familiar de apreensão terrível subiu pela sua espinha quando ele percebeu que, em vez de um céu preto, o mundo ao redor dele tinha começado a se alterar para cinza e rosa.

*O amanhecer!* Kevin quis dar um chute nele próprio. *É claro que eu me sinto apreensivo. Em quinze minutos, o sol vai se levantar e fritar a minha bunda!*

Ele não tinha tempo a perder. Puxando o capuz para cobrir a maior parte do seu rosto, Kevin caminhou rapidamente com confiança pelo jardim da escola.

Ele não viu nenhum novato, e os únicos vampiros que ele notou eram Guerreiros Filhos de Erebus pegando o turno do dia e aliviando os vigias da noite. Kevin atravessou o campus até a entrada dos fundos do Ginásio e do centro equestre abandonado. Ele manteve o rosto virado para o outro lado quando passou por dois Guerreiros que estavam discutindo as instruções para os oficiais que Neferet havia anunciado, de que eles deveriam comparecer ao auditório às 2000 horas[5] do dia seguinte.

Ele teve que dar tudo de si para não socar o ar e gritar *"*Ótimo!*"*. Um informe para os oficiais era exatamente tudo que ele precisava – e o que Dragon precisava ouvir!

Quando Kevin entrou no Ginásio, ele seguiu pelo corredor, virando algumas vezes até chegar a uma porta comum, que ele esperava desesperadamente que desse para o porão, assim como era no mundo de Zo. Ele tentou abrir a maçaneta da porta, *e ela estava trancada*!

– Droga! – Kevin sussurrou a palavra. – Agora o que é que eu vou fazer?

Se alguém o visse durante as horas de luz do dia, ele seria pego. Vampiros vermelhos nunca ficavam na Morada da Noite depois do amanhecer. Ele não podia nem fingir ignorância e dizer que estava perdido. Ninguém acreditaria nele. Desde o momento em que um novato era Marcado como vermelho e trazido para a Morada da Noite, era incutido dentro dele que ele *tinha* que estar nos túneis antes do nascer do sol. A única exceção era se o vampiro vermelho estivesse em uma missão do Exército Vermelho.

A mente de Kevin acelerou e rejeitou uma ideia após a outra. Ele simplesmente não tinha mais tempo. Ele precisava se esconder no porão.

Ele precisava de ajuda.

– Droga, se pelo menos eu conseguisse passar por aquele buraco da fechadura como o ar… – Kevin murmurou para si mesmo enquanto estalava os dedos. Ele queria ter conhecido esta Morada da Noite como ele conhecia os túneis, assim saberia onde se esconder e ficar seguro até…

Ele teve uma ideia! Ele não tinha tempo para pensar se estava cometendo um erro. Ele não tinha tempo para pensar melhor. Ele só teve tempo para fechar os olhos e respirar profundamente algumas vezes para se acalmar. Então ele abriu os olhos, encarou o leste e fez a invocação.

– Espíritos do ar da Magia Antiga, eu sou Kevin Redbird e, com o poder no meu sangue e o poder que Nyx me concedeu, eu chamo vocês para mim!

A resposta veio rápido e de forma desconcertante. Diante dele, várias fadas brilhantes parecidas com vaga-lumes brotaram de

repente, pairando na altura dos seus olhos, trazendo com elas a sensação de alguma coisa rastejando na pele que Kevin tinha todas as vezes que invocava Magia Antiga.

– *Garoto Redbird! Você nos chamou de novo! E nós viemos! Nós viemos!* – Elas ficaram esvoaçando de um lado para o outro, mudando de lugar enquanto os seus corpinhos se alteravam de insetos para mulheres aladas e depois para insetos de novo.

– Muito obrigado mesmo! Ok, eu só preciso de uma coisa, mas tem que ser muito rápido. – Ele apontou para o buraco da fechadura na porta. – Vocês podem entrar ali e destrancar essa porta? Eu tenho que entrar aí imediatamente.

– *Nós podemos fazer isso* – disse uma fada esvoaçante.

– *Mas qual é o pagamento? Qual é o pagamento?* – gorjeou a outra.

Ele abriu a boca para dizer às fadas que iria pagar com mais sangue, mas um espírito risonho, que mostrava muitos dentes afiados quando ria, interrompeu Kevin antes que ele conseguisse falar.

– *Nada de sangue desta vez! Nós queremos algo especial!*

– *Sim* – a primeira fada concordou. – *Especial!*

Kevin teve vontade de arrancar os cabelos de frustração e se perguntou brevemente se os espíritos considerariam o seu cabelo um pagamento *especial.* Felizmente, ele teve outra ideia. Ele enfiou a mão dentro da bolsa de sua avó e pegou um cheiroso cookie de chocolate e lavanda feito em casa. Erguendo-o para que vissem, ele sorriu para os espíritos.

– Bom, é impossível alguma coisa ser mais especial do que este cookie. Ele foi feito pela minha avó, a Mulher Sábia que estava na

montanha comigo. Vocês sabem, vocês comeram uma das bolsas medicinais dela.

– *Oooooh!* – Os espíritos ficaram ainda mais brilhantes enquanto pairavam no ar ao redor do cookie. Então, juntas, para que as suas vozes ecoassem misteriosamente nas paredes de pedra ao redor dele, as fadas falaram de modo ritmado:

*"Um pagamento especial nós vemos sim*
*Oferecido por ti e aceito por mim.*
*O nosso acordo está selado – que assim seja!"*

A revoada de espíritos do ar de Magia Antiga atacou o cookie como uma nuvem de gafanhotos. Kevin deu um gritinho e o soltou enquanto eles devoravam cada migalha. Então, sem nenhuma hesitação, os espíritos incandescentes mergulharam para baixo, passando através do buraco da fechadura, por baixo da porta e pelo vão do batente.

Kevin ficou parado ali, perguntando-se o que iria acontecer em seguida, quando ele ouviu o trinco girar. Ele segurou a maçaneta e empurrou a porta. Ela se abriu facilmente. Ele a fechou atrás de si e, quando se virou para seguir seu caminho descendo a escada íngreme até o porão, um único espírito apareceu, flutuando perto de sua cabeça.

– Obrigado – Kevin agradeceu. – Vocês me ajudaram muito.

– *Nós gostamos do seu chamado, Garoto Redbird. Nós gostamos do seu pagamento. Chame quando precisar de nós, mas não se esqueça de que nós gostamos de pagamento especial… pagamento especial…* – enquanto o espírito falava, a sua aparência continuou a se alterar de um grande vaga-lume para uma bela mulher alada e então para algo com mais braços e pernas do que ela deveria ter e

uma boca que parecia crescer sem parar, até que o rosto dela pareceu se dividir no meio.

E então, em um lampejo de luz, o espírito desapareceu, deixando Kevin com uma terrível sensação de apreensão.



## Zoey

– Z? Você está aí? – Stark me chamou ao entrar nos nossos aposentos. – Recebi sua mensagem de texto para vir encontrar você.

– Você chegou cedo! – eu gritei do banheiro. – Não se mexa!

– Ahn?

– Eu disse “não se mexa”! Fique aí na porta. Feche os olhos!

– É pra eu fechar os olhos?

Eu escutei o tom confuso na voz dele, de quem estava achando graça, mas eu realmente não queria que ele estragasse a minha surpresa.

– Se você não quer fechar os olhos, então vire de costas.

– Ok! Ok! Estou fechando os olhos. Ahn, Z. O que você está fazendo?

O que eu estava fazendo? Eu estava tentando compensar o meu Guerreiro por deixá-lo totalmente preocupado *e* ser romântica ao mesmo tempo.

– Aguente aí. Você vai ver em um segundo!

– Eu achei que você nem voltaria para cá até depois do nascer do sol. Você não estava na estação com Damien e Kramisha?

– Sim! – eu gritei da porta do banheiro. – Bom, fiquei lá um tempo, mas Aphrodite decidiu palpitar na decoração do restaurante, e eu tive que ir embora.

– Ficaram se bicando muito?

– Pois é – eu disse. – Ok, estou saindo. Mantenha os olhos fechados até eu falar pra você abrir, ok?

– Como quiser, minha Rainha.

Eu senti o sorriso na voz dele, o que me fez sorrir de volta, e então dei uma última conferida em mim mesma no espelho. Eu não usava muita maquiagem no geral. Na verdade, eu tinha uma questão em relação à maquiagem. Eu detestava que a sociedade dissesse que tínhamos que usar isso para “parecer o nosso melhor”. Parecer o nosso melhor? Com um monte de porcaria espalhada por todo o rosto, escondendo tudo o que realmente somos? Hum, não. Eu concordo com a fabulosa Alicia Keys – eu não quero cobrir o meu rosto, nem a minha mente, nem a minha alma, não quero cobrir nada. Então, eu ajeitei o meu cabelo e sorri para a minha cara recém-lavada. *Pronta!*

Coloquei a cabeça para fora do banheiro para dar uma espiada. Nada de Stark. Descalça, entrei pisando de leve no nosso quarto, endireitando a toalha de piquenique que eu havia estendido no chão e afofando as almofadas que eu tinha disposto ali perfeitamente para nos sentarmos.

– Z?

– Fique de olhos fechados! – Atravessei rapidamente o quarto até a sala de estar e sorri quando vi o meu Guerreiro ainda parado na frente da porta com os olhos fechados. Fui até ele e peguei a sua mão.

– Posso abrir os olhos agora?

– Não, só quando eu disser que pode, mas me siga.

– Eu vou trombar com alguma coisa.

– Não seja um criação. Eu guio você. – Eu o conduzi devagar ao redor da mesa de café e de outros obstáculos, finalmente colocando-o ao lado da toalha de piquenique. – Ok, aguente aí só mais um segundo. – Eu o deixei parado ali e fui rapidamente até o outro lado da toalha, apertando o controle remoto da grande TV que estava pendurada na parede, conferindo para ter certeza de que estava sem som. Então eu ajeitei nervosamente meu cabelo de novo antes de dar a autorização. – Ok, pode abrir os olhos agora!

Ele abriu, e os seus lábios se curvaram naquele meio-sorriso sexy que eu amava tanto.

– Z! Você está praticamente nua!

Eu senti minhas bochechas ficando vermelhas, mas abri um sorriso para ele.

– Não, estou com uma das suas camisetas.

– Sim, minha camiseta velha e esburacada que é totalmente transparente. Caramba, Z! Em mim ela não fica assim!

– Hihi! – eu ri. – Então, você está com fome?

– Só se for fome de você!

– Não, seu tonto. Bom, sim, seu tonto, mas que tal a gente comer algo de verdade primeiro? – Apontei para o piquenique que eu havia preparado.

Com relutância, ele desviou o olhar do meu corpo para conferir o que estava sobre a toalha.

– Z, isso são nachos? Com *tudo* para colocar neles?

– Aham! Eu inclusive coloquei pimenta-jalapeño. Um monte, porque, apesar de eu achar que elas são as pimentas do inferno enviadas para queimar as bocas até você pedir arrego, sei que você gosta delas.

Sentei em uma das almofadas e dei tapinhas na outra do meu lado, indicando para Stark se juntar a mim.

– Nachos são a minha comida preferida – ele falou ao se sentar.

– Eu sei.

Ele ergueu um copo gelado, cheirou e então deu um gole grande antes de exclamar:

– E Dr. Pepper! Você trouxe Dr. Pepper para mim!

– Eu sei o quanto você adora isso, apesar de eu discordar totalmente de você porque isso é…

– *Uma abominação de refrigerante de cola* – ele terminou a frase por mim.

– Sim, é exatamente isso.

Ele estendeu a mão para pegar um nacho e o seu olhar se levantou para a tela da TV.

– Caramba, Z! *Game of Thrones?* Você vai mesmo assistir a um episódio comigo?

– Vou assistir a quantos episódios você quiser.

– Mas você odeia *Game of Thrones.*

– Não, eu não odeio. Eu não assisto porque Cersei me lembra demais a loucura de Neferet, mas não tem que ser tudo sempre do meu jeito, então podemos assistir.

Stark me encarou.

– O que você fez com a minha Zoey?

Eu dei um empurrãozinho no ombro dele com o meu.

– Ah, para com isso.

– Sério, eu estou encrencado?

– Claro que não!

– Ah, droga. – Ele soltou o nacho e virou meu rosto para que eu tivesse que olhar nos olhos dele. – O que *você* fez?

Eu suspirei.

– Eu tenho agido como uma idiota egoísta desde que Kevin foi embora, e sinto muito. Sinto muito mesmo, Stark. Sei que você anda preocupado, e esta é minha maneira de pedir desculpas.

– Ei, é normal que você tenha andado preocupada, principalmente sabendo que Kev está usando Magia Antiga.

– Normal, sim, mas é muito imaturo da minha parte estar tão distraída com o fato de você estar estressado por minha causa e as minhas Grandes Sacerdotisas terem que tocar o barco enquanto estou desse jeito. Eu vou fazer melhor do que isso, prometo.

Stark tocou o meu rosto com delicadeza.

– Você sempre faz o melhor, Z. Eu sabia que você ia dar a volta por cima.

– Você entende o quanto eu te amo? – falei sem pensar.

– Sim, mas é bom ouvir você dizer isso.

Ele devorou um nacho que estava coberto com queijo pastoso e jalapeños e depois lambeu o queijo extra que ficou nos seus dedos enquanto engolia.

– Você é tão bom. Você sempre está aqui por mim, mas também me dá espaço para lidar com as minhas coisas sozinha. Isso significa muito para mim, principalmente porque eu sei que você pode sentir o quanto estou distraída.

– Não acho que você está distraída nesse momento. – Ele se inclinou e tocou os meus lábios com os seus.

Eu sorri.

– Não, você tem cem por cento da minha atenção agora. E eu sei que o sol vai nascer logo, mas, se você conseguir ficar acordado um pouco, prometo que, enquanto você estiver consciente, vai ter cem por cento de mim.

Eu coloquei os braços em volta dos seus ombros largos e o puxei para mim. Os nossos lábios se encontraram de novo, e o beijo se aprofundou. Eu amei o gosto dele, uma mistura do chiclete de hortelã que estava mascando, da doçura nojenta do Dr. Pepper – que de repente não era nojenta de modo algum – e do salgado dos nachos.

Enquanto ele me pressionava contra as almofadas, os seus lábios desceram pelo meu pescoço, dando beijos e mordidinhas na minha pele, o que me fez gemer e me deixou arrepiada.

– Que tal se a gente não dormir? – A voz dele era baixa, e o seu hálito era quente e sexy contra a minha pele. – Que tal eu beijar cada centímetro de você, depois a gente come nachos, assiste a *Game of Thrones*, e então eu beijo cada centímetro de você de novo?

Ele colocou a língua para fora quando começou a encontrar os buracos na sua velha camiseta, beijando os meus seios através deles.

– Mas você tem que dar aula amanhã – eu soei sem fôlego, como se tivesse acabado de subir correndo vários lances de escada.

– Amanhã é aula de esgrima, não de arco. Damien pode me substituir. Ele é o melhor espadachim mesmo.

Devagar, ele começou a tirar a camiseta por sobre a minha cabeça.

– Caramba, Z! Você realmente *não* está usando nada exceto a minha camiseta.

– Surpresa! – eu exclamei.

E então o meu peito começou a esquentar e o meu estômago se contraiu.

– Zoey? – Stark falou abruptamente, puxando a minha camiseta para baixo e me encarando. – Está acontecendo de novo, não está?

Em meio a lágrimas de medo e frustração, eu assenti.

– Kevin está usando Magia Antiga de novo – eu falei cheia de tristeza. – E ele não tem a menor ideia de como está se metendo em encrenca.

– Shhh, eu sei, eu sei. Venha cá, minha Rainha.

Stark me puxou para os seus braços e me abraçou enquanto aquele calor terrivelmente familiar diminuía, deixando apenas um enjoo no meu estômago e a clareza sobre o que eu tinha que fazer. Agora. Eu precisava parar de pensar sobre isso. Parar de ficar pesando as consequências. E simplesmente… fazer.

Ah. Inferno.

---

5 No horário militar, 2000 horas equivale a 20 horas ou 8h00 PM. (N.T.)

# 14

## Outro Kevin

Kevin despertou de repente e, nos seus primeiros minutos de consciência, ele achou que estava de volta aos túneis embaixo da estação – antes mesmo de ter se deslocado para o mundo de Zoey, antes do retorno da sua humanidade. Um gosto amargo de desespero inundou a sua boca com náusea ao pensar em tentar controlar a fome e manter a sanidade.

Então ele se sentou, bateu a cabeça em um dos engradados de madeira entre os quais estava encolhido, e a sua memória acordou junto com ele. Kevin congelou e olhou silenciosamente em volta. Nada se mexeu. Ninguém tinha entrado no porão. Ele conferiu o seu relógio interno – os vampiros vermelhos sempre sabiam a hora exata do nascer e do pôr do sol.

– Dezessete horas e vinte e dois minutos. Pôr do sol – ele falou para si mesmo por força do hábito. Kevin havia feito isso muitas vezes no último ano, desde que tinha sido Marcado como um novato vermelho e depois se Transformado. Foi uma forma que encontrou de tentar manter a sua sanidade durante aquele tempo horrível, e agora isso o reconfortava. Ele se alongou, fazendo só uma pequena

careta para a dor que o seu ferimento ainda causava, embora ele se sentisse muito bem. – Com fome, mas bem. – Então ele se lembrou, e o seu rosto se abriu em um sorriso de gratidão. – Os cookies da Vovó!

Kevin pegou a mochila e tirou vários cookies de dentro dela. Ao fazer isso, sua mão topou com alguma coisa dura. Perguntando-se o que mais a sua avó tinha colocado ali, ele espiou o interior da bolsa e deu um suspiro longo e feliz.

Ele tirou a garrafa térmica metálica que estava no fundo da bolsa, abriu a tampa, cheirou e facilmente reconheceu o aroma de sangue.

– Ela pensou em tudo! – ele bebeu ruidosamente o sangue da garrafa fria enquanto comia os cookies.

Kevin não *precisava* ter um abastecimento constante de sangue. Ele não iria perder a cabeça nem atacar alguém na rua como um vampiro vermelho normal faria depois de alguns dias sem beber, mas as suas costas ainda precisavam se curar e o sangue definitivamente ia deixá-lo mais forte.

– Obrigado, Vó – ele disse entre mordidas nos cookies e sentiu uma onda de saudade de casa.

Pelo resto do tempo que levou para Kevin terminar o seu café da manhã, ele se permitiu desejar que pudesse sair daquele porão e daquela Morada da Noite, ir até a casa de sua avó e ficar com ela comendo cookies e trabalhando na fazenda de lavandas, ignorando esse mundo todo ferrado. Quando terminou de comer, ele espanou os farelos de sua blusa e, junto com eles, expulsou de sua mente aquele desejo egoísta e impossível.

Ele conferiu o seu relógio interno infalível, percebendo que tinha cerca de duas horas até a reunião de briefing que Neferet havia convocado.

– Ok, eu tenho que ficar aqui embaixo pelo menos o tempo suficiente para que os primeiros ônibus tragam os novatos e vampiros vermelhos dos túneis para treinar com os Guerreiros Filhos de Erebus. Então, posso explorar um pouco, já que não fiz nada além de desmaiar quando vim da primeira vez.

Ele encontrou o interruptor para acender as arandelas da parede, transformando o porão escuro em um lugar estranho que quase parecia um cemitério submerso, com as sombras tremulantes da iluminação a gás que bruxuleavam pelas várias fileiras de caixas de madeira compridas em pilhas de duas ou três.

– Bom, é diferente do porão da Morada da Noite de Zo, com certeza.

Zo dissera a ele que poderia haver uma variedade de armas escondidas no porão, mas ali definitivamente não tinha nenhuma espada com pedras preciosas nem bestas antigas de valor incalculável à vista. Só havia caixas de madeira. Um monte delas.

Ele tentou abrir uma, mas estava fechada com pregos. Ele procurou pela sala grande e ampla, e não levou muito tempo para encontrar um pé-de-cabra em uma pilha de martelos, pregos e outras pequenas ferramentas descartadas. Trabalhando com cuidado, para que pudesse fechar a caixa de novo depois de verificar o conteúdo, Kevin levantou a tampa da primeira caixa.

A princípio, quando ele olhou para dentro, a sua mente não registrou o que estava vendo. Ele estendeu a mão e tocou em uma daquelas coisas, e a verdade fez com que Kevin se sentisse tão quente e tonto que ele deu vários passos cambaleantes para trás.

– Fique calmo, Kev – ele disse a si mesmo. Ele estalou os nós dos dedos. Sacudiu as mãos. Passou os dedos pelo seu cabelo escuro. E então voltou até a caixa.

As armas eram enormes e tinham uma aparência estranha, e então ele viu que havia um papel guardado junto na caixa. Nele, Kevin leu: **LANÇADOR DE GRANADAS MULTITIRO EX-41**.

– Isso é ruim. Isso é muito ruim.

Ele não queria olhar o que tinha nas outras caixas, mas precisava fazer isso – assim, ele abriu cada um dos cinquenta engradados que mais pareciam caixões. Metade tinha lançadores de granadas acompanhados da munição. O resto continha metralhadoras M16, mais um monte de munição e um punhado de granadas.

A mente de Kevin zunia em um princípio de pânico enquanto ele memorizava tudo que viu. Ele tinha que alertar Dragon. Os exércitos de Neferet haviam assumido o controle de Oklahoma, Texas, Arkansas e Kansas em uma expansão coordenada de ataques surpresa no meio da noite. Esse controle tinha se espalhado como um incêndio para Louisiana, Missouri, Nebraska e Iowa. Eles destruíram os depósitos de armas da Guarda Nacional em cada um desses estados e confiscaram veículos militares. Mantendo a tradição dos vampiros, eles não haviam utilizado armas modernas. Os dentes e as garras do Exército Vermelho, assim como a habilidade de controlar as mentes dos humanos, haviam sido o suficiente para derrotar a pequena Resistência humana.

Porém, Kevin sabia que, assim como Neferet continuava pressionando – com sua guerra declarada contra todos os humanos –, ela estava encontrando cada vez mais oposição. Os humanos estavam levantando barricadas nas fronteiras estaduais. Como Kevin era apenas um tenente no Exército Vermelho, ele não ficava a par do “como” e do “porquê” das táticas militares, mas tinha escutado o General Dominick reclamar que Neferet estava gastando

tempo demais tentando negociar com os governadores de cada estado. Ele, é claro, achava melhor atacar, atacar, atacar.

– Aparentemente, Neferet também acha isso – Kevin disse sombriamente. – A diferença é que ela quer atacar com armas modernas – e então outro pensamento o esmagou. – Merda! Este não deve ser o único esconderijo de armas que ela tem! Todos aqueles depósitos de armas… merda! Merda! Merda! Claro, os exércitos queimaram tudo, mas eu aposto a minha humanidade que eles *não* queimaram as armas que encontraram dentro deles.

Ele ficou andando em círculos.

– Isso muda tudo. A Resistência precisa agir imediatamente! Nós temos que depor Neferet e acabar com essa guerra antes que ela comece a usar essas armas. E eu tenho que mandar uma mensagem para Dragon. Agora.

Kevin conferiu seu relógio interno de novo. Ele tinha cerca de quarenta e cinco minutos antes do briefing de Neferet, o que deveria ser tempo suficiente para caminhar sem destino próprio pelos jardins da escola, esperando que o corvo de Anastasia o encontrasse.

Ele tomou cuidado para que os engradados parecessem intocados antes de reaplicar o perfume de sangue nojento. Então ele colocou a mochila de Vovó sobre o ombro e subiu dois degraus de cada vez, parando na frente da porta. Decidindo que a melhor coisa a fazer seria não tentar se esgueirar, ele prendeu a respiração e abriu a porta, saindo rapidamente para o corredor. Ele tinha dado só um passo quando uma voz atrás dele pareceu preencher o ambiente – e congelou o seu coração.

– Ei! Que diabos você estava fazendo lá embaixo?

Kevin se virou para ver o General Stark e um dos seus tenentes se aproximando dele. Ainda por cima, Stark parecia irritado.

– Desculpe, senhor. Eu devo ter virado no lugar errado – Kevin fez uma grande demonstração ficando rapidamente em posição de sentido e evitando o contato visual.

– Essa porta deveria estar trancada. Ordens de Neferet – Stark afirmou.

– Desculpe, senhor – Kevin repetiu, ainda em posição de sentido. – Não estava trancada.

– Dallas, Artus tem as chaves. Encontre-o e tranque essa maldita porta.

– Sim, vou fazer isso, general. – O tenente de Stark começou a ir embora, mas então deu um tapa na sua testa e se virou. – Acabei de perceber quem é esse garoto. Ele é um dos tenentes do General Dominick.

– Dominick? O general vermelho que sumiu com um pelotão inteiro de novatos e soldados vermelhos? – Stark perguntou, com seus olhos aguçados examinando Kevin.

– Sim, ele mesmo, senhor – Dallas respondeu.

Stark deu um passo à frente, invadindo o espaço pessoal de Kevin.

– Quem é você?

– Tenente Heffer, senhor!

– Sob o comando de quem?

– General Dominick, senhor!

– E onde está o seu general, Tenente Heffer?

– Perdão, senhor?

Stark suspirou alto.

– Vampiros vermelhos são mesmo um pé-no-saco – Stark falou para Dallas como se Kevin não estivesse diante dele em posição de sentido, escutando cada palavra.

– Sim, eles são muito burros. Até os oficiais. – Dallas chegou bem perto do rosto de Kevin. – Ei! O general fez uma pergunta, garoto! Responda, porra!

– E-eu não sei onde o meu general está. – Kevin se concentrou em se parecer com qualquer outro tenente do Exército Vermelho: prestativo e confuso.

– Quando foi a última vez que você o viu? – Stark perguntou.

– Vários dias atrás, senhor. Ele me deu ordens, e eu estava cumprindo essa missão desde então.

Dallas bufou.

– Essa missão incluía invadir um porão trancado?

– Não, Tenente! Isso foi um erro.

– O que você fez lá embaixo? – Stark o questionou.

– Nada. Quando vi que estava no lugar errado, eu saí, senhor.

– Onde diabos você deveria estar? – Dallas quis saber.

– Treinando. Eu voltei da minha missão e então era hora de treinar. Pensei que ia encontrar o General Dominick nos túneis hoje à noite e dar o meu relatório.

– Qual era a sua missão, Tenente? – Stark perguntou.

– Cinco dias atrás, o General Dominick me enviou para Stroud. Ele tinha ouvido falar que a Resistência encontrou esconderijos naquela área e eu deveria fazer um reconhecimento por lá e depois voltar para um relatório. – Stroud ficava mais ou menos no meio do caminho entre Tulsa e Oklahoma City, e não perto o bastante de Sapulpa para causar algum problema para Dragon e a Resistência,

então desviar a atenção de Stark para lá não pareceu uma má ideia para Kev.

– Você não achou que tinha algo estranho quando não conseguiu encontrar o seu general e o resto do seu pelotão? – Stark perguntou.

– Senhor, eu acabei de voltar. Agora mesmo.

– Ah, que merda, dá um tempo. Você espera que o General Stark acredite que levou cinco dias para você checar uma bosta de cidade como Stroud? – Dallas zombou.

– Não, Tenente. E-eu me perdi.

– Isso só piora – Dallas resmungou.

– Explique-se, Tenente – Stark ordenou.

Evitando contato visual, Kevin falou rapidamente e com cuidado.

– Senhor, o General Dominick me deu ordens para verificar a área de Stroud, procurando membros da Resistência. Eu fiz isso. Comecei pela cidade. Não encontrei nenhum sinal da Resistência por lá, mas ouvi rumores de que havia uma atividade incomum perto do Rio Deep Fork. Como o general ordenou, eu me abriguei na cidade e no dia seguinte fui até o rio. Encontrei sinais de acampamentos, mas nada específico da Resistência. Quando tentei sair de lá, percebi que estava perdido. Não encontrei nenhuma estrada principal até o pôr do sol de hoje. Então eu confisquei um carro e voltei imediatamente para a Morada da Noite.

– Perdido por dias… que imbecil – Dallas murmurou.

– E você não teve nenhum contato com o General Dominick desde que ele deu essas ordens a você? – Stark perguntou.

– Não, senhor. Nenhum.

– Você não pensou em ligar para alguém com o seu celular quando ficou perdido? Ou você só não pensou nessa possibilidade?

– Dallas zombou de Kevin.

Kevin resistiu ao impulso de dar um soco naquela cara estreita, e não demonstrou qualquer sinal de emoção, exceto confusão, respondendo imediatamente.

– Eu pensei, mas não tinha sinal de celular, Tenente.

– Tenente Heffer, o General Dominick mencionou para onde ele e os seus soldados estavam indo? – Stark questionou.

Kevin deixou o seu rosto mostrar surpresa.

– É claro, senhor. Ele disse que ia marchar seguindo ordens.

– Ordens? De quem? – Stark perguntou.

– Perdão, senhor, mas essa informação não chega até minha patente.

– Sim, está certo. Eles estavam indo em qual direção? – Stark continuou o interrogatório.

Então Kevin começou a levar Stark para um rastro totalmente falso, na direção oposta de Sapulpa, da Resistência e da sua montanha protegida por Magia Antiga.

– Ele disse que a milícia estadual estava vindo pelo Novo México e atravessando o Texas pelo Rio Vermelho. Acredito que o general estava indo para Elmer para preparar uma emboscada.

– A milícia do Novo México? Isso é bobagem. Não se ouve um pio de nenhuma das milícias dos nossos estados vizinhos há meses. Ele está inventando coisas. É uma perda de tempo conversar com ele. Com qualquer um deles – Dallas disse, balançando a cabeça de desgosto.

Stark ignorou Dallas.

– Não, alguma coisa definitivamente parece errada. Meu instinto me diz isso há semanas. Tem coisas acontecendo que a gente não sabe. Heffer, quero que você venha comigo.

– Sim, senhor! É uma honra, senhor!

Dallas revirou os olhos.

– General, ele fede.

– Todos eles fedem, mas este garoto vampiro vermelho nos deu a única pista que tivemos sobre um general desaparecido e os seus soldados. Vá pegar aquela chave com Artus e depois nos encontre no auditório para o briefing de Neferet.

– Sim, senhor – Dallas disse antes de dar outro olhar de nojo para Kevin e sair correndo.

– Ok, siga-me, Tenente. E não se perca.

– Sim, senhor!

A mente de Kevin estava em um turbilhão enquanto ele seguia o General Stark. Ele precisava ir à reunião de briefing, mas também tinha que dar um jeito de se livrar de Stark e do babaca do Dallas para ir lá fora e esperar que o corvo de Anastasia o encontrasse. Dragon precisava saber sobre o esconderijo de armas. Ainda hoje.

– Ei, chega de andar feito uma lesma! – Stark falou rispidamente para Kevin, que estava, de fato, andando feito uma lesma.

– Sim, senhor! – Ele acelerou o passo e estava bem atrás de Stark ao sair do Ginásio e entrar no corredor que levava à entrada da escola e ao auditório quando uma voz familiar, sexy e sarcástica interrompeu o seu plano de fuga.

– E aí, Cara do Arco. Eu diria “que bom ver você”, mas nós dois sabemos que isso é mentira.

Stark fez uma pausa para cumprimentá-la quando ela entrou no corredor, vindo dos aposentos das Sacerdotisas. Kevin começou a analisar Aphrodite, reparando em nuances que ele não tinha sido capaz de ver na escuridão dos jardins do necrotério.

*Ela parece cansada. Muito cansada. E magra. Quase frágil.* Esta Aphrodite usava muito mais maquiagem do que a do mundo de Zo, e Kevin se perguntou se poderia ser para tentar encobrir olheiras e estresse. *E a boca dela está diferente também. Mais dura. Como se ela não sorrisse nunca.* Aquilo fez o coração dele doer, e ele quis colocar os braços em volta dela e dizer que tudo ia ficar bem. Inconscientemente, os seus pés começaram a dar um passo em frente quando a voz de Stark o trouxe de volta para a realidade.

– Desde quando mentir é um problema para você, Aphrodite? E não me chame assim.

– Oh, tudo bem, *sinto muito.* Eu me esqueço de que agora você é o *General* Cara do Arco. Viva. Todos nós ficamos tão elevados com essa guerra. – Ela franziu o nariz lindo e perfeito ao olhar para Kevin, logo atrás de Stark. – Eca. Isso fede.

– *Ele* também é um tenente no exército da sua Grande Sacerdotisa e coloca a sua vida em risco toda vez que sai desta Morada da Noite. Acho que o cheiro não faria nenhuma maldita diferença para você se só ele se colocasse entre você e uma turba de humanos.

Aphrodite fez uma cena, olhando em volta do corredor, o qual estava ficando cada vez mais apinhado de soldados, Guerreiros Filhos de Erebus e Sacerdotisas indo na direção do auditório.

– Engraçado, mas eu não estou vendo *nenhum* humano por perto.

– Engraçado? Sabe o que eu acho engraçado? O boato que eu ouvi de que você pode se juntar ao Exército Vermelho, então o meu conselho é que é melhor você já ir se acostumando com esse cheiro. – Stark fez um movimento de cabeça na direção de Kevin. – Vamos, Tenente. – Ele se curvou para Aphrodite de modo zombeteiro. – Tenha um ótimo dia, Profetisa.

# 15

## Outra Aphrodite

Aphrodite aumentou o seu nível de arrogância como escudo contra o seu nervosismo. Ela não precisou dizer nada, simplesmente alterou a sua expressão de perversidade de repousada para ativa, e então os soldados, os Guerreiros e até as Sacerdotisas começaram a abrir caminho para ela passar como se tivesse uma doença contagiosa.

*Eu tenho uma coisa pior – o desprezo de Neferet. E todos sabem disso.*

Aphrodite tinha decidido rapidamente que a sua performance iria se desenrolar melhor no meio do auditório cheio. Então, em vez de ir para o palco para servir como um atraente cenário para qualquer drama que Neferet tinha preparado para os seus subordinados, ou de se juntar às outras Sacerdotisas amontoadas sentadas no local reservado a elas no fundo, no seu jeito típico de cordeirinhos, Aphrodite foi até o centro do auditório, encontrou o assento que ela queria na fileira da frente perto do corredor e fuzilou com os olhos o ocupante da cadeira, que apressadamente se retirou dali.

Ela não agradeceu a ele, apenas se sentou, e então ficou se preocupando. Aphrodite nunca tinha feito nada como aquilo que estava planejando. Ela não iria realmente fazer – não até Stark, aquele babaca arrogante, fazer aquela piadinha sobre ela se juntar ao Exército Vermelho. Então, de verdade, o que ela estava prestes a fazer não era exatamente culpa dela. Era culpa de Neferet. E, provavelmente, de Stark também. Mas definitivamente, *definitivamente*, não era culpa de Aphrodite.

Ela nunca teve a intenção de contar o resto da sua visão para Neferet. Aphrodite não tinha contado todos os detalhes de nenhuma de suas visões para Neferet desde que o Exército Vermelho havia massacrado Lenobia e Travis, e também os cavalos. Aphrodite odiava pensar nos cavalos morrendo. Ouvir os seus gritos em seus pesadelos já era ruim o bastante.

*Culpa minha. Aquilo foi culpa minha. Eu deveria saber!* Ela juntou as mãos com força sobre o colo e se empertigou na cadeira. Qualquer um que olhasse para ela – e um monte de gente estava sempre olhando para ela – veria apenas a linda, jovem e indiferente Profetisa parecendo confiante e calma. Ninguém veria suas mãos tremendo. Ninguém veria sua alma estremecendo. Ninguém veria as suas dúvidas e medos. Essa era uma coisa positiva que a louca da sua mãe tinha ensinado a ela – mostrar apenas um rosto em público, e esse rosto deveria ser perfeito e estar sob controle o tempo todo, independentemente de ela realmente estar se sentindo perfeita *ou* sob controle.

Aphrodite ficou sentada imóvel, respirando devagar e em um ritmo estável, enquanto se preparava para o que estava por vir, mas, em meio à sua respiração lenta, ela sentiu uma brisa de morte e podridão. Incomodada com aquele cheiro nojento, ela levantou o

pescoço e olhou em volta, farejando discretamente, e, é claro, sentado duas fileiras atrás dela, em um assento do corredor como o dela, estava aquele jovem vampiro vermelho que Stark estava pajeando. Aphrodite lançou um olhar de irritação para o Cara do Arco. Vampiros vermelhos não tinham permissão para ficar nos assentos da frente do auditório para não empestear o ambiente. Somente oficiais do Exército Vermelho podiam comparecer às reuniões de briefing, e mesmo assim eles tinham que ficar no mezanino. No entanto, ali estava Stark, todo cheio de si com seu uniforme preto de general, quebrando as regras. De novo. E deixando um garoto vampiro vermelho fedido sentar bem ali do lado dele.

Aphrodite jurou a si mesma que, quando ela caísse nas graças de Neferet de novo, ia fazer tudo que podia para minar a influência de Stark sobre a Grande Sacerdotisa. Não porque ele era particularmente perigoso, mas sim porque ele era particularmente irritante.

– Atenção! Sen…tido! – comandou Artus, o Mestre da Espada da Morada da Noite de Tulsa.

Assim que todos se levantaram, Aphrodite desviou os olhos de Artus. O Mestre da Espada de Neferet não era apenas feio, velho e cheio de cicatrizes. Havia algo de podre em relação a ele – algo que deixava Aphrodite desconfortável em um nível visceral.

E então Neferet subiu ao palco, atraindo a atenção de todos no auditório lotado. Ela estava usando um vestido de seda longo e aderente da cor de sangue fresco. Sobre o seu seio esquerdo, em um bordado prateado requintado, estava a imagem de Nyx envolvendo a lua crescente com as mãos. A única joia que ela usava era um diadema de diamantes e rubis. Um dos rubis pendia

da delicada coroa como uma lágrima grossa para tocar o topo da lua crescente safira tatuada no meio de sua testa.

Aphrodite precisava reconhecer – Neferet sabia como manter a atenção de um bando de machos. Ela parecia uma deusa do cinema em carne e osso, o que era mais uma prova de uma das maiores decepções da vida de Aphrodite: nem tudo que parecia cheio de beleza e luz do lado de fora era *realmente* cheio de beleza e luz por dentro.

– Podem se sentar – Neferet disse depois de chegar à sua tribuna de vidro.

Aphrodite sentou e tentou não revirar os olhos. Cada instante do briefing de Neferet havia sido roteirizado por ela – desde o que ela estava vestindo até o tempo em que fez os soldados ficarem em pé, incluindo a tribuna translúcida, que dava à sua audiência uma visão desimpedida do seu corpo perfeito.

Não que Aphrodite pudesse culpá-la por isso. Neferet era bonita e, como outra pessoa muito bela, Aphrodite sabia como era fácil manipular os machos. *O jeito é usar o que a gente tem!*

Então Neferet começou o seu discurso, e Aphrodite não tinha mais energia para desperdiçar em nada, exceto decidir quando a sua própria performance deveria começar.

– Eu venho diante de vocês hoje com notícias muito perturbadoras. Acredito que a maré da guerra está virando.

Houve sons de concordância alegre entre a multidão de oficiais e soldados presentes.

– Vejo que os meus exércitos me entenderam mal, o que eu acho ofensivo. A maré *não* está virando a nosso favor! *Nenhum dos meus oficiais entende isso?* – A sua voz repleta de raiva ecoou pelas paredes, eletrificando o ambiente com uma carga de poder e não

deixando nenhuma dúvida sobre o nível de irritação de Neferet. A sua única resposta foi o ruído de corpos ansiosos.

E então um dos seus generais se levantou. Aphrodite abafou uma bufada sarcástica. É claro que Loren Blake ia sentir a necessidade de dizer alguma coisa. Deusa, será que esse vampiro puxa-saco vai parar de falar *algum dia?*

– Grande Sacerdotisa, permissão para falar?

– É claro, General Blake. Estou sempre disposta a refletir sobre os sábios conselhos de meus oficiais.

O sorriso de Blake era íntimo demais para a ocasião, mas todo mundo sabia que os generais de Neferet também eram frequentemente seus amantes – e praticamente todos os machos na sala desejavam ser amantes dela. Então, tanto fazia.

– Grande Sacerdotisa, você sabe que não quero ser desrespeitoso. Sou seu servo leal, mas talvez os seus oficiais não entendam simplesmente porque o que observamos no campo de batalha é o oposto do que está dizendo. As milícias dos nossos estados vizinhos pararam de atravessar para o nosso território. Não tem havido revoltas importantes de humanos dentro da área sob nosso controle há meses. O único problema real que ainda temos é com a maldita Resistência, e nós estamos trabalhando duro para rastrear cada um dos seus membros e exterminá-los. Na verdade, se a maré virou, parece que foi a nosso favor.

– Pode se sentar, general Blake – Neferet disse com um falso sorriso afetuoso. – O que você diz pode parecer verdadeiro para alguém com a sua limitada conexão com Nyx, razão pela qual a nossa sociedade nunca será governada por homens. Eles não podem ser tão íntimos da Deusa como as suas Sacerdotisas. Principalmente a sua única e exclusiva Grande Sacerdotisa: *eu.*

Sabe, Nyx tem me mostrado outra coisa. Os nossos estados vizinhos e os humanos que os infestam desistiram, de fato, de suas tentativas de entrar no nosso território e tomar o que é nosso. Mas eles não desistiram em paz. Eles estão tramando juntos para nos derrubar! – Neferet abriu os braços dramaticamente, fazendo com que seus seios perfeitos fossem pressionados contra a seda do seu vestido e os mamilos ficassem totalmente delineados e visíveis.

Aphrodite achou que aquela pose foi um toque excelente, já que conseguiu atrair todos os olhares masculinos da sala para os peitos dela. E ainda fez com que todas as mentes masculinas da sala ficassem confusas quando o sangue nos cérebros deles desceu correndo para o órgão que de fato os controlava.

Houve um movimento atrás dela, e Aphrodite virou a cabeça a tempo de ver Stark se levantar.

– Grande Sacerdotisa, posso ter permissão para falar?

– *Merry meet*, General Stark. Vou ouvir o que você tem a dizer.

– Eu também tenho sentido que algo está errado. Tenho tentado descobrir o que é, e hoje eu recebi informações de uma fonte improvável. Acredito que isso se alinha ao que Nyx tem mostrado a você.

Neferet deu aquele sorriso que Aphrodite gostava de chamar de meio meloso, meio vadia, e a Profetisa segurou outra bufada. Pelo visto, o Cara do Arco ia se dar bem esta noite.

– Eu sabia que podia contar com você, General Stark. Por favor, compartilhe as suas informações conosco.

Então Stark chocou Aphrodite e o auditório inteiro ao gesticular para que o garoto vampiro vermelho fedido que estava largado ao lado dele se levantasse.

O garoto deu um pulo de surpresa e então se levantou desajeitadamente, ficando em posição de sentido totalmente imóvel.

– General Stark, por que um jovem soldado vampiro vermelho está aqui na parte da frente do meu auditório? – A voz de Neferet soava pensativa, e ela pareceu mais curiosa do que incomodada.

– Porque ele é a minha fonte de informações, e ele não é um soldado. Ele é um tenente. Tenente Heffer, da unidade do General Dominick.

Os sussurros dos soldados ao redor fizeram Aphrodite lembrar de velhas mulheres fofoqueiras, e ela se perguntou quem diabos eram esse garoto e esse general e por que eles provocaram tamanha reação da multidão.

– General Dominick? O meu general do Exército Vermelho que está desaparecido? – Neferet perguntou.

Aphrodite piscou os olhos, surpresa. Ela não tinha ouvido falar em nenhum general desaparecido, mas raramente prestava atenção ao que estava rolando com os animais que compunham o nojento Exército Vermelho de Neferet. Eles eram todos um tédio. E fedorentos.

– Sim, Grande Sacerdotisa. O General Dominick desapareceu com um pelotão inteiro de soldados, e eles ainda não foram encontrados. Exceto este tenente, e eu acredito que ele pode saber o que aconteceu com a unidade dele. – Stark assentiu encorajando o tenente, que estava em posição de sentido tão imóvel que Aphrodite praticamente podia ver uma vara enfiada no meio do traseiro dele. – Gostaria de pedir sua permissão para que o Tenente Heffer relate as informações a você.

Os olhos cor de esmeralda de Neferet analisaram o garoto vampiro vermelho que estava parado feito pedra ao lado de Stark.

– Você disse que o nome dele é Tenente Heffer?

– Sim, Grande Sacerdotisa – Stark confirmou.

– Ele parece estranhamente familiar. General Stark, você já usou esse vampiro vermelho como informante antes?

Aphrodite teve vontade de se levantar e dizer que era mentira. Não existia qualquer possibilidade de Neferet distinguir esse vampiro vermelho ou qualquer outro. Aphrodite já tinha ouvido a Grande Sacerdotisa comentar várias vezes como o Exército Vermelho era um mal fétido e nojento, mas necessário – com o qual ela queria ter o mínimo de contato possível. Ela não reconheceria nenhum soldado nem se ele passasse por ela no corredor todos os dias durante um ano todo.

– Não, Grande Sacerdotisa, não usei, mas acredito que você deva ouvir o que ele tem a dizer.

– Hum. A familiaridade é estranha. – Neferet encolheu seus belos ombros. – Muito bem, por que não? O tenente pode falar.

Como o garoto não disse nada, Stark o incentivou.

– Prossiga. Conte à Grande Sacerdotisa aonde o seu general estava indo e o que ele disse antes de ir embora.

Aphrodite viu que o garoto engoliu em seco – uma, duas, três vezes. Quando começou a falar, ele usou frases curtas e entrecortadas em virtude do nervosismo e ficou olhando fixamente para a frente.

E, enquanto ele falava, Aphrodite arregalou os olhos de choque.

– Grande Sacerdotisa Neferet, o meu general tinha informações de que a milícia do estado do Novo México estava em movimento. Ele ouviu dizer que planejavam atravessar o Texas e entrar em Oklahoma usando o Rio Vermelho. O general estava a caminho de Elmer, em Oklahoma, para preparar uma emboscada para eles.

Essa é toda a informação que eu tenho, Grande Sacerdotisa. Minha patente não era significante para eu saber do resto.

Aphrodite mal escutou a resposta satisfeita de Neferet. Ela estava ocupada demais encarando o garoto que tinha acabado de falar – o tenente vampiro vermelho cuja voz ela reconheceu como a do mesmo cara que estava no jardim de meditação na noite anterior!

Exceto que aquele garoto tinha conversado normalmente, como um vampiro de verdade, e não como uma máquina de comer vermelha e fedorenta.

E então outra coisa a pegou de surpresa.

*Na noite passada, ele não estava fedendo. Eu sei que ele não estava. Sou muito sensível ao jeito que essas coisas fedem e eu teria percebido.*

Alguma coisa completamente bizarra estava rolando, o que parecia um momento excelente para Aphrodite começar a sua encenação. Ela olhou de novo para o palco. Neferet ainda estava tagarelando efusivamente sobre Stark ter confirmado a sua estranha neurose. Então, quando Aphrodite se levantou com dificuldade, a Grande Sacerdotisa foi pega totalmente desprevenida e parou de falar no meio da frase.

Aphrodite entrou cambaleando no corredor. Ela colocou uma mão na testa, como se estivesse tentando evitar que a sua cabeça explodisse. A outra mão ela estendeu na direção de Neferet de modo suplicante.

– Neferet! – Aphrodite ofegou e cambaleou como se o chão estivesse ondulando sob seus pés. – Eu estou vendo… estou vendo…

Ao redor, os homens começaram a falar de modo nervoso.

– Silêncio! A minha Profetisa está tendo uma visão! – Neferet saiu de trás da tribuna e foi até a beira do palco, bem na frente de Aphrodite. – Fale, minha Profetisa! A sua Grande Sacerdotisa está aqui e vai ouvir!

Aphrodite gemeu e então conteve um grito. Segurando a cabeça com força, ela colocou toda a energia na sua voz para que ela chegasse até os cantos mais remotos do auditório.

– Estou vendo um campo. Nele, o trigo de inverno foi cortado em enormes fardos redondos. Há vampiros azuis lá. Eles estão escavando os fardos e colocando novatos, vampiros e humanos dentro deles para tirá-los de lá clandestinamente. Eles são a Resistência!

– Onde, Aphrodite, minha querida? Olhe em volta… onde você está?

– O Exército Vermelho está lá! Eles estão atacando! Eles estão nos matando! Eles estão nos comendo! – Aphrodite choramingou, soluçando.

– Sei que é difícil, mas concentre-se! Foco! Você é os olhos e os ouvidos da Deusa. Diga onde você está!

– Sapulpa! Não! Não, não, não, não! Afaste-os de nós! Eles estão nos matando! – Aphrodite cambaleou e soluçou.

A voz de Neferet cortou o choro de Aphrodite.

– Profetisa! Em nome de Nyx, concentre-se! Onde você está em Sapulpa?

– Estou vendo uma placa! Ela diz Lone Star Road! Estamos em um campo em Sapulpa ao lado da Lone Star Road, e nós estamos sendo mortos!

Então Aphrodite respirou fundo e gritou com toda a força antes de fechar os olhos e fingir um desmaio espetacular.

## Outro Kevin

Kevin se mexeu por instinto. Ele se atirou para a frente, estendeu o braço e segurou Aphrodite antes que ela atingisse o chão. Ao redor dele, o auditório explodiu em comoção, mas, enquanto envolvia Aphrodite em seus braços, parecia que eles estavam suspensos em uma pequena bolha de silêncio.

Os belos olhos da Profetisa piscaram e se abriram. E então se arregalaram em choque. Ela virou a cabeça na direção de Kevin para que ninguém mais a ouvisse e sussurrou baixinho para ele.

– Era você! Na noite passada no jardim. Era você!

– Shhh, relaxe. Estou aqui – Kevin a tranquilizou.

– Afaste-se de mim! – ela sussurrou. – Hoje você está fedendo, mas com certeza não estava na noite passada. E que merda, você está puxando o meu cabelo!

O olhar dele encontrou o dela. Aphrodite não estava machucada – isso era óbvio. E ela definitivamente não estava agindo como se tivesse acabado de desmaiar. Então Kevin entendeu a verdade.

– Você não teve uma visão! – ele sussurrou.

– Tive sim! – Ela manteve a cabeça virada, quase encostada no peito dele, cuidando para que ninguém mais a ouvisse. – Só que não hoje. Quem é você para julgar? Você nem é um vampiro vermelho de verdade!

– Sou sim! Só não sou do tipo com quem você está acostumada.

– Aham, sei. Neferet sabe o que você está tramando?

Em vez de responder, Kevin disparou a mesma pergunta para ela.

– Neferet sabe o que *você* está tramando? Que você está escondendo visões dela?

– Prove, então. Se você acha que alguém vai acreditar mais em um vampiro vermelho do que em uma Profetisa de Nyx, você é tão burro quanto o resto da sua espécie fedorenta. – Aphrodite se virou nos braços de Kevin e gritou em pânico enquanto se debatia para se livrar dele. – Aaaaah! Não me coma! Tire suas mãos de mim! Socorro!

– Deixe ela comigo, Tenente. – Stark estava ali, empurrando Kevin para o lado e ajudando Aphrodite a se levantar.

No entanto, ela se afastou de Stark, recusando a sua ajuda e cambaleando na direção do palco e de Neferet.

– E-eu falei algo valioso, Grande Sacerdotisa? – a voz de Aphrodite ainda ecoou por todo o auditório, principalmente porque a multidão tinha calado a boca e estava olhando embasbacada para ela.

Neferet foi apressada até a beira do palco e se abaixou para pegar as mãos de Aphrodite.

– Sim! Você foi muito bem, querida! Eu sabia que Nyx me enviaria um sinal, e sou realmente abençoada por ela ter me enviado dois sinais em um só dia. – A Grande Sacerdotisa soltou uma das mãos de Aphrodite, mas continuou segurando a outra ao encarar o auditório, fazendo parecer que ela estava levantando o braço da Profetisa em uma saudação de vitória. – Nós sabemos que precisamos enviar nossos soldados para um campo em Sapulpa ao lado da Lone Star Road. – Ela dirigiu seu sorriso brilhante para Aphrodite. – Você pode dizer quando a batalha vai acontecer?

– Não, Neferet. É impossível dizer, a menos que haja um relógio na minha visão ou que eu veja a lua de relance, mas as minhas visões normalmente conseguem prever eventos que acontecem dentro de apenas alguns dias. Eu também não sei dizer exatamente

qual campo na Lone Star Road é o campo específico em que a Resistência estará escondendo novatos em fardos de feno. As minhas visões são caóticas demais. Grande Sacerdotisa, sinto muito por não poder ser mais precisa – Aphrodite disse, e Kevin a viu fazer graciosamente uma reverência para Neferet, com a cabeça abaixada. Ela realmente parecia sentida e muito, muito bela.

Kevin sabia que o que ele estava assistindo era uma encenação completa – pelo menos da parte de Aphrodite. *A capacidade de atuação dela é impressionante. Ela poderia ser uma estrela até maior do que Erik Night.*

– Você fez o seu papel maravilhosamente. E isso é fácil de consertar. – O sorriso de Neferet abarcou o auditório repleto de soldados. – Hoje o General Stark vai levar soldados e oficiais do Exército Vermelho até Sapulpa, onde eles vão localizar a infestação da Resistência e acabar com os traidores. Minha Profetisa abençoada pela Deusa, a adorável Aphrodite, vai se juntar ao General Stark e ao Exército Vermelho nessa missão de combate. – Neferet abaixou os olhos para Aphrodite fazendo cara de santa. – Com certeza você vai reconhecer o campo certo quando vê-lo, não vai, minha querida?

Kevin viu o rosto de Aphrodite empalidecer para um branco de náusea, e ele também sentiu nojo junto com ela. Aphrodite havia encenado a sua visão para que Neferet não cumprisse a ameaça que havia feito na noite passada, a de forçá-la a se juntar ao Exército Vermelho, e mesmo assim a Grande Sacerdotisa deu um jeito de apunhalar sua Profetisa pelas costas. Aphrodite abriu e fechou a boca. Kevin podia ver que era difícil para ela responder e ele compreendeu perfeitamente – ele entendia o que se passava na cabeça dela. Se dissesse que não podia ajudar, Aphrodite iria

decepcionar Neferet em público – e ninguém fazia isso sem sofrer sérias consequências. Neferet já havia decidido enviar Aphrodite para o Exército Vermelho. Ela apenas usou a visão de Aphrodite para fazer isso parecer lógico em vez de uma crueldade.

– Vou fazer o meu melhor, Neferet – Aphrodite disse sem expressão.

*E eu vou fazer o meu melhor para garantir que você fique protegida*, Kevin acrescentou silenciosamente.

– É claro que vai! – Neferet soltou a mão de Aphrodite e abriu amplamente os braços, projetando-os na direção do nível do mezanino e dos oficiais do Exército Vermelho reunidos ali. – Oficiais do Exército Vermelho, vocês estão satisfeitos que a minha jovem e adorável Profetisa vai se juntar a vocês?

– *Sim!* – a resposta deles foi mais um urro do que uma resposta.

Os olhos de todos se levantaram para contemplar, a maioria em desgosto, a horda ruidosa e fedorenta, mas Kevin manteve o olhar fixo em Aphrodite. Ela parecia completamente aterrorizada.

Como se sentisse que era observada por Kevin, os olhos de Aphrodite encontraram os dele.

*Está tudo bem. Eu te protejo.* Kevin pronunciou as palavras para ela só com a boca, sem emitir som.

Aphrodite se espantou levemente quando entendeu o que ele disse. Então ela revirou os olhos para ele e fixou de novo no rosto a sua bela máscara de indiferença, enquanto Neferet continuava a falar.

– Vejam, eu sabia que a minha Profetisa iria levantar o moral. Oficiais dos meus Exércitos Vermelho e Azul, vocês vão fazer o seu melhor para me servir porque, fazendo isso, vocês servem a nossa benevolente Deusa da Noite, Nyx. E agora, General Stark, por favor,

reúna os seus soldados. Preparem-se. E então vão até Sapulpa e acabem com esses traidores!

– Sim, Grande Sacerdotisa! – Stark respondeu, e o auditório vibrou em concordância.

Neferet levantou uma mão, e a sala ficou em silêncio.

– E quanto ao restante dos meus generais, quero que vocês me encontrem na Sala de Conselho para discutirmos a fundo o que Stark e eu suspeitamos, e como eu pretendo que nós derrotemos essa nova onda de inimigos. Não vamos ficar sentados de braços cruzados esperando que nos queimem enquanto dormimos. Nós vamos encontrá-los e derrotá-los. Todos eles. Não hoje. Não amanhã. Mas eu prometo a vocês que, quando nós lutarmos contra essa nova onda de inimigos, será com mais poder do que qualquer exército de vampiros já exerceu na história. Seremos vitoriosos!

O auditório comemorou ruidosamente, e Kevin achou que iria vomitar. Era mentira! Tudo que ele tinha dito sobre o Novo México e a sua milícia era mentira! Ele só queria fazer o exército desviar a sua atenção do quartel-general da Resistência, mas *mesmo assim* eles estavam indo para Sapulpa e para os campos logo abaixo da sua montanha.

E o poder do qual Neferet estava falando – Kevin sabia o que era. Ela ia munir os seus vampiros com armamentos humanos.

Neferet tinha que ser impedida.

Neferet levantou a mão graciosamente, e a sala ficou em silêncio.

– Tenho outro anúncio que sei que vai deixar meus oficiais muito entusiasmados. No próximo final de semana, está marcado o jogo de futebol americano entre a Universidade Estadual de Oklahoma e a Universidade de Oklahoma para o grande clássico dos Cowboys contra os Sooners. Bom, eu detesto esperar, não é? – A multidão

fez barulhos de concordância. Neferet sorriu. – Sim, eu sabia que vocês entenderiam! Foi por isso que eu insisti para que o jogo acontecesse *neste* final de semana em Tulsa, bem aqui perto, no Estádio Skelly, da Universidade de Tulsa, no dia do Ano-Novo. Não será uma celebração incrível? A Universidade Estadual de Oklahoma e a Universidade de Oklahoma certamente acham que sim. – Ela fez uma pausa, e o seu sorriso se encheu de malícia. – Ou pelo menos eles acharam depois que fiz a eles uma oferta que não conseguiram recusar, e a Universidade de Tulsa, é claro, ficou muito satisfeita em acomodar o meu pequeno pedido deste feriado.

Mais uma vez, o auditório irrompeu em urros efusivos, mas desta vez alguns soltaram o grito de guerra *"Boomer Sooner"*[6] e outros ficaram fazendo aquele gesto louco da mão de arminha disparando, típico dos torcedores da Universidade Estadual de Oklahoma.

*Eu tinha esquecido totalmente que é quase Ano-Novo*, Kevin pensou. E ele podia imaginar facilmente a "oferta que eles não conseguiram recusar". Atletas universitários – e as líderes de torcida, a banda e os torcedores que iam junto com eles – eram protegidos da fome do Exército Vermelho desde que pudessem entreter os vampiros em geral e Neferet em particular. Ela não tinha feito uma oferta. Ela tinha feito uma ameaça mortal, e as universidades responderam do único jeito que conseguiam para proteger os seus estudantes.

– *Merry meet, merry part e merry meet again*,[7] minhas leais Sacerdotisas, Guerreiros e soldados, e que as bênçãos de Nyx estejam com todos vocês! – Neferet encerrou o briefing sob um alvoroço de aclamação.

Kevin viu Aphrodite sair apressada até as escadas que levavam ao palco e seguir Neferet, embora a Profetisa devesse ter

raciocinado melhor. Uma vez que Neferet dava uma ordem, ela sempre seguia até o final – não importavam as consequências. Todos os oficiais em ambos os exércitos sabiam que a única coisa maior do que o ego de Neferet era o seu orgulho.

– Tenente, você pode vir comigo também, já que não tem mais uma unidade.

Kevin se virou e viu o General Stark analisando-o com uma expressão indecifrável no rosto.

Ele ficou em posição de sentido imediatamente.

– Sim, senhor! É uma honra, senhor!

– Não fique aí parado só de queixo caído para Aphrodite. Siga-me.

Kevin seguiu Stark enquanto ele abria caminho para sair do auditório lotado. Quando eles chegaram ao corredor, o Tenente Dallas estava lá, esperando.

– E aí, General. *Isso* que você acabou de fazer aí dentro foi uma loucura do cacete, hein?

– Dallas, tente não falar por um tempo. Eu preciso pensar. E, enquanto estou pensando, reúna um pelotão de vampiros vermelhos e os seus oficiais. Vou requisitar caminhões suficientes para um comboio até Sapulpa. Diga aos oficiais que nós vamos sair às 2200 horas[8] pontualmente – Stark deu uma olhada para Kevin. – Ah, e ele vai com a gente também.

– Você quer dizer que ele vai se juntar ao pelotão de vampiros vermelhos que vai partir hoje?

– Não, eu estou dizendo que ele vai com a gente. Comigo. No meu veículo.

– Pelas tetas de Nyx, General! Ele até consegue formar algumas frases, mas ainda é apenas uma máquina de comer. Tem certeza de

que vai levar ele junto com a gente? Ele vai deixar o Hummer todo fedido.

Desta vez, Kevin não teve vontade de dar um soco em Dallas. Não porque ele gostasse do garoto, porque ele definitivamente não gostava, mas porque Stark havia acabado de dar a ele mais esperança do que tinha tido desde que Vovó Redbird o deixou na noite anterior.

– Tenente, você está questionando a minha ordem?

Dallas voltou atrás rapidamente.

– Claro que não, senhor. Só estava checando se ouvi direito.

– Você ouviu direito. Ah, e, aparentemente, Aphrodite vai se juntar a nós também. Então, certifique-se de pegar como nosso veículo líder aquele Hummer que tem problema de aquecimento. – Stark piscou para Dallas.

– Aaah, agora entendi! – Dallas riu. – Você quer irritar Aphrodite. Imagino que eu saiba do lado de quem ela vai sentar, certo?

– Tenente Dallas, eu pedi para você imaginar qualquer coisa? – Stark perguntou.

– Não, senhor, não pediu.

– Então siga as minhas ordens. Agora.

– Sem problemas. Como quiser, general. – Dallas deu um olhar de desdém para Kevin. – Você pode vir comigo. Só não fique contra o vento.

– Hum, perdão, General Stark, senhor – Kevin começou.

– Sim, o que é?

– Senhor, perdão, mas eu preciso me alimentar antes de partirmos – ele falou rapidamente.

– Claro que precisa. Que pé-no-saco – Dallas resmungou.

Stark olhou feio para Dallas, mas se virou para responder.

– Você tem algum tempo. Faça o que precisa fazer e depois junte-se ao comando do comboio às 2200 horas.

– Sim, senhor!

Kevin saiu apressado – seguindo na direção da sala pequena e suja que a Morada da Noite chamava de Cantina Vermelha. Na verdade, era apenas um velho depósito caindo aos pedaços que havia sido convertido em um lugar onde humanos drogados esperavam para serem utilizados como refeições. Assim que Kevin saiu do campo de visão de Stark e de Dallas, no entanto, ele mudou de direção, puxando o capuz sobre a cabeça e saindo rapidamente para fora pela porta mais próxima.

Ele não fez nenhuma pausa. Ele caminhou rápido – como se soubesse exatamente para onde estava indo. E ele sabia. Ele sabia o que precisava fazer. Debaixo do capuz, ele ergueu os olhos para o céu.

– Venha! Venha! Pássaro, onde você está? Facilite aí, pode ser? E não me obrigue a fazer isso.

Kevin continuou caminhando na direção leste pelos jardins da escola. Ele evitou as partes mais iluminadas da grande área de gramado e tentou ficar visível enquanto ia de árvore em árvore, mantendo o olhar voltado para o alto.

Quando ele chegou ao muro leste e ao alçapão escondido, misturou-se às sombras ao lado dele. O seu olhar varreu o jardim da escola. Havia vampiros e novatos visíveis, mas estavam todos bem distantes e apressados – sem dúvida, preparando-se para massacrar alegremente algumas pessoas inocentes. Ele olhou de novo para o céu. Nada. Nenhum maldito pássaro.

– Merda!

Sentindo-se pesado com um mau pressentimento, Kevin pressionou o fecho escondido no muro e então saiu furtivamente.

---

6 Grito de guerra do time da Universidade de Oklahoma. (N.T.)

7 *Merry meet, merry part e merry meet again* é uma saudação pagã que significa “feliz encontro, feliz partida e feliz reencontro”. (N.T.)

8 No horário militar, 22 horas. (N.T.)

# 16

## Outro Kevin

Assim que estava do lado de fora do muro, Kevin procurou se acalmar.

– Ok, pense um pouco. Primeiro, confira o céu de novo. – Kevin procurou pelo céu da noite, mas, se o corvo estava em algum lugar lá em cima, era impossível vê-lo contra a escuridão. Kevin lembrou que Anastasia disse que Tatsuwa tinha uma excelente visão, então ele se afastou um pouco do muro e balançou os braços sobre a cabeça.

Nenhum sinal daquele maldito pássaro.

– Certo. Plano B. Que diabos eu ainda tenho que as criaturas possam querer? – Ele procurou dentro da bolsa quase vazia. Todo o sangue tinha acabado, mas ainda haviam sobrado dois cookies. Havia também o vidro daquela gosma de sangue nojenta. – Bom, espero que eles queiram uma dessas duas coisas. – Ele se aproximou mais do muro para se esconder nas sombras e então fez o chamado. – Espíritos do ar da Magia Antiga, eu sou Kevin Redbird e, com o poder do meu sangue e o poder que Nyx me concedeu, eu chamo vocês para mim! De novo!

Com pequenos barulhinhos de estouro, os espíritos de ar se materializaram ao redor dele.

– *Garoto Redbird! Qual pagamento você traz para nós? Qual tarefa gostaria que realizássemos?*

Kevin achou que estava falando com o mesmo espírito que havia aparecido quando ele fez a invocação na noite anterior, mas não tinha certeza. Ele sorriu e tentou parecer mais entusiasmado do que nervoso.

– E aí? Obrigado por virem de novo. Fico muito grato mesmo.

– *Qual é a tarefa e qual é o nosso pagamento?*

– Ok, bom, eu não tenho muito tempo para conversa fiada de qualquer jeito. O que eu preciso é que vocês encontrem um corvo chamado Tatsuwa. Ele pertence à Sacerdotisa vampira da montanha onde vocês vieram até mim pela primeira vez. Podem fazer isso?

*“Há muito que podemos fazer*
*Se o pagamento formos receber.”*

Kevin relaxou um pouco quando a voz do espírito começou o ritmo musical que marcava o começo de um acordo.

– Ok, bom, eu posso dar um pouco do meu sangue a vocês. Ou eu tenho mais dois cookies daqueles que vocês gostaram tanto ontem.

*“Se você quer a tarefa realizar*
*O seu pagamento não pode nos entediar*
*Deve fazer todo o coração cantar!”*

– Belezinha. – Ele enfiou a mão na bolsa e pegou o vidro de gosma de sangue fedida. – Que tal isto? É sangue de vampiro vermelho.

A reação do espírito foi instantânea. Ela aumentou de tamanho. Os seus olhos se arregalaram e ela mostrou os dentes, expondo presas terrivelmente afiadas.

– *Isso é uma abominação, não um pagamento!*

Kevin rapidamente colocou o vidro de volta na bolsa.

– Ei, ok, ok, eu entendi. Eu também acho isso nojento. Desculpe. Eu simplesmente não sei muito sobre espíritos de ar. Hum, por que você não me diz o que gostaria como pagamento?

Isso acalmou o espírito, e ela voltou a ter mais ou menos o tamanho de um beija-flor e a aparência de um cruzamento entre um inseto grande e uma mulher alada muito pequena. Os outros espíritos fizeram um círculo ao redor dela, sussurrando naquela linguagem estranha que usavam, quase parecida com a do gorjeio de pássaros. Quando terminaram de falar, o grupo inteiro se aproximou, pairando e apontando.

Kevin baixou os olhos para si mesmo, tentando descobrir o que estavam apontando.

> *“Nós vamos ficar com aqueles fios de ouro*
> *e esse pagamento será duradouro.”*

Confuso, Kevin olhou de novo para si mesmo.

– Fios de ouro? Sinto muito, mas não sei do que vocês estão falando.

O espírito que liderava o bando voou até ele, estendeu uma mão delicada com dedos impossivelmente longos e gentilmente tocou uma mecha de cabelo comprido que estava grudada na blusa dele.

– O cabelo de Aphrodite! Caramba, eu estava *mesmo* puxando o cabelo dela. Não foi à toa que ela gritou comigo. – Quando ele soube o que estava procurando, rapidamente encontrou outros três

longos fios. Ele os tirou da blusa e os ergueu. Mesmo na escuridão, os fios brilharam. – Tem razão. Eles se parecem mesmo com ouro, mas você deve saber que não são de verdade. São apenas fios de cabelo loiro.

*“De uma Profetisa cheia de poder.”*

Ela lambeu os lábios e Kevin viu de relance novamente os dentes afiados feito agulhas.

*“Deliciosos para se comer.*
*Com esse pagamento você concorda?*
*Ou podemos voar e ir-se embora?”*

– Hum, não! Quero dizer, sim. Sim, vocês podem ficar com o cabelo. Não é como se Aphrodite ainda estivesse usando isso. – Ele estendeu as quatro mechas, segurando-as entre o polegar e o indicador, e as ofereceu para o espírito.

*“Com esse pagamento nós concordamos*
*Oferecido por ti e aceito por mim*
*O nosso acordo está selado – que assim seja!”*

O espírito pegou as mechas de cabelo da mão de Kevin. Ela as atirou no ar, onde ficaram suspensas, flutuando imóveis, mas esticadas como finas linhas de seda esperando para serem passadas pelo buraco de uma agulha. Então os espíritos partiram para cima delas, um espírito para cada ponta de mecha, e as sugaram para dentro de suas bocas estranhas, finalmente juntando-se todos no centro como uma versão totalmente bizarra da cena do spaghetti de *A Dama e o Vagabundo.* Então eles saíram voando, desaparecendo no céu.

– Isso foi bem louco. Sério. Queria que Zo estivesse aqui para ver isso também. Aposto que ela ia morrer de rir com os espíritos comendo o cabelo de Aphrodite. – Ele estava rindo consigo mesmo quando um grasnido alto fez com que ele franzisse os olhos para a escuridão do céu, que se moveu, alterando-se, e finalmente se transformou em um corvo, voando em círculos até aterrissar no gramado marrom do inverno ao lado dele.

– Tatsuwa! Cara, estou feliz de te ver!

– *Garoto Redbird!* – o corvo respondeu.

– Sim, sou eu. Ok, você tem que levar uma mensagem para Dragon. Tipo, agora mesmo. – Kevin se agachou ao lado do corvo. Ele ficou aliviado ao ver que Tatsuwa tinha uma tira de couro em volta do pescoço e que dela pendia um pequeno recipiente de plástico, como os usados para guardar sal. Ele tirou o objeto do pescoço do pássaro e o abriu. Dentro havia um pedaço de papel dobrado e um pequeno lápis.

Usando sua mochila como apoio, ele sentou no chão e escreveu um recado rapidamente.

Neferet tem um esconderijo de armas modernas no porão da Morada da Noite. Dez caixas de lançadores de granadas. Dez caixas de M-16s. Munição para tudo. Ela planeja atacar o sul em breve. Ainda não sei quando.

Kevin pausou, mordendo a ponta do lápis. Ele tinha que contar a eles sobre a visão de Aphrodite e o perigo que a Resistência corria, mas não queria que ela se tornasse um alvo. Decidindo rápido, ele continuou a escrever.

Neferet tem informações de que a Resistência está escondendo pessoas em fardos redondos. O Exército Vermelho está a caminho da Lone Star Road e das

plantações de feno hoje à noite. Se vocês estão transportando fugitivos levando pessoas para fora desse jeito, vocês só têm uma hora para tirá-los daí. Eu estarei com o exército.

Ele fez uma pausa de novo e então acrescentou:

Tive que usar Magia Antiga para chamar o pássaro. Precisamos descobrir um jeito melhor… K.

Ele releu o bilhete e então, satisfeito, dobrou o papel e o colocou de volta no recipiente com o lápis. O corvo grasnou e deu uns pulinhos até o seu lado, levantando a cabeça para que ficasse fácil para Kevin colocar de volta a tira de couro ao redor do pescoço.

– Ei, não sei se você consegue me entender ou não, mas, se consegue, você precisa ficar mais de olho em mim. Não me sinto bem de usar Magia Antiga assim, a torto e a direito. Além disso, estou ficando sem coisas para pagar os espíritos. Hum, espere aí. Você se importa se eu pegar uma pena sua emprestada?

O grande pássaro inclinou a cabeça para o lado, analisando Kevin.

– *Garoto Pássaro!* – ele disse e então se virou, obviamente oferecendo a Kevin uma pena da sua cauda.

– Cara, você é bem legal para um pás… quero dizer, corvo. – Com um puxão rápido, Kevin arrancou uma das longas penas negras da cauda de Tatsuwa.

O grasnido de protesto do corvo ecoou pelo muro de pedra enquanto o pássaro levantava voo. Ele voou em círculos sobre Kevin, caprichosamente soltando uma gota quente de cocô de pássaro na cabeça dele.

– Ei, muito obrigado! – Kevin gritou para ele, tentando tirar a sujeira do seu cabelo. – Bom, pelo menos não fede tanto quanto o perfume de sangue.



## Zoey

– Ok, então, vamos relembrar o que aconteceu. Quem pode me dizer por que Thanatos morreu quando Neferet quebrou o feitiço protetor que havia jogado sobre o Edifício Mayo? – eu perguntei e fiz uma pausa, satisfeita ao ver várias mãos se levantando.

Dar aulas é sempre uma incógnita. Alguns dias tudo corre tranquilamente e os alunos fazem o seu dever de casa e agem corretamente. Outras vezes é como se todos os seus neurônios tivessem sido desligados – a menos que você mencione peitos ou fale um palavrão sem querer. Eu me surpreendi ao descobrir que gostava de ensinar porque, bom, adolescentes são tão imprevisíveis quanto os gatos e muitas vezes têm ainda menos noção do que eles.

(Sim, eu tenho dezoito anos, então, tecnicamente, ainda sou uma adolescente. Só que eu também sou a Grande Sacerdotisa e, às vezes, a professora – então tenho certeza de que o fato de ser uma adolescente não conta. A menos que eu faça besteira. Aí *todo mundo* se lembra de como eu sou jovem. Isso é um saco.)

Eu me sacudi mentalmente e assenti para uma mão erguida muito entusiasmada.

– Samantha, qual é a sua resposta?

A garota era uma quarta-formanda ou, como a chamaríamos em sua escola humana, uma aluna de segundo ano do ensino médio.

Era fácil de perceber isso pelas asas de Eros bordadas no bolso sobre o seio do seu suéter da escola.

– Senhora, Thanatos morreu porque colocou demais de si mesma no feitiço, então, quando Neferet quebrou o feitiço, ela também quebrou Thanatos.

Internamente me contorcendo porque a garota tinha usado a palavra *senhora* para se referir a mim, eu consegui forçar um sorriso.

– Sim, certo. Então, você acha que Thanatos deveria ter se protegido mais, colocando menos de si no feitiço?

– Não – Samantha respondeu direto, sem levantar a mão. – Se ela tivesse feito isso, Neferet teria se libertado do Mayo antes do sacrifício de Kalona, e antes que você e o seu círculo descobrissem como detê-la, e todos nós teríamos morrido ou virado escravos dela. Thanatos é uma heroína. Eu a admiro.

– Há muito para se admirar em Thanatos. Quem pode me dizer qual a afinidade que Nyx concedeu a ela?

Eu estava me preparando para chamar outro garoto quando, em vez disso, eu ofeguei. Um calor brotou na parte superior do meu corpo, como se alguém estivesse apontando um secador de cabelos no nível máximo diretamente para o meu peito nu – apenas para fins de esclarecimento, eu não estava lecionando pelada. Nós somos diferentes aqui na Morada da Noite, mas não *tão* diferentes.

– Está tudo bem, senhora? – Samantha perguntou.

– Sim. Estou bem. Eu, ahn, preciso sair por um segundo. Samantha, você é a responsável até eu voltar. Continue a discussão sobre Thanatos, por favor.

Então aproveitei para sair rapidamente pela porta da sala de aula, com a mão pressionada sobre a queimação no meio do meu peito.

Mal consegui sair e já vomitei até as tripas em uma lata de lixo reciclável no corredor.

E então o calor foi embora, deixando-me de corpo mole e ofegante.

– Zoey! – Stark dobrou a esquina do corredor correndo e chegou deslizando até mim. – Minha Deusa, desta vez foi foda! – Ele apalpou todo o meu peito, não de um jeito sexy, mas sim de um jeito *caraca-será-que-eu-me-quebrei.*

– Estou bem agora. Acabou – tentei soar normal, mas a minha voz estava tão trêmula quanto as minhas mãos. – Desculpe por ter tirado você da sua aula.

– Nunca peça desculpas. *Você é* a minha vida, Z. Se alguma coisa acontecesse com você…

– Ei. – Peguei a mão dele. – Não está acontecendo nada comigo. Está acontecendo alguma coisa com Kevin. Esse é o problema.

– Não, o problema é que Kevin não está aqui, então não posso dar porrada nele por ficar usando Magia Antiga sem pensar.

– Ele não sabe como isso é perigoso, Stark.

Stark suspirou.

– Eu sei, eu sei. Desculpe. Eu não ia dar porrada nele de verdade. Eu gosto dele.

– Sim, eu também.

– Acho que você vai ter que dar um jeito de dizer a ele para parar de usar Magia Antiga. A ironia é que provavelmente você vai ter que usar Magia Antiga para fazer isso – Stark disse.

Eu evitei fazer contato visual com ele.

– Sim, isso é um saco, mas estou tentando descobrir como fazer isso.

– Isso é uma boa e uma má notícia. Olha só, Z, eu sei que isso está realmente te desgastando, e que você está super preocupada com o seu irmão, mas quero que você me prometa que não vai sair sozinha e mexer com Magia Antiga sem supervisão.

Coloquei meus braços ao redor dele e descansei no seu abraço.

– Prometo. Eu já aprendi a minha lição. Não vou sair escondida sozinha e usar Magia Antiga.

Pude sentir Stark relaxar, o que só aumentou minha culpa. Quando ele tentou me beijar, eu me inclinei para trás, cobrindo a boca. Por trás da minha mão, eu disse:

– Você não quer fazer isso. Acabei de vomitar.

– Ah, Z, sinto muito. O que eu posso fazer?

– Nada. Eu realmente estou bem agora. Vou terminar a aula mais cedo e mandar os alunos para a sala de estudos, e aí vou até o nosso quarto escovar os dentes. Hálito de vômito é muito nojento.

– Ok, já está quase na hora do almoço. Você vai conseguir comer?

– Com certeza! Encontro você no refeitório. E pare de se preocupar. Eu estou bem.

Stark me deu um beijo na testa.

– Eu te amo, minha Rainha.

– Eu também te amo, meu Guerreiro – eu disse. Então eu o observei indo embora com o meu coração apertando no peito. Quando ele desapareceu, tirei o celular do bolso e digitei, procurando o contato certo.

– Qual é, Z?

– Kramisha, preciso que você faça uma coisa pra mim.

– O seu desejo é uma ordem.

– Você ainda tem uma cópia daquele velho poema profético? Aquele sobre como fazer Kalona se erguer?

– Tenho. Está no meu arquivo com a etiqueta “Merdas com as quais ninguém deveria mexer”.

– Ótimo. Eu preciso dele. Você me manda uma cópia por e-mail?

– Você vai mexer com ele?

– Kramisha, Kalona já se ergueu em uma explosão. Isso não pode acontecer duas vezes.

*Pelo menos não neste mundo*, eu acrescentei silenciosamente para mim mesma.

– Isso é verdade. Te mando o e-mail.

– Obrigada, tchau.

Voltei para a minha sala de aula e coloquei a cabeça para dentro da porta.

– Pessoal, vou encurtar a aula hoje. No resto do tempo, vocês podem ir até o Centro de Mídia para estudar.

Então eu fechei a porta para as comemorações deles e fui em direção ao estacionamento.

O meu Guerreiro estava cem por cento correto. Kevin precisava ser avisado sobre como era perigoso lidar com Magia Antiga *e* ele tinha que entender como controlar o impulso de usá-la sem parar.

*Eu vou dizer isso a ele.*

*Eu vou ensiná-lo.*

*Pessoalmente.*

Mas primeiro eu precisava pensar – raciocinar realmente sobre os *como*, os *quando* e os *com quem* – sozinha. Sem ficar ansiosa olhando para alguém me encarando fixamente como um projeto de química prestes a explodir ou, pior, alguém me perguntando sem parar se eu estava bem.

Decidi ir em direção ao meu lugar preferido para ficar sozinha…

# 17

## Stark

Assim que o sinal soou para liberar os alunos para o almoço, Stark saiu apressado do Ginásio para o Refeitório dos Professores. Ele não deu a mínima em estar atraindo a atenção de cada novato, vampiro e humano que passou por ele. Stark tinha um pressentimento. Um maldito *mau* pressentimento. E esse pressentimento tinha alguma coisa a ver com Zoey.

Claro que ela não estava no refeitório.

Ele sentou-se na mesa grande onde ele, Z e seus amigos normalmente comiam e esperou.

E esperou.

E esperou.

Depois de se passarem trinta minutos, ele acenou para uma garçonete.

– O que eu posso trazer para você, Stark?

– Não quero nada. Estou só esperando a Zoey, mas talvez a gente tenha se desencontrado. Ela já comeu?

– Não, eu não encontrei com ela hoje. Quer que eu anote o seu pedido?

– Não, acho que vou esperar mais um pouco, mas obrigado – ele respondeu e ela saiu. Então Stark conferiu o seu telefone. De novo. Nada de Z. Ele mandou uma mensagem de texto para ela. De novo.

Você ainda não está aqui. Será que eu confundi o lugar?

Ele apertou o botão de ENVIAR e depois digitou de novo rapidamente.

Estou começando a ficar preocupado. Me liga.

– E aí, Stark? O que parece mais apetitoso para o almoço hoje? – Damien perguntou enquanto sentou ao lado de Stark, deslizando em um dos bancos com encostos altos que formavam uma cabine.

– Ah, oi, Damien. Não sei. Estou esperando a Z.

– Ah, tudo bem, eu estou esperando o Jack. Ele está ficando um tempo a mais no Centro de Mídia, tentando recuperar o que não aprendeu lá naquele Outro Mundo deplorável. – Damien sorriu para a garçonete que tinha voltado até a mesa deles. – Quero pedir tacos para Jack e para mim. Mas dê uns dez minutos antes de soltar o pedido. Ele é Outro Jack, mas é quase tão atrasado quanto o Jack original era. – Então Damien voltou sua atenção de novo para Stark. – Você disse que estava esperando Z?

– Sim. Ela também está atrasada.

– É porque ela não está aqui. Eu vi o Fusca dela sair do estacionamento meia hora atrás, e eu ainda não a vi voltar.

– Merda! Você está brincando?

– Não. Stark, está tudo bem? – Damien perguntou.

– Não. Não está tudo bem. Desculpe, Damien. Tenho que ir. – Stark teve que se esforçar muito para não bater a porta com força quando saiu do refeitório.

*Ela simplesmente saiu dirigindo e não me falou nada? De novo.*

Essa era a terceira vez nos últimos dias em que Z tinha falado para ele que ia estar em algum lugar – ou encontrá-lo para fazer algo – e ou ela não aparecia, ou se atrasava. Bastante.

Claro, ela sempre tinha uma desculpa, como ter que conferir a tumba de Neferet para ter certeza de que não estava acontecendo nada de estranho por lá. Ele entendia isso. Ele também entendia que Zoey poderia enviar outra pessoa para fazer isso se ela quisesse. Alguém como ele. Ou Darius. Ou Rephaim. Ou qualquer um entre as dúzias de outros Guerreiros Filhos de Erebus que iriam fazer um relatório com tudo para Zoey e manter suas bocas fechadas se descobrissem alguma coisa fora do normal.

E, claro, ela dizia que continuava indo ao Restaurante da Estação para ajudar com a reforma, mas entre Damien, Outro Jack e Stevie Rae, já tinha um monte de gente para ajudar.

Pior ainda, sempre que Stark tentava ir atrás de Z – quando tentava ver por que ela estava demorando tanto –, ela nunca estava realmente ali no instante em que prometera estar.

Stark foi primeiro para os aposentos que ele dividia com Zoey. Ela não estava lá. Então ele desceu correndo as escadas e saiu pela porta de madeira em arco que sempre o fazia lembrar um castelo. Ele fez uma pausa, enquanto os seus olhos varriam os jardins da escola. Havia estudantes novatos e humanos por toda parte. Alguns estavam sentados em pequenos grupos embaixo dos lampiões a gás bruxuleantes, compartilhando o almoço. Outros estavam andando apressados em direção aos dormitórios. Outros estavam

brincando de um pega-pega estranho que a atual turma dos alunos do último ano tinha criado e que envolvia gatos de alguma forma.

O olhar dele foi atraído para a estátua de Nyx que ficava no centro do jardim principal. Quando ele reconheceu uma das Grandes Sacerdotisas no pequeno grupo aos pés da Deusa, sentiu uma enorme onda de alívio e atravessou correndo o gramado marrom do inverno. *Lá está ela! Espero que ela saiba de algo.*

– Stevie Rae! Ei, a gente precisa conversar – Stark disse ao se juntar a ela perto da estátua. Ao lado de Stevie Rae estavam dois jovens novatos que tinham acabado de acender a miríade de velas votivas que tremeluziam alegremente ao redor do pé da Deusa. Eles fizeram uma reverência nervosa, porém respeitosa, para cumprimentar Stark. – Oi, e aí? Bom trabalho com essas velas aí. Ok, hora de vocês irem almoçar. Ou de irem para a próxima aula. Basicamente, hora de vocês *vazarem*! – Stark gesticulou com a mão, enxotando-os dali.

Stevie Rae observou os dois novatos saírem apressados na direção da entrada dos fundos da escola. Ela olhou feio para Stark.

– Ótimo. Você acabou de assustar os dois. Você não lembra como é a sensação quando a gente acaba de ser Marcado? Aqueles novatos só estão aqui há uma semana. Eles ainda estão chorando no travesseiro à noite chamando a mamãe.

– Eles vão ficar bem, assim como nós ficamos. Quem *não está bem* é Zoey.

– De que diabos você está falando?

– Você tem visto Zoey ultimamente? – Stark disparou a pergunta para ela.

– Sim. Não. Eu só a vi rapidinho pouco tempo atrás, faz uma meia hora. Ela disse que estava indo até a estação para ver se Kramisha

precisava de ajuda para fazer as malas. Você sabe que Kramisha está indo pra Chicago amanhã, né?

– Sim, sim, eu sei que Kramisha vai embora. E Z disse que ela estava indo para a estação? Tem certeza?

– Claro que tenho. Não faz tanto tempo.

– Ok, aguenta aí. – Stark tirou o telefone do bolso e ligou para Kramisha, colocando no viva-voz para que Stevie Rae pudesse ouvir também.

Kramisha, ao contrário de Zoey, atendeu no primeiro toque.

– O que você quer, Stark? Estou ocupada aqui fazendo as malas.

– Desculpe te atrapalhar. Z está com você?

– Não.

– Você a viu hoje?

– Não.

– Ok, obrigado.

– Ei, está tu…

Stark desligou e lançou um olhar penetrante para Stevie Rae antes de falar:

– Zoey mentiu pra você. Ela mentiu pra mim, ela tem feito isso ultimamente. Ela conversou com você pelo menos?

Stevie Rae hesitou antes de responder.

– Eu ia dizer “Claro! Z conversa comigo todo dia”, mas, quando pensei mesmo sobre isso, na verdade ela não tem falado muito.

– Pois é, desde que ela começou a sentir o Outro Kevin usando a Magia Antiga.

– Eu sei que ela está preocupada. Afe, Stark, eu também estou preocupada com Kev.

– O problema é que eu tenho certeza de que não é só com o Outro Kevin.

– Você vai ter que me contar mais do que isso. Desde que Z disse para Rephaim e para mim que a gente poderia ficar em Tulsa, ando super louca e atarefada me instalando aqui e decifrando planos de aula de Sociologia Vampírica, que eu fui tonta o bastante para me voluntariar para ser a professora. Afe, quem podia imaginar que dar aula era tão difícil?

– Todo professor no mundo sabe disso, mas esse não é o ponto. Stevie Rae, você precisa me ouvir: *eu acho que Zoey não está bem.*

Stevie Rae fez um gesto para que Stark se juntasse a ela em um banco de ferro cheio de ornamentos esculpidos, perfeitamente situado perto da estátua da Deusa.

– Agora, me conta o que está entalado aí dentro em relação a Z.

Stark soltou um longo suspiro ao se sentar ao lado dela.

– Ela está indo ao túmulo dele. Todo dia. E está mentindo sobre isso.

Stevie Rae mexeu os ombros.

– Isso não é tão ruim. Quer dizer, Z sente falta de Heath. Todo mundo sabe disso, e talvez ela não esteja dizendo a verdade porque não quer que você se sinta mal. Ei, se ela está mentindo, como você sabe pra onde ela vai?

– Eu a segui. E, antes que você comece a me passar sermão, preciso dizer que só fiz isso porque estava preocupado. Muito preocupado.

Stevie Rae levantou as mãos em sinal de rendição.

– Ei, não estou julgando, mas você tem a minha atenção total agora. Continue.

Stark passou os dedos pelo seu cabelo grosso e suspirou de novo.

– Então, eu a segui – ele repetiu. – E a observei. Ela fica sentada lá. No túmulo dele. E conversa com ele. Muito.

– Ela conversa com a lápide dele?

Stark balançou a cabeça.

– Não. Ela se se recosta na lápide dele, mas fica olhando para o lado, como se ele estivesse sentado ali, ao lado dela, em algum lugar perto. E perto mesmo, não no Bosque de Nyx.

– Bom, ok, então isso é estranho e triste, mas talvez seja o jeito de Z lidar com o luto dela. Você sabe que levou muito tempo para ela conseguir ir até o túmulo dele. Ela nunca nem me deixou ir com ela. Uma vez Z me disse que isso era algo que ela precisava fazer sozinha e que eu devia deixá-la em paz. Ela disse que gostava de pensar lá porque é bem silencioso. Talvez seja só isso. Z precisa de um tempo sozinha. O que você acha? – Stevie Rae balançou a cabeça, fazendo os seus cachinhos loiros sacudirem ao redor do seu rosto. – Parte disso é culpa minha. Sinto muito que eu estive tão enlouquecida que nem percebi que ela estava depressiva ou algo assim.

Stark fez um gesto recusando as desculpas dela.

– Isso não é culpa sua. É de todos nós. Acho que a gente deixou ela sozinha demais desde que Kevin voltou para o Outro Mundo.

– Mas a gente está dando espaço pra ela. Ei, eu sei que ela tem falado com o irmão dela. O Kevin deste mundo. O que não é um vampiro vermelho. Acho que isso está ajudando um pouco a lidar com o fato de o Outro Kevin não estar aqui. – Stevie Rae suspirou e passou os dedos pelo cabelo. – Eu não perguntei quase nada sobre como ela estava se sentindo, principalmente depois de ela ficar dizendo para a gente como estava *bem*, mesmo com aquela maldita

Magia Antiga mexendo com ela e Outro Kevin. Como Kramisha sempre diz, não é legal ficar se metendo nos assuntos de Z.

– Sim, bom, o tempo de dar espaço acabou. Desde que ela começou a "conversar" – ele fez aspas no ar com os dedos – com Heath, ela parou de conversar *de verdade* comigo. E, obviamente, com você.

– Z não tem conversado com Damien nem Aphrodite também? – Stevie Rae perguntou.

– Ah, claro. Z conversa com Damien, com Aphrodite, com você e comigo. Mas ela nunca diz como está se sentindo, só diz que está *bem.* Stevie Rae, ela está se afastando de mim. E de você, de Aphrodite e de Damien. Ela só está conversando *de verdade* com o Heath, que já morreu.

– Você não acha mesmo que Z só está lidando com o luto dela?

– Não, porque essa coisa de conversar com o Heath morto só começou *depois* que Kevin veio do Outro Mundo e…

– E contou a ela que Heath estava vivo do lado de lá – Stevie Rae terminou a frase por ele enquanto arregalava os olhos ao compreender.

– Exatamente – Stark disse.

– E então ela sentiu Kevin usando Magia Antiga.

– Sim. O que aconteceu hoje de novo. Um pouco antes de ela ir embora no Fusca, apesar de ter me dito que a gente ia se encontrar para almoçar.

– *Aiminhadeusa*, Z está indo para o Outro Mundo! – Stevie Rae concluiu.

– Sim, estou começando a pensar isso também – Stark falou.

– Ah, que inferno! – Stevie Rae exclamou.

## Zoey

Olhei as horas no celular quando saí com o meu Fusca da Rua Setenta e Um e entrei na Aspen, pegando a primeira à esquerda para atravessar o portão sombrio do Cemitério Floral Haven. Eu tinha certeza de que ia conseguir voltar para a Morada da Noite sem me atrasar muito para encontrar Stark no almoço.

– Eu devia apenas contar a ele que gosto de vir aqui – murmurei para mim mesma. – Ele entenderia. Certo?

*Hum. Não. Eu já tinha contado isso a ele outra vez. Faz quase um ano. E ele fez um milhão de perguntas e disse que eu deveria falar com alguém. Alguém tipo um psiquiatra*. *Sobre o meu luto.*

– Tentei explicar que é tipo isso que eu faço quando visito o túmulo. Eu falo. Claro, não é com um psiquiatra, mas falar é falar, certo?

Aparentemente, não para Stark. Não que eu o culpasse por isso. Perder Heath tinha sido horrível. Pior até mesmo do que perder a minha mãe, porque a verdade é que eu era muito mais próxima de Heath do que de qualquer um na minha família, exceto de Vovó Redbird.

Como se soubesse o caminho sem que eu tivesse que manobrar a direção, o meu Fusquinha azul-claro serpenteou pelas curvas até o que tinha se tornado uma parte familiar do cemitério. Parei no lugar de sempre – perto do cedro que marcava o começo da trilha que eu havia percorrido incontáveis vezes no último ano.

Eu sempre ficava triste logo que chegava ali. O Floral Haven não teria sido a primeira opção de Heath. Não porque fosse um cemitério ruim nem nada desse tipo. Eu simplesmente sabia que Heath iria gostar de algum lugar mais… bem… colorido. Heath

gostava de coisas loucas, e o Floral Haven era imaculado, bem estruturado, bem organizado e bem regulado. Era exatamente o oposto de louco.

Enquanto eu andava pela trilha que levava à sepultura da família Luck, a minha tristeza se evaporou um pouco – e depois mais do que "um pouco" quando eu avistei a minha contribuição à vizinhança da área dos Luck. Fui até a lápide modesta, adequada e *entediante* de Heath e sentei bem em cima do seu túmulo, o que eu sei que ele teria apreciado. Eu me recostei na pedra cinza e fria, que dizia em letras grandes **HEATH REGINALD LUCK – FILHO AMADO**, e então olhei para o lado na direção da área mais próxima à dos Lucks, onde havia apenas uma lápide – a que eu havia encomendado imediatamente depois de comprar a área de sepultamento familiar vizinha. Era o contrário de entediante, esticando ao máximo o que as regras muito específicas do cemitério permitiam. Eu havia mandado fazer uma lápide de mármore azul polido, da cor exata de um buraco de pesca perfeito. Em cima dela, eu havia pedido para o artista esculpir uma cena de Heath sentado em uma pequena plataforma de madeira atirando a linha de pesca da sua vara na água. Eu tinha feito com que Heath estivesse olhando direto para mim, sorrindo como ele sempre fazia quando ia pescar.

– E aí, beleza? – perguntei para o Heath esculpido. – Sim, hoje foi um daqueles dias incríveis de inverno em Oklahoma, em que não está tão frio para ficar do lado de fora, mas também não quente o bastante para despertar as três ameaças típicas daqui: carrapatos, pólen de ambrósia e cobras. Aposto que você diria que estaria um clima bom para pescar, mas na verdade você achava que todo dia tinha um clima bom para pescar.

Ok, deixe-me ser sincera. Eu não tinha perdido a cabeça – pelo menos não totalmente. Eu não estava sob nenhuma ilusão de que Heath estivesse de fato ali me escutando. Eu sabia onde ele estava, ou pelo menos uma versão dele. Eu tinha estado com ele lá – no Bosque da Deusa – depois que ele morreu e que a minha alma se despedaçou de tristeza. Ele provavelmente está pescando em algum lugar lá em cima agora.

Mas eu gostava de fingir que estava falando com ele.

Eu *precisava* fingir que estava falando com ele.

Principalmente agora.

– Então, lembra que outro dia eu te contei sobre aquela queimação estranha no meu peito? Bom, surpresa! *Não* era um ataque do coração. Era uma coisa pior. Era o Outro Kevin, lá naquele Outro Mundo, usando Magia Antiga – fiz uma pausa e recostei minha cabeça na lápide dele. – É, isso é ruim. Bem ruim mesmo. E ele está mexendo muito com isso – suspirei. – Né? Eu sei que ele vai se meter em alguma grande caca. Por que os irmãos mais novos são sempre um pé no saquinho?

– Zoey? *É realmente* você! Achei que tinha visto o seu Fusca entrar aqui.

Dei um salto ao ouvir a voz e girei sentada para ver o meu irmão, Kevin, andando na minha direção.

– Afe, você quase me mata de susto, Kevin. Tipo, faça mais barulho da próxima vez.

– Que tal você me dizer quando vai visitar o túmulo de Heath da próxima vez e eu encontro você aqui? Por sorte eu estava passando quando você entrou. – Kevin olhou para mim e sorriu. – Foi sorte![9] Entendeu?

Eu sorri para ele.

– Entendi. – Então dei umas batidinhas no lugar ao meu lado, e Kevin sentou no local indicado.

Nós não falamos nada. Apenas ficamos sentados. Desde que o Outro Kevin tinha partido, eu gostava de conversar com este Kevin – bastante. Principalmente pelo telefone, no entanto. Primeiro, porque ele tinha um calendário escolar super ocupado e era difícil para ele escapar, especialmente sem o padrastotário, o marido péssimo da minha mãe, sabendo que Kevin e eu tínhamos nos reaproximado.

A segunda razão era mais difícil. Ver Kevin, do jeito que estava fazendo agora, fazia com que eu sentisse falta do Outro Kevin. Quer dizer, eu gostava de conversar com este Kevin. Ele tinha crescido e virado um cara bacana, havia trocado a sua obsessão por videogame por uma obsessão por luta livre e tinha entrado para a seleção da Broken Arrow este ano, o que era legal. Mas ele não era um vampiro. Ele não conseguia me entender como o Outro Kevin me entendia. Não era culpa dele, mas isso não fazia com que fosse menos verdade.

– Ei, você nunca acha isso meio sinistro? – Kevin interrompeu meus pensamentos com um encontrão de ombro.

– O quê? Sentar no túmulo dele? Que nada, Heath iria adorar – eu disse.

– Bom, isso e *aquilo* – ele apontou para o Heath pescador esculpido.

– Heath iria adorar aquilo também – eu respondi. – Você não lembra que ele tinha senso de humor?

– Claro. E você não lembra que ele está morto?

Eu dei um pulo abruptamente, como se Kevin tivesse me dado um tapa.

– É claro que eu lembro. Eu estava lá. Perder Heath quase me matou. Por que diabos você me perguntaria isso?

– Por causa do que o Outro Kevin te contou.

Eu não falei nada. Eu não conseguiria dizer nada. Para este Kevin – este meu irmão humano –, seria impossível entender a Magia Antiga. Ele também não entenderia o sonho que eu tive, o qual eu tinha certeza de que não era um sonho, mas uma mensagem da minha versão morta do outro mundo. Ele iria pensar que eu só estava dando desculpas se contasse a ele o que eu tinha decidido – o que eu sabia que tinha que fazer.

*Eu não estou dando desculpas.*

O meu irmão – o meu *outro* irmão – precisava de ajuda com Magia Antiga e de ajuda para se livrar de Neferet. Nenhuma dessas coisas tinha nada a ver com o Outro Heath Luck.

– Zoey, eu vou com você. Você só precisa pedir – Kevin disse em meio ao silêncio que tinha se instalado entre nós.

Os meus olhos faiscaram na direção dele.

– Você não pode! Eu não estou viva naquele mundo, então posso me safar passando despercebida por lá, mas você está. E você é um vampiro vermelho traidor que se tornou aliado da Resistência contra Neferet e os seus exércitos. Não é seguro para você.

– Z, de acordo com o que você me contou, não é seguro para *ninguém* lá.

Desviei o olhar de Kevin e encontrei a imagem de Heath sorrindo de novo.

– Eu sei disso – eu disse.

– Mesmo? – o meu irmão perguntou enquanto estalava as juntas e alongava os dedos, um sinal claro de que ele estava estressado.

– Você sabe que eu vou, né? – respondi à pergunta do meu irmão formulando outra pergunta.

– Sim, eu sei. E, Z, se eu sei, os seus amigos também sabem.

Senti um terrível calafrio de mau agouro.

– Não! Eu não disse nem uma palavra para nenhum deles.

– Você também não disse nem uma palavra para mim. Eu só juntei as peças.

– O que significa que eles também vão juntar.

– Ah, sim. Com certeza.

– Bom, não é como se eu fosse fugir escondida sozinha – eu falei. – Já aprendi a minha lição sobre pensar que posso lidar com uma crise grave completamente sozinha. Isso é burrice.

– Isso faz com que eu me sinta melhor, mas só um pouco. Z, você tem certeza de que precisa ir?

Desviei a atenção da imagem de Heath e encontrei o olhar do meu irmão.

– Outra versão de você está em uma grande encrenca. Eu posso ajudá-lo. Se você fosse ele, o que gostaria que eu fizesse?

Ele abriu o sorriso, e de repente eu o vi como um menino, com cerca de sete anos, com um cabelo horrível cortado a máquina e um buraco no lugar onde deveriam estar os dentes da frente, e o meu coração se apertou.

– Z, eu não vou mentir. Com certeza eu ia querer que você viesse salvar a minha pele.

*Isso vai deixar Stark arrasado*, eu pensei, mas tudo que eu disse foi:

– Sim, e é exatamente isso o que eu vou fazer.

---

9 Sorte em inglês é “luck”, como o sobrenome do personagem Heath. (N.T.)

# 18

## Outra Aphrodite

Aphrodite fechou o zíper da sua elegante jaqueta de couro de aviador e empinou o queixo quando saiu pela porta da frente da escola e foi em direção ao primeiro veículo do comboio militar. Aphrodite podia sentir os olhares que a acompanhavam, mas isso não era nada de novo. Homens sempre a olharam desde antes de os seus peitos crescerem. Claro que havia uma diferença entre homens normais e machos que eram máquinas de comer vorazes e fedorentas, mas, como diria Neferet, *nem tanta diferença assim.*

Ela balançou a cabeça para afastar aquele pensamento. *Se estou citando Neferet, está realmente na hora de pensar na minha vida. Eu consigo fazer isso. Eu posso ir com o exército até aquele campo idiota nos arredores daquela cidade idiota de Sapulpa, e depois posso voltar para casa. Neferet vai estar mais calma. Vou cair de novo nas suas graças e tudo pode voltar ao normal.* O problema era que aquele pensamento não trouxe muito conforto para Aphrodite. O *normal* na Morada da Noite tinha se tornado quase insuportável. Pela milionésima vez desde que Neferet tinha começado a sua guerra horrenda, Aphrodite desejou ter escapado – ter fugido para a

Itália e a Ilha de São Clemente antes de toda essa maldita coisa ter começado. Ela era uma Profetisa. Com certeza o Conselho Supremo teria concedido santuário a ela e não a teria colocado no próximo voo de volta para Tulsa quando Neferet exigisse sua volta.

Neferet obviamente exigiria isso. Ela só tinha uma Profetisa. Pela primeira vez na vida, Aphrodite lamentou ter recebido tantos malditos dons de Nyx e não poder ser apenas uma Sacerdotisa comum.

– Quem eu quero enganar? Eu nunca seria uma pessoa comum.

– Tenho que concordar com você, gata!

Aphrodite olhou para o seu lado direito. Havia um jovem tenente vampiro azul encostado no veículo líder, sorrindo para ela cheio de malícia.

– O que você disse? – ela perguntou com uma falsa voz doce.

– Que eu concordo. Você é gata demais para ser considerada comum. – Ele piscou para ela.

Ela olhou intensamente nos olhos dele.

– Eu pedi a sua opinião?

– Não, mas eu…

– Mas o quê? – ela falou com a voz cortante o bastante para fuzilá-lo. – Você não tem educação? Não tem noção?

– Ei, olhe…

Ela cortou as palavras dele de novo.

– Não, olhe aqui *você.* Quer saber quando você vai morrer?

– Não!

– Quer saber *como* você vai morrer?

– De jeito nenhum!

– Então me trate com o respeito que uma Profetisa de Nyx merece, ou eu posso sentir a necessidade de esclarecer as coisas.

A Deusa sabe que um pouco de esclarecimento seria bom para você.

– Ahn, tá bom. Ok.

– Deixe-me corrigi-lo. A forma correta de você responder é: *Perdão, Profetisa. Isso não vai se repetir, Profetisa. Deixe que eu abro a porta para você, Profetisa.* – Aphrodite fez uma pausa enquanto aquele babaca irritante apenas ficou ali parado, com a boca abrindo e fechando como uma carpa com cara de furão. Ela suspirou e colocou as mãos no quadril. – Essa coisa é o carro do General Stark?

– Sim, é o Hummer dele. Ahn, quero dizer, sim, é o carro dele, Profetisa.

– Veja só, você é capaz de aprender. Então abra a maldita porta para mim.

– Algum problema, Tenente Dallas? – Stark apareceu por trás dela e caminhou a passos firmes até o lado do banco do passageiro na frente do veículo. Ele não estava sozinho, mas Aphrodite não precisava olhar para ver quem estava com ele. Ela podia sentir o cheiro.

– Não, senhor! – O tenente imbecil abriu imediatamente a porta do Hummer para Stark.

– Bom saber. Vamos zarpar – Stark deu uma olhada para Aphrodite e Kevin, que tinha parado ao lado dela. – O que vocês estão esperando, um convite por escrito? Entrem aí no banco de trás. – Stark balançou a cabeça, murmurando algo indecifrável, e o Tenente Dallas fechou a porta com uma batida forte.

Kevin foi até a porta do banco traseiro ao lado deles no veículo e a abriu.

– Depois de você, Profetisa – ele disse.

– O único com o mínimo de educação fede. Fantástico. – Ela passou por Kevin e entrou.

Kevin deu uma corridinha até o outro lado do Hummer e se sentou ao lado dela.

– Tudo certo aí atrás, *Profetisa?* – Dallas perguntou com apenas um toque de ironia ao sorrir olhando pelo espelho retrovisor.

– Apenas dirija – Stark disse rispidamente para ele. Enquanto eles guiavam o comboio para fora da Morada da Noite, Stark se virou no seu assento. – Agora, é bom você contar o que você não falou para Neferet sobre a sua visão.

Aphrodite ergueu uma sobrancelha para ele.

– Não tenho a menor ideia do que você está falando. – Ela enfiou a mão na sua bolsa extragrande Louis Vuitton e tirou de lá de dentro uma das três garrafas de Veuve Clicquot, satisfeita ao ver que havia tirado o rosé primeiro. Sem olhar para Kevin, ela entregou a garrafa para ele. – Abra. Não derrame. É melhor você não deixar seu fedor na garrafa também.

Stark balançou a cabeça.

– Você trouxe champanhe para uma batalha?

– Não, eu trouxe um *bom* champanhe para uma *pré*-batalha. É tipo dirigir colado no carro da frente, só que menos esportivo e mais mortal. Quer uma taça? – Aphrodite levantou uma bela taça que ela tinha guardado no bolso lateral junto com o seu Xanax de emergência.

– Não, mas eu quero uma resposta para a minha pergunta.

Kevin estourou a rolha e Aphrodite estendeu a taça para que ele a enchesse.

– Eu já respondi.

– Uma resposta *de verdade.*

Aphrodite deu uma olhada em Kevin.

– Cubra o topo da garrafa com o papel metálico para que ainda fique um pouco frisante. Você não sabe nada sobre champanhe?

– Não. Nunca experimentei. O meu padrastotário, ahn, é assim que minhas irmãs e eu chamamos o meu padrasto, é religioso demais para…

– Que chatice! – Aphrodite olhou para Stark. – Eu não sabia que eles podiam conversar.

– Você quer dizer os vampiros vermelhos? – Stark perguntou, dando um olhar divertido para Kevin.

– Sim, é claro que foi isso o que eu quis dizer.

– Aphrodite, Kevin é um oficial. Todos eles falam. Você acabou de ouvi-lo conversando com Neferet no briefing.

– Aquilo não foi uma conversa. Ele estava relatando informações. Tanto faz. – Ela deu um gole no seu champanhe e olhou para fora da janela enquanto eles pegavam a estrada em direção a Sapulpa.

– Ainda estou esperando você responder minha pergunta – Stark disse.

– Desculpe. Qual era mesmo?

Stark suspirou pesadamente, e Aphrodite percebeu que o Tenente Dallas estava sorrindo como se ela fosse o seu próprio entretenimento pessoal.

– Tenente Dickless,[10] você sempre se diverte às custas do seu general?

O sorriso instantaneamente sumiu do rosto de Dallas, e ele voltou os olhos para a estrada.

– Ótimo. O único tenente que fala também fede. E respondendo à sua pergunta, General Cara do Arco, eu contei tudo para Neferet. Bom, exceto uns detalhes sobre como os soldados do Exército

Vermelho perderam o que possa ter sobrado das suas mentes e não se contentaram apenas com o massacre dos humanos que encontraram nos fardos. Eles também devoraram os novatos… novatos *azuis* que poderiam ter crescido e se tornado caras grandes como você. Ah, e eles comeram vampiros azuis adultos também. Basicamente, o seu Exército Vermelho asqueroso massacrou todo mundo. Que tal?

– Por que você não contou isso para Neferet? – Kevin perguntou.

– Porque ela não ia se importar. Não mudaria nada. Ela ainda iria enviar o seu Exército Vermelho. Todo mundo ainda seria massacrado. Ponto final. – Ela esvaziou o resto da taça e a estendeu para que Kevin a enchesse. *E eu vou ter que assistir isso acontecer. De novo.*

– Neferet pode não se importar, mas eu me importo. Nós precisamos dessas pessoas vivas. Principalmente os vampiros azuis. Eles podem nos dar informações sobre a Resistência – Stark disse.

– Ah, que ótimo. Então, em vez de serem esquartejados e devorados, eles vão ser torturados.

– Eu não disse nada sobre tortura!

– Você vai pedir gentilmente que entreguem o seu povo e o seu quartel-general, e quando eles disserem não, obrigado, você vai fazer o quê? Dar um tapinha nas costas deles e deixar que vão embora?

– De que lado você está, Aphrodite? – O olhar de Stark tinha ficado sombrio e nervoso.

– Do lado de Nyx, é claro.

– Então estamos do mesmo lado – Stark afirmou.

Aphrodite bufou, mas não falou mais nada. O Cara do Arco podia correr para Neferet e dizer que ela tinha sido insuportável nessa pequena incursão. Até aí, tudo bem. Na verdade, isso seria ótimo. A chance de Neferet enviá-la junto com eles de novo seria bem menor. O que ele não podia fazer era correr para a Grande Sacerdotisa e dizer que Aphrodite simpatizava com a Resistência. Isso não seria "tudo bem". Seria fatal.

*O que diabos vampiros como Stark e os Guerreiros Filhos de Erebus pensam que aconteceu com todas aquelas Grandes Sacerdotisas que Neferet rebaixou e mandou que calassem a boca? Que elas apenas sumiram em alguma Morada da Noite fajuta do interior para rezar pelo resto da vida em isolamento?*

Aphrodite sabia bem o que acontecia. Ela testemunhou o que Neferet tinha feito com elas. Nyx enviou essa visão. E essa era uma visão que Aphrodite não havia compartilhado com *ninguém.*

– Você quer mais champanhe?

Aphrodite automaticamente estendeu sua taça para ser enchida de novo. Então ela olhou para o garoto fedido ao seu lado. Ela ficou surpresa ao reparar que ele obviamente era de origem indígena. Ela não tinha percebido isso antes. Se ele trocasse aquelas roupas horríveis que vestiam mal e tomasse alguns cuidados pessoais – ele realmente precisava de um corte de cabelo… e tirar aquele fedor –, podia até ficar bonitinho. Mesmo. Ela também não tinha percebido isso antes. Bom, para ser justa, depois de sentir aquele cheiro, ela mal tinha olhado para ele.

Só que ele não tinha aquele cheiro quando conversou com ela no jardim na outra noite.

– Quantos anos você tem? – ela perguntou a Kevin.

Ele pareceu surpreso com a pergunta.

– Dezesseis.

– Não é jovem demais para ser tenente?

Ele assentiu.

– Sim. Eu sou o tenente mais jovem do exército.

– Quando você se Transformou? – ela questionou.

– Quase um ano atrás. – Ele fez uma pausa e então continuou: – Quando você se Transformou?

– Quando eu tinha mais do que dezesseis anos – ela respondeu. Aphrodite queria perguntar o porquê de ele não estar fedendo como a morte na noite anterior, mas de jeito nenhum ela ia deixar o Dickless e o Cara do Arco ouvirem isso. De jeito nenhum ela queria aqueles dois mais metidos nos assuntos dela do que eles já estavam. – Você é uma criança. Não é de se admirar que nunca tenha provado champanhe.

Ela virou a cabeça com arrogância para olhar para fora da janela, desejando que estivesse em qualquer outro lugar.

## Outro Kevin

A conversa morreu depois que Aphrodite disse que ele era apenas uma criança. Ela não olhou mais para ele. Ela não se endereçou mais a ele. Ela continuou, é claro, estendendo a sua taça de tempos em tempos para que ele a enchesse de champanhe.

*Cara, ela bebe champanhe rápido!*

Tudo o que Kevin podia fazer era ficar ali sentado observando com um pavor crescente enquanto o Hummer percorria mais quilômetros e se aproximava cada vez mais daquilo que muito provavelmente seria uma horrível tragédia.

*E se aquele pássaro não chegou até Dragon?*

Não, ele não se permitiria pensar isso. Ele estava fazendo tudo o que podia. Ele tinha enviado informações. Ele estava junto com os soldados porque talvez houvesse algo que ele pudesse fazer no meio da batalha para ajudar as pessoas a escapar do Exército Vermelho. A essa altura, Kevin não dava a mínima se seria descoberto ou não. Ele não ficaria parado vendo inocentes serem massacrados por monstros.

– Ei, abra mais uma garrafa.

Aphrodite empurrou mais uma garrafa de champanhe na direção dele. Kevin não tinha nem percebido que ela já tinha matado a primeira. Enquanto tirava a rolha, ele olhou de relance para Aphrodite. Ela parecia mal.

Bom, isso não era totalmente verdade. Ela era linda. Isso não havia mudado. Mas ela estava tão magra e pálida! Olheiras escuras estavam aparecendo mesmo que ela tentasse cobri-las e, quando ela não estava bebendo champanhe, a boca dela virava uma linha rígida.

– Quanto falta para a Lone Star Road? – Aphrodite perguntou enquanto ele enchia a taça dela.

Stark apontou para o semáforo a cerca de um quarteirão na frente deles.

– Vamos virar ali, na Hickory. Daí uns dois quilômetros e meio depois a gente entra à direita na Lone Star. Nessa hora vou precisar que você esteja acordada e alerta. – Stark olhou por sobre o seu ombro para ela e franziu a testa. – Então, pegue leve aí com esse champanhe.

– Ah, relaxe, Vovô. Eu sou uma vampira, lembra? Não consigo ficar bêbada. Não consigo nem ficar exaltada. Bom, a menos que eu misture um pouco de Xanax com esta bebida… o que me lembra de

algo. – Ela enfiou a mão dentro da bolsa gigante que estava no assento entre eles, pegou um pequeno pote de comprimidos e o sacudiu para tirar algumas pequenas pílulas ovais, que engoliu junto com champanhe. – E eu sou uma profissional.

– É bom que seja. Neferet conta com isso – Stark disse.

– Tá, tá, tá. Eu vou reconhecer o maldito campo. Preocupe-se com o seu exército de zumbis, não comigo.

Stark virou para a frente de novo e esfregou a testa.

Kevin continuou observando Aphrodite até que ela encontrou os seus olhos. Então, com uma voz baixa o bastante para não ser ouvido no banco da frente, ele falou:

– Você sabe como isso vai ser ruim. Não a julgo por beber e tomar isso aí. – Ele apontou um dedo para o pote de comprimidos que estava aparecendo para fora da bolsa dela.

Ele achou que ela faria outro comentário sarcástico, mas então o rosto dela mudou. Os seus ombros desabaram e ela assentiu com tristeza, sussurrando:

– Vai ser bem pior do que só ruim.

– Eu não vou deixar que você se machuque – ele disse baixinho.

Ela o encarou com seus olhos azuis grandes, lindos e assombrados.

– Eles são crianças. Mais novos do que você. Eu sei. Eu vi tudo. E agora vou ter que ver de novo. – Ela balançou a cabeça e enxugou uma única lágrima nervosamente.

Ele sustentou o olhar dela e disse muito claramente, mas com a voz bem baixa:

– Não se eu puder impedir isso.

Uma surpresa faiscou nos olhos dela, e então Stark interrompeu:

– Ok, esta é a Lone Star Road. Hora de você fazer o seu trabalho.

– Eu já fiz o meu *trabalho.* Eu profetizei. Isto aqui não tem nada a ver com o meu trabalho. Tem a ver com Neferet querer me punir, mas que seja. Já sou bem grandinha. Diga ao Tenente Dickless para ir devagar para que eu possa conferir essas plantações. A que eu estou procurando é grande. Lembro de um bosque de nogueiras-pecãs do outro lado da rua. Ah, e tem árvores na beirada do campo, apesar de uma grande parte da lateral da estrada ser aberta, então nós devemos conseguir ver a maioria da plantação.

– De que lado da estrada fica a plantação? – Stark perguntou.

Aphrodite pensou um pouco e então respondeu:

– À nossa esquerda. – Eles dirigiram por apenas mais um quilômetro pela estrada vazia e Aphrodite apontou um local. – É ali! Eu reconheço aquele monte de árvores.

Kevin deu um pequeno suspiro de alívio. O campo ainda estava a alguns quilômetros de distância da montanha onde a Resistência estava se escondendo. Aquela era uma pequena coisa boa em um amontoado gigante de coisas ruins.

Aphrodite estava olhando para fora da janela à sua direita.

– E ali está o bosque de nogueiras-pecãs. Ok, continue só mais um pouco. Deve ter um… sim, ali está o portão. Vire aqui.

Dallas dirigiu o Hummer através de um portão aberto e entrou em um grande campo de feno recém-cortado. E, claro, estacionado logo do lado de dentro estava o reboque de um caminhão, cheio de enormes fardos arredondados.

– Pare! – Stark falou rispidamente. – Faça com que o comboio bloqueie o portão para que eles não possam sair por ali. – Ele começou a abrir a sua porta antes de o Hummer parar completamente, gritando ordens. – Dallas, saia com esses soldados do comboio e faça com que eles cerquem o reboque. Tenente

Heffer, fique neste veículo com Aphrodite. O seu trabalho… o seu único trabalho é cuidar para que ela não seja devorada acidentalmente hoje. Você consegue fazer isso?

– Sim, senhor!

Sem nem mais um olhar, Stark e Dallas saíram do Hummer. Kevin podia ouvir Dallas gritando ordens para o comboio. Stark tinha pegado o seu arco e estava com uma flecha encaixada nele, apontada para o fardo arredondado.

– Ele não erra. Você sabia? – A voz de Aphrodite cortou o silêncio no interior do veículo quase vazio.

– O General Stark?

– Sim, o Cara do Arco.

– Aham, eu sei. O exército inteiro sabe. Ele é uma lenda.

– Na cabeça dele – Aphrodite disse. – Dizem que ele matou o próprio mentor.

– Não sabia disso.

– Sim. É por isso que ele é tão mal-humorado. A maioria das mulheres acha isso atraente. Eu acho um tédio. Mas ele não faz o meu tipo de todo jeito.

Kevin não conseguiu se conter.

– Qual é o seu tipo?

– Alguém menos mal-humorado e com mais coração. E músculos. Eu gosto de músculos. Encha a taça, Kev. Estou finalmente começando a sentir a onda.

– Você acha mesmo que é uma boa ideia?

– Sinceramente?

– Sim. Eu gosto de sinceridade.

– Ok, vou ser sincera. Não importa se eu beber ou não. Isso não vai mudar o que vai acontecer e não vai me fazer esquecer que eu

vou ter que assistir isso acontecer *de novo.* E já que estamos sendo sinceros… ninguém liga a mínima se fico bêbada ou não, exceto eu mesma, e já que eu tenho que assistir a crianças sendo devoradas por monstros, prefiro estar bêbada.

– Esse é um bom ponto – Kevin encheu a taça dela. – Mas eu me importo se você fica bêbada.

Ela encontrou o olhar dele.

– Por quê?

– Nós ainda estamos sendo sinceros?

– Que tal isto: enquanto a gente estiver sozinho, vamos ser sinceros. Feito?

– Feito – Kevin concordou, e o seu coração deu uma palpitação estranha quando o olhar dela não desviou do seu, e pela primeira vez ela se pareceu exatamente com a *sua* Aphrodite. Aquela que o havia beijado no mundo de Zo e tinha dito a ele para encontrá-la neste mundo.

– Então, por que você se importa se eu estou bêbada ou não?

– Porque eu sei que você é melhor do que isso.

Ela bufou.

– Isso é uma coisa louca de se dizer.

– Por quê?

Ela abriu a boca para responder, mas foi interrompida por uma torrente de vampiros passando correndo pelo veículo para cercar o reboque.

– Merda. Começou. Não consigo olhar. – Ela abaixou a cabeça, olhando fixamente para os seus pés. – Fale quando tudo estiver terminado.

– Ok, mas eu vou ficar te contando o que está acontecendo. Era assim que a minha irmã assistia a filmes de terror comigo quando a

gente era pequeno.

Os olhos dela encontraram os dele.

– Do que você está falando?

– Bom, eu adorava filmes de terror. Minha irmã odiava, mas ela não me deixava assistir sozinho, senão eu tinha pesadelos e ia pra cama dela. Então, ela se sentava comigo, mas tampava os olhos com as mãos, e me pedia para descrever o que estava acontecendo porque ela falava que era menos assustador quando eu contava a história para ela.

– Ok, acho que vou experimentar. Se você continuar enchendo a minha taça.

– Pode deixar. – Kevin encheu a taça dela e começou a fazer os seus comentários: – Eles cercaram os fardos redondos. Stark está com o arco apontado para o primeiro, e Dallas… – Kevin fez uma pausa e sorriu para Aphrodite. – Ei, apesar de eu não poder rir alto quando você falou aquilo na frente de Stark, quero que saiba que rachei de rir com o apelido que você deu para ele.

– Ah, você quer dizer o Tenente Dickless. Não considero isso um apelido. É um fato.

Kevin deu uma gargalhada e depois voltou a descrever o que acontecia.

– Então, o Tenente Dickless está com uma espada longa, se aproximando do primeiro fardo. Ah, merda. Ele vai enfiar a espada dentro…! – Kevin ofegou de susto.

– O quê? O que aconteceu?

– Ele enfiou a espada dentro do fardo e nada aconteceu. Agora, ele está golpeando o fardo sem parar. É só um fardo de feno. Não tem ninguém dentro! – Ele pensou que Aphrodite ficaria feliz, mas

ela continuou bebendo e olhando para as botas na altura do joelho que estava usando. – Hum, você me ouviu?

– Sim, ouvi. Continue assistindo. Nem todos os fardos têm pessoas dentro. A Resistência não ia encher tanto o saco de Neferet se eles fossem assim burros.

– Ah, bem pensado. Ok. Estou vendo tudo. Eles estão indo para o próximo fardo. – Kevin prendeu a respiração e então soltou o ar em um suspiro. – É só feno também. Agora eles estão indo para um fardo no fundo.

– Isso não é uma notícia boa. Eu sei. Eu estava escondida nesse fardo.

– Você?

– Não literalmente. Quando tenho uma visão, eu sempre vejo tudo pelo ponto de vista de quem está morrendo, normalmente de um jeito horrível. É por isso que para mim é difícil dar detalhes específicos, pois eu sinto tudo que essa pessoa que está morrendo sente.

O estômago de Kevin se revirou.

– Deve ser horrível.

– É pior do que isso.

Ele continuou assistindo.

– Droga. Eles estão no próximo fardo. Ok, ele está perfurando o fardo e… merda. Ele atingiu alguma coisa.

– Mas não é uma pessoa.

– Não, ele atingiu alguma coisa dura, e só a ponta da espada desapareceu dentro do fardo.

– Isso é porque não é um fardo de verdade. O interior é oco e tipo uma roda. Há uma porta do lado para entrar e sair. De algum jeito, eles colocam feno do lado de fora da roda. Do lado de dentro tem

espaço para, hum, umas quatro pessoas grandes, ou dois adultos e três ou quatro crianças. Ei, eu vou fechar os olhos e tampar os ouvidos quando eles começarem a gritar.

– Eles encontraram um trinco e estão abrindo. – Kevin engoliu a vontade de vomitar. Ele também queria tampar os olhos. E então um alívio o invadiu. – Está vazio!

– Sério?

– Sim, olhe!

– Não. Não vou olhar até eles checarem todos. Pelo menos metade dos fardos nesse reboque e no outro estão cheios de gente.

– O outro?

– Sim, há dois reboques.

– Hoje não tem. Só tem um. Aphrodite, olhe. Eles estão abrindo os outros. Estão todos vazios! – Kevin não tentou esconder a alegria e o alívio que estava sentindo.

– Por que você está feliz?

Ele desviou o olhar dos fardos vazios e virou-se para Aphrodite, que estava olhando para ele e não para a cena se desenrolando com zero de violência na frente deles. Ele encontrou os olhos dela. E decidiu dizer a verdade.

– Porque eu não quero que ninguém mais morra.

– Mas você é um vampiro vermelho. Você só se interessa em comer e matar.

– É realmente assim que você me vê? – Kevin perguntou.

– Por que você não estava fedendo ontem?

– Porque eu…

*Toc-toc-toc!* Kevin e Aphrodite deram um salto quando Stark bateu no vidro.

– Vocês dois podem sair. Parece que chegamos cedo demais – Stark gritou através da janela antes de voltar para o grupo de soldados que estava tentando remontar os fardos esburacados.

Aphrodite suspirou.

– Traga a garrafa.

– Ei, por que você não fica aqui dentro? Eu vou lá fora e digo que você não está se sentindo bem.

– E deixar o Cara do Arco me entregar para Neferet, dizendo que eu fiquei escondida no Hummer mesmo quando não tinha nenhuma batalha acontecendo? Isso seria uma desculpa perfeita para ela me enviar junto com o Exército Vermelho de novo. Não, é melhor eu sair.

Kevin desceu apressado do Hummer e deu uma corridinha até o lado dela, abrindo a porta para Aphrodite.

– Obrigada. Eu gosto de boas maneiras. Alguém criou você direito.

– Obrigado. Foi principalmente a minha irmã.

– Essa irmã de novo. Talvez algum dia eu a conheça – Aphrodite disse ao estender a mão.

Kevin pegou a mão de Aphrodite e a segurou cuidadosamente enquanto a ajudava a descer do veículo.

– Tenho um pressentimento de que vocês duas iam se dar muito bem.

Aphrodite bufou.

– Então ela deve ser um pé-no-saco.

– Ah, você não sabe o quanto – Kevin disse.

---

10Sem pênis, em inglês. (N.T.)

# 19

## Outra Aphrodite

– Tem certeza de que este é o campo certo? – Stark perguntou a Aphrodite.

– Positivo.

– E este foi o único reboque que você viu com fardos de feno?

– Este foi o reboque que eu vi durante a minha visão. Eu estava no meio daquele fardo ali. – Ela apontou. – Não sei o que mais dizer a você. Não sei por que não tem ninguém dentro. A gente deve ter chegado cedo demais. – Aphrodite escolheu suas palavras com cuidado. Ao contrário do que Neferet, Stark e o resto podiam pensar, ela detestava mentirosos. Ela havia sido criada por uma e, desde cedo, tinha jurado que pelo menos uma coisa iria fazer: ao contrário da sua mãe, ela ia tentar falar a verdade sempre. E era isso que ela estava fazendo. Tecnicamente, falando a verdade. Claro, ela estava contando algumas coisas, mas Stark teria que ser bem mais específico com as suas perguntas para que ela revelasse *tudo.*

– Então está bem. Tenente Dallas, primeiro faça com que os veículos e os homens se escondam naquele bosque de nogueiras-pecãs do outro lado da pista. Mantenha cada maldito soldado do

Exército Vermelho *dentro* daqueles veículos. Não queremos que a Resistência sinta o cheiro de nenhum antes de chegar. E nada de luzes e de barulho. Nada. Lembre a esses soldados que a única maneira de eles se alimentarem hoje é se a Resistência cair na nossa emboscada. Depois volte aqui com alguns oficiais e arrumem esses fardos de novo. Pelo menos o suficiente para que a Resistência não perceba que foram remexidos até que seja tarde demais. Vamos esperar lá fora e capturá-los quando finalmente aparecerem. – Ele voltou seu olhar para Aphrodite. – Você consegue dizer que horas o ataque aconteceu?

– Não. Desculpe. Eu estava ocupada demais sendo devorada para olhar para o relógio.

Stark franziu o cenho para ela e então continuou falando com Dallas.

– Ok, vamos esperar o máximo que der, mas o Exército Vermelho precisa voltar para os túneis antes do amanhecer. E lembre a esses soldados que eles podem comer *só* os humanos. Novatos azuis e vampiros azuis devem ser capturados vivos.

– Sim. Vou dizer a eles, senhor. Mas eles são burros, então não espere muita coisa. – Dallas bateu uma continência desleixada e começou a berrar ordens.

Aphrodite achou difícil parar de olhar para os soldados do Exército Vermelho. Ela nunca havia estado perto de tantos deles antes. Ela sentia quase tanta pena quanto nojo. Eles estavam vagando ao redor do reboque e dos fardos de feno vazios, parecendo agitados e confusos. Ela achou que vários deles estavam babando.

– Aphrodite, pode entrar no nosso veículo líder com o Tenente Heffer. Heffer, você sabe dirigir, certo?

– Claro – o garoto respondeu.

– Então, dirija o veículo até o outro lado da pista e espere lá.

– Na verdade, eu preciso de um pouco de ar puro antes – Aphrodite falou. – Eu vou dar uma volta.

– Não é uma boa ideia – Stark disse. – Se a Resistência estiver por aqui, você não estará segura.

Ela levantou as sobrancelhas para ele.

– Não estou segura? Há uma horda inteira de vampiros vermelhos vorazes a um grito de distância. Além do mais, você está aqui. Com o seu arco infalível. Tenho certeza de que vou ficar bem.

O suspiro de Stark foi cheio de irritação.

– Heffer, siga a Profetisa. Aphrodite, não demore muito. A Resistência pode aparecer a qualquer minuto, e juro que você não vai querer estar aqui fora quando a briga começar.

– Ah, por favor. Eu já estive aqui quando a briga começou. Foi por isso que tive que me juntar a vocês nesta bagunça de merda, lembra?

Ela deu as costas para Stark, Dallas e aquela horda de coisas vermelhas e começou a caminhar com cuidado através da plantação até a fileira de árvores no lado mais distante do terreno. Ela não precisou olhar para trás. Ela estava certa de que Kevin estava seguindo atrás dela. Ela não se importava. Uma sensação de alívio que a deixou tonta havia inundado o seu corpo desde que ela viu apenas um reboque sem nenhum membro da Resistência escondido dentro dele.

*Havia dois reboques na minha visão. Eu estava em um deles, mas tinha outro. Ainda mais cheio de novatos e jovens humanos. Mas ele se foi! Deusa, por favor, permita que eles tenham conseguido fugir. Por favor, não deixe que eles voltem hoje à noite. Por favor, por favor, por favor.*

Ela escutou o barulho de água corrente quando se aproximou da fileira de árvores. A vegetação se alterou do feno caprichosamente cortado para o gramado alto do inverno e o que pareciam arbustos de amoras. Aphrodite abriu caminho contornando um aglomerado de plantas adormecidas e uma muralha de cedros perenes para olhar para baixo para um pequeno riacho.

E então a mente dela não entendeu o que ela estava vendo.

*Tem pessoas ali embaixo?*

*Na água? Logo abaixo de mim?*

*Que diabos é isso?*

Ela deve ter feito algum barulho. Deve ter ofegado de choque, pois a última pessoa da fila que estava andando no riacho com água na altura do quadril virou a cabeça e levantou os olhos para ela.

A lua refletiu na água, intensificando a sua luz tênue de modo a tornar claramente visível a tatuagem safira ornamentada com dragões cuspindo fogo em um crescente no meio da testa do vampiro.

*Aiminhadeusa! É Dragon Lankford!* O olhar de Aphrodite percorreu a fila silenciosa de pessoas e ela reconheceu vários deles da sua visão. É a Resistência! *Eles foram avisados! Eles não foram massacrados!*

Ela não teve tempo para pensar demais no assunto. Aphrodite agiu por instinto. Ela desceu apressada alguns passos para chegar mais perto do barranco na margem do riacho. Encarando Dragon, ela pronunciou com a boca sem emitir som, fazendo gestos com a mão para indicar o mesmo: *Vão embora! Fujam!*

E então tudo aconteceu muito rápido.

Dragon Lankford saiu do riacho e saltou para cima do barranco. Ela tentou retroceder com dificuldade. Tentou fugir, mas o salto de

uma de suas botas Jimmy Choo afundou em um buraco e quebrou. Aphrodite caiu de bunda no chão com força, derrubando a sua garrafa de champanhe quando ela perdeu o fôlego.

Dragon a alcançou facilmente. Ele a agarrou, levantando-a para que ficasse em pé e tampando a boca dela com a mão. Ele pressionou uma adaga contra o pescoço dela e sussurrou diretamente no seu ouvido.

– Se você fizer um barulho, corto o seu pescoço. Você vem comigo. – Ele se virou para que a fila de novatos, vampiros e jovens humanos em retirada pudesse vê-lo. Dragon fez o mesmo gesto para que eles seguissem em frente e falou em voz baixa em direção à água: – Vão indo! Até o local seguro!

Ele começou a arrastá-la até o riacho.

E então Kevin estava lá. Ele surgiu depois de atravessar a fileira de cedros olhando em volta, obviamente procurando por ela. O coração de Aphrodite bateu forte no seu peito, enchendo a sua corrente sanguínea de adrenalina e pânico. *Eu tentei ajudá-los! E agora eles vão matar Kevin e provavelmente atrair a atenção de Stark e a ira do Exército Vermelho sobre eles! Todos vão ser massacrados como foram na minha visão!*

Só que não foi isso o que aconteceu. Foi algo muito mais estranho.

Kevin olhou para baixo. Aphrodite percebeu o instante em que ele a viu com Dragon e a fila de novatos, humanos e vampiros fugitivos caminhando com dificuldade pela água. Kevin não pegou nenhuma arma. Kevin não gritou para Stark. Em vez disso, ele desceu a margem correndo até eles.

– Dragon! Não! Não a machuque! – Kevin sussurrou freneticamente quando chegou mais perto deles.

– Eu não a estou machucando. Estou sequestrando.

– Por quê? – Kevin perguntou.

– Sem essa, Kevin. Você sabe por quê. Se eu não fizer isso, ela vai nos entregar para o Exército Vermelho. E ela é uma Profetisa de Nyx. Ela tem visões. Mesmo se ela não quiser compartilhar as visões conosco, nós podemos usá-la. Neferet vai fazer praticamente tudo para ter a sua Profetisa de volta.

Aphrodite bateu na parte de trás da mão de Dragon que estava cobrindo a sua boca.

– Hum, acho que ela quer que você tire a mão da boca dela – Kevin disse. – E seria legal se você abaixasse essa adaga também.

– Imagino que o Exército Vermelho está lá em cima. – Dragon apontou o queixo na direção do campo de feno.

Aphrodite assentiu tão vigorosamente quanto pôde com uma lâmina contra o seu pescoço, e então ela tentou dizer “Eu estava dizendo para vocês irem embora daqui!”, mas, é claro, as palavras saíram como um resmungo confuso e nervoso por trás da mão de Dragon.

– Sim. Stark está lá em cima com cerca de cinquenta soldados vermelhos e vários oficiais vermelhos e azuis. – O olhar de Kevin se voltou para o riacho e para a fila de pessoas que continuavam a retroceder na direção da montanha e da segurança. – Você recebeu a minha mensagem.

– Sim. E agora eu tenho esta Profetisa também. Vou levá-la para o quartel-general. Junte-se a nós quando puder.

– Dragon, sério, se você sequestrar Aphrodite, como é que você vai ser diferente de Neferet?

– Como você pode me perguntar isso? Se nós fôssemos iguais a Neferet, eu já teria cortado o pescoço dela. E, de qualquer modo, eu

não posso soltá-la. Agora ela sabe que você está trabalhando conosco, o que coloca todos nós em risco.

Kevin encontrou o olhar de Aphrodite.

– Você nos dá a sua palavra de que não vai gritar nem fazer qualquer coisa para atrair a atenção de Stark se Dragon tirar a mão da sua boca?

Aphrodite assentiu.

– Eu confio nela – Kevin afirmou. – Se ela diz que não vai gritar, não vai. Aphrodite diz a verdade. Certo?

Aphrodite assentiu de novo.

– Não é sábio confiar nela – Dragon disse.

Kevin abriu o sorriso.

– Foi a mesma coisa que você disse sobre mim.

O Guerreiro suspirou.

– Certo, escute bem. Vou tirar a mão da sua boca – Dragon falou no ouvido de Aphrodite –, mas não vou tirar a minha adaga do seu pescoço. Se você fizer *qualquer coisa* para trazer soldados até nós, vai ser a primeira a morrer. Entendido?

Aphrodite assentiu mais uma vez. Lentamente, Dragon tirou a mão da boca dela.

– Seu idiota! – Aphrodite sussurrou para ele. – Você me viu dizendo para vocês fugirem. Você sabia que eu não ia chamar o exército. Você agiu como um babaca de merda indo até lá em cima e me arrastando! – Ela voltou sua atenção para Kevin. – Eu sabia que você era diferente. Que diabos está acontecendo aqui?

– É uma longa história, mas eu prometo que vou te contar tudo. Primeiro, Dragon e o resto do seu povo precisam escapar – Kevin respondeu.

– E ela ainda precisa vir com a gente – Dragon disse.

– Eu não vou com vocês merda nenhuma. – Aphrodite o fuzilou com os olhos. – É melhor você cortar o meu pescoço agora.

– E, se você fizer isso, vai ser igual a eles – Kevin acrescentou. – Além do mais, aposto que Anastasia vai ficar super irritada com você.

– Isso sem falar no que vai acontecer se eu não voltar lá para cima logo. Stark vai vir para cá procurando por mim. E o que diabos você acha que ele vai fazer se não me encontrar? Simplesmente deixar você e o seu grupo nadarem de volta para casa?

Dragon franziu o cenho para Aphrodite, mas tirou a adaga do pescoço dela.

– E agora? – Dragon perguntou.

– Agora vocês têm que sair daqui. Rápido. Stark vai…

– Aphrodite! Heffer! Que inferno, onde vocês estão? – a voz irritada de Stark lá no alto chegou até eles.

Aphrodite não hesitou. Ela colocou as mãos ao redor da boca para amplificar o som e gritou para o alto do barranco.

– Vá embora! Estou fazendo xixi! Como se já não fosse ruim o bastante ter um vampiro vermelho fedorento me seguindo por aí e eu ter quebrado o maldito salto da minha bota Jimmy Choo aqui neste mato idiota. Posso ter um pouquinho de privacidade?

– Ela está bem, General! – Kevin acrescentou. – Ela está logo atrás de um monte de arbustos. Eu quase consigo vê-la e…

– Não se atreva a olhar! – Aphrodite berrou, fazendo toda a fila de pessoas em retirada congelar e olhar para ela. – Eu juro pela Deusa, se vocês dois me fizerem perder a paciência, vou contar para Neferet que vocês me trataram como merda, com zero respeito. Não importa o quanto ela possa estar irritada comigo, ela

definitivamente *não* vai tolerar que a Profetisa dela seja desrespeitada!

Houve uma pausa em que os três prenderam a respiração, então a voz de Stark – que continuava irritada – finalmente respondeu.

– Só ande logo! Isto não é um maldito piquenique.

– Eu não vou andar logo! Vou levar o tempo que precisar fazendo xixi! E você pode levar esse tenente fedido de volta com você! – Aphrodite gritou e então sussurrou para Kevin. – Suba lá rápido e cuide para que ele não venha para cá.

– Entendido. – Antes de sair, ele olhou para Dragon. – Você vai deixar que ela volte, certo?

– Sim. Eu vou deixar – ele disse com óbvia relutância.

Então Kevin subiu o barranco e passou correndo pelos cedros. Aphrodite e Dragon permaneceram totalmente imóveis até ouvirem os sons de dois homens se afastando do riacho.

Aphrodite deu um longo suspiro de alívio e então percebeu que Dragon a estava encarando.

– O que é? – ela disse rispidamente.

– Por que você fez isso?

– Porque eu não quero mais ninguém sendo massacrado por esses malditos vampiros vermelhos.

– Você não está do lado de Neferet? – Dragon perguntou.

– Não. Eu estou do meu próprio lado.

– Então como posso confiar que você não vai nos trair?

Ela encolheu os ombros.

– Não faço ideia. Você só vai ter que dar um salto de fé. Meu palpite é que é o mesmo tipo de salto que você deu para confiar em Kevin.

– Ele se provou digno de confiança.

– Não foi isso o que eu acabei de provar?

Eles ficaram se encarando até que finalmente Dragon desviou o olhar.

– Eu vou embora agora. Com o meu povo.

– Certo. Eu vou esperar o máximo que posso e então voltar para a plantação. Ah, o Exército Vermelho está escondido no bosque de nogueiras-pecãs do outro lado da pista, então não voltem.

– Não vamos voltar.

– Vocês tiraram um caminhão daqui antes de os soldados aparecerem? – ela perguntou.

Ele hesitou, mas respondeu.

– Sim.

– Ótimo. Era o que eu esperava quando vi apenas um reboque lá em cima.

– Você disse a eles que havia outro?

– Ah, que merda, claro que não. Como eu já disse, estou cansada de ver pessoas sendo massacradas pelo Exército Vermelho – Aphrodite respondeu.

– Mas você ainda está contando suas visões para Neferet – Dragon observou.

– Eu estou fazendo o que tenho que fazer para sobreviver. Assim como você. – Aphrodite fez uma pausa e então teve que perguntar: – Anastasia está bem?

– Sim. Ela está segura.

– Diga a ela que fico feliz por isso.

Ele continuou olhando para ela antes de dizer:

– Você pode se juntar a nós, sabe. Depois do que você fez aqui hoje, nós a aceitaremos.

Aphrodite ignorou a palpitação de esperança que sentiu. *Como seria fazer parte de algo nobre como a Resistência? Ter amigos? Não se sentir tão sozinha o tempo todo?*

Mas eles não iriam querê-la. Não se eles soubessem da verdade.

– Vou manter isso em mente. E, ahn, obrigada pelo convite.

Ele assentiu com um grunhido antes de se virar e voltar para o riacho. Ele gesticulou para que a fila continuasse a se mover de novo, e Aphrodite os observou desaparecendo assim que o curso de água virou para a direita. Então ela espanou terra, folhas e sabe a Deusa o que mais do seu traseiro, subiu o barranco e voltou mancando para o campo de feno.

Stark e Kevin estavam parados na frente do Hummer líder. O resto havia desaparecido – ela presumia que estavam dentro do bosque do outro lado da pista.

Sem hesitação, Aphrodite marchou na direção de Stark.

– Estou indo embora.

– Sinto muito. Não vai dar. Esta noite está apenas começando – Stark disse.

– Oh, você me entendeu mal. Eu não pedi a sua permissão. Eu não *preciso* da sua permissão. Eu sou uma Sacerdotisa e uma Profetisa de Nyx. A nossa sociedade ainda é matriarcal, certo?

Stark pareceu surpreso com a pergunta.

– Sim, claro que é.

– Exatamente. Então, eu sou superior a você. Na verdade, eu sou superior a *todos vocês*, exceto Neferet. Então deixe-me repetir. Estou indo embora. Ah, e esse garoto fedido vai me levar para casa. Estou finalmente sentindo o efeito do Xanax e da bebida… melhor não dirigir.

– Veja bem, Aphrodite, Neferet disse que você deveria… – Stark começou, mas Aphrodite calou a boca dele com um gesto abrupto.

– Eu sei exatamente o que Neferet disse. Eu deveria me juntar a vocês nesta missão. Eu fiz isso. Eu deveria localizar a plantação correta e indicá-la para você e as suas criaturas vermelhas. Fiz isso também. E agora chega. Eu não vim aqui para acampar. Eu não vim aqui para ficar sentada cantando canções de guerra com um monte de soldados. E eu acabei de quebrar o salto de uma bota que custou quase dois mil dólares fazendo uma caminhada por aí na natureza. Deusa! Eu simplesmente não posso mais aguentar isso. Estou indo embora. E você, General Cara do Arco, pode ir direto para o inferno. – Ela olhou para Kevin. – Bora, Fedido.

Kevin olhou para Stark, que passou a mão pelo seu cabelo grosso e suspirou. De novo.

– Tudo bem. Podem ir. Mas eu vou contar para Neferet que eu aconselhei você a ficar.

– Tanto faz. Você acha que Neferet ficaria aqui fora a noite inteira se não tivesse nenhuma coisa acontecendo? – Ela deu as costas a eles e foi até o lado do passageiro do Hummer, onde ficou, batendo o pé freneticamente, esperando que Kevin abrisse a porta para ela, o que ele fez antes de dar uma corridinha contornando o carro para assumir a direção.

Ela deixou que ele manobrasse para fora do campo e entrasse na Lone Star Road para começar a falar.

– Pode contar tudo o que sabe. Agora.

# 20

## Outro Kevin

Kevin contou tudo a Aphrodite. Ele começou pelo fato de que já era diferente desde que foi Marcado – que tinha conseguido reter parte da sua humanidade mesmo depois de ter se Transformado no vampiro vermelho mais jovem da história. Ele contou que foi transportado para um mundo alternativo onde havia outra Morada da Noite e o que aconteceu com os outros vampiros e novatos vermelhos que também estavam lá.

E então Kevin contou sobre a gêmea dela no Outro Mundo – ou pelo menos o máximo que sabia sobre aquela Aphrodite. Contou que havia sido o sacrifício dela que salvou os novatos vermelhos do seu mundo e que foi o dom que ela recebeu de Nyx que o tinha salvado, além dos vampiros vermelhos que continuavam vivos no mundo de Zo.

Kevin também contou a ela sobre Neferet – como ela havia se tornado imortal e quase destruído primeiro Tulsa e depois o mundo inteiro. E como Zoey e o seu grupo tinham sido mais inteligentes do que ela e a aprisionado. Para sempre.

Então o silêncio preencheu o interior do veículo. Ele deu uma olhada para Aphrodite. Ela não estava bebendo. Ela estava encarando Kevin com uma expressão de olhos arregalados, mas indecifrável.

Finalmente, ela falou:

– Então, a Zoey, que é sua irmã lá, ela e eu trabalhamos juntas na Morada da Noite de Tulsa?

– Bem, sim, mas é mais do que isso. Vocês duas são amigas. Grandes amigas.

Ela continuou encarando Kevin. Quando ele tirou os olhos da estrada e se virou para ela rapidamente, viu um instante de dor no rosto dela. Então, com voz bem baixa, Aphrodite falou:

– Por isso que Neferet achou que você parecia familiar. E, agora que estou observando… eu vejo a semelhança também. Você é irmão de Zoey Redbird. *A* Zoey Redbird que foi assassinada há mais de um ano.

– Sim, é isso que estou dizendo a você. Só que ela está viva naquele Outro Mundo. Então, você conhecia a minha irmã antes da morte dela?

– Não. Na verdade, não.

– Mas você disse que nós somos parecidos… e Neferet meio que me reconheceu também. Zo deve ter sido marcante para você.

– Sim. Ela me marcou, sim. Ou pelo menos a morte dela marcou. – Então Aphrodite apontou para a Quick Trip na esquina da Rua Cinco com a Denver. – Pare naquele estacionamento. Preciso contar uma coisa e não quero que você surte e cause um acidente.

– Ei, você não precisa se preocupar comigo. Eu não surto facilmente.

– Só faz o que mandei – ela disse.

Ele entrou no estacionamento.

Quando ele parou o veículo, Aphrodite se virou no seu assento para poder olhar para o rosto dele.

– Ok, eu não queria contar isso para você, mas provavelmente iria descobrir de qualquer jeito. Tenho certeza de que Anastasia sabe. – Aphrodite encolheu os ombros, parecendo derrotada. – E eu detesto mentir. Eu nem gosto de omitir. Então, aí vai. Eu não conhecia a sua irmã. Neferet dissolveu a organização das Filhas das Trevas antes de Zoey chegar na Morada da Noite. Eu não tinha nenhum motivo para conhecê-la, porque, depois que as Filhas das Trevas se foram, não havia mais motivos para novatos me encherem o saco. Então eu fiz a Transformação e não tinha mais motivo para andar com novatos de qualquer modo. Mas eu lembro do rosto da sua irmã porque tive uma visão com ela. E Neferet se lembra do rosto dela porque eu contei a ela sobre a visão. – Aphrodite fez uma pausa, como se ela estivesse tendo dificuldade para escolher as palavras. Então ela soltou de uma vez: – Na visão, eu era Neferet. E eu vi uma novata, que não era nem uma vampira ainda, ser a responsável pela morte de Neferet.

Kevin se sentiu enjoado.

– Essa novata era a minha irmã?

– Sim.

– Então, Z estava certa quando me disse que tinha certeza de que a Neferet do nosso mundo a assassinou e fez parecer que os humanos do Povo da Fé tinham feito isso como um crime de ódio.

Ele não havia formulado a frase como uma pergunta, mas Aphrodite ainda assim respondeu.

– Sim. Neferet matou Zoey por causa da minha visão.

Kevin não sabia o que dizer. Ele desviou o olhar de Aphrodite, focando no fluxo constante de veículos, principalmente caminhões, que entravam e saíam da Quick Trip.

– Você gostava de mim do lado de lá?

A pergunta de Aphrodite surpreendeu Kevin, que deu uma resposta automática.

– Sim. Mais do que isso.

– Imagino que eu gostava de você também?

– Você me deu um beijo de despedida e me disse para encontrar você aqui.

– Ok, olhe só, o que você está me contando deve ser verdade pelo menos *em parte.* Você obviamente é diferente do resto dos vampiros vermelhos. E você não estava fedido na noite passada, então deve estar falando a verdade em relação a isso. – Ela encolheu os ombros delicadamente. – E essa porcaria nojenta de sangue que você usa como perfume. Mas você tem só dezesseis anos. Você é uma criança.

– Vou fazer dezessete em agosto – ele acrescentou rapidamente.

– Que seja. Você ainda é uma criança. E está me dizendo que a sua irmã e eu somos amigas do lado de lá *e* que você e eu temos um lance. Isso simplesmente não se parece com algo que eu faria. Com nenhuma versão de mim. Sem ofensas.

– Eu não sou uma criança. Eu sou um tenente do Exército Vermelho, que já viu mais mortes até do que você, só que comigo foram mortes *reais*, acontecendo na minha frente. Deixei de ser criança há muito tempo. E você precisa definir *um lance.* A gente não se pegou nem nada assim, mas a gente realmente tinha uma conexão, e juro que aquele beijo foi mais do que um selinho na bochecha. Ah, e lá você não é só amiga da minha irmã. Você é

respeitada e amada por um monte de gente. Você é amiga de todo mundo.

– Você tem certeza absoluta disso? Eu não faço amigos com muita facilidade. Principalmente porque a maioria das pessoas é plebeia.

Kevin ficou surpreso ao se ouvir dando risada.

– Eu não sei a história inteira sobre como tudo aconteceu lá. Não tive tempo para perguntar isso pra Zo, mas você definitivamente faz parte do grupo dela, e é um grupo bem grande. Na verdade, você fez amizade com todas as Grandes Sacerdotisas que eu conheci.

– Espere aí, o quê? Pensei que você tinha dito que a sua irmã era a Grande Sacerdotisa.

– Ela é, mas tem várias Grandes Sacerdotisas na Morada da Noite dela: Stevie Rae, Shaylin, Shaunee, Kramisha, Lenobia…

– Lenobia? A professora de equitação? Ela está viva por lá?

– Está. Assim como Travis e todos os cavalos deles.

Aphrodite passou uma mão trêmula pelo seu rosto.

– Fico feliz que eles estão vivos em algum lugar.

Kevin a observou.

– Ah, entendi. Ninguém da Resistência vazou a localização de Keystone. Você teve outra visão. Você contou para Neferet, e Neferet enviou o Exército Vermelho para acabar com eles.

– Sim. Você quer dar meia-volta e me levar para Dragon de novo para se vingar?

Ela falou sem se alterar – até soou meio arrogante, mas Kevin viu como o rosto dela ficou pálido e como as mãos dela tremiam tanto que ela teve que juntá-las em seu colo.

Ele não respondeu à pergunta dela. Em vez disso, fez outra.

– Na verdade, eu acho que você não gosta de toda essa matança. Então, por que você fez isso?

– Eu contei a ela sobre Zoey porque antigamente eu ainda acreditava que Neferet estava a serviço de Nyx. Quer dizer, abater alguns humanos parecia bom. Quem não está farto daquela coisa idiota de racismo e misoginia deles? Pelo amor da Deusa. Essa merda tem que ficar tão extinta quanto os dinossauros.

– O que isso tem a ver com você falar para Neferet matar a minha irmã?

– Essa é a questão! Eu ainda acreditava que Neferet era boa. E eu não sabia que ela iria matar a sua irmã.

– Mas você sabia que ela iria matar Lenobia e Travis. Você deve ter visto isso na sua visão.

– Eu vi. Eu também tive aquela maldita visão horrível quando estava conversando com Neferet. E-eu era Lenobia. Eu falava como Lenobia. Eu morri como Lenobia. Eu experimentei tudo com ela. A morte do seu companheiro. A morte dos seus cavalos. A morte dos seus amigos. Foi algo muito além de horrível. Eu nem percebi que estava descrevendo tudo para Neferet até depois que já tinha passado… depois que eu me recuperei da visão e ela já tinha enviado o Exército Vermelho para acabar com eles. – Aphrodite respirou fundo e enxugou as lágrimas que estavam escorrendo pelo seu rosto pálido. – Mas você está certo. Eu sou responsável pela morte deles. Eu sou responsável por todas essas mortes.

– Eu não entendo. Se você sabe como Neferet é horrível, por que você continua contando a ela sobre suas visões?

– Eu tento não contar! E quando não posso esconder que tive uma visão, tento deixar de fora qualquer detalhe que possa levar aquele maldito exército de monstros até as pessoas que eu os vejo

massacrando… mas eu também quero sobreviver! Eu detestei contar a ela sobre a Resistência escondendo pessoas naqueles fardos de feno, mas eu sabia que já tinha chegado ao meu limite com Neferet. *Ela ia me fazer viver nos túneis com aquelas criaturas.* Eu não posso fazer isso. Simplesmente não posso.

Kevin não conseguiu dizer nada. Ele queria dizer que ela *poderia* se levantar contra Neferet. Que ela *poderia* ser forte. Ele conhecia uma Aphrodite que era forte, mas, enquanto a observava, ele percebeu que ela não era *aquela* Aphrodite. Ainda.

Ele colocou o Hummer em movimento e saiu do estacionamento, virando em direção ao norte para o centro da cidade.

– Você não vai me levar para Dragon?

– Não.

– Para onde você está indo?

– Para a estação. Você pode dirigir o Hummer de lá para a Morada da Noite – ele disse.

– Você não vai mesmo me entregar para a Resistência?

– Não vou.

– Por que não? – ela perguntou.

– Porque eu não sou um monstro – ele respondeu. – Eu tenho a capacidade de amar e de perdoar. Eu perdoo você. Você fez o que achou que tinha que fazer para sobreviver. Você ainda está fazendo isso. Acho que todos nós estamos.

– É assim tão ruim lá nos túneis quanto eu acho que é?

– Pior – Kevin falou.

– Eles não vão conseguir ver que você não é igual aos outros?

Kevin suspirou.

– Espero que não.

– Mas, se eles descobrirem isso, provavelmente vão te matar. Ou te devorar. – Ela estremeceu. – Ou alguma outra coisa medonha e horrível.

– Bom, eu tenho aquela gosma de sangue e estou acostumado a esconder o que realmente sinto quando estou perto de outros vampiros vermelhos. Você disse que eu estou fedendo, certo?

– Sim. Com certeza. Você não sente o cheiro?

– Tento não sentir.

Aphrodite riu alto e, quando Kevin estava se preparando para virar na rua que ia levá-los até a estação, ela disse:

– Não vire aí.

– Mas é o caminho mais rápido até a estação.

– Eu sei, mas vire à direita.

– Esse não é o caminho para a estação.

– Sim. Eu *sei*. Vá para a Saks.

– Ahn? – Ele estava olhando para ela sem entender e quase subiu na guia.

– Ah, que merda! Olhe por onde anda e feche a boca – ela disse.

– Por que você quer que eu a leve até a Saks?

– Shhh. Estou pensando. Apenas dirija.

Kevin fez o que ela pediu, indo até a Utica Square e a Saks Fifth Avenue, que era a loja-âncora do centro de compras ao ar livre.

– Estacione ali nas sombras na lateral, não na frente – Aphrodite o orientou.

Ele entrou em uma vaga escura e estacionou o Hummer.

– Então, imagino que devo esperar aqui fora enquanto você vai fazer compras e depois vou dirigir até a estação?

– Não. – Aphrodite enfiou a mão na sua bolsa gigante, fazendo a garrafa de champanhe intocada que sobrou tilintar contra uma das

taças flûte de cristal. – Achei… venha com a Mamãe – ela murmurou enquanto pegava um cartão de crédito platinum, que entregou para Kevin. – Pegue isto aqui. Compre roupas novas para você. Roupas que não estejam fedidas e que vistam bem. E nada dessas calças jeans skinny também. Esse look hipster é ridículo. Pegue algumas camisetas também. Nada berrante. Só uma coisa simples e, repito, *que não vistam mal.* – Ela deu um olhar de reprovação para as roupas dele, emprestadas de Dragon, que era decididamente mais baixo e mais musculoso do que Kevin. – Pegue o suficiente para encher quatro ou cinco sacolas grandes. Ah, e não se esqueça de pegar um pijama masculino. Mantenha isto em mente quando for escolher o pijama: eu não quero ver a sua salsicha caída através dele, então pegue algo com forro.

– Estou tão confuso. – Kevin encarou o cartão de crédito. – Por que você está me dando isso?

– Você tem dinheiro suficiente para comprar quatro ou cinco sacolas de roupas da Saks?

– Claro que não.

– É por isso que estou te dando o meu cartão.

– Aphrodite, eu agradeço muito, mas o que eu estou usando está mais do que bom para os túneis.

– Sim, eu concordo. Mas não está bom o suficiente para andar comigo – ela disse.

– Quê?

Ela suspirou dramaticamente.

– Eu. Tenho. Um. Plano. Agora entre aí, faça o que eu disse e me deixe pensar em tudo.

– E se eles notarem que eu não sou Aphrodite LaFont?

Ela revirou os olhos para o alto.

– Use aquela coisa de controle mental de vampiro vermelho nessa gente simplória.

– Ah, sim. Tinha esquecido disso. Ok. – Ele começou a abrir a porta e fez uma pausa. – Hum, você precisa de alguma coisa de lá?

Ela estremeceu.

– Não. Não é a Nordstrom. Eu prefiro a Miss Jackson's.

Ele sorriu maliciosamente para ela.

– Ei, no mundo de Zo a Miss Jackson's fechou.

Aphrodite ergueu a mão para impedi-lo de falar mais.

– Não cometa uma blasfêmia dessas. Agora suma. E vá logo. Eu só tenho mais essa garrafa de champanhe.

– Sim, senhora. – Ele prestou uma continência para Aphrodite e então fez exatamente o que ela tinha mandado.

# 21

## Zoey

Horda Nerd e nossos Guerreiros e companheiros!

Encontrem-me na árvore quebrada. Tragam velas de círculo

& sálvia. Muita sálvia. Estarei lá em 10 min.

Não me dei tempo para pensar melhor. Apertei o botão de ENVIAR no grupo e então voltei minha atenção para a mesa do Centro de Mídia na minha frente e para o velho livro aberto com cheiro de mofo com o título simples de *Magia Antiga.* Voltei folheando algumas páginas e reli o final do capítulo anterior.

*Lembre-se, quando pedir o auxílio de seres de Magia Antiga, principalmente espíritos elementais, sempre há um preço. Com frequência eles se satisfazem com sangue, mas os Antigos ficam entediados facilmente e*

*gostam de excentricidades. Eles tendem a valorizar pagamentos incomuns e difíceis de obter. Garanta que o método de pagamento é específico e garanta ainda mais que o pagamento seja feito imediatamente. Não cometa o erro de acreditar que pode escapar da dívida que fez com os Antigos. Você não irá escapar – mesmo se o pagamento requerido for a sua vida. Você irá morrer. Disso não há a menor dúvida.*

– Que inferno! – eu disse para o livro e para a Grande Sacerdotisa vampira morta há muito tempo que o tinha escrito séculos atrás. – Inferno, inferno, inferno. Eu detesto isso.

Mas não havia nada que eu pudesse fazer em relação a isso. Eu já tinha tomado a minha decisão. Eu inclusive acreditava que era uma decisão inteligente. Bom, eu *esperava* que fosse uma decisão inteligente. Independente de ser inteligente ou não, eu acreditava que era a decisão certa.

– Stark vai ficar tão irritado – eu murmurei para mim mesma.

– Por que eu vou ficar irritado?

Eu dei um pulo e me virei na minha cadeira.

– Deusa! Você me assustou.

– Eu te assustei porque você está se escondendo aqui e achou que ninguém fosse te encontrar? – Ele se sentou ao meu lado e olhou com desconfiança para o livro aberto.

– Eu não estou me escondendo. Estou pesquisando. Sozinha.

– Desculpe. Não quis te atrapalhar.

Ele começou a se levantar e eu segurei a mão dele.

– Não vá. Desculpe. Falei de um jeito rude, não foi o que eu quis dizer. – Respirei fundo para me acalmar. Eu não queria ter aquela conversa com Stark. Nunca. Só que já estava na hora de parar de ficar fugindo feito criança. Eu tinha tomado a minha decisão, então precisava contar a verdade para ele. – Eu preciso conversar com você.

Ele virou a sua cadeira para me encarar.

– Finalmente!

O olhar de alívio dele me deu um aperto no estômago.

Stark tocou o meu rosto de um jeito doce e íntimo que sempre me dava um frio na barriga e abriu aquele sorriso metidinho dele que eu amava desde que o conheci.

– Ei, seja o que for, a gente pode lidar com isso. Juntos. Só me conte o que está errado e então vamos descobrir como resolver o problema.

Eu me inclinei para a frente e o beijei – de leve e devagar. Ele me puxou para os seus braços e retribuiu o beijo, e naquele momento eu deixei que o meu mundo fosse preenchido pelo meu Guerreiro, meu amante, meu Guardião e meu amigo.

Quando finalmente nos separamos, o seu sorriso ficou metidinho de novo.

– Se o problema for que você precisa ser beijada assim com mais frequência, eu tenho a solução. É um trabalho difícil, mas você pode definitivamente contar comigo, minha Rainha.

Eu dei um soco de brincadeira no ombro dele.

– Um trabalho difícil?

– É, mas alguém tem que fazê-lo.

Eu balancei a cabeça para ele e então fiquei séria. *Chega de procrastinar! Simplesmente conte para ele.*

– Eu vou para o Outro Mundo atrás de Kevin – eu disse.

– É, bom, eu já imaginava. Quando partimos?

Eu peguei a mão dele com as minhas.

– Eu vou hoje à noite. Você vai ficar aqui.

Ele não disse nada por vários segundos. Então, lentamente, ele puxou a sua mão que estava entre as minhas.

– Por quê? – a voz dele soou sem alterações, mas os seus olhos se encheram de dor.

– Bom, Neferet tem que ser detida e não posso deixar Kevin destruir a si mesmo com Magia Antiga, coisa na qual está bem encaminhado. Ele está usando Magia Antiga. Você pode sentir a frequência com que ele está fazendo isso. Ele deve acreditar que precisa. Sei que eu mesma acreditei. Todos nós sabemos disso. Neferet é um pesadelo, mas Kevin não entende nada sobre Magia Antiga nem sobre Neferet, e isso vai…

– Não perguntei por que você está indo para lá – Stark me interrompeu. – Eu já tinha entendido isso. Por que eu não vou?

– Ah. Desculpe. Porque você não pode.

– Se você pode atravessar para um Outro Mundo, por que diabos eu não posso?

– Não quis dizer que você não pode fisicamente. Eu quis dizer que você não pode porque já tem um James Stark no Outro Mundo. Ele é um general no exército de Neferet. Kevin disse que ele inclusive é amante de Neferet. – Fiz uma careta. – O que é tão nojento que não suporto nem pensar, e pode acreditar… eu vou fazer o possível para dar um jeito nisso. Deusa, você consegue imaginar como…

– Eu não ligo pra isso. Aquele não sou *eu.* Eu me importo com *você.* Essa Zoey aqui… minha Rainha, a quem eu sou Juramentado

como seu Guerreiro e a quem eu protejo como o seu Guardião concedido pela Deusa. Z, eu entendo por que você tem que ir. Sei que você tem pensado sobre isso, que está preocupada com o Outro Kevin, eu até esperava mesmo que você fosse. Mas eu tenho que ir com você.

Eu balancei a cabeça.

– Sinto muito. Queria que você pudesse ir, mas não faz o menor sentido. *Você já está lá.* E não dá pra disfarçar sua presença. Eu preciso circular por lá discretamente, dizer para Kevin parar de usar Magia Antiga, ajudá-lo a derrotar Neferet, o que acho que eu já descobri como fazer, e então voltar para cá. – Encontrei o olhar angustiado dele e disse o que eu precisava dizer. Disse o que ele não queria escutar, mas precisava. – Stark, você não ia me ajudar se fosse para lá. Você iria dificultar ainda mais o que já vai ser difícil. Sinto muito – eu repeti. – Mas já decidi. Eu vou e você não.

A dor se transformou em raiva.

– Pensa que eu não sei o real motivo para você não querer que eu vá? É porque você vai encontrar Heath e não quer que eu fique segurando vela!

Eu já esperava que ele dissesse isso. Eu já esperava a sua mágoa e a sua raiva, mas isso não tornava a situação nem um pouco mais fácil.

– Não, Stark. Não é por isso que você não pode vir comigo. Se você fosse pego, o que seria fácil porque *o seu equivalente* lá é um general poderoso que todo mundo *conhece*, você seria morto. Ou torturado. Ou coisa pior. E eu não conseguiria aguentar isso. Na verdade, vai além de eu poder aguentar isso ou não. Tem a ver com mais coisas do que o que você pode ou não aguentar. Se eles o pegassem, isso seria ruim para Kevin e para o mundo dele com

certeza, mas ruim para o nosso mundo também. Stark, pense. O que aconteceria se Neferet descobrisse que há um mundo inteiro aqui em que ela *não* está no comando? E pense no que ela faria se… ou melhor, *quando* o Outro Kevin e a sua Resistência virarem o jogo e começarem de fato a derrotá-la. O que Neferet faria?

– Não sei, porra!

– Você sabe, sim. Todos nós sabemos. Ela iria fugir. E ela iria fugir para este mundo. – Peguei a mão dele de novo. – Stark, eu te amo. Eu detesto te magoar. E eu *não* vou para lá só para ver Heath. Mas isso não tem a ver com nós dois. Tem a ver com dois mundos inteiros e garantir que as Trevas não vençam nunca.

– Você escutou o que disse? Você não vai para lá *só* para ver Heath! "Só"! – Ele fez aspas no ar com os dedos. – Mas você vai encontrá-lo, não vai?

– Não sei. Kevin me disse que ele está na Universidade de Oklahoma. Eu não vou para lá. Eu vou para Tulsa.

– Eu não acredito em você.

– Por favor, não faz isso comigo. Não tenha ciúme de alguém que nem está vivo – eu disse.

– Mas esse é o problema, né? Ele *está* vivo naquele mundo para onde você está morrendo de vontade de ir.

Desta vez eu soltei a mão dele por vontade própria.

– Você acha mesmo que eu quero ir? Que eu quero lutar com Neferet de novo? Que eu quero deixar a minha casa, os meus amigos e *você?* – Balancei a cabeça. – Você está com ciúme e está errado. – Eu me levantei. – Marquei um encontro na árvore quebrada. Tenho que ir.

– Sim, eu sei. Eu recebi a sua mensagem no grupo. Foi super íntima. – Ele se virou na cadeira e ficou olhando o livro em vez de

me olhar. – Era assim que você ia me contar?

– Por mensagem? Claro que não!

– Não foi isso que eu pensei. Perguntei se você ia me contar que ia para lá e que eu ia ficar aqui na frente de todo mundo.

Mordi a parte interna da bochecha. Na verdade, eu tinha planejado contar para todo mundo junto que eu estava indo – e quem ia e quem *não* ia comigo. *Bom trabalho, Z. Stark agora pensa que você queria insultá-lo e constrangê-lo, além de trocá-lo por Heath.*

– E-eu não queria ferir os seus sentimentos. Só sei que eu tenho que ir e que tenho que contar isso para todo mundo. Não pensei que você ficaria louco se eu contasse para todos ao mesmo tempo – eu falei pateticamente.

Então ele levantou os olhos para mim.

– Eu não estou louco porque você ia contar para mim ao mesmo tempo que para os outros. Estou triste. Triste por ser só isso que eu significo para você.

– Stark! Você significa tudo pra mim!

– Isso é papo furado.

Eu fui até o lado dele e coloquei a mão no seu ombro. Quis tocar o cabelo dele, o seu rosto, beijá-lo e nunca mais soltá-lo, mas ele se esquivou da minha mão e voltou o seu olhar triste e nervoso para o velho livro aberto na frente dele.

– Eu te amo. Isso não é papo furado. Você sabe disso. Você só precisa sentir… sentir a nossa ligação.

– Você acha que eu vou conseguir sentir quando você estiver lá? – ele perguntou sem expressão.

– Não sei – eu disse. – Espero que sim. Acho que posso sentir a minha ligação com você em qualquer mundo.

– Eu espero que não.

Aquelas quatro palavras me cortaram fundo, penetraram através da minha pele, músculos e ossos e me deixaram sem voz e muito, muito triste. Peguei a minha mochila e a joguei por cima do ombro. Então dei as costas para o meu Guerreiro e saí do Centro de Mídia.



Estavam todos lá. O meu círculo: Aphrodite, Damien, Shaunee, Shaylin e Stevie Rae. E também os seus Guerreiros e amantes: Darius, Jack, Erik, Nicole e Rephaim.

Só que nenhum sinal de Stark. Ele não tinha me seguido quando saí do Centro de Mídia. Engoli a minha tristeza e me aproximei da árvore quebrada e escura, pisando sem fazer barulho para poder observar os meus amigos antes que eles percebessem que eu estava ali.

Aphrodite estava obviamente no comando. Ela estava apontando para alguns lugares em volta da árvore arruinada, e Outro Jack, super fofo com uma camiseta violeta clara por dentro de uma adorável calça jeans rasgada, estava levando as velas ritualísticas para os pontos que ela tinha escolhido. Era fácil ver o que Aphrodite estava fazendo, e eu me enchi de gratidão por ela. Ela estava estabelecendo uma circunferência ao redor da árvore, preparando tudo para o traçado do círculo.

Stevie Rae estava segurando uma pilha grande de bastões de defumação de sálvia, os quais ela foi entregando para Damien, Shaunee e Shaylin.

Ótimo. Essa vai ser a parte fácil. Espero que eles estejam preparados para o que vai acontecer em seguida.

– Ei, Z! Aí está você! – Stevie Rae sorriu com covinhas para mim. – Eu trouxe a sálvia.

– E eu trouxe as velas – Outro Jack disse, abrindo um sorriso luminoso e doce para mim.

– Imagino que você vá fazer a limpeza desta árvore horrorosa – Aphrodite disse.

– Vou sim – eu disse. – Vamos começar com isso, só que primeiro preciso falar com todos vocês.

Os meus amigos se aproximaram, formando uma meia-lua atenta diante de mim. Eu analisei os rostos deles, pensando em todas as coisas pelas quais havíamos passado e como isso tinha nos deixado próximos. Eu não queria partir. Eu não queria encarar Trevas que já tínhamos derrotado. Eu me senti triste, com medo e muito sozinha.

– Está tudo bem, Z – Stevie Rae afirmou. – Seja o que for, estamos aqui com você.

– Só conte o que você precisa – Damien falou. – Vamos resolver.

– A sua aura está forte. Seja o que for, você está em paz com essa resolução – Shaylin observou.

– Lembre-se de que você não está sozinha – Shaunee disse. – A gente está aqui pra te proteger.

– Assim como Nyx – Aphrodite acrescentou. – A Deusa está com você também. Sempre, Z.

O resto dos meus amigos assentiu concordando.

Pisquei bem rápido, determinada a não deixar as minhas lágrimas caírem.

– Obrigada. Isso significa muito para mim, e eu realmente precisava ouvir que tenho o apoio de vocês. Espero continuar com ele quando contar o que está rolando.

– Você sempre vai ter – Stevie Rae afirmou. – Você é a nossa Grande Sacerdotisa. Nós confiamos em você, Z.

Quando senti que poderia falar sem explodir em lágrimas, eu comecei.

– Primeiro, nós vamos purificar esta árvore. Não vamos fazer nada muito louco, só um trabalho básico de defumação e limpeza, apesar de que eu vou pedir para todo mundo participar e ajudar a defumar. Ela precisa de *muita* limpeza.

– Você quer que a gente fique dentro ou fora do círculo? – Erik perguntou.

– Boa pergunta – eu disse, sorrindo para ele, que estava ao lado de Shaunee, com um braço em um gesto íntimo colocado sobre os ombros da minha amiga, que se recostava nele. – Quero vocês com a gente dentro do círculo, como estariam se fosse um ritual para toda a escola. Então, Jack, você pode, por favor, mexer as velas dos elementos mais para fora, para que o nosso círculo fique um pouco maior?

– Com certeza! – Jack imediatamente saiu correndo em volta do círculo, reposicionando as grandes velas votivas de modo a incluir todo mundo.

– Eu vou invocar os elementos e traçar o círculo. Aqueles que representam os quatro elementos, por favor acendam os bastões de sálvia nas suas velas elementais. Os outros podem acender os seus bastões na minha vela do espírito. – Uma ideia me ocorreu, e eu decidi que era um acréscimo perfeito a uma defumação simples. – Mas eu quero fazer disso mais do que uma simples defumação. Esta árvore… este lugar tem tanta tristeza e Trevas ligadas a ele que nós precisamos fazer algo a mais com a defumação. Precisamos trazer a alegria de volta para cá. E se a gente fizer a defumação acompanhados de uma música?

– Eu apoio totalmente! – Stevie Rae exclamou. – Que tal usar…

– Ah, que merda, não! – Aphrodite a interrompeu. – Nada de músicas do Kenny Chesney.

Stevie Rae franziu as sobrancelhas para ela.

– Você está cortando o meu coração.

– Tem que ser uma música super alegre – eu disse. – Uma que todo mundo conheça e que alguém tenha no celular.

– “When the Sun Goes Down” do Kenny Chesney é super alegre – Stevie Rae sugeriu.

Aphrodite bufou.

– Bom, segundo um grupo de pesquisadores da Universidade do Missouri, “Don’t Stop me Now” do Queen, com o seu sempre fabuloso Freddie Mercury, é cientificamente a canção mais alegre do mundo – Damien afirmou.

Todo mundo se virou para ele.

– Como diabos você sabe disse? – Aphrodite perguntou.

– Eu sou inteligente e leio bastante – Damien respondeu.

– Quando ele pratica esgrima, ouve essa música. Muitas vezes – Jack lembrou, correndo de volta para o lado de Damien. – E vocês sabem como o meu Damien é um espadachim incrível!

– Isso é verdade – eu concordei. – Então, você tem essa música na sua playlist?

– Tenho – Damien disse.

Antes que eu pudesse perguntar se todo mundo conhecia a música, Jack levantou a mão como um menininho na escola encarnado.

– Sim, Jack?

– Hum, eu acabei de pensar em uma música. Uma muito, *muito* alegre que eu tenho certeza que todo mundo conhece. E está na

minha playlist. – Ele se inclinou para Damien. – Desculpe, Damien. Espero que você não se importe.

– Eu não me importo. Qual é a música? – Damien perguntou.

Jack respondeu cantando.

– “Gota de chuva, bigode de gato…”

Stevie Rae continuou o próximo verso da canção.

– “Laço de fita, cordão de sapato!”

– “Flor na janela e botão no capim” – Shaunee cantou.

– “Coisas que eu amo e são tudo pra mim!” – Aphrodite me surpreendeu totalmente ao se juntar ao coro. – O que foi? – Ela franziu o cenho quando todo mundo a encarou. – Quem não gosta de Noviça Rebelde?

– O que você acha, Damien? – eu perguntei.

– Acho que eu amo bolas de neve e botão de pijama! Não é científico, mas eu voto em “Coisas que eu amo”.

– Por mim parece ótimo. Hum, todo mundo conhece, certo? – perguntei para o grupo, e todos, exceto Rephaim, assentiram.

– Eu vou tentar acompanhar vocês – Rephaim disse.

– Tudo bem, amor – Stevie Rae o apoiou. – Eu sei a letra inteira. Vou te ajudar.

– Ok, perfeito. Então, quando a música acabar, a gente vai terminar a defumação fazendo uma pequena pira ali, no meio do círculo, bem na frente da árvore. – Eu apontei para um lugar à frente do centro do carvalho escuro e retorcido. – Eu vou dar a volta no círculo e pegar os bastões de defumação de Damien, Shaunee, Shaylin e Stevie Rae, e então vou juntá-los ao resto dos bastões. Shaunee, depois disso vou pedir a você para acrescentar um pouco de fogo à pilha para que ela queime direito.

– Facinho – Shaunee falou.

– Isso significa que você vai deixar o círculo aberto depois da defumação – Aphrodite observou. – Então, o que vem depois?

Eu encontrei o olhar dela.

– Depois eu invoco Oak, o espírito da árvore de Magia Antiga que respondeu às minhas perguntas.

– Por que você vai mexer com Magia Antiga de novo? – Aphrodite perguntou.

– Porque vou pedir que ela me guie até o Outro Mundo, onde o meu irmão precisa da minha ajuda – respondi rápido e senti uma onda de alívio instantânea por finalmente ter contado para todo mundo.

– Isso é loucura total – Aphrodite disse.

– Não! – Os olhos de Outro Jack estavam arregalados. Ele parecia completamente aterrorizado. – Não vá, Zoey! Aquele mundo é horrível. – Ele tremia, com os braços envolvendo o seu próprio corpo. – Eu sei que o seu irmão contou algumas coisas sobre aquele lugar pra você, mas não é possível que você realmente compreenda o que acontece. Simplesmente não dá. *Não vá!* – Ele começou a chorar baixinho, e Damien o abraçou.

– Por que você acha que precisa ir para lá? – Darius me perguntou.

– Por várias razões – eu respondi. – Kevin tem usado Magia Antiga. Muito. E ele não tem a menor ideia de como isso é perigoso ou o que pode fazer com ele. Tenho que contar a ele antes que isso o transforme.

– Ele está usando porque é a única maneira de derrotar Neferet – Aphrodite argumentou.

– Não, não é – eu rebati. – Era a única maneira de derrotar a *nossa* Neferet, porque ela havia se tornado imortal.

– Bom, será que não faz sentido pensar que do lado de lá, ela já está no caminho de se tornar imortal, assim como foi aqui? – Shaunee questionou.

– Sim. E essa é outra razão pela qual eu tenho que ir para lá. Neste momento, Neferet é apenas uma vampira. Como saber o que vai acontecer se eu esperar mais? Além disso, eu tenho um plano para jogar o Exército Azul contra ela.

– Como? – Aphrodite quis saber.

– Jack, corrija-me se eu estiver errada, mas, pelo que o meu irmão me contou, os Guerreiros acreditam que Neferet ainda está a serviço de Nyx, certo?

Jack fungou e assentiu vigorosamente.

– Ah, sim. Neferet é a única Grande Sacerdotisa deles. Eles contam com ela para saber a vontade de Nyx.

– E o que aconteceria se houvesse uma prova irrefutável de que Neferet não está mais seguindo a vontade de Nyx? – eu perguntei.

– Os Guerreiros não a seguiriam mais. Bom, pode ser que alguns continuassem a segui-la. Tipo, alguns dos seus amantes. E ela tem muitos. Mas a maioria iria parar de lutar por ela, e isso inclui uma boa parte do Exército Azul – Jack respondeu.

– Esse é o meu plano – eu concluí. – Vou mostrar para todos na Morada da Noite de Tulsa no Outro Mundo que Neferet é uma fraude. Que ela está usando os seus poderes para as Trevas e não está mais seguindo Nyx.

– Bom plano, Z, mas como você vai fazer isso? – Stevie Rae questionou.

Eu sorri para a minha melhor amiga e para o seu companheiro.

– Bom, para isso eu vou precisar da ajuda de Rephaim.

– Minha ajuda? Claro que eu ajudo você – Rephaim falou sem hesitar. Então ele piscou e eu vi a compreensão brotando no seu rosto. – Você vai libertar o meu pai naquele mundo!

– Sim, isso é parte do meu plano. Quer uma maneira melhor de mostrar que Neferet não está seguindo Nyx do que ter o seu Consorte alado a denunciando na frente da Morada da Noite inteira?

– Mas Kalona era um verdadeiro idiota logo que ele foi libertado desse lado. Que diabos você vai fazer em relação a isso? – Aphrodite quis saber.

– Eu vou contar com o filho de Kalona para se conectar a ele – eu respondi. – E comigo também. Lembre-se de que eu ainda tenho um pedaço de A-ya dentro da minha alma. Rephaim e eu, juntos, devemos ser capazes de influenciar Kalona, principalmente porque a gente sabe que lá no fundo ele ainda ama Nyx, e só era tão terrível porque pensava que a Deusa nunca iria perdoá-lo.

– E nós vamos convencer o meu pai de que ele está errado em relação a isso – Rephaim completou.

– Espero que bem mais rápido do que ele foi convencido por aqui – Aphrodite resmungou.

– Então, você quer que Rephaim vá para o Outro Mundo com você – Stevie Rae disse.

– Sim, eu quero.

– Mas, mesmo se isso funcionar, ainda vai ser preciso lidar com o Exército Vermelho – a voz de Jack soou trêmula. – E eles são monstros. Eles não ligam para quem Neferet segue. Eles não ligam para Trevas e Luz. Eles só se importam em saciar a sua fome.

– E é por isso que o meu plano tem uma segunda parte. Stevie Rae, desculpe, mas eu preciso pedir que você venha comigo também, por favor.

O olhar de alívio dela me deu um aperto no coração.

– Ah, Z! É claro que eu vou com você!

– Se eu estou entendendo esse seu plano, você vai precisar de mim também – Aphrodite falou.

– Sim, mas não essa versão de você. A Outra Aphrodite – eu respondi.

– Ok, olhe só, seria muito mais fácil se eu fosse com você – Aphrodite insistiu.

– Você não pode. Você já está lá, e você é uma Profetisa, mas também é uma vampira azul completamente Transformada. Não a primeira vampira azul *e* vermelha da história – eu a relembrei.

– E daí? Erik pode me dar um pouco daquela porcaria que eles usam nos atores para cobrir as suas Marcas para que os humanos consigam esquecer que estão vendo vampiros atuarem – Aphrodite argumentou.

– É, posso sim. Tem bastante disso na sala de Teatro – Erik disse.

– Apesar de o meu homem não usar esse tipo de coisa – Shaunee observou. – Porque se aqueles humanos intolerantes e idiotas não conseguem ter empatia suficiente para se identificar com alguém que parece diferente, isso é problema deles e eles podem parar de assistir aos seus filmes.

– Mas todos querem assistir aos seus filmes – Jack soou adoravelmente deslumbrado.

Erik deu para Jack aquele sorriso de estrela de cinema iluminado por vários megawatts.

– Então acho que eles vão ter que aceitar quem eu realmente sou, ou, que pena, eles terão que ficar sem filmes.

Jack deu uma risadinha.

*Cara, Erik cresceu!* Pensei. *Que bom para ele.*

– Erik, você pode ir buscar essa maquiagem para mim?

– Estou indo. Volto em um segundo. – Erik saiu correndo.

– Viu? Eu posso cobrir a parte vermelha da minha Marca e ir para lá com você. A gente faz a nossa coisa juntas, e os novatos e vampiros vermelhos vão ter sua humanidade de volta. Nada de mais – Aphrodite disse.

– E o que a gente faz com a Outra Aphrodite? – Eu me virei para encarar minha amiga, detestando ter de provocar dor nela com o que eu precisava dizer. – O que o fato de você a substituir vai causar nela? Significa que ela nunca vai crescer? Nunca vai aprender a se importar com outras pessoas além dela mesma? Nunca vai aprender a ter empatia ou que às vezes amor significa fazer um sacrifício? Nunca vai aprender a parar de se automedicar e enfrentar a sua mãe?

Aphrodite me encarou, o seu rosto ficando pálido.

– E se ela não for capaz de aprender? Eu perguntei a Outro Jack sobre ela. Definitivamente, ela não está trabalhando com a Resistência. Ela é aliada de Neferet. E se a eu do Outro Mundo já estiver perdida para as Trevas e você não conseguir sensibilizá-la como fez comigo porque Neferet matou você lá cedo demais?

– Nos seus corações, nas suas almas, vocês são a mesma pessoa. Eu conheço esse coração, e ele não é feito de Trevas. Você tem mais Luz em você do que qualquer um de nós. Nyx nos mostrou isso pelos dons que concedeu a você. Eu posso sensibilizar a Outra Aphrodite.

– Eu não apostaria a minha vida nisso – Aphrodite disse.

Sem nenhuma hesitação, eu respondi:

– Eu aposto. Quantas vezes eu precisar.

– Eu também – Darius falou, colocando o braço ao redor de Aphrodite.

– Eu também – Stevie Rae concordou. – Mesmo que você e eu discordemos totalmente no gosto musical.

– E no seu estilo de moda – Aphrodite acrescentou.

– Eu também acredito em você, Profetisa – Rephaim reforçou.

– Todos nós acreditamos – Shaunee enfatizou.

– Z vai sensibilizá-la porque você não é a única de nós que recebeu grandes dons de Nyx – Shaylin explicou. – Zoey também recebeu.

Eu observei Aphrodite enxugar as lágrimas antes de perguntar:

– Se não é para mim, por que Erik foi buscar aquela porcaria de maquiagem?

– É para Stevie Rae! – Jack respondeu como se uma lâmpada tivesse acabado de se acender sobre a sua cabeça. – Você tem que cobrir a Marca dela porque não existem vampiras vermelhas mulheres no meu mundo.

– Exatamente, Jack. – Dei umas palmadinhas na mochila que ainda estava pendurada no meu ombro. – Por isso que eu tenho um lápis de maquiagem safira aqui. Stevie Rae, está pronta para ser uma novata azul de novo?

– Claro! Mas espero que desta vez tudo corra melhor do que antes.

– Pode apostar nisso – eu disse. – Porque eu vou me juntar a você. E desta vez como uma novata azul normal.

– Sério? – Shaunee disse.

Em vez de respondê-la, fiz outra pergunta.

– Jack, tem outras Grandes Sacerdotisas no seu mundo?

– Não. Não mais. Neferet é a única Grande Sacerdotisa de lá – ele respondeu.

– E o meu palpite é que Neferet fica de olho nas Sacerdotisas remanescentes… para o caso de alguma delas começar a se desenvolver como uma Grande Sacerdotisa. Estou certa?

– Bom, não é como se eu fosse próximo a ela nem nada do tipo, mas todo mundo sabe que Neferet não permite que nenhuma outra Sacerdotisa conduza os rituais da escola. Ela tem que liderar tudo, mas ela não deixa que os novatos e os vampiros vermelhos participem dos rituais de qualquer jeito.

Balancei a cabeça.

– Ela deve ter feito alguma coisa terrível com as Grandes Sacerdotisas para conseguir calar a boca delas e deixá-las de lado.

– Eu não sei muito sobre isso, mas há rumores… Coisas sussurradas nos túneis onde Neferet nunca vai. Dizem que ela as matou.

– Deusa, não pode ser! – Shaylin ofegou, e Nicole pegou a mão dela para reconfortá-la. – Isso é horrível! O coração de Nyx deve estar partido!

– E essa é a terceira razão pela qual nós temos que ir para lá. Nyx precisa de nós. Todos nós sabemos que a Deusa não manipula a ação dos mortais, mas conhecemos a vontade dela. Stevie Rae, Rephaim e eu. E nós vamos acabar com as atrocidades que Neferet tem cometido em nome de Nyx.

O meu círculo assentiu, concordando sobriamente, enquanto Erik chegou correndo. Ele me entregou uma sacola cheia de esponjas e um pote grande de maquiagem.

– Tudo que você precisa está aí dentro. Eu trouxe o tipo que é à prova de água. É um inferno para tirar, mas vocês não vão ter que

se preocupar com nenhuma Marca aparecendo por baixo, nem se pegarem chuva ou neve.

– Obrigada, Erik.

– Merda[11] para você lá. Eu acredito em você – ele disse.

Eu enfiei a sacola na minha mochila e tive que limpar a garganta antes de falar, mas finalmente consegui dizer:

– Ok, acho que isso é tudo. Estão todos prontos?

Perguntei para o grupo, mas só observei Stevie Rae e Rephaim. Eles foram os primeiros a responder.

– Sim. Estou pronto – Rephaim disse.

– Eu também, feito um porco pronto para chafurdar na lama! – Stevie Rae falou, e todo mundo (menos Aphrodite) riu e assentiu.

– Cadê o Stark? – Aphrodite perguntou, calando a boca de todo mundo.

– A última vez que eu o vi, ele estava no Centro de Mídia – eu respondi.

– E por que o seu Guerreiro não está aqui ao seu lado? – Darius questionou.

– Porque eu não deixei ele vir comigo.

– Ele não pode! – Jack exclamou. – Todo mundo conhece o General Stark. Mesmo com a Marca vermelha dele coberta, qualquer um que o visse perceberia em um segundo que ele é parecido com o general e iriam pegá-lo.

– Eu sei, e foi isso que eu disse a Stark, mas ele não consegue suportar a ideia de que estou indo enfrentar o perigo sem ele. – Respirei fundo e contei o resto da verdade. – E ele acha que eu estou indo lá para ver Heath, o que o chateia. Muito. – Eu hesitei e então fiz um pedido. – Pessoal, depois que eu for, vocês podem ficar de olho no Stark, por favor? Ajudá-lo a passar por isso? Eu vou

voltar, e quando eu estiver de volta vou fazer as pazes com ele. Vou fazê-lo entender, mas até lá eu só… – Então perdi as palavras quando uma sensação de perda e tristeza tomou conta de mim. *E se Stark nunca me perdoar por isso?*

– Nós vamos ajudá-lo – Damien prometeu. – Não se preocupe com isso. Se concentre no que você tem que fazer do outro lado para voltar para cá. Eu vou conversar com Stark.

Fui até Damien e o abracei forte.

– Obrigada – sussurrei. – Diga a ele que eu o amo muito.

– Vou dizer, mas ele já sabe, Z – Damien sussurrou de volta.

Eu saí do abraço reconfortante de Damien.

– Pessoal, vejam se todos pegaram o seu bastão de defumação e vão para os seus lugares. Vamos acabar logo com isso!

---

11 Maneira de atores desejarem boa sorte antes de entrarem no palco. Em inglês, a expressão usada é “break a leg” (quebre uma perna). (N.T.)

# 22

## Zoey

Foi legal ter os meus amigos se juntando a mim dentro do círculo, e eu percebi como fazia tempo desde a última vez que havia conduzido um ritual importante. *Vou ter que melhorar isso quando voltar*, prometi a mim mesma. Porque eu *iria* voltar, assim como Stevie Rae e Rephaim.

Damien, Shaunee, Shaylin e Stevie Rae assumiram as suas posições em cada um dos quatro quadrantes do círculo, segurando as suas velas rituais. Os Guerreiros e amantes também se espalharam, preenchendo o círculo. Fui para o centro, onde Jack havia colocado a minha vela roxa do espírito e uma caixa de fósforos longos. Fiz uma pausa por tempo suficiente para respirar profundamente várias vezes para me purificar. Então abri a minha mochila e facilmente encontrei o sino que eu tinha colocado no bolso da frente. Segurando-o com cuidado para que não começasse a soar, peguei os fósforos e fui até a borda leste do círculo, onde Damien estava parado, cheio de expectativa, com a sua vela amarela do ar em uma mão e o seu bastão de defumação na outra.

– O ar nos dá a respiração e muito mais. Sem ele, nós não seríamos capazes de gritar, rir, chorar ou gritar. É o primeiro elemento que conhecemos quando nascemos, então nós sempre começamos o círculo com sua invocação. Ar, por favor, venha e ajude a soprar para longe as Trevas que macularam esta árvore. Eu dou as boas-vindas a você no nosso círculo! – Acendi a vela de Damien e um sopro de uma brisa quente levantou o meu cabelo. Assim que senti o ar, segurei o sino no alto e o toquei com força e ele soou claro três vezes.

Então eu fui no sentido horário, ficando diante de Shaunee ao sul.

– O fogo nos aquece. Ele nos nutre cozinhando a nossa comida e nos limpa queimando aquilo que não é mais útil. Fogo, por favor, venha e ajude esta sálvia a queimar e dissipar as Trevas que macularam esta árvore! – Não precisei tocar o meu fósforo na vela vermelha de Shaunee. Ela pegou fogo e produziu uma chama alegre instantaneamente.

– Queime, baby, queime – Shaunee sussurrou.

Eu sorri e levantei o meu sino, tocando-o vigorosamente mais três vezes. Então andei no sentido horário para o oeste até Shaylin, que esperava ali com expectativa segurando a vela azul.

– A água somos nós, assim como nós somos água. Sem ela, nós viramos pó e morremos. Ela sacia a nossa sede e nos purifica. Água, por favor, venha e ajude a lavar as Trevas que macularam esta árvore! – Acendi a vela de Shaylin e o aroma do oceano preencheu o ar ao nosso redor. Levantei o sino de novo e o toquei três vezes antes de continuar a minha jornada ao redor do círculo até Stevie Rae ao norte.

– E aí, Z? – Ela sorriu com covinhas para mim.

– Oi, terra. – Eu sorri de volta para ela. – A terra é a nossa casa. Ela nos sustenta. Ela nos alimenta e nos envolve, e é para a terra que os nossos corpos finalmente voltam para o descanso final. Terra, por favor, venha e nos fortaleça para que as Trevas nunca mais maculem esta árvore! – A vela verde de Stevie Rae pegou fogo e nós fomos cercadas pelo cheiro delicioso de damas-da-noite. Inspirei profundamente ao levantar o meu sino e tocá-lo mais três vezes.

Então, fui para o centro do círculo e levantei a minha vela roxa.

– Espírito, você é quem nós somos quando somos mais puros. Você é quem permanece quando os nossos corpos não podem mais viver. Você nos preenche de forma única e estabelece nossas personalidades, nossos amores, nossos ódios e nossos desejos. Espírito, por favor, venha e preencha este lugar que foi violado pelas Trevas para que a Luz possa brilhar aqui de novo! – Toquei o meu sino em três badaladas pela última vez e, enquanto o seu claro eco se extinguia, coloquei-o no chão e peguei o grosso bastão de defumação de sálvia branca perfumada.

Encarei o meu círculo, amando o fio prateado de luz que nos conectava. Ele era tão brilhante que iluminou a árvore, fazendo parecer que as Trevas já tinham começado a ser extinguidas.

– Ok, elementais, acendam os seus bastões de defumação. Os outros acendam os seus bastões nos dos elementais, fechando o círculo. Jack, você está pronto com algumas das nossas coisas favoritas?

– Estou! Só me diga quando for para apertar o play!

Esperei alguns instantes até a sálvia de todo mundo estar acesa e uma fumaça acinzentada e esbranquiçada começar a se formar e se levantar devagar ao redor da árvore.

– Ok, quando a música começar, todo mundo canta junto. Dancem e desenhem formas no ar com os seus bastões de defumação. Sejam alegres. Não pensem em nada além de coisas boas. Só tomem cuidado para não pisar fora do círculo – eu disse.

– E não se preocupem, todos nós amamos Julie Andrews. Não importa quem você é… cante, cante, cante! – Jack falou alegremente.

– Isso mesmo! – Eu sorri para ele. – Aperte o play, Jack!

Assim que "Coisas que eu amo" começou a tocar, o meu círculo e os meus amigos cantaram junto. No começo estávamos meio inseguros, mas na hora que chegamos ao verso "Se a tristeza, se a saudade", todos estavam cantando, rindo e dançando ao redor do círculo.

– *Aiminhadeusa*, vejam! – Stevie Rae apontou para a fumaça se levantando em redemoinhos e espirais acima de nós, e todos ofegamos juntos.

Entrando e saindo da fumaça, espíritos parecidos com vaga-lumes voavam tão velozes quanto diamantes vivos, brilhando e reluzindo – e transformando a fumaça em formas sobre as quais estávamos cantando. Eu vi gatinhos com bigodes, laços de fita, gotas de chuva e algo que eu tinha certeza de que era uma banda passando enquanto soava o clarim.

Foi um dos momentos mais mágicos da minha vida, e desejei com todas as minhas forças que Stark estivesse ali, rindo, cantando e dançando ao meu lado.

– Z! Olhe para a árvore! – Jack gritou.

Eu olhei – e tive que segurar a minha boca para ela não ficar de queixo caído. Um enxame de espíritos vaga-lumes se aglomerou ao redor da árvore. Começando por sua base quebrada, eles voavam

em compasso com a nossa música, girando e subindo. E, enquanto eles se moviam, a escuridão feito piche que a havia manchado ia sendo lavada, até que tudo o que sobrou foi uma árvore estranha, fragmentada e inclinada para o lado, onde começaram a surgir minúsculos brotos ao longo dos seus galhos antes arruinados.

– Ela vai ter folhas de novo! – Stevie Rae berrou alegremente mais alto que a música.

Rodopiando e rindo, nós cantamos os últimos versos com Maria e a família Von Trapp.

– "Eu lembro das coisas que eu amo e, então, de novo eu me sinto bem!"

Com a respiração ofegante e sorrindo, eu disse:

– Jack, você pode pegar todos os bastões de defumação e colocá-los aqui no meio do círculo perto da árvore?

– Eu?

Eu assenti.

– *Aiminhadeusa*, é claro!

Jack correu ao redor do círculo, coletando os bastões de sálvia e colocando-os, junto com o meu, em uma pilha fumegante.

– Shaunee, quando você estiver pronta – falei.

– Tranquilo. Queime, baby, queime! – Shaunee fez um gesto com o seu pulso na direção da pilha e ela instantaneamente ardeu com a luz das chamas e o aroma da sálvia.

– Perfeito! Obrigada – agradeci. Então eu fiquei séria, e o meu olhar se voltou para Stevie Rae, ainda ao norte, com Rephaim ao lado dela. – Vocês estão prontos?

Rephaim assentiu nervosamente.

– O máximo que dá pra estar – Stevie Rae disse.

– Nós vamos ter que oferecer um pagamento para o espírito – eu expliquei. – Tenho uma ideia, mas vocês dois precisam concordar com isso. Vou precisar de um pouco de sangue de cada um de vocês.

Stevie Rae e Rephaim se olharam.

– Belezinha, Z. A gente está de boa com isso – Stevie Rae concordou.

– Obrigada – eu falei com sinceridade antes de enfiar a mão na minha mochila de novo e pegar o athame[12] afiado. Cercada pela fumaça magicamente purificadora da sálvia e pelo apoio do meu círculo, eu fiz o chamado. – Oak, espírito ancestral de Magia Antiga, com o poder do meu sangue e os dons concedidos a mim pela Deusa Nyx, eu a invoco para o nosso círculo. Oak, por favor, apareça!

E então prendi a respiração.

Ela não me fez esperar muito. Em segundos, o centro da árvore recém-purificada começou a brilhar e, com o som de um suspiro, Oak emergiu do tronco quebrado.

O espírito não veio até mim. Ela não deu atenção a nenhum dos meus amigos ou eu. Primeiro, ela se virou para a árvore. Ela colocou as suas mãos delicadas sobre ela e, devagar, de modo íntimo, inclinou-se para a frente até encostar a testa nela. Pude ouvir que ela estava falando, mas não consegui compreender a sua língua. Quando ela finalmente terminou, deu um beijo suavemente na casca nodosa, com doçura, antes de finalmente se virar e voar até mim.

– *Garota Redbird, fico feliz que você concluiu o seu pagamento.* – Os seus belos olhos escuros e amendoados se voltaram para o nosso círculo intacto, abarcando cada um dos vampiros dentro dele.

– *A força do seu círculo me agrada. Ele emana sentimentos de amor, alegria, amizade e sacrifício. Eu aprovo.*

– Obrigada. E agradeço por responder ao meu chamado.

Ela abaixou levemente a cabeça em reconhecimento.

– *Acho que começo a apreciar esse despertar incomum. Entre você e o Garoto Redbird, os dias e as noites têm ficado mais interessantes. O que deseja de mim agora?*

Eu não hesitei.

– Quero que você me leve junto com dois amigos para o Outro Mundo, onde vive o meu irmão, aquele que você chama de Garoto Redbird. E quero que você nos traga de volta também. Quando estivermos prontos para partir.

Em um movimento como o de um pássaro, o espírito extraordinário virou a cabeça de lado e me observou. Por momentos longos e desconfortáveis demais, ela não disse nada. Quando ela finalmente se pronunciou, senti como se eu estivesse esperando a hora de descongelar.

– *Posso fazer o que me pede, mas o pagamento vai ser grande.*

– Que tal o sangue de três espécies de seres diferentes?

Ela ergueu suas sobrancelhas de musgo na direção da raiz dos seus cabelos de hera.

– *Que tipo de seres?*

– Um deles sou eu, uma vampira azul e Grande Sacerdotisa que tem afinidade com todos os cinco elementos. O segundo é Stevie Rae, uma vampira vermelha e Grande Sacerdotisa cuja afinidade é também a sua: a terra. E o terceiro é Rephaim, companheiro de Stevie Rae, um ser que…

– *Foi criado por Magia Antiga* – ela terminou por mim, girando a cabeça feito uma coruja para examinar Rephaim e Stevie Rae. –

*Vocês dois fazem essa oferenda livremente?*

– Sim, senhora, eu faço – Stevie Rae respondeu.

– Sim. Dou a minha palavra – Rephaim disse.

O olhar de Oak se voltou para mim.

– *Esse pagamento é interessante. Ele vai levá-los até o Outro Mundo. Mas não vai trazê-los de volta.*

*"Para isso um novo pagamento precisa existir*
*E qual vai ser nós vamos decidir*
*Nós vamos definir…"*

Senti um aperto no estômago, apesar de o ritmo musical na sua voz indicar que ela faria um acordo comigo. Só que isso era exatamente o que os velhos livros alertavam. Eu precisava acertar ambos os pagamentos ou Stevie Rae, Rephaim e eu poderíamos ficar em uma grande meleca quando tentássemos voltar para casa.

– Vamos acertar o pagamento da volta agora. As coisas vão ficar mais fáceis assim. Quer dizer, e se a gente precisar voltar com muita pressa? – eu disse.

*"Isso é problema seu, não me trate como passatempo*
*Aceite minhas regras ou pare de desperdiçar o meu tempo."*

– Isso não é nada bom – Aphrodite falou. Ela estava ao lado de Damien durante o ritual, e Oak se virou para o leste e concentrou o seu olhar na minha amiga. – O pagamento não deve ser deixado indeterminado. Isso é pedir encrenca.

*"A Profetisa fala a verdade*
*Apesar da sua pouca idade."*

Oak fez uma pausa, farejando o ar como um cão de caça.

*“O aroma do seu sangue é único de perceber.*
*Prometa o seu sangue como a cobrança,*
*e a volta dos seus amigos pode não ser*
*assim tão sem esperança.”*

– Está bem!

– Não!

Aphrodite e eu falamos ao mesmo tempo. O olhar de Oak encontrou o meu de novo.

*“O pagamento de sangue de uma Profetisa*
*poderosa é uma solução*
*A menos que desejem ficar no Outro Mundo*
*sem salvação.”*

– Eles não vão ficar por lá. Eu prometo o meu sangue como pagamento para que você os traga de volta – Aphrodite falou rápido para que eu não conseguisse interrompê-la. – Mas eu não irei para o outro lado. Então, como vou saber quando devo pagar a você?

*“Profetisa poderosa, não há nada que você*
*precise fazer*
*Quando o pagamento for requerido, eu vou lhe*
*dizer.”*

– Aphrodite, eu não estou gostando disso – eu disse. – Não faça essa promessa. Stevie Rae, Rephaim, Kevin e eu vamos pensar em um pagamento que Oak aceite.

*“Vai arriscar a sua vida nisso?*
*Parece algo tolo e omisso.”*

– Tolo ou não, é a minha escolha.

– Na verdade, não. É o meu sangue. Meu corpo. Minha escolha – Aphrodite insistiu. – Oak, eu dou a minha palavra. Quando for a hora de Zoey, Rephaim e Stevie Rae voltarem, eu vou pagar o preço de sangue por eles.

*“Eu aceito o seu preço excitante*
*Um pagamento de uma promessa, forte e brilhante*
*Eu fecho este acordo com vocês,*
*perseverante.”*

O olhar de Oak capturou cada um de nós quatro enquanto ela terminava a ligação.

*“E tenho dito – que assim seja.”*

O meu estômago estava tão revirado que tive vontade de vomitar. Aquilo parecia errado – perigosamente errado, mas já estava feito.

Olhei para Aphrodite. Ela estava firme, forte e orgulhosa, mas pude ver o medo nos olhos dela. Então prometi a mim mesma que faria tudo que estava ao meu alcance para que ela não se arrependesse de dar o seu sangue para nos levar de volta para casa.

– Obrigada, minha amiga – eu disse a ela. – Eu te amo.

Os lábios de Aphrodite se mexeram, mas ela não riu com sarcasmo. Em vez disso, ela colocou o punho sobre o coração e se curvou respeitosamente para mim.

– De nada, Grande sacerdotisa. Eu também te amo.

Piscando para limpar as lágrimas da minha visão, eu me virei para Oak.

– Você pode nos levar para qualquer lugar naquele mundo?

– *A Rainha Sgiach não gosta de intrusos na sua ilha, e com razão. Então vocês não teriam uma recepção agradável por lá* – Oak disse.

– Ah, não. Eu não preciso ir para Skye. Quero ir para um lugar mais perto daqui. É uma fazenda de lavandas, e a proprietária é…

– *Oh, eu conheço esse lugar do qual você fala. A mulher que cuida da terra é deliciosa* – Oak sorriu, mostrando muitos dentes brancos e afiados demais.

Eu sorri de qualquer jeito, sem me intimidar.

– Deliciosa – eu repeti. Olhei para Aphrodite. – Diga adeus a ela por mim, ok? Fale para ela não se preocupar – fiz uma pausa e continuei –, e conte a ela que o espírito a chamou de deliciosa. Ela vai adorar ouvir isso.

– Talvez ela se preocupe menos quando souber que você foi até ela primeiro – Aphrodite disse.

– "Talvez ela se preocupe" é melhor do que "com certeza ela vai se preocupar". Cuide-se. Você é a Grande Sacerdotisa até eu voltar.

Eu vi a surpresa nos olhos de Aphrodite antes de ela abaixar a cabeça e colocar o punho sobre o coração outra vez.

– Vai ser como diz, Grande Sacerdotisa – ela falou solenemente.

Os meus olhos capturaram um movimento no círculo, e vi que cada um dos meus amigos havia imitado Aphrodite. Estavam todos se curvando para mim, com o punho sobre o coração.

– Obrigada – eu agradeci a eles. – Eu volto logo. – O meu olhar encontrou Damien. – Diga a Stark que eu o amo.

– Pode contar comigo, Grande Sacerdotisa.

– Stevie Rae, não apague a sua vela. Aphrodite, feche o círculo depois que nós partirmos.

– Vou fechar.

– Estamos prontos – eu disse para Oak.

– *Então deem as mãos, vocês três, e me sigam!*

Stevie Rae colocou a sua vela verde no chão. Ela estendeu uma mão para mim – a outra já estava entrelaçada à de Rephaim. Eu a peguei e, quando nos viramos para seguir com o espírito em direção à arvore, que havia começado a brilhar, um grito ecoou atrás de mim.

– Zoey Redbird! Tome cuidado. Fique firme. E volte para mim!

Virei rapidamente a cabeça por sobre o meu ombro e vi Stark. Ele estava parado do lado de fora do círculo incandescente. Os nossos olhos se encontraram.

– Eu te amo, meu Guerreiro, meu Guardião. Sempre vou te amar.

– E eu te amo, minha Rainha, minha Grande sacerdotisa, meu coração. Lembre-se, nós estamos ligados por sangue e por amor… sempre o amor.

Então o brilho se expandiu e eu segui o puxão na minha mão. Entrei pelo meio da abertura resplandecente e o mundo ao meu redor explodiu em luz.

---

12Adaga cerimonial. (N.T.)

# 23

## Outro Kevin

– Que tal isto aqui? – Kevin abriu a porta do motorista do Hummer e ergueu quatro sacolas grandes cheias de roupas embrulhadas em papel de seda.

Aphrodite deu uma olhada para as sacolas.

– Nada mal para um iniciante. Entre.

Kevin jogou as sacolas no banco traseiro e sentou atrás da direção.

– Para onde vamos agora?

– Para casa. – Aphrodite fez uma cena segurando o nariz quando ele entrou no veículo.

– Casa?

– A nossa casa, a Morada da Noite. Afe. Prometa que esse cheiro sai com água.

– Sim, eu prometo. Quer ver a gosma de sangue morto que eu tenho que passar em mim para ficar com esse cheiro?

– Não faço nenhuma questão.

– Então, vou te deixar lá?

– Não. Você vem comigo.

– Para onde?

– Ah, que merda… para *casa.*

– Mas e os túneis?

– Você quer ir para os túneis?

– Não. De jeito nenhum. Eles são péssimos. – Ele deu a partida no Hummer. – Mas o que mais eu posso fazer?

– Bom, eu andei pensando sobre isso. O seu general já era, certo?

– Sim, já disse. Ele morreu no mundo de Zoey.

– E também todo o seu esquadrão, grupo, batalhão… ou qualquer que seja o nome, certo?

– Quase certo. Três ainda estão vivos, mas eles ficaram no mundo de Zo.

– Então, você não está ligado a nenhum general, exceto Stark.

– Acho que dá pra dizer que sim.

– E ele designou você para ser meu protetor.

– Acho que dá pra dizer isso também.

– Ótimo. Então agora você pode se considerar o meu soldado pessoal.

– O que significa isso exatamente? – ele perguntou.

– Bom, pra começar, significa que você não vai voltar para os túneis e que precisa se vestir melhor. Você acha que lavanda iria ajudar a encobrir esse fedor horroroso? – ela questionou.

– Não sei. Provavelmente ajudaria, e eu posso espalhar menos gosma de sangue em mim pra ficar melhor. Você está dizendo que eu vou ficar na Morada da Noite?

– Estou.

– Espere aí, eu não vou ter que viver nos túneis?

– Não enquanto você for o meu soldado pessoal.

Kevin sentiu que o seu coração ia explodir de gratidão.

– Aphrodite, obrigado! Muito obrigado!

Ela fez um gesto dispensando o agradecimento dele.

– O que eu posso dizer? Adoro conceder favores aos pobres. Além disso, eu quero saber mais sobre esse mundo diferente e sobre a sua irmã, e não posso fazer isso se você estiver enfiado no meio de uma horda de monstros fedorentos. – Eles haviam terminado o curto trajeto da Utica Square até a Morada da Noite, e Aphrodite apontou para uma vaga de estacionamento na frente, bem-iluminada. – Pare ali.

– Ok, mas sem chance de a gente conseguir entrar escondido no campus se estacionarmos aqui.

– Nós não vamos entrar escondidos – ela afirmou.

– Mas todo mundo vai saber que eu estou aqui.

– Todo mundo definitivamente vai saber, e eles vão se acostumar a ver você por perto. Isso vai ajudar você e a Resistência, não?

– Sim! Com certeza.

– Ótimo. Talvez isso ajude também a compensar um pouco do mal que eu fiz contando as minhas visões para Neferet.

– É um começo, certamente – Kevin disse. Ele estacionou e olhou para ela. – E agora?

– Agora vem a parte fácil. Eu vou cuidar de tudo. Você só precisa me seguir. *Literalmente.* Ande atrás de mim e preste atenção em ficar vários passos para trás. Pareça subserviente e não muito inteligente. E quando a gente for parado, e eu garanto que vamos ser, eu explico. Você nem levanta os olhos. Finja que é um vampiro vermelho sem noção, mas não selvagem demais. Você consegue fazer isso?

– Eu tenho feito isso há quase um ano – ele disse.

– Então você já tem bastante prática. – Aphrodite ficou sentada olhando para ele e, como ele apenas a encarou de volta, ela revirou os olhos. – Kev, você deveria estar pegando todas as “minhas” sacolas. – Ela fez aspas com os dedos. – E depois abrir a porta para mim. Lembre-se, você é o meu soldado pessoal. Eu nunca devo tocar em uma porta, carregar qualquer coisa, abrir uma garrafa de champanhe e blá-blá-blá quando você estiver por perto.

– Ah, desculpe. Ok, entendi! – Ele saiu do Hummer e pegou as quatro sacolas, balançando-as desajeitadamente enquanto dava a volta no carro rapidamente para abrir a porta para ela.

Ela colocou suas pernas longas para fora e então franziu o cenho para as suas botas Jimmy Choo na altura do joelho.

– Merda! Esqueci que tinha quebrado o salto. Bom, vou usar isso para ajudar na minha atuação. Aqui. – Ela o surpreendeu ao estender a mão, que ele pegou, ajudando-a a descer do Hummer. Então ela limpou a mão no seu jeans skinny. – Você vai ter que melhorar muito na sua higiene pessoal.

– Na verdade, eu sou um cara limpo e arrumado. Eu tinha que fingir que não me importava com a lama, sujeira, sangue seco e outras coisas nojentas quando eu morava nos túneis.

– Você não mora mais nos túneis. É bom tomar um banho – ela resmungou ao começar a mancar na direção da calçada curva que atravessava o pequeno pátio lateral, onde a água de uma fonte jorrava musicalmente, onde finalmente se abria para o jardim principal da escola.

– Pode deixar – ele disse, apressando o passo para alcançá-la.

Ela deu um olhar irritado para ele.

– Você deve ficar atrás de mim, parecendo subserviente.

– Ah, certo. Esqueci. Não vai acontecer de novo, Profetisa. – Ele fez várias reverências e se afastou para trás.

– Isso foi bom. Pode continuar com essa coisa de se curvar.

– Você quer que eu a chame de Senhora ou Profetisa está bom?

– Não seja ridículo. Profetisa está bom. Senhora parece velha demais. Agora cale a boca e pareça patético.

Com Kevin a seguindo, Aphrodite atravessou o pátio mancando e entrou nos jardins da escola. Acabara de passar a hora do jantar. Os novatos estavam espalhados pelo terreno da escola. Os lampiões a gás de cobre estilo *art déco* projetavam sombras dançantes pelas calçadas largas e pelo gramado do inverno. Gatos corriam por ali, alguns caçando ratos, outros seguindo os seus novatos ou vampiros escolhidos. Estudantes acendiam velas aos pés da estátua de Nyx e rezavam para a Deusa. Um grupo de novatas estava tendo uma aula de esgrima com um vampiro que Kevin não reconheceu.

Tudo parecia normal, mas a diferença entre essa Morada da Noite altamente controlada e segregada e a escola de Zoey era gritante. Todo mundo aqui parecia subjugado, preocupado, assustado ou desesperado, e Kevin sentiu uma pontada no coração de saudade de um lugar que ele mal conheceu, mas que parecia tão perfeito.

Aphrodite virou à direita, indo na direção do grupo de edifícios parecidos com castelos que compunham os aposentos dos professores. Ela seguiu a curva suave da calçada, aproximando-se de duas novatas que haviam estendido tapetes de yoga no gramado e estavam no meio de uma graciosa sequência de exercícios.

Quando Aphrodite chegou mais perto das novatas, elas viraram a cabeça na direção dela. Ambas reconheceram Aphrodite – isso ficou bem claro – e juntaram as suas cabeças enquanto a encaravam.

Então elas viram Kevin e os seus olhos se arregalaram. Uma delas era uma garota negra incrivelmente linda que ele reconheceu na hora como Shaunee, e a outra era uma loira sexy que estava usando uma legging nude e um top minúsculo vermelho brilhante – ambos não deixavam nada para a imaginação. Caramba! *Essa deve ser Erin, a novata de quem a Zoey me falou. A água para o fogo de Shaunee!* As duas ficaram olhando fixamente para ele enquanto Aphrodite passava por elas, sussurrando e dando risadinhas. Quando Kevin se aproximou mais, ouviu claramente o que elas estavam dizendo – o que significava que Aphrodite também ouviu.

– Ei, Gêmea, olhe só – Erin falou.

– O que foi, Gêmea?

– O novo amante de Aphrodite! – a loira concluiu, apontando para Kevin. Então as duas caíram na gargalhada, maldosas.

Aphrodite parou. Ela se virou, mal olhando para Kevin quando passou mancando por ele.

– Só um minuto.

Kevin quis gritar para ela *"Não! Não as mate com a sua visão de laser! Eu posso precisar delas depois para um círculo!"*, mas ele teve que ficar de boca fechada. Ele tinha que fazer o seu papel, então abaixou a cabeça e discretamente assistiu enquanto Aphrodite caminhou direto até as duas novatas, que automaticamente deram alguns passos desajeitados para trás.

– Falem isso na minha cara e não para as minhas costas maravilhosas – a voz da Profetisa estava gélida.

– Ei, a gente não quis dizer nada – Shaunee disse.

– É, a gente só estava brincando – Erin falou.

– Vocês são as duas que se chamam de Gêmeas, não são? – Aphrodite questionou.

– Sim – elas responderam juntas.

– Eu vou chamá-las de Sócias de Cérebro. E, já que vocês compartilham só um pequeno cérebro entre vocês, vou deixar essa história pra lá. Mas, da próxima vez que vocês insultarem a mim ou ao meu soldado pessoal e servo, vou oferecer vocês duas para fazerem o serviço de jantar nos túneis.

– Serviço de jantar? – Erin perguntou.

– O que significa isso? – Shaunee completou.

Aphrodite deu um passo para a frente, entrando no espaço pessoal delas.

– Significa que vocês vão dar um tempo para os alimentadores humanos e oferecer o seu próprio sangue para os oficiais vermelhos. Em pessoa*. Sangue dos seus lindos pescocinhos.* Se bem que eu ouvi dizer que a veia que passa na coxa também é um lugar muito escolhido para alimentação. – As duas novatas pareceram horrorizadas, então Aphrodite fez um gesto para aliviar a preocupação delas. – Ah, não sejam tão dramáticas. Eles não vão ter permissão para drenar vocês completamente. Só quase completamente.

– Ne-neferet não deixaria isso acontecer! – Erin gaguejou.

– Quer apostar o seu sangue nisso, Coisa Um?

Erin rapidamente balançou a cabeça.

– E você, Coisa Dois?

– Não, obrigada.

– “Não, obrigada, *Profetisa”*, é o que vocês, Sócias de Cérebro, devem dizer.

– Não, obrigada, Profetisa – elas repetiram juntas, nervosas.

– Melhor. Bem melhor. Agora, acho bom vocês nunca mais falarem comigo de novo.

– Ei, a gente não quis dizer nada. Mesmo – Shaunee disse.

– Papo furado – Aphrodite rebateu. – Menininhas covardes como vocês sempre dão sorrisinhos falsos e falam que não queriam dizer nada com isso quando são pegas sendo escrotas. Cresçam. Vocês não estão mais no ensino médio. Isto aqui é vida real, não a internet, onde você pode dizer merdas estúpidas e odiosas sem nenhuma consequência. E, que merda, façam um favor ao mundo e saiam logo do armário como lésbicas, já estão grandes pra palhaçada.

Erin enrubesceu e Shaunee ficou de queixo caído, em choque.

– Hum. Deixa pra lá. Parece que só uma de vocês cola com isso. Ou, quer dizer, só uma de vocês *cola* alguma coisa. – Aphrodite riu alegremente, atirando o longo cabelo para trás, e se virou para sair andando, mesmo com um salto quebrado. Quando passou por Kevin, falou alto o bastante para as Gêmeas escutarem. – Venha, Fedido. Termine de arrastar minhas coisas pra cima. E depois você precisa ir correndo buscar mais champanhe pra mim. Tragicamente, acho que estou sem, e lidar com as Sócias de Cérebro me deixou com sede.

– Sim, Profetisa. Claro, Profetisa! – Kevin abaixou a cabeça e esperou que ela ficasse alguns metros à frente dele antes de começar a andar de novo, pensando *"Parece que vou ter que encontrar outro fogo e água… Ah, que inferno…".*

E, enquanto ele a seguia para dentro do prédio dos professores, ouviu um grasnido acima da sua cabeça e levantou os olhos a tempo de ver um corvo gigante voando em círculos. Ele abriu a pesada porta de madeira e fez uma pausa. Como esperado, o corvo aterrissou na calçada, inclinando a cabeça de lado ao olhar para ele.

– *Garoto Redbird!* – ele grasnou.

– Venha cá! Rápido! – Kevin gesticulou para o pássaro, que deu alguns pulinhos e entrou no pequeno saguão com ele.

– Kevin, por que diabos você está demorando tanto? – Aphrodite gritou lá do alto da escada caracol.

– Desculpe, chego aí em um instante! – Ele abriu o tubo do corvo e pegou o pequeno lápis e o papel, rabiscando apressadamente: ESTOU COM APHRODITE NA MORADA DA NOITE. FICAREI AQUI DURANTE O DIA. MAIS INFORMAÇÕES EM BREVE. Então ele enfiou o papel e o lápis de volta no tubo e abriu a porta para o corvo, que decolou rumo ao céu.



– Quer que eu vá buscar o champanhe pra você agora? – Kevin estava parado desconfortavelmente ao lado da porta fechada dos aposentos suntuosos de Aphrodite.

– Claro que não. Eu tenho um monte de champanhe. Não sou uma caipira. – Ela indicou com a cabeça a pequena cozinha ao lado da sala de estar requintada, decorada com um sofá de veludo cor de ametista e um par de poltronas bordadas com fio prateado representando uma lua tríplice. – Bom. Não fique aí parado. Entre no chuveiro e tire esse fedor nojento. Vista o pijama novo. Depois disso a gente conversa.

– Mas. Hum. Vai amanhecer em… – ele fez uma pausa, conectando-se ao seu relógio interno. – Menos de duas horas. Eu preciso ir para algum lugar seguro para dormir.

Ela deu um suspiro.

– Eu disse que você é meu soldado agora. Você vai ficar aqui.

– Aqui, *aqui?* – Como se os seus olhos tivessem vida própria, eles se voltaram para a enorme cama de dossel claramente visível através das portas de vidro abertas.

– Sério? Você acha que vai dormir na minha cama? – Aphrodite revirou os olhos.

– Não! De jeito nenhum. Jamais suporia isso. Mas onde eu vou dormir?

– Eu tenho um closet super luxuoso. Não tem nenhuma janela lá dentro. Ou você pode dormir na minha banheira. Pode escolher qual você prefere.

– Que tal o sofá?

– Tem janelas aqui.

O olhar dele se voltou para elas.

– Essas cortinas de veludo roxo não são blackout?

Ela suspirou.

– Está bem. Ok. Você pode dormir no sofá *se* você realmente não estiver fedido e *se* não roncar. Não suporto gente que ronca.

– Prometo que eu não estarei fedido e acho que não ronco, mas eu nunca dormi com ninguém, então não tenho como prometer isso.

Os olhos azuis cor de safira de Aphrodite encontraram os dele.

– Então você é virgem.

As bochechas de Kevin arderam de calor.

– Bom, sim. Sou.

– Hum. Interessante. Entre no chuveiro.

Ela o empurrou na direção de uma porta fechada, através da qual ele felizmente escapou e se viu em um banheiro de mármore tão branco e limpo que não queria tocar em nada.

– Você quer algo para comer? Eu vou ligar para a cozinha – Aphrodite gritou do outro lado da porta.

– Hum, sim. Eu comeria qualquer coisa. E, ahn, você poderia pedir uma garrafa de…

– Sangue. Já imaginava. Ah, e coloque essas roupas horríveis que você está usando em um saco de lavanderia embaixo da pia. Feche bem e lembre de jogar isso fora amanhã. Nojento.

– Sim, ok. Sem problemas. – Kevin não sabia mais o que dizer, então tirou a roupa. Em seguida, encontrou facilmente um saco vazio e puxou a cordinha dele com força para fechar bem.

Então ele entrou no paraíso.

O chuveiro dela ficava dentro de um box de vidro circular e era daquele tipo panelão gigante e redondo que fazia Kevin se sentir como se estivesse debaixo de uma tempestade fantástica. Também havia duchas que saíam das paredes e, quando ele apertou um botão, fluxos de água quente jorraram sobre ele, atingindo todo o seu corpo. Aphrodite, claro, tinha um sabonete com textura de seda e cheiro de amêndoas e mel.

Kevin queria ficar lá por horas, mas quase podia sentir a impaciência de Aphrodite, então se esforçou para se apressar, ensaboando-se várias vezes, até que o último rastro de gosma de sangue fedorenta tivesse saído da sua pele.

Ele se enxugou com uma toalha violeta tão grande e felpuda que podia usá-la como cobertor. Então ele vestiu sua calça de moletom nova e uma camiseta e colocou a cabeça úmida para fora da porta de modo hesitante.

Na mesa de vidro na frente do sofá, Aphrodite havia colocado uma bandeja cheia que continha um sanduíche grande, batata chips e um copo alto de sangue quente e vermelho que deixou sua boca salivando.

– Pode vir. Estou sozinha. Nunca deixo nenhum dos serviçais entrar aqui enquanto estou no quarto. Eles limpam e fazem suas coisas só quando estou fora. E eu faço com que eles deixem as

minhas entregas de comida do lado de fora da porta em uma mesinha de serviço de prata. – Ela encolheu os ombros. – Sim, eu sei. Eu gosto da opulência. Não estou me desculpando por isso.

Usando meias, Kevin andou suavemente até a sala de estar e encontrou Aphrodite com uma legging confortável e uma camiseta branca com a frase FEMINISTA SELVAGEM resplandecendo sobre o seu peito. Ela estava encolhida em uma das poltronas bordadas de veludo, bebendo champanhe e beliscando uma torradinha com pequenas bolinhas pretas em cima.

Ele farejou o ar na direção dela.

– Isso tem cheiro de peixe. O que é?

Ela deu um olhar resignado para ele.

– Caviar, seu plebeu. A sua criação deixa muito a desejar.

– Concordo. – Kevin sentou e bebeu todo o sangue de uma vez. Ele abaixou o copo e viu Aphrodite o encarando. – Eu estava com sede – ele disse pateticamente.

– Diga a verdade. Você está com a sua fome sob controle?

– Completamente. Não tem diferença entre a minha fome agora e a necessidade de um vampiro azul. Eu só estava realmente com sede porque fui ferido umas noites atrás e ainda estou me recuperando.

*Isso sem mencionar que o meu nível de estresse foi além do esperado*, ele pensou.

– Você me dá a sua palavra?

– Sim, Profetisa. Dou a minha palavra de que a minha humanidade voltou completamente e que a minha fome está sob controle.

Ela o analisou por vários minutos antes de voltar para o seu caviar e champanhe.

– Você precisa de mais sangue?

– Não, mas eu realmente preciso desta comida. Obrigado.

– Sem problemas. Apesar de que eu deixei o pessoal da cozinha bastante confuso. Não costumo comer muitos sanduíches.

– Você não parece comer muito de nada – Kevin disse ao dar uma grande mordida.

Ela franziu o cenho.

– Estou comendo agora.

Ele bufou.

– Preocupe-se só com você. Eu estou bem. Estou sempre bem – ela falou.

– Não acredito em você – ele murmurou.

– Eu escutei isso. Ok, em primeiro lugar, estou feliz que você não está mais fedendo.

– Eu também. Odeio o cheiro daquela coisa. E o seu chuveiro é incrível.

– Sim, eu sei. Segundo, quero que você me conte o que aconteceu com a Aphrodite daquele mundo da sua irmã quando ela sacrificou parte de sua humanidade para salvar os novatos vermelhos de lá. Eu sei que ela não morreu, mas o que aconteceu com ela, exatamente?

A pergunta o surpreendeu, mas, depois de um instante de reflexão, Kevin percebeu que não deveria ter se sentido assim. Ele também tinha ficado curioso sobre o que a outra versão dele fazia no mundo de Zo, e aquela versão dele não era uma Profetisa nem uma ferramenta de Nyx. Então, em meio a mordidas no sanduíche, ele contou para Aphrodite o que Zoey tinha explicado para ele, concluindo assim:

– Quando Stevie Rae e o resto dos vampiros vermelhos de lá recuperaram a sua humanidade, você perdeu a sua Marca, mas não o seu dom profético. Até os vampiros e novatos vermelhos daqui serem atraídos para lá junto comigo, acho que ninguém sabia exatamente o que você era.

Aphrodite pareceu perplexa.

– Mas por quê? Por que eu iria me sacrificar espontaneamente assim? Eu *poderia ter morrido* ou perdido tudo… *todos* os meus dons. Não faz sentido nenhum. A minha versão de lá é uma idiota.

– Aquela idiota salvou uma raça inteira de vampiros.

– Por quê?

– Por amor, claro. A outra você é cercada de pessoas que ela ama. Ela até age como uma malvada insensível às vezes, mas apenas parte disso é verdade, o que é legal porque acontece que eu gosto de meninas malvadas.

Ela revirou os olhos.

– E você disse que lá eu sou uma vampira estranha híbrida azul e vermelha, além de uma Profetisa?

– Sim.

– Como isso aconteceu?

– Não sei ao certo. Tinha muita coisa rolando por lá e eu não tive muito tempo para fazer perguntas. O que eu sei é que Nyx concedeu a você a capacidade de dar às pessoas, sejam humanos ou vampiros, uma segunda chance depois de eles terem feito tudo errado, tipo, feito tudo tragicamente errado de verdade.

Aphrodite bufou.

– Isso provavelmente porque eu entendo muito sobre como fazer tudo tragicamente errado.

Ele sorriu.

– Pode ser. A Marca daquela Aphrodite é igual à sua, só que maior, e metade dela é vermelha. Nyx disse que, a cada vez que você usar o seu dom e der uma segunda chance a alguém, parte da sua Marca vai desaparecer até que ela suma totalmente, e então você vai ser humana e viver o tempo de vida normal dos humanos.

– Isso parece bizarro. Não sei se eu ia gostar disso.

– Tenho certeza de que a Aphrodite de lá se sentiu assim também quando isso aconteceu, mas depois de ver a diferença que ela fez em mim, no Outro Jack e nos outros vampiros… tenho cem por cento de certeza de que ela decidiu que estava grata por esse dom.

– Então aquela Aphrodite é boa. De verdade – ela disse.

– Sim, completamente – ele concordou.

– Você parece bem apaixonado por aquela Aphrodite.

Kevin encontrou o olhar dela.

– Eu diria que Aphrodite é espetacular… em qualquer mundo.

Aphrodite bufou e então ficou em silêncio por um tempo, bebendo champanhe e beliscando caviar com torradas. Kevin terminou o seu sanduíche e estava devorando a montanha de batatas quando ela falou de novo.

– Deve ser muito diferente por lá. – Ela tinha acendido a lareira e estava olhando para o fogo como se pudesse enxergar aquele outro mundo dentro das labaredas.

– É sim. E também não é. Aquele mundo parece diferente porque é muito menos assustador. Neferet foi derrotada. Zo e os seus amigos comandam o Novo Conselho Supremo dos Vampiros da América do Norte, o que significa que eles são responsáveis pelas Moradas da Noite nos Estados Unidos e que eles iniciaram esses programas incríveis onde humanos podem ter aulas junto com novatos.

Ela olhou para Kevin como se ele estivesse completamente louco.

– Adolescentes humanos. Na Morada da Noite de Tulsa. Tendo aulas. – Ela sacudiu a cabeça. – É difícil imaginar.

– Não está acontecendo só em Tulsa. Humanos e vampiros estão estudando juntos em um monte de escolas. É bem legal.

Aphrodite voltou a ficar em silêncio. Kevin já ia pedir um travesseiro e um cobertor quando ela falou de novo.

– Nós estamos todos tão isolados aqui, mas o mundo da sua irmã não parece nem um pouco solitário.

– Não é assim mesmo, mas nem *todos* nós estamos isolados desse lado também. Dragon, Anastasia, minha avó não estão. Na verdade, nenhum dos combatentes da Resistência está. Eles são amigos, mas mais do que isso.

– Gente de coração mole – ela disse.

– Amigos com uma causa – ele a corrigiu. Então ele encontrou o olhar dela de novo. – Você não precisa ficar sozinha. Nem mesmo aqui. Você não está sozinha no mundo de Zo.

– Este aqui não é o mundo da sua irmã.

– Não, não é. É o meu mundo. E eu vou mudar as coisas.

– Você?

– Eu.

– Sozinho?

– Bom, não. – Ele sorriu. – Eu não estou sozinho. Você está me ajudando.

– Eu acho que você é um idealista – ela falou.

– Provavelmente.

– Idealistas sempre acabam mortos.

– Às vezes, mas, enquanto vivem, eles vivem de forma grandiosa. Junte-se a mim. Junte-se à Resistência. Você também pode, você

meio que já fez isso. Você salvou Dragon e todas aquelas pessoas hoje.

– Mas fui eu quem os colocou em perigo – ela o lembrou.

– Você quis fazer isso? Você queria ser a causa de o Exército Vermelho matá-los?

– Não! Eu odeio toda essa matança. E eu detesto que Neferet me use como uma arma.

– Então me ajude a descobrir um jeito de mudar as coisas para melhor neste mundo.

Em vez de me responder, ela se levantou e desapareceu dentro do quarto, voltando logo depois com o braço cheio de cobertores e um travesseiro macio de penas de ganso, os quais ela largou ao lado dele no sofá.

– Ei, obrigado. Isso é muito gentil da sua parte. Eu vou lavar a louça antes de dormir – Kevin disse.

– Não seja ridículo. Você é meu soldado, não minha camareira. Há um carrinho do lado de fora da porta. Coloque os pratos sujos lá fora. Os serviçais vão cuidar deles. – Então ela hesitou e estendeu a mão por um momento, como se fosse tocar o cabelo dele. – Antes de você dormir, talvez queira secar melhor o cabelo. Durma com o cabelo molhado e ele vai ficar…

– Com lambida de vaca – ele terminou por ela. – Eu sei, eu sei. Zo costumava dizer isso pra mim toda hora.

– Sim, bom, o seu cabelo está perturbadoramente desgrenhado, bagunçado e até meio… – ela perdeu as palavras e sacudiu a cabeça, como se quisesse afastar o seu último pensamento.

Ele não conseguiu evitar. Ele olhou nos olhos maravilhosos dela e disse:

– Você ia dizer meio sexy?

– Já deve estar quase amanhecendo, já que você está delirando.

– Aquela Aphrodite gosta de mim, você sabe – ele sorriu provocativamente.

– Aquela Aphrodite tem problemas. Muitos problemas.

– Mas um ótimo gosto – ele disse. – Ela teria feito o que você fez hoje. Ela iria garantir que Dragon e o resto daquelas pessoas escapasse.

– Boa noite, Kevin. Amanhã vamos pensar em uma solução de quarto mais permanente para você – foi tudo o que ela disse antes de desaparecer dentro do seu quarto.

– Boa noite, Aphrodite – ele falou para a porta fechada.

Kevin colocou os pratos do lado de fora da porta no carrinho que estava ali, apagou a lareira e fez a sua cama no sofá. Então, exausto e se sentindo seguro pela primeira vez neste mundo desde que havia sido Marcado, Kevin dormiu.



– Kevin, anda! Você precisa acordar!

Kevin saiu das profundezas de um belo sonho que o tinha levado de volta ao mundo de Zo, em que estava rindo com ela enquanto segurava a mão de Aphrodite e ela aceitava o pedido dele para ser sua companheira.

– Ahn? O quê? Você aceita? – ele disse, sonolento, procurando a mão de Aphrodite.

Ela de fato deixou que ele pegasse sua mão e então o puxou, fazendo com que ele se sentasse.

– Acorda!

Kevin piscou várias vezes e esfregou a mão no rosto.

– Estou acordado. Mais ou menos. O que foi?

– Tem um pássaro negro enorme dando bicadas na minha janela. Eu ia jogar alguma coisa nele, mas ele disse “Garoto Redbird”. Hum, posso presumir que é você?

– Sim! Ele ainda está lá? Deixe ele entrar! – Kevin tinha tirado a camiseta para dormir, então ele a vestiu apressadamente e correu atrás de Aphrodite na direção do quarto dela.

A mão espalmada de Aphrodite o deteve.

– Fique aí. Minhas cortinas estão totalmente abertas e o sol já está alto.

Kevin só teve um instante para andar de um lado para o outro, e então o grande corvo voou para dentro da sala de estar, aterrissando em cima da mesa de centro de vidro.

– *Garoto Redbird!*

– Você me encontrou! Bom trabalho. Ok, ok, vou ler isso.

Aphrodite observou o que estava acontecendo por cima do ombro de Kevin.

– O que é aquela coisa em volta do pescoço dele?

– Tem bilhetes dentro. – Kevin puxou o cordão de couro sobre a cabeça do pássaro e abriu o pequeno tubo, tirando o papel lá de dentro.

– *Aiminhadeusa!* Foi assim que você avisou a Resistência sobre os fardos de feno.

– Sim.

– O que diz o bilhete?

Ele se virou e olhou para ela.

– É Zoey! Ela está aqui!

# 24

## Zoey

– É super estranho como tudo parece igual, né? – Stevie Rae falou quando os três pararam de ver pontinhos de luz e voltaram a enxergar.

– É, parece que estamos em casa – eu disse. Então olhei melhor. – Bom, quase. – As plantações de lavanda eram as mesmas. A casa era a mesma. Com uma diferença importante: de todas as beiras do telhado da varanda frontal, assim como de todas as janelas da casa de Vovó e das árvores ao redor, pendiam cordões de contas. Centenas e centenas de contas.

– Essa decoração é bonita – Rephaim comentou.

– É mais do que isso – eu disse. – Esses cordões de contas são feitos de turquesa… um monte de turquesa.

– Uma pedra de proteção forte – Stevie Rae afirmou.

– Sim, e vejam os feixes de erva-doce, sálvia e…. – Fiz uma pausa, analisando os ramos de ervas mais de perto conforme nos aproximávamos da varanda. – Cedro. Estão espalhados por toda parte.

– Mais proteção? – Rephaim perguntou.

– Sim. – Guiei os meus amigos até a escada da varanda e respirei fundo. – Ela deve estar queimando mirra e incenso na lareira junto com a lenha. – Identifiquei aqueles aromas característicos facilmente, embora senti-los ao redor da casa de Vovó fosse uma surpresa.

– O cheiro é bom. Pra que servem? – Stevie Rae questionou.

– Proteção, mas também para limpeza do espírito e para fortalecer a intuição – eu expliquei.

– Uau, Vovó Redbird está usando artilharia pesada – Stevie Rae observou.

– Tanta turquesa e tantas ervas poderosas de limpeza e proteção! A sua avó deve sentir que está em sério perigo – Rephaim disse em voz alta o que eu estava pensando.

*Por favor, esteja bem… por favor, esteja bem… por favor, esteja bem…* Essa prece para Nyx ficou rodando sem parar na minha mente quando eu levantei a mão para bater na porta da frente.

A porta que abriu antes sequer que eu a tocasse.

Vovó Redbird estava lá, vestindo uma saia comprida que parecia confortável e uma blusa de algodão simples. Ela tinha um xale colorido em volta dos ombros, e o seu longo cabelo escuro com fios prateados estava solto. Ela me encarou com olhos enormes, sombrios e em choque, e de repente eu percebi que talvez Kevin não a tivesse encontrado. Talvez ela não soubesse sobre o Outro Mundo.

– Vovó, sou eu. Não sou um fantasma. Juro.

Como se as minhas palavras tivessem acendido uma luz dentro dela, a expressão chocada de Vovó se alterou instantaneamente. Ela ofegou e os seus olhos se encheram de lágrimas que

transbordaram, enquanto o seu sorriso irradiava tanta alegria e amor que era como uma benção.

– Oh, *u-we-tsi-a-ge-ya!* Minha menina, meu coração, é você! É você!

Então ela abriu a porta e, chorando e sorrindo ao mesmo tempo, Vovó Redbird me tomou em seus braços.

Eu inspirei profundamente. Não importava em qual mundo a gente estivesse ou qual fosse a versão de minha avó, o seu cheiro, o seu toque e o seu amor eram sempre os mesmos.

– Eu senti tanto a sua falta – ela disse em meio às lágrimas enquanto continuava a me abraçar.

– Sinto muito, Vovó. Minha morte deve ter sido terrível para você.

Então ela riu e se afastou um pouco, se distanciando, e usou a ponta do xale para enxugar o rosto.

– Acho que foi muito pior para você, *u-we-tsi-a-ge-ya.*

Eu estremeci e assenti, lembrando cada instante da morte de Zoey. *Não conte nada sobre isso para Vovó. Ela não precisa saber dos detalhes sórdidos que eu sei. Jamais.*

Vovó deu uma olhada para ver quem estava comigo.

– Uma vampira vermelha mulher? Ela deve ser do seu mundo, Zoey Passarinha.

– Ela é! Esta é minha melhor amiga, Stevie Rae, e o companheiro dela, Rephaim.

– Saudações, Stevie Rae, e *osiyo*, Rephaim – Vovó disse.

– É sempre bom te encontrar em qualquer mundo, Vovó Redbird – Stevie Rae falou.

Rephaim pareceu não entender nada.

– Ah, desculpe, Vovó. A mãe de Rephaim era Cherokee, mas ele não fala nossa língua.

– Bom, então, olá, Rephaim – ela corrigiu.

– Olá, Vovó Redbird. Como disse Stevie Rae, é realmente muito bom te encontrar.

Vovó olhou por cima do meu ombro.

– Kevin está com vocês? Não escutei um carro estacionando, mas tive a sensação que costumava ter quando você vinha me visitar. – Ela sorriu docemente para mim e tocou o meu rosto. – Por isso pensei que você era um espírito logo que a vi.

– Não quis te assustar, Vovó.

– Ah, você nunca conseguiria me assustar, Zoey Passarinha. O seu espírito é tão bem-vindo aqui quanto você. Mas o seu irmão não veio com vocês hoje?

– Kev não está conosco, e a gente não veio dirigindo até aqui, mas fico realmente aliviada que ele já falou com você. Sabe onde ele está?

– Não, mas sei de alguém que sabe. Entre, Zoey Passarinha. – Ela gesticulou para que eu entrasse, o que eu fiz. Stevie Rae não pôde prosseguir, é claro, e Rephaim ficou com ela na varanda esperando.

– Ahn, Vovó, você precisa convidar Stevie Rae para entrar na sua casa.

– Juro que nunca machucaria você – Stevie Rae prometeu.

– É claro, minha querida. Por favor, entre. Você é bem-vinda na minha casa.

– Obrigada! Vovó… ei, você se importa se eu a chamar assim? Todos os amigos de Z do nosso mundo a chamam de Vovó – Stevie Rae disse.

– Não me importo de jeito nenhum. Na verdade, eu gosto.

– Ótimo! Então, Vovó, será que por acaso você teria aqueles cookies de chocolate e lavanda?

– Claro que tenho. Vocês três, vão até a lareira e sintam-se em casa. Vou pegar um pouco de cookies. Esta é uma noite tão abençoada e maravilhosa!

Vovó foi apressada até a cozinha enquanto nos instalávamos confortavelmente na sala de estar. Eu olhei em volta embasbacada. Era incrível como tudo era familiar e ao mesmo tempo diferente. Vovó tinha as mesmas estantes de livros, mas os livros eram diferentes. As paredes estavam repletas de arte, como no meu mundo, mas havia diferenças sutis nas peças expostas. E o sofá e as poltronas estavam no mesmo lugar, mas eram de cores e estilos completamente diferentes daqueles com que eu estava acostumada. Era estranho, mas perfeito, como ver outra camada da mulher que tinha sido minha avó, mãe e melhor amiga na maior parte da minha infância.

– Aqui está. – Ela colocou uma travessa de cookies cheirosos e três copos de chá gelado na mesa de centro diante de nós, e nós atacamos. – Então, Zoey Passarinha, você inverteu o feitiço e reabriu a divisão entre os mundos? Foi assim que você chegou aqui?

– Não – eu respondi com a boca cheia daquele cookie delicioso. – Desta vez tive ajuda de um espírito da árvore.

– Um espírito da árvore de Magia Antiga? Ela falou qual era o seu nome?

– Sim, Vovó – Stevie Rae respondeu. – O nome dela é Oak, e a gente acha que ela te conhece.

– Ela me conhece, sim. – Vovó pareceu séria. – O seu irmão e eu a encontramos alguns dias atrás. Parece que os espíritos pegaram

gosto pela gente.

– Então, você estava com Kevin quando ele usou Magia Antiga? – eu perguntei.

– Sim, duas vezes.

Soltei um longo suspiro.

– Essa é a razão principal pela qual estou aqui. Kevin precisa parar de usar Magia Antiga. É superperigoso.

– Anastasia alertou Kevin que precisa sempre ter um pagamento pronto pelo uso de Magia Antiga – Vovó disse.

– Isso é verdade, mas também é verdade que a Magia Antiga pode mudar qualquer um que a for brandir.

– Mudar? Como assim? – ela questionou.

– Não é nada bom, Vovó. E eu não sou especialista. Tem muita coisa sobre Magia Antiga que eu simplesmente não compreendo, mas tive que usar isso para derrotar Neferet no nosso mundo, e quase me transformou em alguém que você não teria reconhecido.

– Z ficou raivosa – Stevie Rae falou baixinho. – E parou de conversar com a gente.

– E você está com medo de que isso aconteça com o nosso Kevin? – Vovó quis saber.

– Estou com medo de que aconteça coisa pior com Kev – eu respondi.

– Então nós precisamos chegar até ele e alertá-lo – Vovó afirmou. – Zoey, embrulhe o resto desses cookies. Vou pegar a minha cesta. Só vou levar um minuto para ficar pronta.

– Para onde você vai, Vovó? – eu perguntei.

– Vou com vocês, é claro.

– Mas para onde?

– Para o quartel-general da Resistência. Kevin agora é um espião que trabalha para eles, então vão conseguir dar o recado.

Rephaim, Stevie Rae e eu trocamos olhares. Limpei a garganta e disse:

– Hum, Vovó, que tal você nos contar onde eles estão, e a gente vai até lá? Pelo que Kevin falou, é muito perigoso andar por aí.

Vovó parou um pouco antes de subir a escada para o seu quarto.

– *U-we-tsi-a-ge-ya*, por acaso eu sou uma velha frágil no seu mundo?

Stevie Rae riu alto e respondeu antes que eu conseguisse.

– De jeito nenhum, Vovó! Você é incrível. Você até foi capturada por Neferet uma vez, colocada em uma jaula e torturada, mas você sobreviveu.

– E triunfou! – Rephaim acrescentou.

– É claro que sim. Porque não sou uma velha frágil. Meus filhos, este mundo está repleto de perigos, mas eu faço parte da Resistência. Eu enfrento e combato as Trevas. Qualquer outra postura é inconcebível. Além disso, vocês precisam da minha ajuda para chegar ao acampamento.

– Ok, você está certa. Desculpe por ter duvidado de você – eu disse.

– Vovó, o acampamento da Resistência é muito longe daqui? – Stevie Rae perguntou.

– Ah, vai levar mais ou menos uma hora e meia até lá.

– Isso pode ser um problema. Vai amanhecer em uma hora e quarenta e oito minutos – Stevie Rae falou.

– Ah, você está certa, filha. Você é uma vampira vermelha e o sol é mortal para você. Bom, vejamos. Vamos levar a minha van de entregas. Não tem janelas na parte de trás e aposto que o seu

jovem companheiro é hábil o bastante para colocar um cobertor como cortina para evitar que o sol entre na parte de trás pela janela da frente. Vamos bastante rápido. A Resistência está situada em uma caverna, então você vai ficar bem quando chegarmos lá.

Stevie Rae olhou para Rephaim e depois de novo para Vovó.

– Há mais alguma coisa que eu deva saber? Os vampiros vermelhos do seu mundo são especialmente suscetíveis ao sol, mesmo se estiverem protegidos?

– Não! Na verdade, se o céu está nublado e nós estamos cobertos, podemos sair ao ar livre durante o dia – Stevie Rae explicou.

– Mas é desconfortável – eu acrescentei. – Vá em frente, conte sobre Rephaim para Vovó. Ela vai entender.

– Ok, aí vai. Rephaim era um Raven Mocker, mas ele deu as costas para as Trevas para seguir a Deusa, e Nyx o perdoou, concedendo-lhe um corpo humano.

– Mas só entre o pôr do sol e o nascer do sol – Rephaim continuou. – Enquanto o sol está no céu, eu assumo a forma de um corvo. É a minha penitência pelas coisas terríveis que fiz antes de conhecer e amar Stevie Rae.

Stevie Rae pegou a mão dele.

– Tudo bem. Todo mundo comete erros. É só que o seu pedido de desculpas é complicado porque os seus erros foram muito ruins. – Ela olhou para Vovó Redbird. – Mas ele sente muito de verdade. E ele realmente segue os ensinamentos de Nyx agora. Prometo.

Vovó estava encarando Rephaim como se apenas agora ela estivesse realmente o enxergando.

– Raven Mocker… Não escuto esse nome terrível sendo pronunciado há muitas décadas.

– É um passado do qual me arrependo – Rephaim afirmou.

– Os Raven Mockers são metade homens, metade corvos. Criaturas de Trevas que perseguem os fracos, os desamparados, os doentes e os moribundos. Eles são vis. Você deve ter um bem maior no seu interior para Nyx perdoá-lo – Vovó disse. – E, se Nyx pode ver esse bem, então também devo fazer isso. Então, querida, o que você estava dizendo é que nós precisamos estar preparados também para o seu companheiro se transformar em um corvo ao nascer do sol?

– Sim.

– Bom, então é melhor nos apressarmos. Isso é algo que precisamos contar para os líderes da Resistência, de preferência *antes* que aconteça. Só que eu também tenho um pedido.

– Diga-nos – Rephaim falou.

– Eu gostaria de ouvir a história de como você nasceu. Os Raven Mockers são apenas espíritos neste mundo, não possuem carne. Não têm algo que alguém pudesse amar.

Rephaim sorriu para Vovó Redbird.

– É uma longa história, mas vou ficar feliz em contá-la para você durante o nosso trajeto.

– Excelente! Agora, Zoey, imagino que você conheça bem a minha cozinha para encontrar um Tupperware, para que a gente possa levar o resto desses cookies conosco. Certo?

– Sim, Vovó. – Eu levantei e fui na direção da cozinha estranhamente familiar.

– Ótimo. Saímos em cinco minutos. – Mas, antes de subir as escadas, Vovó veio até mim e segurou o meu rosto entre suas mãos desgastadas pelo tempo. – Ver você de novo antes de me encontrar

com minha Zoey Passarinha no mundo dos espíritos é realmente o maior presente da minha vida.

Ela me beijou suavemente, e eu a abracei de novo antes que ela subisse correndo as escadas, dois degraus por vez, como uma mulher décadas mais jovem.

– A mesma Vovó, só que em um mundo diferente – Rephaim falou.

– É muito legal – Stevie Rae assentiu e enxugou lágrimas de alegria.

– A mesma Vovó, e o mesmo amor – eu concordei.

E, sentindo mais confiança do que eu sentira quando contei o meu plano para Stark, comecei a fuçar nas gavetas da cozinha. E Vovó estava certa, como sempre. Não levei nem um minuto para encontrar o Tupperware.



A mudança do tempo foi radical quando chegamos à montanha em Sapulpa. A noite estava fria, mas límpida – enquanto avançamos mais e mais por uma estrada cheia de curvas chamada Lone Star Road, a qual não era nada estranha perto do comboio de veículos militares que saiu da Lone Star quando entramos nela.

– Fiquem abaixados aí atrás! – Vovó disse para Rephaim e Stevie Rae. – Olhe para o outro lado, *u-we-tsi-a-ge-ya*! Não quero que eles vejam as suas Marcas.

Fiz o que ela disse, fingindo estar muito interessada no cenário enquanto deixava o meu longo cabelo preto cair sobre a maior parte do meu rosto. Depois que a fila de caminhões de transporte passou por nós, Vovó continuou checando o seu espelho retrovisor nervosamente por vários minutos longos e silenciosos.

Finalmente, ela soltou um suspiro de alívio.

– Parece que eles estavam com pressa demais para se preocuparem com a gente.

– Isso é normal? – eu perguntei para Vovó.

– Passar por um comboio militar? Sim. Aqui? Não exatamente, apesar de que havia vampiros vermelhos sob o comando de Stark fazendo buscas na montanha na noite que eu trouxe Kevin para ele encontrar a Resistência.

– Aposto que as coisas não correram muito bem para o pobre Outro Kev – Stevie Rae disse da parte de trás da van.

– No começo, não, mas quando Kevin invocou os espíritos e os convenceu a encobrir a montanha e proteger a Resistência dos exércitos de Neferet, bom, então Dragon ficou mais receptivo a acreditar que ele estava do lado da Luz.

– Eu tinha esquecido que Kevin falou que Dragon e Anastasia estão vivos neste mundo! *Aiminhadeusa*, mal posso esperar para vê-los de novo – Stevie Rae exclamou. Então a expressão dela mudou. – Ah, não. Dragon!

– E Anastasia – Rephaim acrescentou, parecendo pálido e triste.

– O que foi? Por que Dragon e Anastasia deixam vocês tristes? – Vovó perguntou, olhando pelo retrovisor para Stevie Rae e Rephaim.

Como eles não responderam, e em vez disso se viraram para mim, eu contei a verdade para Vovó, mesmo que eu realmente não quisesse falar disso.

– Quando Rephaim era um Raven Mocker, antes de conhecer Stevie Rae e quando ainda estava sob a influência das Trevas, foi ele quem matou Anastasia. Dragon sabia disso. Foi muito difícil para ele perdoar Rephaim, mesmo depois que Nyx o perdoou.

– Eu nunca o culpei por isso – Rephaim falou rapidamente. – Ele é mais forte do que eu. Acho que eu nunca conseguiria perdoar se alguém matasse a minha Stevie Rae.

Stevie Rae tocou o rosto dele.

– Claro que conseguiria. Você saberia que eu gostaria que fizesse isso, assim como Nyx.

– Eu não creio que contar essa história para a Anastasia e o Dragon deste mundo traga algum benefício para qualquer um de nós – Vovó disse com firmeza.

– Concordo com Vovó – eu afirmei.

– Não é desonesto esconder isso deles? – Rephaim perguntou.

– Não. Isso aconteceu em outro mundo, e você não era nem *você* quando atacou a Morada da Noite e matou Anastasia – eu o lembrei.

– Z está certa – Stevie Rae apoiou. – Não há motivo para entristecer Anastasia nem Dragon neste mundo. Eles estão vivos e bem, e você vai ser amigo e aliado deles.

– Rephaim, você não pode desfazer o que fez em outro mundo, em outra época. Tudo que você pode fazer é seguir em frente no amor e na Luz – Vovó Redbird disse.

Rephaim abaixou a cabeça, parecendo triste, mas não derrotado.

– Então é isso o que eu irei fazer. E irei proteger a Anastasia deste mundo com a minha vida.

Com essa determinação feita, a minha mente ainda estava zunindo por causa de outro nome.

– Vovó, você disse que Stark liderou os vampiros vermelhos que estavam vasculhando a montanha na noite em que Kevin chegou aqui. Então, ele realmente é um figurão no exército?

– Ele é um general, um dos comandantes principais. Aparentemente, Neferet confia bastante nele. Você o conhece no seu mundo, Zoey Passarinha? – O olhar dela desviou rapidamente da estrada para encontrar o meu.

Suspirei.

– De maneira íntima. Ele é o meu Guerreiro Juramentado e muito mais. Estamos apaixonados.

– E, no nosso mundo, ele não é um vampiro azul. Ele é vermelho. Assim como eu – Stevie Rae contou.

– O coração dele é bom. Muito bom – Rephaim disse.

– No mundo de vocês isso pode ser verdade, mas neste mundo ele é uma força das Trevas – Vovó afirmou, apertando a direção com força até as juntas dos dedos dela ficarem brancas.

– Não é "pode ser", Vovó. Nós somos ligados. Eu conheço o coração dele tão bem quanto o meu, e eu não acredito que Stark saiba que ele está sendo usado como uma força das Trevas – eu disse com firmeza. – Não sou especialista em universos alternativos, mas as três pessoas que conheci neste mundo, Kevin, Jack e você, Vovó, são muito parecidas com as versões no meu mundo. Essa é outra razão pela qual eu tive que vir. Acho que Neferet está manipulando Stark. Eu acredito que posso mudá-lo.

Vovó observou a estrada silenciosamente antes de relaxar um pouco e dizer:

– Espero que você esteja certa. Se Stark se voltasse contra Neferet, seria um golpe importante para a Resistência.

– Bom, o meu Stark é tão devotado a Nyx quanto é devotado a mim. Talvez ele só precise saber que Neferet deu as costas para a Deusa. Só sei que o *meu* Stark enfrentou Neferet e Kalona quando

teria sido muito mais fácil para ele fazer o que aqueles dois mandavam.

– Eu também acredito nele, Z. De jeito nenhum Stark iria ficar conscientemente do lado de alguém que é contra Nyx – Stevie Rae disse.

– Eu confiaria minha vida a ele – Rephaim afirmou. – Em qualquer mundo.

Nessa hora, Vovó virou em um caminho barrado por um portão de ferro gigante. Ela colocou a mão para fora da janela e apertou o botão do interfone. Uma voz de mulher atendeu e, ao fundo, dava para ouvir um monte de cachorros latindo.

– É cedo demais para vender alguma coisa e eu não vou comprar. Vá embora!

– É Sylvia Redbird, Tina – Vovó falou, olhando para uma pequena câmera. – Eu telefonei para você a respeito dos cachorrinhos. Espero que você não se importe, eu e meus amigos queremos dar uma olhada neles.

– Você disse que estaria com pressa, então deixei as chaves no Polaris. Está estacionado ao lado do castelo de carros – Tina respondeu. – Eu também juntei alguns suprimentos. Desde que construíram aquela caverna, a Resistência quadruplicou de tamanho.

– Obrigada, minha amiga. Desculpe por incomodá-la a esta hora. Volte para o seu descanso. Eu assumo daqui em diante.

– Eu não preciso mandar Babos aí fora de novo, certo? – Tina perguntou.

Observei Vovó sorrir para a câmera do interfone.

– Não se você confiar em mim.

O portão fez um zunido e abriu.

– Em você eu confio. Tenha um bom dia, Sylvia.

– *Wado*, Tina – Vovó respondeu.

– O que significa *wado?* – Rephaim perguntou enquanto Vovó atravessava o portão e dirigia por um caminho longo e cercado de árvores.

– Significa obrigada – Vovó respondeu. – Filho, espero que você fique aqui por tempo suficiente para que eu ensine a você um pouco da sua língua, mas, se não ficar, você me faria um favor?

– Qualquer coisa, Vovó Redbird.

– Peça à minha versão no seu mundo para ensiná-lo, e diga que ela tem falhado na instrução tribal.

– Vou fazer isso! – Rephaim prometeu.

– Aaaah! Posso aprender também? – Stevie Rae perguntou.

– Ela é da família? – Vovó me questionou.

– Com certeza – eu respondi.

– Então, sim, você pode – Vovó disse, parando perto do Polaris, que estava estacionado exatamente onde Tina disse que estaria.

– “Castelo de carros” com certeza é bem adequado – Stevie Rae comentou quando levantamos os olhos para a garagem de pedra com uma pérgula em cima, além de balaustradas.

– Bom, Tina é realmente uma pessoa muito interessante – Vovó disse. – Agora vamos logo. O amanhecer não tarda. Ah, algum de vocês sabe dirigir essas coisas? Eu sei um pouquinho, mas vamos ter que passar rápido por trilhas acidentadas e sem pavimentação, e as minhas habilidades não são tão boas assim.

– Com certeza, sei dirigir qualquer quadriciclo. Eu tenho irmãos – Stevie Rae se ofereceu, e todos nós subimos no Polaris, que eu descobri que era basicamente um carrinho de golfe disfarçado que podia andar rápido.

– Eu tenho um irmão, mas não sei dirigir esta coisa – eu disse.

– Z, não quero ofender nem nada, mas pode ser que eu seja uma garota de Oklahoma melhor que você.

– Não tenho dúvida disso.

Vovó riu e falou:

– Siga em frente naquela estrada de terra. Vire à esquerda quando chegarmos no topo do primeiro penhasco e depois vire à direita e continue sempre virando à direita quando houver uma bifurcação. Eu aviso quando for para ir devagar.

– Facinho! – Stevie Rae exclamou. – Segurem-se aí, pessoal!

O motor do Polaris rugiu ao dar a partida e nós nos seguramos. Desviando de teias de aranha e de buracos gigantes como uma profissional, Stevie Rae foi dirigindo para cima da montanha, subindo e serpenteando, acompanhando a face de um penhasco enquanto o tempo ia ficando mais frio, com mais neblina e simplesmente cada vez mais esquisito quanto mais longe nós subíamos. Quando a baixa visibilidade fez que Stevie Rae fosse muito mais devagar, Vovó falou mais alto que o motor do carro:

– Pare um instante, por favor, filha!

Stevie Rae estacionou o quadriciclo. Então Vovó fez algo muito estranho. Ela se levantou, de modo que a cabeça dela saiu para fora das barras de proteção que imitavam um teto, e gritou para o céu cinza que anunciava o amanhecer:

– Oak! Sou eu, Sylvia Redbird! Eu dou a minha palavra de que estes aqui comigo não representam nenhum perigo para o meu neto ou o seu povo.

Houve uma pausa carregada, e então a voz suave de Oak respondeu de dentro das farfalhantes folhas marrons do inverno nas árvores que nos cercavam:

*– Eu a vejo, Mulher Sábia, e reconheço aqueles que estão com você. Podem passar em paz.*

E então a noite simplesmente esquentou e a neblina gelada ao nosso redor se levantou, embora a apenas alguns metros de nós eu conseguisse ver a neblina ficando espessa de novo, escondendo a montanha em gelo e névoa.

– Ok, está seguro para continuarmos agora – Vovó disse. – Mas não é muito longe. Fique de olho em uma grande árvore caída no caminho.

– Pode deixar! – Stevie Rae engatou a marcha do Polaris e acelerou.

Eu me inclinei perto de Vovó para que ela pudesse me ouvir mesmo com o barulho do motor.

– Então, Kevin fez isto? Proteger esta montanha foi uma das razões que o fez usar Magia Antiga?

– Sim. Ele foi obrigado a fazer isso. Stark estava liderando o Exército Vermelho direto para a base da Resistência. Havia inocentes aqui. Todos teriam sido massacrados.

Eu assenti, começando a entender o tamanho da necessidade de Kevin. Eu não poderia culpá-lo por invocar os espíritos. Provavelmente, eu teria feito o mesmo se estivesse no lugar dele.

– Árvore caída, bem na frente! – Stevie Rae anunciou quando os faróis iluminaram a tora abatida. – E nós temos cerca de quinze minutos até o amanhecer.

– Vá em frente e estacione perto da árvore – Vovó a orientou. Então ela ficou em pé de novo e gritou: – Estou tentando colher pés de mostarda à luz da lua. É nessa hora que eles ficam mais potentes!

– Ahn? – eu disse.

– Shhh, a gente não vai ter que esperar muito até…

Das árvores acima de nós, vampiros com roupas camufladas saltaram no chão. Todos estavam segurando arcos com flechas encaixadas e apontadas diretamente para nós. Um vampiro se destacou do grupo. Eu o reconheci antes de ver a sua Marca. Só havia um Guerreiro que se portava com aquela confiança, que se movia com aquela graça ágil e controlada *e* que empunhava uma espada enorme como se fosse uma pena.

– Dragon! – não consegui segurar a minha boca e gritei.

– *Aiminhadeusa!* É tão bom ver você! – Stevie Rae disse. Ela começou a sair do Polaris, sem dúvida para dar nele um grande abraço típico de Oklahoma, mas Dragon franziu o cenho, e a enorme espada que ele continuava apontando na direção dela definitivamente diminuiu o entusiasmo de Stevie Rae. Isso também fez com que Rephaim ficasse ao lado da sua companheira de modo protetor.

Foi a minha avó que saiu do veículo antes de todos nós. Ela foi até Dragon, ignorando a sua espada.

– *Merry meet*, amigo Dragon. Trouxe aliados de um outro mundo… o mundo do qual Kevin falou. – Vovó se virou, fazendo um gesto para que eu me juntasse a ela, o que fiz, indo com cuidado para que eu não acabasse acidentalmente virando um espetinho de carne. – Esta é a minha neta…

– Zoey Redbird! – Saindo das sombras escuras da floresta, Anastasia Lankford andou na minha direção, com o sorriso iluminado. – *Merry meet.* É ótimo ver você viva e bem.

– Digo o mesmo, Anastasia. – Os meus olhos começaram a se encher de lágrimas de alegria, e não consegui deixar de abraçá-la com força. – Eu senti sua falta.

– Eu também! – Stevie Rae disse. – Posso te dar um abraço?

Anastasia se virou para Stevie Rae e arregalou os olhos ao ver a complexa Marca vermelha que emoldurava o rosto dela.

– Ah, desculpe. Talvez você não me conheça neste mundo. O meu nome é Stevie Rae Johnson.

– Eu me lembro de uma jovem novata com este nome, mas ela rejeitou a Transformação logo no primeiro ano na Morada da Noite e não estava em nenhuma das minhas aulas.

– Sim – Stevie Rae suspirou. – Isso aconteceu no meu mundo também, mas depois eu voltei.

– Uma vampira vermelha mulher. Isso é muito estranho – Dragon falou.

– Bom, Dragon, se você pensa que eu sou estranha, espere alguns minutos até o sol nascer e veja o que acontece com Rephaim! – Stevie Rae exclamou.

– Stevie Rae, eu vou te dar um abraço – Anastasia disse.

– Eba! – Stevie Rae voou para os braços dela e, enquanto abraçava forte Anastasia, ela sorriu por sobre o ombro para Dragon. – Você é o próximo, Mestre da Espada.

A resposta de Dragon foi um grunhido.

Então Rephaim deu um passo em frente e parou diante de Anastasia, e eu prendi a respiração. Ele colocou um joelho no chão e levantou a cabeça para a Sacerdotisa com olhos brilhantes cheios de lágrimas represadas.

– Anastasia Lankford, eu juro protegê-la.

– Bem, obrigada, meu jovem – Anastasia sorriu para ele, embora eu pudesse ver que ela estava confusa. – Você e eu devemos nos conhecer do seu mundo.

– De fato. Mas não foi por muito tempo. Eu deveria ter protegido você lá. Vou proteger você aqui.

– Isso é ótimo, garoto. Mas você vai ter que ficar na fila atrás de mim – Dragon disse.

– Oh, Bryan. Proteção nunca é demais para uma Sacerdotisa, especialmente nestes tempos tão perigosos. – Anastasia estendeu a mão, e Rephaim a pegou, beijando-a formalmente. – Fico feliz de aceitar a sua oferta de proteção, apesar de esperar que eu nunca precise dela.

– Obrigado, Sacerdotisa. Obrigado – Rephaim agradeceu e se levantou.

– Eu detesto ter que interromper esta reunião adorável, mas o amanhecer está quase chegando e nós realmente precisamos levar Stevie Rae para dentro e Rephaim para algum lugar em que ele se sinta seguro para fazer a sua transformação – eu falei.

– Certo – Dragon concordou com a sua relutância mal-humorada de sempre. – Johnny B, esconda o Polaris.

Minha avó apontou para a traseira do quadriciclo.

– Tina enviou suprimentos. Eles estão na caixa aí atrás. E, antes que você pergunte, sim, eu trouxe mais cookies.

Então Dragon sorriu.

– Sylvia, você é uma enviada da Deusa.

– Eu sou mesmo – Vovó respondeu atrevidamente.

– Drew, ajude Johnny B a descarregar os suprimentos e levá-los para a caverna. Os outros fiquem aqui e certifiquem-se de que o Exército Vermelho não passou pelos espíritos.

– Nós vimos o exército indo embora. – Eu tentei não ficar olhando embasbacada para a versão deste mundo de Johnny B e Drew.

– Sim, um comboio passou por nós assim que entramos na Lone Star – Vovó confirmou. – O que aconteceu aqui hoje?

– O que *não* aconteceu é que é de maior importância – Anastasia respondeu. – O seu neto salvou dois grupos de humanos e novatos azuis refugiados.

– Oh, graças à Grande Mãe Terra – Vovó murmurou em oração.

– Exatamente – Anastasia concordou. – Agora, por favor, sigam-me. Como a sua avó sabe, a caverna não fica longe daqui, mas é uma subida íngreme.

Nós começamos a árdua caminhada atrás de Anastasia e Dragon. Fiquei olhando para os dois, pensando em como era incrivelmente maravilhoso vê-los de mãos dadas e com as cabeças inclinadas um em direção ao outro. Por um momento, eu não queria mais nada além de invocar o espírito e descobrir um pagamento que permitisse que Outro Kevin, Outro Stark, Outra Aphrodite e o resto das pessoas boas daqui voltassem para o meu mundo com a gente, e eu pudesse esquecer de toda a morte e Trevas que permeava este lugar.

Mas eu sabia que isso não seria certo. Este mundo precisava de pessoas boas também.

– É tentador, não é, Z? – Stevie Rae falou baixo ao meu lado.

– Você está lendo a minha mente?

Ela abriu o sorriso.

– Não é difícil. Estou pensando a mesma coisa. Em como seria ótimo levar Dragon e Anastasia de volta com a gente.

– Seria, mas só para nós. Para este mundo… nem tanto.

– Às vezes é um saco não ser egoísta – ela disse.

– Sim – eu concordei.

Então não falamos mais nada porque tivemos que escalar um caminho pedregoso em fila única que parecia não terminar em lugar nenhum – até que fizemos uma curva estreita e vimos a abertura de uma caverna. Aromas de um ensopado saíram lá de dentro, junto de vozes abafadas de mulheres e crianças.

– Uau, isso é simplesmente incrível! – Stevie Rae exclamou. E então ela ofegou e se virou rapidamente para Rephaim. – Oh-oh! E eu não os avisei.

– Não nos avisou sobre o quê? – Dragon ficou instantaneamente alerta.

– Bom, hum, lembra quando eu disse para você esperar e ver o que acontecia com Rephaim ao nascer do sol? Ok, não surte. Eu explico tudo depois que ele sair voando.

– O que está acontecendo? – Dragon falou de forma contundente, se mexendo para bloquear preventivamente o máximo da entrada da caverna que ele podia, com a espada levantada.

– Não há nenhum perigo, amigo Dragon – Vovó afirmou. – Rephaim simplesmente não é o que parece ser, assim como a maioria de nós.

– O sol está nascendo agora! – Stevie Rae abaixou a cabeça, encolhendo-se para se proteger do sol que eu nem conseguia ver ainda.

– Ela tem que entrar na caverna! – eu exclamei.

Eu já estava tirando a minha jaqueta para jogá-la sobre a cabeça exposta de Stevie Rae quando Dragon se afastou para que ela pudesse passar por ele. Então ela parou logo perto da entrada e se virou para encarar Rephaim.

Todos nós viramos para encarar Rephaim.

Ele tinha tirado a camisa e estava olhando em volta freneticamente, o que me fez pensar no que aconteceria com as suas calças e a sua cueca se ele ainda as estivesse usando quando se transformasse em um corvo.

Mas nada aconteceu. Nada mesmo.

– Eu não estou julgando, mas o seu companheiro tira a roupa em todo nascer do sol? Por quê? – Anastasia perguntou para Stevie Rae.

Ela não respondeu. Só o que ela conseguia fazer era ficar encarando Rephaim.

– Você tem certeza de que o sol já nasceu? – Vovó perguntou delicadamente. – É difícil dizer com a cobertura das árvores.

– Sim – a voz de Stevie Rae estava trêmula. – Não tenho dúvida. O sol nasceu há três minutos.

Rephaim estendeu os braços, olhando fixamente para as suas mãos muito humanas.

– Não está acontecendo. Eu não estou me transformando! – Ele se virou para mim, encontrando o meu olhar. – Por quê? Não compreendo.

– Nem eu – disse Dragon.

– Rephaim se transforma em um corvo todo dia, do nascer do sol ao pôr do sol – eu expliquei, apesar de a minha voz estremecer, já que eu me sentia trêmula também.

– Por quê? Que tipo de criatura ele é? – Dragon perguntou.

– Ele era algo chamado Raven Mocker – eu disse. – Mas eles eram criaturas antigas, do mal, e ele deu as costas para as Trevas quando se apaixonou por Stevie Rae. Nyx o perdoou, dando a ele o corpo que você vê agora.

– Mas eu tenho uma penitência a pagar pelo mal que já fiz – Rephaim acrescentou. E, embora ele estivesse respondendo a Dragon, o seu olhar encontrou o de Stevie Rae e permaneceu com ela. – Então, quando o sol se levanta, eu volto a ter a forma de uma fera. Só não aconteceu aqui. Não aconteceu agora.

– Talvez isso aconteça porque você não cometeu nenhum mal neste mundo – Anastasia disse. – Nyx não tem um motivo para cobrar sua penitência aqui.

Queria poder explicar para Anastasia a ironia contida nas suas palavras – e como eram catárticas para Rephaim –, mas sabia que não poderia fazer isso. Então, tudo o que fiz foi assistir com olhos cheios de lágrimas quando Rephaim foi até Stevie Rae, pegou-a em seus braços e a abraçou forte, enquanto ela chorava lágrimas de alegria sobre o seu peito nu inteiramente humano.

# 25

## Stevie Rae

– *Aiminhadeusa*, Kev fez tudo isso? – Stevie Rae ficou de queixo caído, assim como Rephaim e Z, enquanto eles seguiam Anastasia para dentro da caverna.

A entrada era modesta. Apenas cerca de uma dúzia de pessoas cabia confortavelmente ali – *se* elas não fossem muito grandes ou altas, mas apenas alguns passos adiante e de repente a caverna se tornava uma enorme catedral subterrânea com fogueiras queimando alegremente em diversos lugares ao redor de toda a circunferência.

– Sim e não – Anastasia respondeu. – Ele invocou os espíritos de Magia Antiga e pagou com as bolsas medicinais das duas Sylvias Redbirds, a deste mundo e aquela do mundo de vocês. Os espíritos fizeram o resto.

– Foi uma coisa maravilhosa testemunhar isso. Fiquei tão feliz de ter desempenhado uma pequena parte – Vovó Redbird disse.

– Parece que você desempenhou mais do que uma *pequena* parte, Vovó – Zoey comentou. – Você pagou o preço.

– Ah, mas o preço não foi alto, e tenho certeza de que a minha contraparte no seu mundo iria concordar comigo de que valeu muito

a pena.

– Bom, é super legal! – Stevie Rae exclamou. Ela estava segurando a mão de Rephaim como se nunca mais fosse soltar, e ainda mal podia acreditar que já era dia lá fora e que ele ainda estava ali, ao lado dela e na sua forma humana, sorrindo. Stevie Rae estava mais do que inebriada. Como a canção de Frankie Ballard dizia, parecia uma explosão de luz do sol com uísque.

– *Croak! Croak!* – Da entrada, um corvo enorme precipitou-se na direção deles, voando baixo e em círculos até aterrissar no braço erguido de Anastasia.

– Oh, Tatsuwa! Estou tão feliz que você esteja aqui. – A Sacerdotisa acariciou a cabeça escura do pássaro enquanto ele se entregava para a mão dela com adoração.

– Você tem um corvo? – Rephaim perguntou.

Stevie Rae sentiu a tensão no corpo dele através das mãos dadas, e ela levantou os olhos para o seu amante alto, bonito e bastante humano. Ela nunca tinha visto Rephaim perto de nenhum outro corvo, e ele estava encarando aquele com uma expressão mista de curiosidade e medo.

Anastasia sorriu com carinho para Rephaim.

– Se eu sou dona dele? Ah, não! Ninguém pode ser dono de outro ser. Eu simplesmente encontrei Tatsuwa quando ele estava começando a voar. Eu o ajudei, e ele escolheu permanecer perto de mim.

– Não foi exatamente assim, meu amor – Dragon Lankford a corrigiu. – Ele ainda não tinha voado quando você o encontrou.

– Você está certo, Bryan. Este garoto adorável tinha caído do seu ninho durante uma terrível tempestade quase um ano atrás. Eu o encontrei e cuidei dele até que ele pudesse voar.

– E ele retribui a sua gentileza com absoluta devoção – Dragon concluiu.

– Acho que eu entendo como ele se sente – Rephaim disse, trocando um olhar íntimo com Stevie Rae.

– Bom, você não era um bebê quando eu te encontrei – ela falou.

– Não, mas eu estava ferido e desamparado e não podia voar. – Ele olhou para Anastasia. – Você acha que ele se importa se eu tocá-lo?

– Tatsuwa pertence a si mesmo. Eu não respondo por ele. Pode perguntar diretamente.

Rephaim apertou a mão de Stevie Rae antes de soltá-la. Então ele se aproximou do grande pássaro. Ele tinha saído do braço de Anastasia e se empoleirado no ombro dela. E estava observando Rephaim com olhos brilhantes e inteligentes.

– Olá, Tatsuwa. Eu sou Rephaim. Acho que eu e você temos muito em comum. – Ele levantou a mão, oferecendo-a para o grande pássaro como se ele fosse um cachorro. Tatsuwa inclinou a cabeça de lado, analisando Rephaim, e então se inclinou para a frente, permitindo que Rephaim acariciasse suas penas.

– Ele gosta quando fazem carinho logo acima do seu bico – Anastasia o aconselhou.

– Ele é lindo – Rephaim falou com voz baixa enquanto acariciava o corvo.

– É parecido com você – Stevie Rae disse, vindo para o lado de Rephaim. – Só que você é maior.

Rephaim olhou chocado para ela.

– Maior? Mas ele é enorme!

Stevie Rae riu.

– Você entendeu por que Aphrodite está sempre provocando a gente, falando que vai arranjar uma gaiola gigante?

– Aphrodite… – Dragon murmurou.

– Oh-oh, o que ela fez? – Zoey perguntou.

Antes que Dragon pudesse responder, a sua companheira se adiantou.

– Apenas algo simples. Ela fez com que um grupo inteiro de novatos e crianças humanas não fosse massacrado pelo comboio do Exército Vermelho que vocês cruzaram no caminho para cá. E o seu irmão também estava com ela.

– Sim. Kevin impediu que eu capturasse Aphrodite e a trouxesse para cá – Dragon confirmou.

– Mas, espere aí, isso é bom, certo? – Stevie Rae questionou. – Kev encontrou Aphrodite, e ela só pode estar do nosso lado, ou não teria salvado todas aquelas pessoas.

– Exatamente – Anastasia disse com firmeza.

– O único lado que Aphrodite está é o dela mesma – Dragon falou. – Todos nós precisamos nos lembrar disso.

– Não quero ser maldosa nem nada, mas era isso que a gente pensava no nosso mundo, e estávamos errados – Stevie Rae afirmou. – Sem Aphrodite, eu seria tão nojenta quanto todos os vampiros vermelhos aqui do seu mundo. Bom, todos os vampiros vermelhos, menos Kev.

– Aphrodite é muito mais do que a máscara que ela mostra em público – Zoey lembrou.

– Se a minha opinião conta, gostaria de dizer que, apesar de ser preciso se acostumar com ela, e de eu não gostar quando ela me chama de Menino-Pássaro, Aphrodite tem mais Luz do que Trevas dentro dela.

Dragon encarou Rephaim por um longo momento e então disse:

– A sua opinião conta bastante, já que acredito que você conheceu as Trevas intimamente.

– Eu conheci, Mestre da Espada. – Rephaim abaixou a sua cabeça levemente para Dragon. – Assim como você, embora talvez não neste mundo.

Dragon abaixou a cabeça de volta para Rephaim.

– Há muita coisa sobre as quais você e eu podemos conversar.

– Aguardo ansiosamente por isso – Rephaim afirmou.

– Viu só? Eu sabia que você e Dragon iam ser bons amigos! – Stevie Rae exclamou, encostando a cabeça no ombro de Rephaim e dando um bocejo alto.

– Eu mal vejo a hora de ouvir a história sobre o namoro de vocês – Anastasia falou. – Mas imagino que Stevie Rae gostaria de ser levada primeiro a um lugar para dormir.

Stevie Rae tentou, sem sucesso, reprimir outro bocejo.

– Isso seria incrível. Eu consigo ficar acordada quando o sol está lá fora, mas não é fácil.

– Ei, vá em frente e durma. Eu atualizo Dragon e Anastasia sobre o nosso plano e depois também vou dormir um pouco – Zoey disse. – Hum, vocês podem avisar ao Kevin que eu estou aqui? Acho que não seria inteligente da minha parte simplesmente entrar na Morada da Noite e começar a procurar por ele.

– Tatsuwa pode ajudá-la! Não é, bonitão? – Anastasia murmurou carinhosamente para o grande pássaro, que realmente ronronou de volta enquanto esfregava a sua cabeça contra o rosto dela. – Bom menino! – ela riu com doçura.

– O pássaro conhece Kevin? – Zoey perguntou.

– Ah, com certeza. E ele pode levar um recado seu para o seu irmão – Anastasia respondeu.

– Como um pombo-correio? – Stevie Rae perguntou.

– Mais como um cachorro São Bernardo – Dragon falou. – Anastasia vai mostrar a vocês.

– Mas, primeiro, vocês estão com fome, queridos? Ou preferem ser levados para os seus quartos? – Anastasia quis saber.

– Eu já estou cheia de cookies – Stevie Rae disse, sonolenta, esfregando os olhos. – Rephaim, você precisa de algo para comer?

– Tudo o que eu preciso é ter você dormindo em meus braços. – Ele colocou o braço em volta do ombro de Stevie Rae e a puxou para mais perto.

– Isso soa melhor do que uma canção de amor de Kenny Chesney. – Ela se derreteu.

– Se Zoey e Sylvia vão ficar aqui com Bryan, eu levo Stevie Rae e Rephaim até um dos nossos quartos vazios – Anastasia se ofereceu. Então ela acariciou a cabeça do corvo de novo e se dirigiu a ele. – Gostaria que você ficasse aqui também, meu amigo. Zoey vai precisar que você leve a mensagem dela para Kevin.

– *Garoto Redbird!* – Tatsuwa grasnou.

– Espere aí, todos vocês podem *falar* quando são corvos? – Stevie Rae deu uma cutucada com o ombro em Rephaim.

– Eu não tinha ideia – respondeu o seu companheiro, parecendo chocado.

– Precisamos trabalhar nisso – Stevie Rae falou. Então ela abraçou Vovó Redbird e Z. – Vejo vocês ao anoitecer.

Z a abraçou de volta antes de dizer:

– Ei, vocês por acaso teriam um pouco de refrigerante de cola? Qualquer coisa com cafeína e açúcar deve funcionar. Preciso ficar

desperta e focada.

– Sim, há várias bebidas no corredor principal da caverna – Anastasia explicou. – Ficam logo ali dentro, no caminho para os aposentos de dormir. Posso mostrar, e depois você volta para cá.

– Ótimo! – Z exclamou.

Os quatro, então, entraram na enorme caverna, que fez Stevie Rae se lembrar da sua excursão de escola do meio do oitavo ano até as Cavernas Meramec no Missouri, só que sem as incríveis estalactites e estalagmites.

A parte principal da caverna esculpida pelos espíritos era um círculo subterrâneo enorme, e pontilhando essa circunferência estavam grupos de pessoas – a maioria novatos e vampiros azuis, mas Stevie Rae percebeu que havia vários humanos entre eles, a maioria jovens ou de idade avançada. Cada grupo estava posicionado ao redor de uma fogueira, e todos estavam ocupados. Alguns estavam cozinhando, alguns estavam remendando roupas e outros simplesmente pareciam estar contando histórias. Gatos também andavam pela caverna, encontrando os melhores colos para descansar ou os lugares mais aconchegantes perto do fogo crepitante. Stevie Rae achou que o lugar inteiro era simplesmente incrível.

– Está na hora de dormir – Anastasia explicou enquanto eles atravessavam o amplo círculo. – Então, não está tão movimentado quanto costuma ser. Normalmente, os Guerreiros ficam praticando esgrima ou arco e flecha e ensinando os mais jovens a se protegerem.

E então Anastasia fez uma pausa na sua explicação quando uma das novatas azuis reparou neles e começou a apontar para Stevie Rae com uma expressão chocada e boquiaberta.

– Hum, Anastasia, parece que aquela garota ali acabou de ver o bicho-papão, e o bicho-papão sou eu – Stevie Rae comentou.

– De fato – Anastasia concordou. – Eu vou resolver isso agora.

A adorável Sacerdotisa fez um gesto para que Stevie Rae a acompanhasse, e juntas elas andaram decididamente até o centro da caverna. Anastasia bateu palmas algumas vezes, atraindo a atenção de todos. Quando ela falou, as suas palavras foram claras, nítidas e preencheram toda a caverna.

– Atenção, todos vocês, quero que conheçam os nossos mais novos membros da Resistência. Esta é Stevie Rae. Sim, ela é uma vampira vermelha, mas, assim como Kevin, ela também é nossa aliada. Tratem-na como fariam com qualquer amigo. O companheiro dela é Rephaim e a outra companheira é Zoey Redbird, irmã do nosso Kevin.

Todos ficaram encarando, mas houve vários cumprimentos e, para surpresa de Stevie Rae, logo as pessoas pararam de olhar e voltaram ao que estavam fazendo – bem, todos, exceto um vampiro azul alto, moreno e muito bonito. Ele se aproximou do pequeno grupo, mas só tinha olhos para Zoey.

– Ai, senhor – Stevie Rae murmurou baixinho. Então ela e Z falaram o nome dele juntas.

– Erik!

– E aí, gatas? Acho que não conheço vocês e pensei em me apresentar. – O sorriso dele era de estrela de cinema, com muitos watts de potência. – Mas parece que *vocês* já *me* conhecem.

– Sim, com certeza conhecemos – Stevie Rae respondeu, segurando uma risadinha.

– Pelo menos ele faz parte da Resistência – Z disse para Stevie Rae, ignorando o sorriso sedutor de Erik.

– Bom, Z, ele deve ter crescido – Stevie Rae comentou.

– Você é sempre positiva, Stevie Rae. Essa é uma das coisas que eu amo em você – Z respondeu.

– Desculpem, estou confuso – Erik falou.

– A gente sabe! – Z e Stevie Rae disseram juntas antes de se acabarem de rir feito garotinhas.

Rephaim deu um passo à frente, oferecendo sua mão para Erik.

– Eu sou Rephaim. Prazer em conhecê-lo. De novo.

Erik apertou a mão dele, mas franziu a testa ligeiramente.

– De novo? Não lembro de ter conhecido você. – Então a sua confusão se dissipou. – Ah, entendi. Você é um fã humano.

– Algo desse tipo – Rephaim disse.

Então Erik se virou para Zoey.

– Você realmente me parece familiar. A gente se conhece?

Z riu delicadamente.

– Não neste mundo, Erik, mas é bom te ver aqui, com a Resistência.

– É, sim, essa guerra é péssima para Hollywood. Minha carreira está parada no momento, então essa coisa de lutas definitivamente precisa acabar.

– O que você disse mesmo sobre ele ter crescido? – Z perguntou para Stevie Rae.

– Retiro o que disse – Stevie Rae deu uma risadinha.

Erik abriu a boca para responder, mas Anastasia falou primeiro.

– Erik, Johnny B e Drew estão trazendo novos suprimentos pela trilha principal. Você pode ver se eles precisam da sua ajuda, já que é um querido?

– Qualquer coisa por você, milady! – Erik fez uma reverência para Anastasia com um floreio. Então ele piscou para Zoey. – Te vejo

mais tarde, Senhorita Zoey.

E saiu rapidamente.

– Espero que não – Stevie Rae falou baixinho.

– Imagino que vocês conheçam Erik no seu mundo – Anastasia comentou.

– Muito bem – Z respondeu.

– Ele é muito, hum, *jovem* – Anastasia disse cuidadosamente.

– Sim, mas ele melhora – Z contou.

– *Se* ele for forçado a fazer isso – Stevie Rae acrescentou. – Não deixe que ele se dê bem só com base na aparência. Realmente ele pode ser mais do que aparenta, mas neste momento *ele* nem sabe disso.

– Vou manter isso em mente – Anastasia afirmou.

– Ei, por que não tem fumaça aqui com todas essas fogueiras? – Zoey perguntou.

– Na verdade, a gente não sabe ao certo. Tudo isto aqui, exceto a pequena entrada lá em cima, foi criado pelos espíritos, então nós estamos apenas gratos por ter um refúgio seguro e pelo fato de não ser cheio de fumaça. – Anastasia foi na direção do lado esquerdo do amplo espaço, onde um córrego passava borbulhando, saindo de algum lugar no chão de pedra e correndo profundamente por toda a lateral da caverna antes de desaparecer na pedra de novo. Flutuando na água estavam diversas latas e garrafas, todas juntas em uma rede. – Ali vocês podem encontrar refrigerante de cola gelado, garrafas de água e até vinho.

Zoey foi até o córrego e colocou os dedos na água.

– Uau! É gelado mesmo!

– Sim, e ele corre para dentro e para fora de todo este sistema de túneis e cavernas. Há até uma ramificação do córrego que usamos

como o nosso banheiro.

– Bom trabalho, Kev! – Stevie Rae exclamou quando Rephaim pescou duas garrafas de água no córrego e uma lata de refrigerante, que ele arremessou para Z.

– Obrigada! Vejo vocês no pôr do sol.

Stevie Rae jogou um beijo para Z e então se voltou para Anastasia.

– Esta caverna é linda. É como se estivesse aqui há séculos.

– Penso do mesmo jeito… parece tão antiga quanto os espíritos que a esculpiram. E talvez seja. Talvez ela só estivesse esperando que alguém revelasse o que o tempo havia encoberto.

– É um bonito modo de pensar – Rephaim disse, colocando o seu braço em volta do ombro de Stevie Rae e a abraçando forte.

– Venham, o quarto de vocês não fica longe daqui.

Eles seguiram Anastasia, saindo da caverna principal. Havia várias opções de túneis, mas cada uma estava marcada com linhas de giz de cores diferentes que pareciam setas – algumas apontavam na direção da caverna principal e outras no sentido contrário.

– Todos nós temos excelente visão noturna, mas como há humanos aqui – Anastasia fez uma pausa, e então continuou –, e outros tipos de seres… – Rephaim assentiu, reconhecendo que ela estava se referindo a ele –, vocês vão encontrar lamparinas penduradas nas paredes, assim como uma no seu quarto. Vocês só precisam se lembrar de seguir as setas de giz vermelhas para voltarem para a caverna principal. As outras cores também têm um significado. Nós estamos seguindo as setas azuis. Elas levam aos aposentos de dormir. As amarelas levam até a área do banheiro,

onde podem se limpar, mas estejam avisados: a água é sempre fria. – Anastasia estremeceu.

– Isso não é problema. Logo que nós mudamos para os túneis embaixo da estação, eles eram muito piores do que isso – Stevie Rae lembrou.

– Então, vocês também usam os velhos túneis de Tulsa no seu mundo?

– Sim, mas, pelo que Kevin nos contou, os nossos são diferentes dos túneis que o Exército Vermelho ocupa – Rephaim respondeu.

– Posso imaginar, já que os vampiros vermelhos no seu mundo são tão diferentes dos nossos.

– Esperamos que não por muito tempo – Stevie Rae disse.

– Isso parece um sonho impossível – Anastasia respondeu.

– Mas eu sou a prova viva de que não é impossível!

– Isso é verdade. Você e Kevin são a esperança em pessoa para nós – Anastasia concordou. Eles tinham chegado a um túnel estreito e a uma área que fez Stevie Rae se lembrar de um queijo suíço, com um monte de pequenas alcovas escavadas em buracos de ambos os lados do túnel. Várias tinham cobertores pendurados na frente, bloqueando a visão do lado de dentro. Anastasia parou diante de uma em que o cobertor estava puxado para o lado. – Essa aqui é bem confortável. E, como eu disse, se precisarem se limpar, sigam as setas amarelas e depois voltem seguindo as setas azuis. Vocês precisam de mais alguma coisa?

Rephaim e Stevie Rae trocaram um longo olhar íntimo, e ela respondeu:

– Não, obrigada, Anastasia. Nós já temos tudo que precisamos.

– Então desejo a vocês os sonhos mais agradáveis.

Finalmente sozinhos, Stevie Rae e Rephaim entraram no pequeno espaço escavado, soltando o cobertor da lateral e deixando que ele encobrisse a entrada depois de passarem por ela.

O quarto era arrumado e aconchegante. Havia uma lamparina na parte plana de um monte de arenito de Oklahoma do tamanho de uma cadeira. A sua luz tremulava contra as paredes curvas de pedra, provocando o efeito de uma lareira. Não muito longe da lamparina, um estrado grosso estava arrumado com dois sacos de dormir lado a lado. Os travesseiros e os edredons eram macios, limpos e tinham aroma de sabonete de lavanda.

Stevie Rae pegou um travesseiro e o cheirou.

– Aposto que Vovó Redbird tem algo a ver com isso tudo.

– Eu já aprendi a nunca apostar contra você.

– Sempre digo que você aprende rápido – Stevie Rae disse. Ela soltou o travesseiro e ficou em pé meio sem jeito ao lado da cama, inesperadamente nervosa.

– O que foi? Por que você parece desconfortável? – Rephaim perguntou.

– Bom. Hum. A gente nunca dormiu junto assim antes.

– Mas isso não é algo que deveríamos comemorar, em vez de te deixar nervosa?

– Sim, mas avise isso pro meu coração. Ele está batendo tão forte que parece que vai sair para fora do meu peito. – Ela pegou a mão de Rephaim e a colocou sobre o coração dela.

Ele sorriu para ela e a puxou para o seu abraço familiar.

– Lembra do que você costumava me falar quando eu ficava assustado com as coisas novas?

Ela assentiu, soando ofegante.

– Sim. Eu dizia para você só me abraçar forte que tudo ficaria bem.

– Stevie Rae, meu único e eterno amor, só me abrace forte que tudo vai ficar bem.

Ele se inclinou e a beijou, e Stevie Rae sentiu seus ossos ficando líquidos. O beijo dele apagou tudo que estava ao redor, e ele se tornou o mundo dela. Cuidadosamente, Rephaim a guiou até o colchão e eles se deitaram. Ele a abraçou de modo que os seus corpos ficaram pressionados intimamente, e o beijo deixou de ser suave e doce e passou a ser quente e intenso. Parecia que o tempo tinha parado. O nascer do sol sempre a deixava lânguida, e Stevie Rae sempre se perguntava como seria fazer amor com Rephaim quando ela estava nesse estado tão vulnerável. Ela sonhava com isso enquanto ele estava voando alto pelo céu iluminado pelo sol. Ela ansiava por sentir os seus braços fortes em volta dela, e o seu belo corpo dentro do seu – os dois corpos se unindo completamente antes de adormecerem juntos.

Logo Stevie Rae percebeu que a realidade era muito, *muito* melhor do que os seus sonhos.

Devagar, cuidadoso, Rephaim tirou as roupas dela e então, também sem pressa, Stevie Rae fez o mesmo, aproveitando para deslizar as mãos e os lábios pelo peito magro e musculoso do seu companheiro. Ela se deleitou na beleza dele e na maciez da sua pele marrom.

Por sua vez, ele explorou o corpo dela demoradamente. Eles já tinham feito amor muitas vezes, mas nunca durante o dia – e Stevie Rae se sentiu suspensa no tempo e repleta de prazer. O toque dele era como fogo, deixando-a ardente e incandescente. Ela amava como os dois não tinham a menor pressa. Ela ofegava com o prazer

que as mãos e a boca dele provocavam, e ela o fazia tremer de desejo quando o tocava intimamente, demoradamente. Stevie Rae cobriu o seu amante de beijos até que nenhum deles conseguisse aguentar mais. Então os corpos deles se uniram e eles se movimentaram juntos em uma dança tão ancestral quando o próprio amor.

E no instante do ápice, Rephaim disse o nome dela, e ela falou o dele, com os seus lábios colados e as respirações ofegantes. Então, envolta no abraço muito humano de Rephaim, Stevie Rae fez uma prece de agradecimento a Nyx por permitir que eles tivessem esse momento mágico antes de adormecerem – finalmente, finalmente *juntos.*

# 26

## Outro Kevin

– Eu vou com você – Aphrodite disse com firmeza. – E pare de andar de um lado para o outro. Você está me deixando tonta e isso não é nada atraente.

– É impossível você não ser atraente – Kevin falou e então acrescentou rapidamente. – Mas, não, você não vai comigo.

– Ahn, eu estou acostumada demais a receber elogios para ficar abalada por unzinho. E eu não *pedi* para ir com você. Foi uma afirmação.

Kevin parou de andar em círculos e a encarou.

– E se Dragon não deixar você voltar?

– Então você vai obrigá-lo.

Ele passou a mão pelo cabelo e segurou a vontade de dar um chacoalhão nela.

– Dragon é um Mestre da Espada. E um Guerreiro extremamente experiente. Eu não posso enfrentá-lo. Nem mesmo para protegê-la.

Ela revirou os olhos.

– Kev, eu não quis dizer que você deva lutar contra ele. Eu quero que você me ajude a discutir com ele… de novo. E, sinceramente,

ser “capturada” pela Resistência não pode ser pior do que viver com o estresse das ameaças intermináveis de Neferet e o jeito que ela está me usando.

Kevin a analisou, reparando novamente nas olheiras escuras embaixo dos seus olhos e na aparência sem brilho de sua pele. E ela estava tão magra! Isso o deixava preocupado. Será que ela nunca comia ou dormia de verdade?

– A Resistência também vai querer usar as suas visões – ele disse, sendo honesto.

Ela deu de ombros.

– E daí? Pelo menos elas vão ser usadas para o bem. – Aphrodite estendeu a mão para impedir que Kevin respondesse. – Sim, eu entendi que Neferet não está mais seguindo a vontade de Nyx. Sim, levei tempo demais para encarar isso. Mas, agora que cheguei até aqui, preciso fazer algo mais do que ficar sentada esperando a minha próxima visão mostrar qual coisa horrível Neferet vai fazer em seguida. Você é responsável por isso, então devo ir com você para a Resistência.

– Eu sou responsável?

– Claro! Se um vampiro vermelho pode deixar de ser um monstro e se transformar em um cara legal, então eu posso me levantar e fazer a coisa certa também.

Ele sorriu lentamente.

– Você acha que eu sou um cara legal.

– Não fique se achando. Eu não falei um cara incrível. Quanto tempo falta para o pôr do sol?

– Quinze longos minutos.

– Ok, então nós vamos fazer o seguinte. Assim que o sol sumir, nós vamos até o escritório de Neferet. Vou dizer a ela que você vai

me levar de carro até Dallas porque eu preciso de um pouco de terapia de compras na Nordstrom para repor a bota que quebrei naquele maldito campo no fim de mundo. Não tem como a gente fazer a viagem em um dia, então isso nos dá bastante tempo para encontrar a sua irmã e a Resistência e depois voltar para cá. *Se* a gente for voltar para cá.

– E se Neferet disser que não?

– Ela não vai. Ela pode me ameaçar e fazer bullying comigo, mas ela sabe que só pode me pressionar até certo ponto. E ela vai ver essa viagem de compras como uma coisa que faço sempre. Ela não vai nem questionar, só que ela *vai* questionar o fato de você me levar. Mas eu resolvo isso.

– Aphrodite, você tem certeza mesmo? Eu posso ir encontrar a minha irmã e voltar discretamente. Você não precisa se envolver nisso de jeito nenhum.

– Kev, eu estou envolvida nisso desde o momento em que não contei para Stark sobre Dragon nem entreguei você por ser um vampiro vermelho esquisito. Já é tarde demais para eu voltar atrás, e eu não quero fazer isso. Já cansei de me esconder atrás das minhas visões. – Ela encarou a lareira. – Não aguento mais ser a causa de tantas mortes.

Ele se sentou ao lado dela no sofá.

– Ei, você não foi a causa de nenhuma morte. Neferet e os seus exércitos é que foram.

Os olhos de Aphrodite encontraram os dele, e Kevin viu tanta tristeza escondida nas írises que perdeu o fôlego.

– Mas não fiz nada para impedi-las, e eu poderia ter feito.

– Você fez na noite passada. Você salvou Dragon e todas aquelas pessoas.

Ela balançou a cabeça.

– Eu era a razão de o Exército Vermelho estar lá, pra começo de conversa. Kevin, eu era uma egoísta, uma imprestável no mundo de Zoey?

– Não! Claro que não!

– Bom, aqui eu sou. E eu não quero mais ser. Você não precisa me ajudar a ser melhor. Eu tenho que fazer isso sozinha. Mas, por favor, não fique no meu caminho.

Lentamente, Kevin pegou a mão dela.

– Eu vou te ajudar. Eu sempre vou te ajudar. – Ele levou a mão dela até os lábios e a beijou suavemente.

Uma sobrancelha loira e perfeita se levantou, mas ela não retirou a mão – o que Kevin definitivamente considerou como uma vitória.

– Agora, vá espalhar um pouco daquela coisa nojenta de sangue em você, mas não muito. Eu vou tentar encobrir o cheiro.

– Ahn?

Ela suspirou.

– Kevin, Neferet nunca vai acreditar que eu deixaria um vampiro vermelho fedido me levar até Dallas e voltar, mesmo no sedã de luxo com divisória de vidro entre o passageiro e o motorista. Eu vou ter que tentar disfarçar o fedor.

– Sedã de luxo? Divisória de vidro?

– Você foi criado por lobos?

– Não. Fui um dos Filhos da Fé – ele respondeu.

Ela estremeceu de leve.

– Pior ainda. Não é de se espantar que você seja tão selvagem. Deusa, você tem muito a aprender. Mas primeiro as prioridades. Ponha aquele perfume de sangue nojento *com moderação* e me

traga a minha maleta para eu fingir que passaremos a noite fora. Está atrás da porta do banheiro.

Kevin fez o que ela pediu, fazendo uma careta e prendendo a respiração quando ele desatarraxou a tampa do vidro que continha aquela massa gelatinosa e nojenta. Ele a espalhou – *com moderação* – embaixo de suas roupas. Quando terminou, ele pegou a mala de Aphrodite, que decididamente era mais do que uma maleta para uma noite, além da sua própria mochila, e se juntou a ela de novo na sala de estar.

– Isto não é uma maleta para uma noite.

– Ah, você não sabe de nada, Kevin Snow.[13]

– Ei! Eu entendi essa referência!

– Bom, ainda há esperanças para você. – Então fez uma careta. – Eca! Estou sentindo o seu cheiro! Deusa, isso é nojento.

– Eu sei. Odeio isso.

– Ok, venha até aqui.

Kevin foi até Aphrodite. Ela pegou uma bonita garrafinha de cristal roxo que tinha uma coisa estranha de borracha em forma de bulbo presa na tampa. Então ela pressionou o bulbo, o que jogou uma névoa fina de spray de água com aroma de lavanda nele. Ele respirou fundo e espirrou.

– Você não gostou? – ela perguntou, com uma sobrancelha levantada de novo.

– Sim, eu gostei. O cheiro é muito melhor do que o daquela gosma de sangue.

– Cara, merda de gato tem um cheiro melhor do que o daquela gosma de sangue. – Ela enfiou a garrafinha na sua bolsa Louis Vuitton gigante. – Já está na hora?

– Sim. O sol se pôs há quarenta e nove segundos.

– Esse é um talento realmente estranho. – Ela ficou parada perto da porta esperando que ele a abrisse.

– Mas bem útil – ele respondeu.

– Verdade. Certo… lembre-se de…

– Andar atrás de você. Carregar as suas coisas. Parecer subserviente e idiota.

O sorriso de Aphrodite fez o sangue dele correr rápido e quente pelas suas veias.

– Você *consegue* aprender! Muito bem. E agora vamos.

Ela se virou e saiu andando, e ele foi atrás dela, tentando não sorrir para o que via.

– Posso sentir você olhando para a minha bunda – ela falou sem dar nem uma olhada para trás. – Pode parar. Você deve ser *subserviente.* Além do mais, isso é meio pervertido.

– Ah, certo. Desculpe.

Ela chegou até a porta do edifício e parou, esperando que Kevin passasse rápido por ela e a abrisse. Quando ele o fez, perguntou:

– Então, só para registrar, há algum momento em que não seja pervertido olhar para a sua bunda?

Desta vez, ela levantou *as duas* sobrancelhas perfeitas.

– Se houver, eu vou ser a primeira a informar.

– Obrigado – ele sorriu para ela.

– Não me agradeça até isso acontecer. *Se* acontecer. – Ela deu um tapinha na bochecha de Kevin ao passar rápido por ele.

– Ah, vai acontecer – ele murmurou baixinho.

– Eu escutei isso! – ela disse.

Ele conteve o sorriso e deixou que ela ficasse vários passos à frente dele. Então ele deixou os ombros caídos e manteve uma

expressão neutra no rosto, que ele esperava que parecesse idiota, e a seguiu.

O campus estava começando a se agitar, com professores e estudantes andando apressados, preparando-se para um novo dia escolar. Todos olhavam para Aphrodite. É claro que olhavam. Ela estava atravessando o campus com passos largos, o queixo empinado e o seu cabelo loiro e grosso ondulando atrás dela como um manto. Kevin só conseguia pensar em como ela era incrível.

Ela também estava desviando todos os olhares da presença dele.

Quando Aphrodite parou diante do prédio dos escritórios administrativos, Kevin passou rápido por ela e abriu a porta. Aphrodite entrou marchando e virou à esquerda. Exatamente na direção do corredor principal onde ficava o escritório luxuoso de Neferet. Aphrodite não hesitou. Ela levantou a mão para bater na porta espessa, dando uma olhada para Kevin logo atrás.

*Pronto?* Ela perguntou apenas movendo a boca, sem emitir som.

Kevin respirou fundo e assentiu, esperando que ele fosse um bom ator.

Aphrodite bateu duas vezes na porta.

– Entre!

Kevin nunca tinha estado no escritório de Neferet até agora, é claro, e definitivamente não foi uma encenação quando ele parou do lado de dentro e ficou olhando embasbacado ao redor como um turista sem cérebro.

Tudo que estava dentro do complexo de salas era bonito. Se ele já tivesse imaginado algum dia como Neferet decorava os seus escritórios, o que ele não tinha feito, Kevin teria pensado que ela preencheria tudo de dourado, mármore e cristal de modo espalhafatoso. Ele estaria totalmente errado.

A sala principal, em que ficava a mesa de Neferet, era quase completamente decorada em branco. Nas paredes havia belas fotos em preto e branco de Neferet – em todas, ela parecia uma versão de Nyx encarnada na Terra. Em uma delas, Neferet inclusive estava usando uma tiara de diamantes para imitar a tiara de estrelas da Deusa.

Era super perturbador.

A mesa era uma obra de arte. Feita inteiramente de ônix verde – da cor exata dos olhos de Neferet – e iluminada por dentro, era a moldura perfeita para a beleza sobrenatural da Grande Sacerdotisa. Ela estava sentada elegantemente atrás dela em uma cadeira parecida com um trono. Diante da mesa, havia duas cadeiras de veludo da mesma cor.

James Stark estava sentado em uma das cadeiras. Quando eles entraram no escritório, Stark se virou e arregalou os olhos ao reconhecer o tenente. Kevin o saudou brevemente e então ficou parado em posição de descansar, sem olhar nada em particular.

– Aphrodite! Os seus ouvidos devem estar queimando. O General Stark e eu estávamos justamente falando de você.

Aphrodite não perdeu o compasso. Ela sentou na cadeira ao lado de Stark, cruzou suas longas pernas e atirou o cabelo para trás.

– Sério? Que coincidência. Eu estava justamente pensando em conversar com você sobre Stark.

– Conte-me tudo! – Neferet falou entusiasmada e se inclinou para a frente, como se ela e Aphrodite fossem melhores amigas.

Kevin sabia que esse não era o caso.

– O General Cara do Arco contou que eu quebrei o salto da minha bota Jimmy Choo na noite passada, marchando no meio da selva?

– Não lembro de ele ter mencionado isso. Você mencionou, Stark?

Stark franziu o cenho para Aphrodite e então voltou sua atenção para Neferet.

– Não mencionei porque isso não é importante. O fato de que não capturamos nenhum membro da Resistência ontem, no entanto, é importante.

– Não é minha culpa que o Exército Vermelho é tão barulhento e fedido que eles não são capazes de fazer uma emboscada. Eca, por falar nisso – a mão de Aphrodite desapareceu dentro da sua bolsa e reapareceu com o vidro roxo de perfume, o qual ela esguichou distraidamente sobre o ombro na direção aproximada de Kevin –, da próxima vez que você designar um soldado para mim, pode, por favor, escolher um que não seja tão fedido?

Stark apenas ficou olhando para ela. Aphrodite deu de ombros e o ignorou.

– Enfim, gostaria de avisar que vou para Dallas fazer um pouco de terapia de compras. E para repor a minha bota, coisa que eu realmente deveria cobrar do Cara do Arco aqui, mas, como sou tão generosa, eu mesma vou assumir o custo.

– Espere aí, então de alguma forma ela está *me* culpando pela sua bota quebrada idiota *e* pelo fato de que a sua visão era mentira? – Stark protestou.

– A minha visão não era mentira. Era real. Era verdadeira. Todas elas são.

– Então, minha querida, por que Stark não matou nenhum membro da Resistência ontem à noite, nem capturou um único vampiro azul traidor que fugiu? – Neferet perguntou em uma voz gelada como o inverno.

Aphrodite não pareceu nem um pouco perturbada.

– Simples. Mudar o resultado de uma visão é fácil. Só precisa que uma pessoa faça alguma coisinha diferente do que potencialmente teria feito e *voilà*! A visão muda. Exemplo: se apenas um membro da Resistência possuísse um nariz decente, ele deveria ter sentido o cheiro do Exército Vermelho e alertado os outros. Não é culpa minha que *ele* chegou cedo demais.

– Você não me deu nenhuma instrução sobre horário! – Stark rebateu, completamente exasperado.

– Eu dei a localização e um resultado bem sangrento. Eu tenho que fazer *tudo* por você?

– Chega! – Neferet levantou a mão.

Kevin sentiu o ambiente se transformar, ficando pesado e opressivo. Ele não conseguiu se conter. Ele olhou diretamente para a Grande Sacerdotisa.

Por trás e abaixo dela, Kevin viu sombras começarem a pulsar e a se mover. Uma das sombras se soltou das outras, deslizou pelo braço de Neferet e se enrolou na cintura dela, desaparecendo do seu campo de visão.

Os olhos verdes de Neferet encontraram os dele.

Kevin abaixou a cabeça instantaneamente, sentindo o gosto amargo de bile e do terror completo no fundo da garganta.

– Não sou uma criança, Aphrodite. Eu não preciso de uma explicação sobre como as visões proféticas funcionam. Eu sou a escolhida de Nyx na Terra. Não se esqueça disso.

Aphrodite abaixou a cabeça levemente.

– Eu nunca me esqueço disso, Grande Sacerdotisa.

– Ótimo. General Stark, talvez da próxima vez você deva cuidar para que todos os vampiros vermelhos permaneçam dentro de

veículos fechados até *depois* dos membros da Resistência caírem na emboscada.

– Sim, Grande Sacerdotisa – Stark respondeu sem nenhuma expressão.

– Agora, Aphrodite, você pode ir para Dallas, mas certifique-se de que você voltará a tempo do jogo de futebol amanhã à noite. O General Stark e eu estamos planejando uma pequena surpresa de Ano-Novo, e eu detestaria que você a perdesse. – Ela gesticulou com sua mão de unhas bem-feitas, dispensando Aphrodite. – Você pode ir.

– Obrigada, Grande Sacerdotisa – Aphrodite disse formalmente. Ela se levantou e começou a se curvar numa saudação tradicional, com o punho sobre o coração, mas de repente ela tropeçou e teria caído se Kevin não tivesse se movido rapidamente e segurado o seu cotovelo. Ela instantaneamente afastou o seu braço dele e jogou o cabelo para trás. – Eca! Eu não disse para você nunca me tocar?

– Sim, Profetisa – Kevin deixou os ombros caídos e se afastou dela.

– Aphrodite, você está bem?

Os olhos aguçados de Neferet estavam dissecando a Profetisa.

Aphrodite atirou o cabelo para trás e suspirou pesadamente.

– Estou bem. É provável que o fedor dele esteja deixando o meu estômago enjoado. Fedido! – Ela o fuzilou com os olhos. – Você pegou aquelas garrafas de vinho com sangue que eu encomendei na cozinha?

– Ahn, nã-não. Eu, eu não sabia que você…

– Ah, por favor. Não abra a boca. – Aphrodite franziu os olhos para Stark. – *Muito* obrigada por me empurrar essa coisa.

– Mas eu…

– Venha, Fedido! Será que eu tenho sempre que fazer tudo sozinha? Agora vou ter que esperar que você vá até a cozinha. Deusa! Como minha mãe diz, é impossível encontrar bons empregados.

– Sua mãe é sábia para uma humana – Neferet comentou. – Aphrodite, você vai tomar bastante cuidado, não vai? Eu detestaria que algo acontecesse a você, principalmente antes da minha surpresa amanhã à noite.

– Ah, eu estou bem. E tenho o Fedido aqui para me proteger se nós dermos de cara com membros da Resistência fazendo compras na Nordstrom. – Aphrodite se virou e encontrou os olhos de Kevin, e ele teve que se segurar para não ofegar.

Os olhos dela estavam injetados de sangue. Ele tinha certeza de que não estavam assim quando entraram no escritório.

Aphrodite foi até a porta, a qual Kevin abriu rapidamente, e depois a seguiu.

No instante em que a porta se fechou atrás deles, Aphrodite cambaleou para trás, caindo sobre Kevin.

– O que foi? – ele sussurrou ansiosamente, colocando o seu braço ao redor dela.

– Kev, leve-me até o carro. Agora. Ele está na fila da frente do estacionamento. Aqui estão as chaves. – Com mãos trêmulas, ela as pegou no bolso lateral da sua bolsa e as entregou para Kevin.

Kevin a segurou pelo cotovelo, estabilizando-a de novo, e eles saíram apressados pelo corredor, afastando-se do escritório de Neferet.

– Isto não é como nenhuma visão que já tive antes. Tem algo errado com os meus olhos! – Aphrodite tropeçou e quase caiu.

– Aqui, segure em mim. – Kevin deu o braço a ela. – Ah, merda! Os seus olhos. Parece que eles estão se enchendo de sangue!

– Deusa! Se eu desabar… se Neferet perceber que eu estou tendo algum tipo de visão estranha, ela não vai me deixar sair de jeito nenhum. E eu não quero contar para ela, seja o que for. Não quero contar nada para ela nunca mais! Ajude-me. Por favor.

– Eu estou aqui. Vai dar tudo certo. Você tem óculos de sol nessa bolsa?

– Eu… ahn… tenho sim. No bolso grande do meio.

Kevin pegou a bolsa dela e encontrou a caixa da Chanel, abrindo-a e colocando os óculos escuros no rosto dela.

– Agora segure em mim. Não solte. Não vou deixar você cair.

– A-as pessoas vão me ver segurando em você. Elas vão falar.

– Tudo bem. Vai ser como se eu estivesse a escoltando. Você pode inventar algo horrível para dizer sobre como eu sou péssimo nisso por causa do meu cheiro ruim. – Enquanto falava, ele continuou em movimento, praticamente a carregando.

– Kevin! Ah, Deusa! Está ruim. Está tudo ficando vermelho! Não consigo ver nada! – ela choramingou baixinho.

– Feche os olhos. Eu estou aqui com você. Já estamos quase lá. – Kevin os impulsionou para a frente o mais rápido possível. – Vire a cabeça para a direita, como se você estivesse olhando para fora da janela. Agora! – ele sussurrou com urgência. Ela fez isso, e ele soltou um pequeno suspiro de alívio depois que um grupo de novatos curiosos passou por eles pela esquerda. Kevin se empinou todo, endireitou os ombros e fuzilou cada um dos jovens estudantes da Morada da Noite com o seu melhor olhar aterrorizante de vampiro vermelho.

Eles rapidamente olharam para o outro lado, mal reparando em Aphrodite.

Então os dois estavam do lado de fora, e ele passou o braço ao redor da cintura de Aphrodite quando os joelhos dela cederam. Ele apertou o botão vermelho da chave e um sedã preto bem na frente deles apitou. Meio carregando, meio arrastando, ele a levou até o carro, abriu a porta e cuidadosamente ajudou Aphrodite a se deitar dentro do luxuoso assento traseiro de couro preto. Ele jogou a bagagem no porta-malas, sentou atrás da direção, colocou o carro em movimento e dirigiu o mais rápido que podia sem espalhar cascalho por toda a escola.

– Aphrodite? Tudo bem aí atrás? O que eu posso fazer?

– Leve-me até a Resistência – ela falou em meio a soluços de dor. – Eu… eu acabei de ver o que Neferet está planejando para o jogo de futebol amanhã!

---

13Referência à famosa frase “Você não sabe de nada, Jon Snow”, da série “Game of Thrones”. (N.T.)

# 27

## Zoey

– Quando ele vai chegar aqui? Será que a gente deveria encontrá-lo no meio do caminho? Por que não podemos ligar para ele? – Senti como se eu fosse surtar enquanto esperava perto da boca da caverna e assistia ao cair da noite sobre a montanha.

– O bilhete que Tatsuwa trouxe do seu irmão disse que ele sairia da Morada da Noite depois do pôr do sol. Ou seja, ele deve estar aqui a qualquer momento – Anastasia respondeu.

– Se ele não se meter em nenhum problema – Dragon acrescentou.

– Não se aflija, *u-we-tsi-a-ge-ya.* O seu irmão é um jovem responsável. Ele vai chegar logo – Vovó Redbird tentou me acalmar.

– O que a gente perdeu? Kev já está aqui? – Stevie Rae chegou apressada com Rephaim. Ambos estavam segurando canecas fumegantes de café e parecendo muito mais felizes e descansados do que eu. Tentei não sentir inveja. Afinal, tinha sido escolha minha deixar Stark para trás.

– Ainda não – eu disse, tentando não soar tão estressada e irritada quanto me sentia. – Queria que ele se apressasse.

– Tenho certeza de que ele está fazendo o melhor que pode. Só tenha um pouco de paciência e… – Vovó começou.

Houve uma série de pios de coruja que vieram de algum lugar ao longe, respondidos por outra série de pios parecidos mais perto.

– Aí está. – Anastasia sorriu. – Deve ser ele. Esse é o aviso dos Guerreiros para um amigo que está chegando.

Ela estava certa. Passaram-se apenas mais alguns minutos (incrivelmente longos), e então Kevin surgiu na curva que levava à caverna.

– *Aiminhadeusa!* Ele está carregando… – Stevie Rae observou.

– Aphrodite! – eu gritei e corri para encontrar o meu irmão e a mulher que ele levava em seus braços.

– Zo! É muito bom ver você!

– Nós já chegamos? – Aphrodite perguntou com voz fraca.

– Kevin, qual sua intenção trazendo Aphrodite aqui? – Dragon abriu caminho e passou na minha frente, fazendo eu me lembrar do babaca intolerante que ele tinha se tornado depois que Anastasia morreu.

Eu o empurrei de volta. Com força. Passei por ele e dei uma boa olhada em Aphrodite. O meu irmão estava com ela em seus braços e se mexia devagar e cuidadosamente. Aphrodite estava com uma camiseta dobrada cobrindo os seus olhos, e eu pude ver manchas escuras nela, além de rastros de lágrimas de sangue sobre o seu rosto pálido.

– Ela teve uma visão – eu disse para Dragon com um olhar duro. Toquei o braço dela delicadamente. – Como você está, Aphrodite?

– Pior do que eu pareço. Imaginando que ainda estou tão maravilhosa como sempre. Quem é você?

– Essa é a minha irmã, Zoey. – Kevin sorriu para mim.

– Oi. Ouvi dizer que nós somos amigas em outro mundo – ela falou.

– Somos sim. O que é bom, porque eu sei exatamente o que fazer para você se sentir melhor.

– Bebida e uns remédios? – ela respondeu cheia de esperanças.

Eu reconheci facilmente a sua tentativa de esconder o fato de que ela estava com uma enxaqueca debilitante e provavelmente ainda estava cega.

– Ela soa como a nossa Aphrodite, isso dá pra afirmar – Stevie Rae comentou.

– Eu não sei quem é essa, mas sei de onde ela é – Aphrodite afirmou. – Fim do mundo, em Oklahoma. Acertei?

– Mundo diferente… a mesma pessoa – Rephaim murmurou.

– Isto aqui não é uma reunião de família. É a Resistência – Dragon resmungou. – Kevin, você entende que, como ela está aqui, no nosso quartel-general, não pode mais ir embora.

– Eu pensei nisso, Dragon. E você precisa entender que, primeiro, isto é uma reunião. Ser parte da Resistência não significa que nós não podemos também ser parte de uma família. Segundo, Aphrodite está cega. Ela não conseguiu enxergar nada desde que saímos da Morada da Noite. Não tem como ela encontrar o caminho para cá de novo. Agora, será que eu preciso descer até a casa do rancho de Tina para que Aphrodite seja cuidada lá, ou você vai nos deixar entrar na caverna *que foi construída por causa da minha conexão com a Magia Antiga?*

Devo admitir que fiquei chocada por Kevin resolver enfrentar Dragon. O Mestre da Espada podia com certeza chutar o traseiro do meu irmão, e mesmo assim ali estava Kevin, segurando Aphrodite em seus braços, em confronto direto com ele.

– Bryan, Kevin é um dos nossos. E ele está certo… nós somos uma família. – Anastasia colocou a mão delicadamente no braço do seu companheiro. – Meu amor, você não confia nele?

– Confio. Kevin provou o seu valor – Dragon disse com relutância.

– Então nós precisamos confiar no julgamento dele também.

– Traga-a para dentro – foi tudo o que Dragon disse, e então ele abriu passagem.

– Anastasia, eu vou precisar de algo frio e úmido para colocar sobre os olhos de Aphrodite, e ela precisa de algo para beber. – Eu lembrei que neste mundo ela era uma vampira azul completamente Transformada e continuei: – Vinho com um pouco de sangue seria perfeito.

– Nós podemos fornecer isso. Eu volto em um instante. – Anastasia saiu apressada.

Kevin entrou na caverna e foi até a fogueira mais próxima, onde ele se ajoelhou e depositou Aphrodite com cuidado sobre o chão de pedra, recostada na parede curva.

– Rephaim, você pode correr até o nosso quarto e pegar um dos sacos de dormir para Aphrodite? Isso vai ajudá-la a ficar mais confortável – Stevie Rae pediu. Ele assentiu e foi rapidamente.

Aphrodite inclinou a cabeça para o lado.

– Eu sou amiga de uma caipira no outro mundo?

– Sim, senhora – Stevie Rae respondeu. – Mas não se preocupe. Você também tem uns parafusos a menos no nosso mundo.

– Parafusos a menos? Sério? Estou sentindo que preciso ir lá para ter uma conversa séria comigo mesma – Aphrodite falou, pressionando a camiseta que cobria os seus olhos com a mão trêmula.

Eu me sentei ao lado dela.

– Quanto tempo faz, uns quarenta e cinco minutos desde a visão?

– Sim – Kevin respondeu. – Ela teve a visão assim que estávamos saindo da Morada da Noite. Ela foi tão corajosa. Foi muito difícil para ela. Os seus olhos se encheram de sangue e ela ficou cega, mas continuou andando, continuou seguindo em frente para que Neferet não soubesse de nada. Ela é tipo um super-herói.

– Kev, você parece arrebatado. Pare com isso. – O tom de voz suave de Aphrodite tirou a dureza das suas palavras.

– Não tenho cem por cento de certeza de que sei o que é isso, mas acho que por mim tudo bem – Kevin disse.

– Isso meio que significa que você bebe a água da banheira dela, Kev. – Stevie Rae abriu um sorriso. – E gosta disso.

– Hum. Aphrodite, você gostaria que eu fizesse isso? – ele perguntou.

Eu dei um soco de leve no braço dele.

– Você vai fazer Aphrodite revirar os olhos, e isso vai doer.

– Desculpe – Kevin pareceu desapontado.

– Aphrodite vai melhorar logo. Ela só precisa descansar – eu afirmei. – Obrigada, Anastasia. – Peguei o tecido de linho limpo e molhado que a Sacerdotisa trouxe para usar como curativo. – Aphrodite, eu vou tirar a camiseta dos seus olhos e colocar um pano úmido no lugar. Você vai se sentir melhor.

– Ok – ela concordou, assentindo de modo trêmulo.

– Fique de olhos fechados. A nossa Aphrodite diz que isso ajuda – Stevie Rae acrescentou.

– Só se concentre na respiração, filha – Vovó Redbird a aconselhou.

– Quem disse isso? – Aphrodite perguntou.

– A nossa avó – eu disse. – Você vai adorá-la. Todos nós a amamos… em qualquer mundo que seja.

– Que gentileza, Zoey Passarinha. Eu vou ver se encontro um pouco de uma boa sopa reforçada. Isso vai ajudar também. – Vovó desapareceu caverna adentro.

– Ok, aqui vamos nós.

Cuidadosamente, tirei a camiseta ensanguentada do rosto de Aphrodite. Eu sabia o que veria embaixo. Quer dizer, eu já tinha ajudado Aphrodite a enfrentar as consequências das visões tantas vezes que perdi as contas. Ainda assim, era horrível. O sangue tinha coagulado nos cantos e ao redor dos seus olhos. Os cílios estavam emaranhados com a crosta. Sangue, rímel e sombra tinham escorrido pelo seu rosto, fazendo-a parecer um palhaço macabro.

– Não abra os olhos. Eu vou dar uma limpadinha. – Olhei para Anastasia, que estava olhando chocada para o rosto de Aphrodite. – Eu vou precisar de mais um desses tecidos.

– E eu vou precisar daquele vinho com sangue – Aphrodite pediu.

– É claro! Já volto.

– Aqui está o saco de dormir – Rephaim apareceu.

– Aphrodite, eu vou levantar você de novo para que consigam colocar o saco de dormir aí embaixo. Tudo bem? – Kevin perguntou.

– Sim, mas não muito rápido. Minha cabeça parece que vai explodir.

Kevin não poderia ser mais cuidadoso com Aphrodite mesmo se ela fosse um recém-nascido. *Ele está totalmente apaixonado por ela.* E àquele pensamento se seguiu outro: *Onde está Darius neste mundo?*

Anastasia voltou rápido, bem a tempo de eu terminar de limpar o rosto de Aphrodite.

– Ok – eu falei –, coloque isso contra os olhos, e eu ajudo você a beber o vinho.

Em vez de fazer isso, ela virou a cabeça na minha direção, com os olhos ensanguentados ainda fechados.

– Nós somos mesmo boas amigas, não somos?

– Com certeza – eu respondi.

– Você e eu brigamos de vez em quando – Stevie Rae disse, tocando o ombro de Aphrodite delicadamente e sentando do outro lado dela –, principalmente porque você não gosta do meu estilo de me vestir, mas você quase deu sua vida por mim. Nós também somos amigas. Boas amigas de verdade.

Aphrodite pressionou o curativo frio e úmido contra os olhos e me deixou guiar a sua mão até a caneca de vinho com sangue, a qual ela matou em apenas alguns goles. Então ela se recostou de novo na parede e suspirou.

– Melhor. Está ficando melhor. – Ela empinou o queixo e virou a cabeça na minha direção de novo. – Espere aí. Você já fez isso antes.

– Sim, muitas vezes – eu falei.

Ela ajeitou o cabelo e deu um longo e trêmulo suspiro.

– Então, como a Aphrodite de vocês lida com o fato de ser cega?

– Ela não é cega! – Stevie Rae e Kevin exclamaram juntos.

– Então por que diabos estou assim?

– Aphrodite, esta é a primeira vez que os seus olhos sangram durante uma visão? – eu perguntei.

– Sim. Normalmente eu desmaio, mas nem sempre. Nada parecido com isso já aconteceu comigo antes. É isso que acontece

com a Aphrodite de vocês em *todas* as visões dela?

– Sim. Bom, todas desde que… – Então perdi as palavras ao me dar conta do que poderia estar acontecendo. – Dragon, você me contou que Aphrodite não entregou vocês para o Exército Vermelho na noite passada, certo?

– Certo. – O Mestre da Espada se aproximou e se agachou perto de nós.

– É claro que não. Eu não sou um maldito monstro. Eu odeio essa merda de guerra.

– E ela odeia que Neferet use as visões dela como arma – Kevin acrescentou.

– Kev, eu posso falar por mim. Mas o que ele disse é verdade.

– Há quanto tempo? – eu perguntei.

– Eu não sei o que você…

– Desculpe, eu não estou sendo clara. Há quanto tempo você odeia ser usada por Neferet?

Ela encolheu um ombro.

– Não sei.

– Sim, você sabe – Kevin disse. – Conte a ela. Zoey vai entender.

A cabeça dela se virou na direção de Kevin.

– Ela pode entender, mas ninguém mais vai.

– Eu entendi – ele rebateu.

– Eu vou me esforçar ao máximo para entender – Stevie Rae prometeu.

– Assim como eu – Rephaim falou. – Ah, eu sou Rephaim. O companheiro de Stevie Rae. Não tenho certeza se nós somos realmente amigos no nosso mundo, mas você me chama de Menino-Pássaro, o que eu gosto de pensar que é um apelido em vez de um insulto.

– Não tenho ideia do que você quer dizer com isso – Aphrodite respondeu. – Mas oi. Você deve ser alto. Isso é um ponto a seu favor. – Então ela limpou a garganta e continuou. – Eu odeio como Neferet me usa desde que tive a visão com Lenobia e Travis. Os seus amigos e os seus cavalos. Todos sendo assassinados.

– Foi você! Você é o motivo de estarem todos mortos! – Dragon fuzilou Aphrodite e Kevin com os olhos. – E você a trouxe *aqui?*

– Ei, espere aí. Você não ouviu a história inteira. Aphrodite…

– Kev! Eu disse que posso falar por mim. Dragon Lankford e quem mais estiver escutando, eu vou contar a história. Eu tive uma visão horrível que mostrou a morte de Lenobia. Eu *era* Lenobia. Eu senti tudo que ela sentiu quando perdeu o seu amante, os seus amigos e os cavalos que amava mais do que a própria vida. Vocês sabiam que Lenobia foi a última a morrer? Que ela assistiu ao massacre inteiro? Eu *não* fui até Neferet para contar a visão que tive. Eu estava *com* Neferet quando aconteceu. Ela agiu como se estivesse preocupada comigo. Ela me ajudou a passar por isso. O tempo todo, ela estava apenas extraindo os detalhes para saber para onde enviaria o seu terrível Exército Vermelho. E foi aí que eu comecei a odiá-la.

– Mas você não foi embora. Você não se juntou à Resistência – Dragon afirmou.

– Não. Eu não me levantei contra ela como deveria. Eu fui complacente. Mas eu a evitei. Comecei a passar muito tempo sozinha, para o caso de eu ter uma visão. E, quando eu não conseguia evitá-la, quando ela sabia que eu estava tendo uma visão, ou quando ela me ameaçava para que eu admitisse ter tido uma, eu só contava detalhes confusos. Foi só recentemente que eu percebi que isso ainda me fazia ser sua cúmplice. Então, eu decidi

lutar quando vi você no riacho. E eu vou continuar lutando. Não quero mais sangue nas minhas mãos – ela suspirou. – Posso tomar mais um copo de vinho, por favor? Tem champanhe na minha mala. Você trouxe, certo, Kev?

– Prove – Dragon disse.

Aphrodite curvou seus lábios carnudos em um meio-sorriso irônico muito familiar.

– Bom, eu não posso pegar minha maldita mala pessoalmente agora, mas se alguém buscá-la para mim posso mostrar que trouxe champanhe.

– Você sabe que não foi isso o que eu quis dizer! – Dragon berrou. – Estou pedindo provas de que você mudou de lado.

– Bryan, deixe a garota descansar primeiro – Anastasia pediu.

– Não, meu amor. Nós estamos em guerra. Não existe isso de "descansar primeiro" quando você está em guerra. Aphrodite, se você se voltou contra Neferet, prove que é verdade.

– Ahn, Dragon, eu posso provar – eu falei.

– Isso vai ser ótimo – Aphrodite comentou.

Eu dei um chute de leve na perna dela e sussurrei:

– Isso não ajuda em nada. – Então encarei Dragon, sentindo-me um pouco parecida com o meu irmão. – A Aphrodite do nosso mundo só começou a ter visões que deixam os olhos ensanguentados depois que ela tomou a decisão de se tornar uma força do bem, uma decisão que Nyx aprovou. Eu sei disso porque a Deusa apareceu diversas vezes no nosso mundo. Aphrodite mudou. Aposto a minha vida nisso.

– Eu também – Kevin afirmou.

– Isso aconteceu no seu mundo. Não no nosso – Dragon disse com teimosia.

– Ótimo. Então, que tal isto? Vocês sabem que Neferet determinou que o jogo de futebol Bedlam aconteça amanhã à noite no Estádio Skelly, certo?

– Todo mundo em Oklahoma sabe disso – Dragon respondeu.

– E a maior parte do Texas também – Anastasia acrescentou.

– É claro que sim. Os caipiras realmente adoram o futebolzinho deles. – Aphrodite balançou a cabeça de desgosto e então fez uma careta para a dor que o movimento causou. – Mas o que vocês não sabem é que eu acabei de ver tudo em uma visão. A ideia de Neferet para a celebração de Ano-Novo é ordenar que o seu Exército Vermelho massacre o time perdedor. Todos. Jogadores, líderes de torcida, o que eu acho pessoalmente inaceitável, e técnicos. Todo mundo da equipe. E, depois disso, *ninguém* vai se atrever a desafiá-la.

– Isso é horrível! – Stevie Rae exclamou.

– Ah, Deusa! Isso é muito ruim! – Anastasia disse.

– Espere aí, Bedlam? – O meu olhar chocado encontrou o do meu irmão.

Ele assentiu.

– Sim. Heath vai estar lá, como quarterback titular da Universidade de Oklahoma.

# 28

## Zoey

A visão de Aphrodite percorreu a Resistência como um choque. Dragon e Anastasia instantaneamente se puseram em movimento, levando todos nós – Kevin, Aphrodite, Stevie Rae, Rephaim, Vovó Redbird e eu – para um lugar que eles chamavam de centro de briefing: uma sala oval com teto baixo e só uma entrada e saída. Alguém havia colocado ali pedras com a parte de cima plana, grandes o suficiente para servirem de cadeiras improvisadas, dispostas em um círculo. Sentamos todos, até mesmo Aphrodite, que estava apenas começando a recuperar sua visão.

– Imagino que você veio para cá com um plano – Dragon focou sua atenção em mim assim que estavam todos sentados.

– Sim – respondi.

– Agora é uma boa hora para você compartilhar esse plano conosco – ele me estimulou a prosseguir.

– Ok, mas eu vou contar um monte de coisas sobre o meu mundo, e sei que vocês vão ter perguntas, então por favor deixem-me terminar antes de começarem a fazê-las.

– Parece razoável – Dragon disse, e Anastasia assentiu.

Enxuguei minhas mãos suadas na calça jeans e desandei a falar sobre o meu plano, que consistia em duas partes, explicando sobre Kalona o mais rápido e o mais completamente que conseguia – quem ele realmente era, o que ele fez no nosso mundo. Contei até sobre o meu círculo e como eu precisaria do poder daqueles com afinidades elementais para ajudar a conter Kalona quando eu o libertasse, até que nós conseguíssemos convencê-lo a trabalhar conosco, influenciando vampiros em toda parte a acreditar na verdade: que Neferet não estava seguindo a vontade de Nyx. Contei a eles sobre como o sacrifício de Aphrodite no nosso mundo tinha permitido que os nossos vampiros e novatos vermelhos mantivessem a sua humanidade. E também contei sobre a nossa Neferet. Eles já tinham lido o diário dela. Kevin o havia trazido com ele do nosso mundo, então eles conheciam as origens dela, mas eu forneci ainda mais detalhes: como ela tinha se aliado às Trevas e ao Touro Branco e se tornado uma bruxa Tsi Sgili, uma imortal tão completamente em conluio com o mal que ela tratava filamentos de Trevas como se fossem filhos.

Quando terminei, a sala estava quase totalmente em silêncio, e as palavras de Aphrodite cortaram esse silêncio como um barco rasgando águas plácidas.

– Bom plano, mas, se nós vamos impedir o massacre amanhã, só há tempo para a parte onde eu, de algum modo, devolvo a humanidade ao Exército Vermelho.

– Sim, eu já me dei conta disso – concordei com tristeza.

– Filamentos de Trevas? Como eles são? – Kevin perguntou.

Stevie Rae estremeceu.

– São super nojentos. Como cobras pretas gigantes, sem olhos e com grandes bocas cheias de dentes horríveis. No nosso mundo,

Neferet os manteve escondidos por um tempo dos vampiros azuis, mas eles não podem se esconder de quem já barganhou com as Trevas.

– O que isso significa? – Dragon questionou.

– Significa que Neferet poderia esconder os filamentos de mim, de você ou de Anastasia, mas não poderia escondê-los de Stevie Rae nem de Rephaim, porque Rephaim já foi uma criatura das Trevas e Stevie Rae era aliada das Trevas antes de o sacrifício de Aphrodite salvá-la.

– Oh. – Kevin pareceu enjoado. – Foi por isso que ela não conseguiu escondê-los de mim hoje no escritório.

– Você viu alguma coisa? – eu quis saber.

Ele estalou as juntas dos dedos e passou a mão no rosto para enxugar o suor.

– Sim, eu vi. Eles deslizaram das sombras atrás dela. Eu não sabia que diabos estava vendo. Na verdade, pensei que estava imaginando coisas, e depois meio que esqueci disso quando Aphrodite teve a sua visão. Mas eles eram exatamente como Stevie Rae descreveu. Coisas horríveis parecidas com cobras, só que não pareciam muito sólidos. Era como se ainda fossem parte das sombras… por mais estranho que pareça.

– Não parece nada estranho, Kev – Stevie Rae disse. – Parece que ela acabou de começar a manifestá-los.

– Espere aí, o quê? – Aphrodite tirou o tecido do rosto e se virou, com olhos franzidos, para Kevin. – Eu não vi nada.

– O que é mais uma prova de que a nossa Aphrodite aqui tem sido imatura e egoísta, mas nunca se aliou às Trevas, não é mesmo, Zoey Passarinha? – Vovó Redbird perguntou.

– Com certeza – eu respondi. Aphrodite franziu o cenho e começou a protestar, então eu continuei rapidamente: – E também é uma prova de que o nosso tempo está se esgotando.

– Você acha que a nossa Neferet está se tornando imortal – Anastasia afirmou.

– Sim, é disso que tenho medo – eu concordei.

– Então nós temos que tirar dela o máximo de poder que pudermos *agora*, antes que seja tarde demais – Aphrodite concluiu. – Ela já é péssima pra cacete. Ela quase dominou o mundo de vocês, e lá ela nem sequer tem um Exército Vermelho.

– Vai ser impossível detê-la como a líder dessas criaturas quando ela manifestar completamente o poder das Trevas e se tornar imortal – Dragon disse sombriamente. – Nós não vamos ter nenhuma chance.

– Isso tudo é horrível. – Vovó balançou a cabeça de desgosto. – Neferet mexeu com o equilíbrio entre Luz e Trevas usando esses pobres e atormentados vampiros vermelhos. É uma verdadeira abominação da natureza.

Como se tivesse levado um choque, eu endireitei as costas no banco de pedra.

– Vovó! O que você acabou de falar?

– Que Neferet é uma abominação da natureza?

– Não! Não sobre Neferet! – Eu mal podia conter a minha excitação. – Os vampiros vermelhos! O Exército Vermelho dela é uma abominação da natureza… uma deturpação de nós, vampiros azuis. Isso é bom. Isso é muito, *muito* bom.

– A sua irmã está falando coisas sem sentido – Dragon se dirigiu a Kevin.

– Tem sentido sim! – Os olhos azuis de Stevie Rae estavam faiscando de euforia. – Você está pensando no que o espírito disse sobre Magia Antiga, né?

– Sim! – Eu tentei explicar. – Não sou especialista em Magia Antiga, mas já a usei várias vezes e sei algumas verdades sobre ela. Primeiro, ela é caprichosa, instável. A Magia Antiga não toma partido. Ela não funcionou comigo só porque eu sou da galera do bem, assim como ela não funcionou com Kev pela mesma razão. Funcionou porque eles reconheceram nosso sangue ancestral e demos a eles pagamentos que foram aceitos.

Vovó Redbird assentiu.

– A Magia Antiga funciona com Neferet, e ela definitivamente não é do bem.

– Exatamente. De algum modo, a Magia Antiga a reconheceu – eu afirmei.

– Isso provavelmente aconteceu quando ela era uma jovem garota e de algum modo ficou ligada ao abuso que ela sofreu nas mãos do pai dela – Anastasia concluiu.

– E ninguém pode imaginar o preço horrível que ela pagou por isso – Kevin acrescentou.

– Certo. Neferet apenas seguiu as regras dos espíritos e, como eles não tomam partido na batalha entre Luz e Trevas, não tiveram nenhum problema ético em ajudá-la. É assim que a Magia Antiga funciona. A menos que uma abominação da natureza ocorra e precise ser consertada. Sei disso porque Oak me fez purificar uma árvore no jardim da nossa escola que tinha sido arruinada pelas Trevas. Oak me disse isso. Ela queria que a árvore fosse purificada porque os espíritos não toleram algo que consideram uma abominação da natureza.

– Oak? A minha Oak, o espírito da terra? Você a conhece? – Kevin perguntou.

– Sim, e não diga que ela é sua. Nunca se esqueça de que ela é perigosa… todos eles são. Todo mundo aqui tem que entender isso: a Magia Antiga muda quem a usa. Ela vicia. É destrutiva. A única vampira que eu conheço que fez isso de forma muito bem-sucedida é a Rainha Sgiach da Ilha de Skye, e tenho certeza de que ela não é mais realmente uma vampira.

– A Rainha Sgiach também está neste mundo – Anastasia disse. – Embora ninguém fale com ela nem entre na sua ilha há mais de um século.

– Era assim no meu mundo também, antes de eu ir até lá.

– Ela permitiu que você entrasse na ilha? – Dragon soou incrédulo.

– Mais do que isso. – Stevie Rae sorriu orgulhosamente para mim. – Ela e Z se tornaram boas amigas, tão amigas que Sgiach a nomeou como uma Rainha também.

– Isso é realmente incrível! Talvez a gente deva levar você até Skye – Anastasia sugeriu. – A ajuda de Sgiach definitivamente seria útil para nós.

– Eu ficaria feliz de ir até lá e conversar com ela – eu ofereci.

– Não há tempo para isso – Aphrodite lembrou. – Não antes do massacre de amanhã à noite.

– Eu não posso ir para Skye a tempo de impedir isso, mas eu posso invocar a Magia Antiga. Tudo que eu tenho que fazer é convencer os espíritos de que os vampiros vermelhos no seu estado atual são uma abominação da natureza, e conseguir a ajuda deles para purificá-los.

– Mas usar tanta Magia Antiga assim não vai mudar você? – Kevin perguntou.

– Não. Eu, na verdade, não vou brandir Magia Antiga. Os espíritos vão estar por conta própria. Eles não vão trabalhar através de mim.

– Mas eles ainda exigirão um pagamento – Rephaim disse. – A Magia Antiga *sempre* exige um pagamento.

– Eu pago.

Todo mundo encarou Aphrodite.

Ela deu de ombros.

– O que foi? A outra eu fez isso no mundo de Zoey. Por que diabos eu não faria isso neste mundo? – Aphrodite encontrou o meu olhar. – A sua Aphrodite perdeu a Marca quando salvou os vampiros vermelhos, certo?

– Sim, ela perdeu.

– Mas ela não era uma vampira completamente Transformada como eu. Certo?

– Certo de novo – eu confirmei. – Ela ainda era uma novata, apesar de já estar tendo visões.

– Bom, então, eu provavelmente vou perder parte da minha Marca. Isso não feriu a sua Aphrodite, e ela, no fim, se tornou uma Grande Sacerdotisa *e* uma Profetisa de Nyx com poderes especiais, não foi?

– Bem, sim – eu respondi. – Mas não foi assim tão simples. A nossa Aphrodite teve que passar por *muita* coisa para se tornar tudo isso. Na verdade, não tem como saber qual vai ser o custo disso neste mundo.

Ela deu de ombros de novo.

– Será menor do que as mortes de centenas de pessoas inocentes.

– Aphrodite, como estão a sua mãe e o seu pai aqui? – Stevie Rae perguntou.

Aphrodite pareceu surpresa com a pergunta, mas a respondeu facilmente.

– O meu pai morreu um ano atrás de ataque cardíaco. A minha teoria é de que a minha mãe encheu tanto o saco dele que ele morreu. Agora ela é prefeita de Tulsa.

Dragon bufou de desprezo.

– Frances LaFont está firmemente do lado de Neferet.

– Mas não literalmente – Aphrodite completou. – Ela nunca botou os pés na propriedade da Morada da Noite. Ela prefere ficar a salvo no luxo da Mansão Skelly e simplesmente concorda com tudo que Neferet fala. Por que a pergunta, Stevie Rae?

– Bom, o seu pai morreu no nosso mundo também. – Stevie Rae deu uma olhada para mim, e eu assenti. – E a sua mãe também. Mas, antes de ela morrer, você deu uma dura nela, e o que aconteceu entre vocês de certa forma levou a nossa Aphrodite até o seu limite.

– E daí? A minha mãe é péssima. Em qualquer mundo nós não nos damos bem.

– Você quase morreu de tanto beber e se drogar – eu contei. – E, quando você chegou lá no fundo do poço, foi aí que conseguiu se livrar dos seus pais horríveis e superar as coisas péssimas que eles fizeram com você. Você cresceu, enfim.

Aphrodite franziu os olhos para mim.

– Eu sou uma vampira azul adulta e uma Profetisa de Nyx.

– Eu não estava falando sobre isso. Você também já era assim no meu mundo.

– Não. Você disse que eu perdi a minha Marca. Eu não era uma vampira ainda.

Eu suspirei.

– Ok, está bem. O que eu estou tentando fazer você entender é que…

– Eu entendi. É perigoso. Eu vou perder alguma coisa em troca de fazer essa coisa boa. Tudo bem. – Aphrodite se virou para encontrar o olhar de Dragon. – Se eu fizer isso, você vai acreditar que eu sou diferente agora? Vai ser uma compensação por Lenobia?

– Isso não vai trazê-la de volta, é claro – Dragon respondeu. – Mas é um sacrifício válido por ela, e ela seria grata por isso.

– Ótimo. Então é isso. Nós vamos para o jogo de futebol e eu vou tratar de fazer com que o Exército Vermelho desperte.

A noite passou rápido demais. A caverna – a qual eu nem tive tempo bastante para explorar, mas podia dizer, pelo pouco que vi, que era simplesmente incrível – estava repleta de energia enquanto Dragon colocou todo o quartel-general da Resistência em movimento para se preparar para o que estava por vir.

– Mas como vocês vão levar discretamente todos esses combatentes da Resistência para dentro do jogo sem que Stark e os outros suspeitem? – Aphrodite perguntou.

Nós tínhamos saído da sala de briefing para nos reunirmos mais confortavelmente em volta da fogueira principal perto da entrada da caverna. A visão de Aphrodite havia voltado e eu me espantava a todo momento com a sua familiaridade – e, ao mesmo tempo, a diferença da minha Aphrodite. Esta era mais magra e de algum modo parecia mais velha, embora as duas tivessem exatamente a mesma idade. E ela parecia mais triste e mais vulnerável, o que

definitivamente tentava esconder sob uma fachada arrogante típica de Aphrodite. Claro, isso era muito parecido com o que a minha Aphrodite fazia logo que a conheci, mas ela era melhor em esconder as coisas do que esta Aphrodite.

Depois de conhecê-la por menos de um dia, para mim era muito fácil dizer que esta Aphrodite era solitária. Muito solitária. Eu sentia uma dor no coração por ela, e isso também me fazia entender, de novo, como a amizade era importante. Sem a gente – sem a força e a amizade da nossa Horda Nerd, a Outra Aphrodite era triste e perdida.

Eu estava determinada a ajudá-la a encontrar a si mesma.

– Facinho! – Stevie Rae respondeu. – A resposta está na mochila de Z. A gente só precisa tomar cuidado com a quantidade que vamos usar para garantir que vai dar pra cobrir todo mundo que precisa.

– Do que ela está falando? – Aphrodite me perguntou.

– Eu trouxe um pote grande de cobertura profissional para tatuagens de vampiros. A gente pensou que precisaria disso para Stevie Rae e provavelmente para mim também. – Levantei as mãos e então puxei de lado a gola da minha camiseta para deixar que eles vissem um pouco das tatuagens que adornavam o resto do meu corpo.

– Você foi em um tatuador? – Aphrodite franziu o nariz.

– Não. Nyx me deu estas tatuagens. E mais algumas além destas. Antes de eu passar pela Transformação, ela costumava me dar uma tatuagem extra a cada vez que eu fazia algo importante para mostrar que eu estava seguindo o seu caminho.

– Achei essas tatuagens adoráveis antes de saber que eram um presente de Nyx. – Vovó passou os dedos levemente sobre o

desenho intrincado na palma da minha mão. – Agora acho que elas são extraordinárias.

– Obrigada, Vovó. Enfim, só é preciso de um pouco da maquiagem que eu trouxe para que um vampiro vire um humano, mesmo se chover – eu concluí.

Dragon assentiu.

– Essa é uma ideia excelente, mas não vai funcionar para mim e Anastasia. Os nossos rostos são muito reconhecíveis.

– Ah, eu acho que você vai se surpreender com os resultados – eu disse. – Cubram as suas Marcas. Coloquem uns moletons do Eskimo Joe's[14] e bonés da Universidade de Oklahoma e levem alguns pompons de torcida e essas coisas, e juro que nenhum vampiro azul, principalmente um general ou Grande Sacerdotisa, vai sequer prestar atenção em vocês.

– Ela está certa – Aphrodite concordou. – Vocês vão ser apenas mais uma geladeira ambulante para eles. Mal vão olhar para vocês.

– Pode ser que funcione mesmo – Dragon falou.

– Tem que funcionar – eu afirmei.

– Como você vai invocar os espíritos? – Anastasia perguntou.

– Juntos! – Kevin e eu respondemos ao mesmo tempo.

– Toque no verde! – ele exclamou e deu um soquinho no meu ombro.

– Pode parar! Além disso, tenho certeza de que eu ganho de você. De novo – eu disse para ele. – Mas, sim. Nós vamos chamar os espíritos juntos. Eles devem nos escutar e aparecer.

– Vocês não podem chamá-los aqui e explicar o que está rolando? – Aphrodite perguntou. – Não parece muito inteligente deixar a parte mais importante do plano para arriscar no último minuto com uma magia que, como você disse, é caprichosa.

– O meu instinto me diz para esperar até o jogo e chamar os espíritos só quando Neferet der a ordem para o Exército Vermelho devorar o time perdedor – Kevin disse. – Zo falou que eles não tomam partido, mas que abominações da natureza os deixam irritados. Bom, uma horda salivante de vampiros vermelhos tipo zumbis é uma abominação bem grande.

– Acho que Kevin está certo – eu concordei. – Os espíritos têm que entender como os vampiros vermelhos são péssimos, e a melhor maneira de fazer isso é demonstrando na hora em que estão se preparando para massacrar um monte de gente inocente. Mas entendo o que Aphrodite está dizendo. A gente precisa conversar sobre o nosso círculo.

– Que círculo? – Aphrodite perguntou.

– Exatamente – eu falei. – A gente precisa de um. Um círculo forte. Se a gente se espalhar ao redor da circunferência do estádio e traçar um círculo amplo em volta dele, vamos ter certeza de que os espíritos vão ouvir o nosso chamado.

– Parece razoável – Anastasia comentou. – Mas você também explicou que precisa de um círculo feito com gente que tenha afinidades elementais, e nós não temos nenhum vampiro com esses dons aqui.

– Eu falei que precisava desse tipo de poder no círculo para conter Kalona, um imortal nervoso e meio doido. – Dei uma olhada para Rephaim. – Sem ofensas.

– Não me ofendeu. O meu pai ficou enlouquecido quando foi sepultado pelas Mulheres Sábias.

– Mas – continuei –, para um círculo normal que só precisa ser forte o suficiente para concentrar a nossa invocação dos espíritos, não precisaremos de mais poder do que temos bem aqui. – Então

eu sorri para Anastasia. – E vocês têm, *sim*, pelo menos um vampiro com uma afinidade elemental. Ou, para ser mais precisa, com afinida*des* elementais. – Apontei para Kevin. – O meu irmão, assim como eu, tem afinidade com os cinco elementos.

– É verdade! Você é tão jovem que eu me esqueço de como você é um vampiro poderoso e cheio de dons, Kevin – Anastasia lembrou.

– Espere aí, o quê? – Aphrodite pareceu totalmente chocada. – Por que você não me contou nada disso, Kevin?

Ele encolheu os ombros e as suas bochechas ficaram vermelhas.

– Acho que o assunto não surgiu.

– E eu tenho afinidade com a terra – Stevie Rae afirmou.

– Então, três das cinco pessoas no círculo têm verdadeiras conexões com os elementos, certo? – Dragon perguntou.

– Certo – eu respondi. Então sorri para ele. – Dragon, acho que você seria perfeito para invocar o fogo.

Ele piscou os olhos, surpreso.

– Eu? Mas não sou uma Sacerdotisa.

– Não, mas você definitivamente é inflamado – Kevin disse. – E não estou sendo desrespeitoso com isso.

Anastasia conteve uma risadinha, o que a fez parecer uma adorável garotinha.

– Bryan, Zoey está certa. Você tem o dragão dentro de você, e ele definitivamente é ardente.

Eu sorri para Anastasia.

– O que faz com que você seja a escolha perfeita para invocar o ar. Você sempre vai ser capaz de alimentar o fogo do dragão *e* sempre vai saber quando assoprar para apagá-lo.

O sorriso de Anastasia resplandeceu quando ela inclinou a cabeça levemente para mim.

– Grande Sacerdotisa, eu reconheço a sua sabedoria e concordo. Serei o ar amanhã à noite.

– Obrigada, Grande Sacerdotisa. – Inclinei a cabeça para ela em retribuição.

– Oh, Zoey. Eu não sou uma Grande Sacerdotisa – ela falou rapidamente.

– Claro que é – eu afirmei. – Esse é um título que não pode ser tirado por ninguém, exceto Nyx, e eu sei que você e a Deusa são muito próximas.

– Isso enche meu coração de alegria – ela respondeu, com lágrimas de felicidade se represando em seus olhos.

– O que eu devo ser? Água ou espírito? – Kevin perguntou.

– Você escolhe – eu respondi.

Ele pensou por um instante, e então eu vi quando o olhar dele encontrou Aphrodite.

– Água – ele disse. – Gosto de pensar em lavar a tristeza e mandá-la embora.

Eu assenti e não disse mais nada, porque sabia que isso só ia deixá-lo constrangido de novo, mas naquele momento eu não poderia sentir mais orgulho dele. E pensei que, se Darius não estivesse vivo neste mundo, talvez, apenas talvez, Kevin e Aphrodite poderiam encontrar a felicidade juntos.

– Johnny B! – Dragon gritou, fazendo com que eu desse um pulo e perdesse a minha linha de pensamento.

O garoto veio correndo, e eu tentei não ficar olhando embasbacada. Neste mundo, ele era um vampiro completamente

Transformado com uma tatuagem feita com linhas geométricas fortes cor de safira, que formavam bonitos triângulos.

– Sim, Dragon – ele disse, chegando de uma fogueira próxima, onde estava flertando com uma novata.

– Pegue o caminhão de Tina emprestado. Depois cubra a sua tatuagem com a maquiagem que Zoey trouxe. Vá para a cidade e compre o máximo de camisetas e toda aquela parafernália de torcedor da Universidade Estadual de Oklahoma e da Universidade de Oklahoma que você encontrar. O suficiente para que cada Guerreiro esteja usando alguma coisa.

– E para nós – Anastasia acrescentou. – Para nós também.

– Sim, precisamente. Pegue o bastante para Anastasia, Zoey, Stevie Rae e Aphrodite também – Dragon falou. – E seja cuidadoso indo a várias lojas diferentes. Não compre muita coisa em um lugar só. Não atraia a atenção de ninguém.

– Sim, Dragon! – Ele saiu apressado.

– Como vamos conseguir levar armas para dentro do estádio? – Dragon perguntou. – Devem ter detectores de metal. Sempre tem.

– Nós não vamos levar as armas para dentro. O Exército Vermelho é que vai – Kevin afirmou.

– E como isso vai nos ajudar? – Dragon questionou.

– Isso vai nos ajudar muito quando a gente pegar as armas *do* Exército Vermelho. Uma por uma. Enquanto o jogo estiver rolando. Vai ser super fácil para qualquer *humano* atrair soldados do Exército Vermelho sozinhos para um lugar escuro… uma cabine de banheiro ou qualquer lugar em que eles não estejam à vista de nenhum dos Guerreiros azuis de Stark. E quando o humano revelar que é um Guerreiro da Resistência disfarçado, o vampiro vermelho não vai ter a menor chance.

– Mas tentem não matar os vampiros vermelhos – Stevie Rae acrescentou. – Eles vão voltar a si assim que Aphrodite der um jeito neles, e todos merecem uma segunda chance.

– Eles fizeram coisas terríveis – Dragon lembrou.

– Mas não porque queriam – Stevie Rae argumentou. – Eles não têm vontade própria. Eles só têm fome e raiva. Eu sei. Já estive no lugar deles. Dê uma segunda chance a eles, Dragon Lankford.

O Mestre da Espada assentiu devagar.

– De acordo. Vou dar a ordem para rendê-los e deixá-los inconscientes.

– Você é um bom Guerreiro, Bryan, e um homem ainda melhor. – Anastasia se inclinou sobre ele e o beijou com carinho.

– Só porque eu sou o seu Guerreiro e o seu homem.

Tive que desviar os olhos deles porque eu estava me sentindo sufocada. Era ótimo vê-los de novo, juntos e felizes, mas isso também me fazia lembrar de como eu sentia falta deles, e isso era algo que eu tinha que levar de volta para o meu mundo. Olhei para Aphrodite. A sua cabeça loira estava inclinada na direção de Kevin e ela estava rindo de algo que ele disse. E, de repente, eu me dei conta de que eu ia sentir falta dessa Aphrodite também.

---

14Bar e restaurante na frente da Universidade Estadual de Oklahoma. (N.T.)

# 29

## Zoey

– Só faltam três horas para o sol nascer – Dragon falou com uma voz que preencheu toda a grande entrada do sistema de cavernas onde os membros da Resistência haviam se reunido. – Todos que vão conosco sabem como funcionará o nosso plano. Terminem de se preparar. Comam. E depois durmam. Aqueles que vão permanecer aqui também precisam ficar alertas e prontos para se mexer, e rápido. Se as coisas não seguirem de acordo com o plano, Anastasia vai enviar Tatsuwa para cá com um aviso. – Dragon olhou em volta até que avistou a minha avó. – Sylvia Redbird, eu gostaria de pedir que você assumisse a responsabilidade sobre aqueles que vamos deixar para trás. Você pode fazer isso?

Vovó abaixou a cabeça levemente.

– Será uma grande honra.

– Obrigado. Tatsuwa vai ser avisado para encontrar você. Se ele vier portando uma mensagem ruim, você precisa fazer a evacuação imediatamente. Leve as pessoas até o riacho Polecat. Nós temos jangadas escondidas na vegetação perto da velha ponte de madeira. Drew! – Dragon gritou.

O jovem, baixo e muito musculoso vampiro se levantou.

– Sim, Mestre da Espada!

– Quero que você seja o Guerreiro que permanecerá aqui. Sylvia vai precisar de ajuda para levar os mais jovens até o rio, e você sabe exatamente onde as jangadas estão escondidas.

– Farei isso, e vou cuidar daqueles deixados sob minha responsabilidade. Eu juro por Nyx.

– Excelente. Sylvia, se chegar a esse ponto, vocês devem seguir nas jangadas até o ponto em que o Polecat deságua no rio Arkansas, perto do Aquário de Oklahoma em Jenks. Lá, vocês se encontrarão com o dono de uma barcaça que vai escondê-los dentro de caixas de transporte até que vocês cheguem a Fort Gibson. De lá, a Resistência do Arkansas levará vocês para as cavernas escondidas deles.

– Mas nós temos fé de que seremos vitoriosos! – Anastasia disse, levantando o punho em uma saudação de vitória que foi ovacionada por todos. – Descansem agora. Passem tempo com aqueles que vocês amam, já que esse tempo nunca é desperdiçado. E que as bênçãos de Nyx estejam conosco para que todos nós sejamos abençoados.

– Abençoados sejam todos! – As pessoas responderam e depois se dividiram em casais e grupos pequenos.

Eu apreciei a energia de todos. Nós estávamos todos preocupados, é claro, mas não tinha um nervosismo frenético ali. Só havia um sentimento sereno de determinação. Todos compreendíamos que poderíamos morrer ou ser capturados no dia seguinte, mas tínhamos o mesmo foco: acabar com o reino de Trevas e abusos de Neferet, e esse foco compartilhado era também força e conforto compartilhados.

Kevin deu um tapinha no meu ombro e fez um gesto para que eu o seguisse até a boca da caverna.

– Ei, venha aqui um segundo.

Nós fomos até a abertura da caverna, onde estava mais frio e escuro do que lá dentro.

– Está sempre congelando aqui fora – eu disse.

– São os espíritos – Kev explicou. – Eles mantêm esta montanha gelada e com neblina e, se alguém suspeito chega perto demais, começa a chover granizo. É incrível, de verdade.

– Magia Antiga – eu suspirei. – É bem louco no bom sentido, mas às vezes é só louco mesmo.

– É verdade. – Ele se virou para encontrar o meu olhar. – Obrigado. Sei que você está aqui porque estava preocupada comigo.

– Sim, bem, eu não queria que você virasse alguém como Neferet.

Ele estremeceu e estalou a junta dos dedos.

– Eu realmente nunca tive nada a ver com ela até voltar do seu mundo e, sério, Zo, aquela vampira é assustadora.

– Ei, antes de ela canalizar os poderes para se tornar uma imortal surtada com filhotes tipo cobras, ela conseguia ler mentes no meu mundo. *Isso* era um pé-no-saco.

– Sério? Ela não parece capaz de fazer isso neste mundo. Graças à Deusa. Como vocês contornavam isso?

Eu abri um sorriso.

– Bom, ela nunca conseguiu ler a minha mente, mas Damien fez todo mundo memorizar palavras do dicionário e suas definições para usar sempre que ela estivesse por perto. Era super educativo e super irritante.

– Aposto que ele se divertia fazendo isso.

– Sim, muito. Damien está no seu nível máximo de felicidade quando está bancando o professor. E isso é uma coisa que eu preciso lembrar quando chegar em casa. Então, nota mental: fazer com que Damien tenha sua própria sala de aula e possa ensinar qualquer coisa que o deixe feliz.

– Você é mesmo uma boa Grande Sacerdotisa.

O elogio dele me deu uma onda de alegria.

– Obrigada, Kev! Ei, você está sendo incrível aqui. Por causa de você, a Resistência tem tudo isto, e Aphrodite está indo em direção ao caminho certo.

– Só espero que ela seja forte o bastante para trilhá-lo – ele disse em voz baixa.

– Ela é forte no meu mundo. Você sabe disso. Ela vai ser forte o bastante aqui também.

Ele assentiu.

– Você está certa. Uma das coisas que ela mais odeia é ser subestimada. Não vou cometer esse erro.

– Assim como você não vai cometer o erro de se apaixonar por ela? – eu perguntei, em parte para provocá-lo, mas também falando sério.

– Tarde demais para isso.

– É, eu já percebi. Tome cuidado com seu coração, Kev. Darius é o Guerreiro dela. Eles se completam. Você viu os dois juntos, então sabe que isso é fato. Quando ele aparecer neste mundo, você provavelmente vai perdê-la, e eu não quero ferir os seus sentimentos nem dar a entender que você não importa. Eu só quero lembrá-lo da verdade.

– Eu sei. – Ele ficou encarando a noite. – Mas eu não posso evitar. Eu a amo, Zo.

Eu já temia isso, então a declaração dele não me pegou de surpresa.

– Eu entendo. Só esteja preparado. Kev, ela sabe sobre Darius?

Ele balançou a cabeça.

– Acho que não. Ela não o mencionou e eu não conheço nenhum Darius neste mundo – Kevin suspirou. – Os Guerreiros foram espalhados por todo o Meio-Oeste para comandar os estados que Neferet controla. Ele pode estar em qualquer lugar. Ou pode ter morrido em batalha.

– E você não contou a Aphrodite sobre o Guerreiro dela no meu mundo?

– Não, Zo, porque ela não está no seu mundo! – ele falou rispidamente. Então suspirou de novo e passou a mão pelo seu cabelo grosso e escuro. – Desculpe. Eu não quis soar como um babaca. Só estou tentando fazer o melhor que posso. Aconteceu um monte de coisa em um espaço muito curto de tempo.

– Eu entendo. Só cuide bem do seu coração, ok?

– Ok. Então, a gente tem algumas horas até o pôr do sol, e pensei se você gostaria que eu a levasse para casa.

Eu pisquei, surpresa.

– Para casa?

– Sim. Para casa. Hum, para a nossa antiga casa. East Fargo, 1405, em Broken Arrow. Você quer ver a Mamãe?

Senti como se tivesse levado um soco no peito e ficado sem ar.

– Mamãe?

– A gente pode pegar o caminhão da Tina. Aposto que Vovó iria conosco também. Você sabe, pra servir de escudo.

– A Mamãe ainda está casada com o padrastotário neste mundo?

– Sim.

Mordi a parte interna da minha bochecha.

– Como ela estava no meu funeral?

– Histérica. Aquele pastor idiota falou merda sobre como era uma pena que você tinha escolhido um demônio pagão em vez de Jesus Cristo ou alguma outra coisa sem sentido, e ela surtou.

– Espere aí, o pastor falou no meu funeral que eu ia para o inferno?

– Sim. Você sabe como é o Povo da Fé. Se você não acredita exatamente no que eles dizem, então está condenado ao inferno ou coisa pior. Zo, aquele pastor imbecil realmente falou que, se você não for crente e não seguir a Bíblia, e claro, a interpretação dele da Bíblia, hum, espere, o que ele disse mesmo? Ah, lembrei! Ele falou que, se você não segue a Bíblia, *não possui códigos morais* e não tem como saber que é errado ser um pedófilo ou um estuprador.

– Você só pode estar brincando.

– Não. Foi péssimo. Um show de horror.

– Uau. Essa é uma das coisas mais idiotas, de gente com mente mais fechada, que já ouvi na vida. Kev, isso foi parte do discurso em minha homenagem?

– Foi. E olha que essa foi a parte mais legal, a menos intolerante.

– Nojento.

– Total.

– Ninguém mais disse nada? – eu perguntei, sem saber ao certo por que me sentia tão perturbada. Quer dizer, *eu* não estava morta, e a Zoey morta estava na paz perfeita junto de Nyx no Bosque da Deusa. Mas, mesmo assim, aquilo me deixou irritada.

– Você está brincando? O Povo da Fé não deixa nem alguém receber a comunhão se não assistiu a todas as aulas deles e beijou bastante os anéis dos líderes da igreja. Ou melhor, os anéis não, os sacos deles mesmo.

– Certo, disso eu sei.

– Então, não deixaram ninguém mais falar mesmo.

– Isso na verdade não me surpreende. – Eu olhei para o meu irmão e então disse a verdade que não tinha contado a ninguém. – Eu vi Neferet matá-la.

– Matá-la?

– A Outra Zoey. A sua irmã aqui.

– O quê? Como?

– Não sei como, mas ela chegou até mim em um sonho. Aquela Zoey me deixou assistir o que Neferet fez com ela. – Eu estremeci e enxuguei minhas mãos repentinamente úmidas na calça jeans. – Foi horrível, Kev. Mas foi rápido. Ela não sofreu. E, no meio daquela coisa que era meio visão, meio sonho, ela olhou diretamente para mim e disse que eu precisava vir para cá e ajudar você a derrotar Neferet.

– Caramba, deve ter sido horrível.

Eu assenti.

– Foi. Até pior do que esse meu péssimo funeral.

Aquilo deixou o clima mais leve e o fez rir.

– Ei, você vai gostar de saber que Heath e mais um monte de gente saiu do seu funeral péssimo quando eles fizeram um chamado para nós, pecadores, darmos um passo à frente e aceitarmos Jesus Cristo como o nosso salvador e tal.

– Eles transformaram o meu funeral em um evento de proselitismo?

– Prose… o quê?

– Kev, você realmente precisa ler mais e melhorar esse seu vocabulário. Proselitismo quer dizer salvar, redimir, rezar para recrutamento. Em outras palavras, converter as outras pessoas para aquilo que eles acreditam.

– Ah. Sim. É isso que eles fazem. E foi nessa hora que um grande grupo de nós saiu andando.

– Bom, isso foi legal da sua parte. Obrigada. Ahn, onde me enterraram?

– No Floral Haven. Eles a cremaram. Você tem uma espécie de gaveta com o seu nome escrito: Zoey Heffer.

– Ai. Minha. Deusa! Zoey *Heffer*! Esse *não* é o meu nome.

– Foi exatamente isso o que eu disse para Mamãe. Mas o padrastotário falou mais alto. Ele disse que estava pagando, então ia mandar escrever o que quisesse.

– Eu queria dar um tapa na cara daquele filho da mãe.

– Entre na fila. Ei! Quer ir lá fazer isso? Eu posso usar aquela coisa bacana de controle mental de vampiro vermelho nele, e você pode bater nele o quanto quiser. Eu posso até fazer com que a Mamãe seja legal com a gente. Temporariamente.

– Ela foi ver você depois de ter sido Marcado? – eu perguntei.

– Não, mas, você sabe… a coisa dos novatos vermelhos é assustadora.

– Ok, eu sei. Mas, e isso aqui: ela veio me ver depois que fui Marcada? Pelo menos uma vez antes que eu morresse?

Ele balançou a cabeça.

– Não que eu saiba, e tenho certeza de que eu saberia, porque ela e o padrastotário teriam brigado por causa disso.

– É, eles sempre pensaram que a gente não podia ouvi-los porque o quarto deles era do outro lado da casa.

– Eles estavam errados.

– Uma negligência parental imensa – eu disse.

– E aí, você quer ir?

Não precisei nem pensar muito na possibilidade.

– Não, mas obrigada por perguntar. Eles só iriam ferir meus sentimentos, e eles já fizeram isso o suficiente no meu próprio mundo. Não preciso disso neste mundo também.

– Ok, entendo. E Heath?

– Heath? – Senti um aperto no estômago.

– Sim, Heath. O seu namoradinho de infância e adolescência. Tenho certeza de que, se você estivesse viva, ele seria o seu namorado da fase adulta também. Você sabe que ele está vivo aqui. Ele mora no Headington Hall, no campus da Universidade de Oklahoma. É super fácil de encontrá-lo porque ele é um quarterback fodão.

– Espere aí, ele é um calouro. Ele não pode ser um quarterback famoso. Pelo menos ainda não.

– Ah, ele é, sim. Ele está arrasando. A Universidade de Oklahoma está invicta nesta temporada com ele liderando o time.

– Que demais! Isso é incrível. Os sonhos dele estão virando realidade.

– Sim, é muito legal. E aí, quer ir para a Universidade de Oklahoma?

– Hum, bom, hum, a gente não consegue ir até Norman e voltar em três horas – eu falei pateticamente.

– Eu sei, mas você pode dirigir na volta, certo? Eu levo uns cobertores para me cobrir. Vai dar certo.

– Você está falando sério?

– Sim, Zo. Claro. Ele era o seu cara. Eu imaginei que você iria querer vê-lo.

Soltei um longo suspiro.

– Não antes do jogo mais importante da vida dele. Isso ia bagunçar a cabeça dele, e eu conheço Heath – acrescentei com um sorriso hesitante. – Não precisa de muita coisa para mexer com a cabeça dele.

– Verdade – ele concordou.

– Então, não. Foi muito legal da sua parte me oferecer essa possibilidade, mas acho que não seria a melhor coisa para Heath.

– Ok. – Ele me deu um olhar contemplativo. – Isso é bem maduro da sua parte, Zo.

– Bom, estou tentando ser madura – eu disse.

Então, de algum lugar do lado de fora da caverna, eu escutei a coisa mais estranha. Kevin tinha começado a falar algo, mas levantei a mão e o calei.

– *Mi-auf!*

– Kev, você ouviu isso? – Dei alguns passos do lado de fora da caverna, tentando enxergar em meio à escuridão e à névoa.

– Parece um gato. Nada surpreendente, Zo. Tem um monte de gatos por aqui.

– Não, não é *um* gato qualquer. É a *minha* gata. Pss-pss-pss! Nala? É você, meu bebê?

– *Mi-auf! Mi-auf! Mi-auf!* – Resmungando como uma velhinha gorda, um gato laranja saltou de uma das rochas e correu na nossa direção.

Eu me ajoelhei, estendendo as mãos para ela.

– Oh, Nal! Você está tão molhada e gelada… *e magra*! Venha aqui comigo!

Ela veio e se esfregou brevemente nas minhas pernas, mas não deixou que eu a pegasse. Em vez disso, ela caminhou diretamente até Kevin. Ela andou em círculos ao redor das pernas dele, esfregando-se nele e ronronando sem parar com a sua voz de velha.

– E aí, Nala? – Kevin se abaixou para pegá-la. – Como você chegou aqui? – Ele me lançou um olhar confuso por sobre o topo da cabeça molhada da gata quando ela ligou o seu motor de ronronar e se aconchegou nos braços dele. – Será que a sua gata seguiu você?

Eu balancei a cabeça, sentindo-me feliz e triste, e também um pouco enciumada, tudo ao mesmo tempo.

– Não, Kev. Aposto que a *minha* Nala está encolhida na minha cama neste exato momento, provavelmente resmungando para Stark. Essa aí obviamente é a *sua* Nala.

Ele piscou os olhos, surpreso.

– Minha? Sério?

Eu sorri e estendi o braço para acariciar o seu pelo úmido, sentindo o corpo dela ressoar com o seu ronronado impressionante.

– Sério. Neste mundo, você é a pessoa dela.

– Uau! Isso é muito legal. Eu nunca tive um gato. Os animais odeiam vampiros vermelhos aqui.

– Não o seu tipo de vampiro vermelho. Parabéns, Kev. Ela é uma gata incrível. Ela pode ser meio ranzinza e ela vai espirrar na sua cara, mas, se você precisar de um aconchego, ela sempre vai estar pronta para te dar apoio. E ela tem o *melhor* motor de ronronar em qualquer mundo.

– Ei! Aí estão vocês! – Stevie Rae chegou rápido como um minitornado de Oklahoma, com Rephaim e Aphrodite seguindo o seu rastro. – *Aiminhadeusa!* Nala! O que você está fazendo aqui?

Stevie Rae coçou o topo da cabeça dela, o que a fez ronronar ainda mais alto.

– Está é a Outra Nala, e ela acabou de aparecer e escolheu Kevin como o vampiro dela – eu contei.

– É uma notícia maravilhosa – Rephaim comentou, acariciando a pequena gata laranja malhada.

– Como você conhece esse gato? – Aphrodite perguntou, olhando meio desconfiada para Nala.

– Eu sou a vampira dela no meu mundo. Então, faz total sentido que Kev seja o vampiro dela aqui – eu afirmei.

– Ela é ruiva – Aphrodite falou –, o que dá azar, mas ainda assim ela é bonitinha. Nenhum gato nunca me escolheu, mas eu gosto deles. – Ela estendeu o braço de modo hesitante para tocar Nala, que virou de costas no colo de Kevin para que Aphrodite pudesse acariciar a sua barriga.

– Alguém sabe se nesta Tulsa aqui existe um grupo de resgate de gatos chamado Street Cats? – eu perguntei e troquei olhares conspiratórios com Stevie Rae e Rephaim.

– Tem sim. A Morada da Noite os apoia. Ou apoiava, antes de Neferet começar a sua guerra irritante – Aphrodite respondeu, ainda acariciando Nala.

Stevie Rae deu um sorriso de satisfação.

– Bom, depois que a gente consertar essa bagunça de Neferet, talvez você possa dar um pulo nos Street Cats. E é só isso que vou dizer.

– Você é uma pessoa estranha, né? – Aphrodite disse. Quando Stevie Rae abriu a boca para responder, ela levantou a mão. – Não, foi só uma pergunta retórica.

Stevie Rae franziu o cenho para ela e então se voltou para mim.

– Z, Anastasia disse que iria mostrar os quartos para vocês, para que todo mundo tenha bastante tempo para se limpar, comer e depois ter um bom dia de sono.

Rephaim deslizou o seu braço de modo íntimo ao redor da cintura dela.

– Acho que eu não faço questão de dormir – ele falou, e Stevie Rae ficou corada.

– Ah, que merda. Encontrem um quarto, urgente. Afe – Aphrodite soou tão exatamente igual à minha Aphrodite que eu ri alto.

– Ir para os nossos quartos parece uma boa ideia. E parece que vou precisar de coisas para o gato também – Kevin disse. – Certo, Nala? Certo, gatinha? – Ele fez barulhos de beijo para ela, o que me fez sorrir. – Além disso, eu preciso me lavar. Eu tirei aquela porcaria nojenta e fedida de sangue que eu tenho que espalhar em mim em um posto de gasolina no caminho para cá, mas juro que ainda sinto aquele cheiro embaixo da lavanda que Aphrodite esguichou em mim.

– Ah, então é isso que estou sentindo? Todo esse tempo eu pensei que você estivesse peidando! – Stevie Rae riu.

– E você tem certeza *mesmo* de que a caipira e eu somos amigas no seu mundo? – Aphrodite murmurou para mim.

– Sim – eu respondi. – Você é o motivo de ela ser assim. Se a nossa Aphrodite não tivesse se sacrificado por Stevie Rae, ela seria um monstro fedorento e definitivamente não estaria aqui com a gente.

– De novo, eu realmente gostaria de ter uma conversa com a minha outra eu – Aphrodite comentou.

– Ei, você vai se acostumar comigo – Stevie Rae prometeu. – Você vai ver, se a gente ficar aqui tempo suficiente.

– Tipo uma década, mais ou menos? – Aphrodite falou sem nenhuma expressão.

Eu segurei a risada limpando a garganta e rapidamente mudei de assunto.

– Então, onde a gente vai encontrar Anastasia? Eu gostaria de comer um pouco e tomar banho antes de dormir também.

– Por aqui, Z. Anastasia está separando as camisetas das universidades que Johnny B trouxe de Tulsa. Cara, eu amo futebol americano. Espero que a gente consiga assistir pelo menos um pouco do jogo. *Boomer Sooner!* – Stevie Rae, de mãos dadas com Rephaim, começou a andar na direção de Anastasia.

– Ela me dá dor de cabeça – Aphrodite reclamou.

– Às vezes, as coisas são estranhamente iguais em nossos dois mundos – foi tudo que eu disse.

– Venha, Zo. Vamos achar os nossos quartos – Kevin me chamou.

– Vocês vão na frente. Eu preciso de uns minutos para mim mesma aqui fora. Rezar parece uma boa ideia agora.

– Ok, sem problemas. Depois alguém te fala onde encontrar Anastasia – Kevin disse.

Aphrodite e Kevin saíram andando com as cabeças inclinadas, continuando a acariciar Nala, e eu senti um choque de surpresa. *Quando Kev ficou tão alto? Ele parece totalmente um adulto!* Esse pensamento me deu um aperto no coração.

Ele e Aphrodite seguiram Stevie Rae e Rephaim, que estavam de mãos dadas e trocando beijinhos. Eu fiquei observando os dois casais – porque eles obviamente eram *casais.* O olhar de Aphrodite não perdia Kevin de vista, onde quer que ele estivesse na caverna, que normalmente não era longe de onde Aphrodite estava. Ele estava totalmente apaixonado por ela, o que não era surpresa nenhuma.

Isso me deixou ainda mais solitária.

Senti falta de Stark. Não de Heath. Nem de ninguém mais. Só de Stark. E com cada pedaço de espírito, vontade e amor dentro de mim, eu pensei: *Eu vou voltar para você, Stark! Por favor, saiba o quanto eu te amo. Por favor, acredite em mim como eu acredito em você.*

Eu esperei, torcendo para sentir algo de volta – mesmo um eco minúsculo da nossa conexão. Mas tudo que eu senti foi vazio, e só o que eu escutei foi a batida solitária do meu coração solitário.

– Zoey Passarinha? Posso me juntar a você?

– Claro, Vovó. Quer sentar aqui fora comigo um pouquinho? – Eu apontei para duas pedras com a parte de cima plana que não pareciam muito molhadas.

– Sim, vamos.

Nos sentamos em um silêncio amigável por um tempo. A noite escura estava começando a se transformar com a claridade do amanhecer, que me lembrava penas de um pássaro. A montanha era bonita. Eu amava o fato de ela não ter se desenvolvido e ter basicamente a aparência que tinha há cem anos ou mais.

*Obrigada, Nyx, por lugares como este, que me lembram da minha conexão com a terra e com os meus ancestrais que cuidaram dela. Ajude-me a encontrar força através dessa conexão para o que está*

*por vir esta noite. Ajude-me a fazer a coisa certa e a trilhar o seu caminho com integridade e bondade. O que quer que aconteça, por favor, reconforte Stark e faça com que ele saiba que eu realmente o amo… muito, muito mesmo.*

– *U-we-tsi-a-ge-ya*, você parece muito distante e muito preocupada. Ajudaria se conversássemos sobre isso?

– Bom, sempre me ajuda conversar com você, então, sim, eu gostaria de conversar. Vovó, eu tenho medo de que Stark guarde mágoa de mim para sempre por eu ter vindo para cá. Ele acha que eu estou aqui por causa de Heath.

– Oh, porque no seu mundo Heath está morto.

– Exato. Mas essa não é a razão principal pela qual estou aqui. Eu tentei explicar isso para Stark antes de vir, mas ele não acreditou em mim. Eu o magoei; eu o estou magoando neste exato momento. E eu detesto isso.

– Mas você veio assim mesmo. Por quê?

– Para ajudar Kev, é claro. E, não sei, Vovó… talvez para me despedir. Mas por que isso tiraria algo de Stark? Isso não muda o amor que tenho por ele. Acho que nada pode mudar isso nunca.

– Zoey Passarinha, é difícil amar outra pessoa adequadamente ou mesmo integralmente se você não conhece a si mesmo. Então, talvez você deva gastar menos tempo preocupada com Stark e mais tempo olhando para dentro de si mesma e descobrindo o que, *ou quem*, você realmente quer.

– Como sempre, o que você diz tem muito sentido – eu concordei.

– Acho que eu só falei em voz alta o que você já sabe dentro do seu coração.

– Obrigada por sempre acreditar em mim. – Coloquei meu braço ao redor dela, e nos inclinamos uma em direção à outra.

– Foi um grande presente vê-la de novo, *u-we-tsi-a-ge-ya.* Um presente pelo qual vou ser eternamente grata à Grande Mãe Terra.

– Bom, Vovó, algum dia, e espero que não logo, porque Kev definitivamente precisa de você por perto, você vai poder agradecê-la pessoalmente. Nyx a conhece bem, independentemente de ela ter tido a oportunidade de dizer isso a você neste mundo ou não.

– E esse é outro grande presente que eu recebi. Obrigada, filha. Vai ser muito difícil dizer adeus para você de novo.

Eu a abracei mais forte e a puxei para mais perto.

– Então não diga. Vamos apenas falar “te vejo mais tarde”.

– Isso parece uma ideia maravilhosa, minha Zoey Passarinha.

Vovó e eu ficamos sentadas ali, de braços dados, observando o céu se preparar para o nascer do sol e conversando sobre nada e sobre tudo ao mesmo tempo – e, antes de entrar para procurar Anastasia, eu percebi que o meu espírito não estava nem agitado nem triste. O meu espírito estava calmo e pronto. Pronto para fazer tudo que eu podia para ajudar o meu irmão a derrotar Neferet – *e* pronto para voltar para casa, para o meu mundo, a minha Morada da Noite, o meu Stark.

# 30

## Outro Stark

– Neferet, não quero ser desrespeitoso, mas eu realmente acho que não é uma boa ideia deixar o Exército Vermelho entrar dentro do estádio. – Stark estava andando em círculos na frente da mesa verde de ônix de Neferet. – Isso é arranjar encrenca, mesmo se eles forem alimentados antes do jogo. Tantos humanos juntos concentrados em um só lugar é simplesmente tentação demais para eles.

– Ah, Stark, você se preocupa tanto! Isso é parte do seu charme, mas é só uma parte dele. Esse seu belo corpo jovem é a outra parte, muito *mais significante.* – De forma sedutora, Neferet deslizou um dedo com unha afiada e pintada de vermelho pelo pescoço até o decote profundo em V do seu vestido de seda cor de esmeralda.

Ele desviou o olhar dos seios dela e franziu o cenho.

– Eu não estou brincando. É um problema sério.

– Mesmo? Os dois times já estão aqui?

– Sim. Os ônibus chegaram há algumas horas. Os jogadores vão dormir ou pelo menos descansar hoje. O sol se põe às cinco e vinte, e mais ou menos nessa hora eles vão sair dos dormitórios que você

esvaziou para recebê-los e vão para o estádio para se trocarem e fazerem o aquecimento. Nós vamos abrir o estádio para os torcedores às oito. A partida começa às dez em ponto.

– Eles trouxeram as líderes de torcida e as bandas também, não é?

– Sim, sim. E os clubes de torcedores deles também. Você disse que queria um espetáculo de Bedlam completo, e é isso que vai ter.

– E o Exército Azul vai estar lá, com os meus Guerreiros presentes como a minha guarda pessoal, certo?

– Claro. Alguém tem que evitar que o Exército Vermelho devore todo mundo – ele resmungou.

– Então eu não estou vendo nenhum problema. Vejo que você deixou tudo organizado.

– Mas, Neferet, o que eu estou tentando fazer você entender é que ter vampiros vermelhos presentes é perigoso para cada um dos humanos naquele estádio. E você ordenou que o estádio esteja cheio de humanos.

– Exatamente. Responda-me, meu querido jovem vampiro, quais são mais descartáveis na sua opinião: vampiros azuis, vampiros vermelhos ou humanos?

– Não entendi.

O tom sedutor dela mudou instantaneamente.

– É claro que entendeu. É uma pergunta simples. Responda.

– Acho que vampiros vermelhos – ele falou de modo hesitante, sem saber ao certo aonde ela queria chegar.

– Eu argumentaria que o meu Exército Vermelho *não* é descartável, porque é o meu exército. Com isso, os humanos sobram como descartáveis porque, é claro, *nós* não somos descartáveis.

– Mas os humanos nos alimentam. Nós precisamos deles, Neferet. – Stark sentiu um calafrio com o tom de voz da Grande Sacerdotisa. Ela foi tão fria, tão absolutamente insensível, que estava se tornando irreconhecível. Stark até achou que ela estava mudando fisicamente, mas, quando tentou identificar diferenças específicas, parecia que era incapaz de pensar em algo por mais de alguns segundos. *Algo estranho está acontecendo com Neferet. Algo estranho e sombrio.*

– É claro que eles nos alimentam! – ela continuou. – Mas eles também se reproduzem com uma taxa ridiculamente alta. Então, fazer mais humanos é bem fácil, não é?

– Ahn, eu nunca pensei nisso dessa forma.

– Bom, então pode começar a pensar. E, enquanto você faz isso, certifique-se de que o Exército Vermelho esteja armado.

– Não, Neferet! Isso não é…

– *Nunca me diga não!* – Ela se levantou ao gritar com ele, e Stark achou que viu movimentos estranhos de algo se contorcendo nas sombras ao redor da mesa dela. – Você é meu general. Você cumpre a minha vontade.

– Neferet, eu cumpro a vontade da Deusa. Foi isso que eu jurei fazer – Stark falou cuidadosamente, com calma, embora tenha dado vários passos para trás, afastando-se de Neferet, da sua mesa e do que quer que fosse aquela coisa assustadora que ela estava escondendo embaixo dela.

A atitude dela mudou instantaneamente de novo. Ela sorriu como uma gata satisfeita que bebia leite.

– Bom, então isso torna tudo mais fácil, não é? Quem neste mundo conhece melhor a vontade da Deusa do que a única Grande Sacerdotisa escolhida por ela?

– Ninguém mais, Grande Sacerdotisa – ele respondeu automaticamente.

– Exatamente. E Nyx foi muito clara sobre o que deve acontecer no jogo hoje à noite. Você sabe disso. Você sabe que eu contei que estou planejando uma surpresa de Ano-Novo que a Deusa abençoou completamente. Agora, pode ir, General Stark. Cuide para que o Exército Vermelho coma e beba até o pôr do sol. E depois certifique-se de que cada membro esteja armado. Nada elaborado, veja bem. Facas e espadas simples é mais do que suficiente. Não precisa de flechas. Os humanos podem sair da mira tão facilmente, não é? Bom, a não ser que *você* esteja os alvejando. Então, não deixe de levar o seu arco, certo? – Ela não esperou pela resposta dele e se acomodou de volta na cadeira. – Depois que estiverem armados, leve-os para o estádio. Posicione-os no nível do campo perto de cada saída, por toda a volta do estádio, de modo que ele pareça estar contido em um anel escarlate. Essa não é uma imagem visual adorável?

– Não sei se entendi. Você quer o Exército Vermelho postado em cada saída do campo? Perto dos jogadores e das líderes de torcida? Não muito longe de uns trinta mil humanos nas arquibancadas?

Neferet suspirou.

– Sim. É exatamente isso o que eu quero. Um extraordinário anel cor de sangue ao redor do campo.

– Neferet, mesmo se o Exército Vermelho estiver alimentado, vai ser difícil controlá-lo.

– Isso é problema *seu*, General Stark! Você tem o seu arco e flechas. Você não consegue errar. Se um soldado tentar devorar um humano, atinja-o. Mesmo o vampiro vermelho mais selvagem

entende de autopreservação. Mostre que, para se preservarem, eles não podem comer os humanos. Bom, a menos que eles recebam ordens para isso, é claro.

– Mas por que você ordenaria que eles devorassem alguém no jogo? Não é só um jogo? Apenas um entretenimento para humanos e vampiros?

– Porque, meu querido, às vezes o sacrifício de alguns é necessário para salvar muitos.

– Mas o que isso tem a ver com o jogo?

– Bem, vamos dizer que os humanos saiam de controle. Você sabe como esses caipiras terríveis podem ser em relação ao seu patriotismo ridículo. E se eles decidirem protestar contra o nosso governo? Alguns exemplos devem servir para evitar a destruição de muitos.

– Ok, eu entendo isso, mas nós estivemos em muitos jogos de futebol universitário, e o público humano nenhuma vez tentou protestar contra os vampiros. Neferet, não sei se você entende totalmente do que se trata o futebol americano… é realmente *apenas um jogo.*

– Oh, meu querido, *nada* que coloque um grupo de humanos contra o outro é *apenas um jogo*, mas é extremamente útil que as suas briguinhas e rivalidades idiotas os mantenham divididos e fracos. Imagine se todos se unissem contra nós. – Ela estremeceu levemente. – Eles são em maior número. Eles têm mais armas. Nós voltaríamos a ser cidadãos vulneráveis, de segunda classe. Eu, com certeza, *nunca* vou retroceder.

– Então, basicamente, o Exército Vermelho vai estar lá para o caso de os humanos tentarem algo.

Neferet gargalhou, e o som da sua risada foi como o de unhas arranhando uma lousa, provocando terríveis arrepios de mau pressentimento na espinha de Stark.

– Ah, Stark bobinho, eles estarão lá para muito mais. Eles estarão lá para mostrar o meu poder e o nosso domínio sobre a infestação de humanos neste planeta. Você estará lá para mantê-los sob controle, a menos que eu precise que eles sejam ordenados. Você pode cuidar disso, General? Ou será que devo procurar um substituto para você?

– Eu vou seguir as suas ordens. Eu estou aqui só para servir a Deusa.

– Excelente! Isso não foi fácil? Você realmente deveria parar de se preocupar tanto. Tudo vai ficar bem, desde que você cumpra a minha vontade. E a vontade da Deusa, é claro.

– É claro – Stark respondeu, apesar de ter certeza de que Neferet não percebeu o sarcasmo no seu tom de voz.

– Sabe, meu querido, você realmente deveria sorrir mais. Você é muito bonito para ficar sisudo. Tente. Dê um sorriso para mim. Só um sorrisinho.

Stark forçou os seus lábios a se curvarem, embora sentisse que o seu rosto iria rachar.

– Viu? Assim é muito mais agradável, não é? Eu prefiro um homem sorridente do que um mal-humorado. Agora, pode ir. Você tem muito a fazer. Mande Artus vir aqui. Ele e eu precisamos discutir a minha escolta de Guerreiros. Você está dispensado.

Stark colocou sua mão em punho sobre o coração e se curvou para Neferet antes de sair do escritório dela. Só depois de fechar a porta, ele sentiu que conseguia respirar fundo.

Com relutância, Stark foi na direção do Ginásio, onde ele sabia que encontraria o velho Mestre da Espada de Neferet, Artus. Então ele teria que ir até aqueles malditos túneis e deixar o Exército Vermelho pronto para aquele show que Neferet estava armando. Tirando o aborrecimento do Exército Vermelho, aquele jogo deveria ser pouco mais do que um entretenimento normal para os vampiros. Neferet estava errada sobre os humanos. De maneira alguma eles iriam se unir e atacar em um jogo de futebol americano. Tudo deveria correr bem esta noite, então Stark não conseguia entender por que continuava sentindo um aperto no estômago. *Provavelmente porque parece uma merda grande para organizar. Vou ficar tão feliz quando essa maldita noite acabar…*



## Outro Kevin

– Veja bem, eu não vou dar banho em você, Nalinha, mas você tem que me deixar secá-la com esta toalha. Você ainda parece muito molhada e desgrenhada. – Kevin voltou a enxugar a bola de pelos laranja e resmungona, determinado a ignorar os seus uivos.

– Kevin Redbird, você está matando esse gatinho?

Ele levantou os olhos e viu Aphrodite parada na entrada do pequeno quarto que Anastasia havia designado para ele. Ela estava usando uma camiseta bem larga e meias ainda maiores, e o seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo, que deixava mechas loiras soltas como uma moldura do seu rosto.

Ele pensou que ela era a garota mais maravilhosa que já tinha visto na vida e teve que limpar a garganta antes de conseguir pronunciar qualquer palavra.

– Eu estou secando a gata, não matando. Só que ela definitivamente não está nada feliz comigo. Quer me ajudar?

– Claro, mas talvez você não queira a minha ajuda. Eu disse que gosto de gatos, mas o que eu não disse é que normalmente eles não gostam de mim.

– Parece que ela não está gostando muito de mim neste momento, então imagino que não vá fazer diferença. Entre.

Aphrodite entrou silenciosamente, pisando com suas meias dentro do quartinho escavado na pedra, que para Kevin parecia uma bolha, e fechou o cobertor que servia como uma porta. Kevin estava sentado no estrado de dormir, com a Nala ranzinza toda enrolada em uma toalha em seu colo.

Aphrodite sentou ao lado dele. Ela cruzou as pernas e ajeitou a camiseta grande para que ela cobrisse os seus joelhos.

– Seguinte, você segura a gata e eu pego uma ponta da toalha para secá-la.

– Boa sorte. Ela tem garras – Kevin avisou.

– É claro que ela tem. Ela precisa dessas garras para subir nas coisas e caçar ratos, não é, menina bonita? – ela falou carinhosamente com Nala, que parou de reclamar e arqueou as costas quando Aphrodite usou a ponta da toalha como uma escova, esfregando-a delicadamente pelo seu corpo.

– Ei, ela gosta disso! – Kevin exclamou.

– Sim, ela gosta. Talvez ela só precisasse que alguém arrumasse o cabelo dela. É isso, Nala? Eu sei como é precisar de um dia de beleza.

Nala levantou os olhos para Aphrodite e espirrou na cara dela.

Kevin prendeu a respiração, esperando que Aphrodite surtasse, mas ela não surtou. Ela riu alto. Musicalmente, com alegria, ela deu

risada e enxugou o rosto com a outra ponta da toalha, enquanto conversava com Nala como se ela fosse um bebê.

– Você pegou um resfriado lá fora procurando pelo seu Kevin? Coitadinha. Agora a gente vai deixar você seca e quentinha. Não precisa se preocupar.

Nala acelerou o seu motor de ronronar e deu três voltas antes de se aconchegar no colo de Kevin e fechar os olhos, enquanto Aphrodite terminava de secá-la.

– Pensei que você tinha dito que os gatos não gostavam de você.

– Não, eu disse que *normalmente* eles não gostam de mim. Nala obviamente é mais esperta do que a maioria dos gatos e tem um gosto muito melhor.

– Não poderia concordar mais – Kevin falou, e eles sorriram um para o outro, olhando-se bem nos olhos. Ele sentia as batidas do seu coração por todo o corpo. Ela estava tão perto! E era tão, mas tão linda.

– Bom, ela parece bem seca agora – Aphrodite disse. – Também parece que ela dormiu.

– Você domou a fera selvagem!

– Ela não é selvagem. Ela é um doce. – Aphrodite deu uma olhada no quarto. – Então, eles colocaram você na frente do meu quarto. Melhor você do que Stevie Rae e Rephaim. Eu passei pelo quarto deles no caminho de volta do banheiro e tudo o que eu posso dizer é que Rephaim é do tipo que geme alto e juro que ouvi a caipira gritando *"Irra!".*

Kevin deu uma gargalhada.

– Eu podia passar a vida inteira sem saber disso.

– Eu também.

A trilha sonora do silêncio entre eles era o ronronar de Nala, que rapidamente se dissolveu em um ronco, o que fez Kevin e Aphrodite sorrirem um para o outro.

– Eu vou colocá-la naquela caminha de gato que Anastasia me deu – Kevin sussurrou. – Não respire. – Ele cuidadosamente a levou para a cama em forma de donut, depositando-a bem no meio. Então ele voltou e sentou ao lado de Aphrodite. – Acho que você a ninou tanto que ela entrou em um coma de gato. Ela ainda está roncando.

– É legal ela gostar de mim. Isso nunca aconteceu comigo antes. Minha mãe, que era horrível, diga-se de passagem, se recusava a me deixar ter qualquer animal de estimação. Ela dizia que todos eles eram criaturas sem alma que desperdiçavam oxigênio – Aphrodite bufou. – Eu costumava pensar que ela estava descrevendo a si mesma. – Ela se inclinou, recostando-se na parede da caverna, e lançou um olhar contemplativo para Kevin. – Você conheceu a minha mãe quando estava no mundo da sua irmã?

– Não, mas eu sei que ela era um pesadelo por lá também.

– Bom, pelo menos ela é coerente. Ela ia gostar de saber disso, e ela não costuma gostar de muitas coisas. – Aphrodite fez uma pausa e então continuou: – Kevin, você promete que vai me falar a verdade… não importa o que eu perguntar?

– Esse foi o trato que nós fizemos.

– Você tem razão, foi mesmo. Eu gosto de poder confiar em você, gosto de saber que a gente só vai falar a verdade um pro outro. Isso não aconteceu muito não minha vida.

– Eu gostaria de mudar isso – ele disse.

– Você já mudou – ela disse, e continuou rapidamente. – Então, eu sou muito diferente naquele outro mundo?

Kevin levou um tempo pensando antes de responder. Ele estava determinado a contar a verdade, mas também sabia que ela estava abaixando a guarda perto dele, e ele queria isso – queria ter intimidade com ela, e estava determinado a não dizer alguma coisa idiota que pudesse estragar tudo.

– É estranho. Vocês são parecidas, mas diferentes. Tenho certeza de que ambas tiveram infâncias péssimas. As duas são Profetisas. As duas são lindas e meio malvadas.

Ela levantou as sobrancelhas para ele.

– Foi um elogio – ele disse.

– Seja elogio ou não, é a verdade. Continue.

– Mas a Aphrodite de Zoey é parte de uma família grande, muito chegada.

– Pensei que você tinha dito que ela teve os mesmos pais péssimos que eu. Hum, eu não tenho nenhum irmão. Minha mãe se recusou a engravidar duas vezes. Ela disse que a gravidez deixou o corpo dela muito pouco atraente para depois ter tão pouco retorno.

– Deusa, ela é uma mãe horrível. Ainda pior do que a minha mãe ultrarreligiosa.

– Essa é uma competição que eu preferia não ganhar sempre. Enfim, como eu posso ser parte de uma grande família?

– Porque a Morada da Noite de Zo e o fato de se chamarem a Horda Nerd fazem deles uma família.

– Espere aí, volte um pouco. Você falou *Horda Nerd?*

Ele abriu um sorriso.

– Falei. Quando eu estava lá, perguntei como eles inventaram esse nome. Foi você que o nomeou.

– Ah, que merda! Eu chamei todos de nerds e depois me juntei a eles?

– Sim, a história é essa.

– E eu pensei que tinha problemas neste mundo aqui.

– Então, essa é a maior diferença. Você é feliz lá. Você está cercada de amigos e família. Você é valorizada por Zoey como uma grande Profetisa. E, claro, você tem aquele vermelho extra na sua Marca, e aqueles poderes extras também.

– E você jura que Nyx me deu esse poder.

Aphrodite não formulou a frase como uma pergunta, mas Kevin sabia que ela precisava ouvir uma resposta.

– Sim. Com toda a certeza. Eu juro que Nyx deu a você o poder de conceder segundas chances.

– É tão estranho. Claro, eu tenho visões, mas nunca, nem uma vez sequer, eu escutei a voz da Deusa nem senti a sua presença.

– Talvez Nyx esteja esperando a hora certa.

– E quando seria isso?

– Quando você estiver pronta para ouvir a voz dela e estar na sua presença – Kevin afirmou.

– Você já a ouviu ou sentiu?

O olhar de Kevin ficou distante enquanto ele lembrava de quando entrou no Templo de Nyx e, pela primeira vez, sentiu a presença de sua Deusa. Ele teve que limpar a garganta antes de conseguir falar e, quando fez isso, as suas palavras saíram roucas com a emoção.

– Sim. Eu conheci Nyx. Eu a senti. Ela me tocou.

– Como foi?

– Puro amor – ele respondeu. Então o seu olhar encontrou o dela de novo. – Você vai ver um dia.

– Como você pode ter tanta certeza?

– Porque você é uma Profetisa de Nyx. E porque eu acredito em Nyx e no amor dela.

– Essa é uma boa história, Kev.

– É uma história verdadeira, Aphrodite.

– Você está com medo do que pode acontecer hoje à noite? – ela mudou de assunto abruptamente.

– Bom, sim. É claro – ele disse sinceramente.

– Por que você acha que eu não consigo?

– Nada disso. Eu sei que você consegue. Estou com medo porque o Exército Vermelho é uma porra de um pesadelo. E eu estou com medo de que pessoas inocentes provavelmente vão se machucar porque Neferet é uma vaca do mal. Zoey pode se machucar também, o que me deixa apavorado, e não só porque ela é minha irmã e eu não quero que ela morra. De novo. Se alguma coisa acontecer com ela, o Stark do mundo dela vai vir pra cá e arrancar o meu coração do peito, o que não vai ser muito legal.

– Definitivamente, não. Então, Zoey e Stark estão seriamente apaixonados?

– Sim, mas é mais do que amor. Eles são conectados. Ele é o Guerreiro dela e até mais do que isso. Eles se completam. Eu fico feliz por eles. É isso que eu quero. Alguém que me complete.

– É isso que eu quero também, mas não conte pra ninguém. Todo mundo pensa que só o que eu quero é um cara gostoso e diferente na minha cama toda noite. Ou talvez dia sim, dia não.

– E não é isso o que você quer?

– Não. Isso é cansativo. Mas é menos assustador do que amar alguém.

– A menos que você ame a pessoa *certa.*

Aphrodite suspirou e jogou o rabo de cavalo para trás.

– Mas como diabos você vai saber quando alguém é a pessoa *certa?* Tenho certeza de que o meu pai pensou que amava a minha

mãe, tipo, um milhão de anos atrás, mas o casamento deles foi uma farsa. Quando ele morreu, os dois se odiavam. Eu decidi naquela hora que preferia ficar sozinha do que arriscar a viver aquele pesadelo todos os dias. Enfim, e em relação aos caras? Eu tenho um amante ou algo do tipo por lá?

Kevin sentiu uma dor súbita no peito, mas ele não poderia – *não iria* mentir para ela.

– É, bom, essa é outra coisa diferente entre aquela Aphrodite e você. No mundo de Zoey, você tem um Guerreiro Juramentado chamado Darius. Ele te ama. Você o ama. Vocês dois se completam.

Ele não conseguiu olhar para ela, então, em vez disso, abaixou a cabeça e ficou olhando fixamente para as próprias mãos.

– Espere aí, eu pensei que Aphrodite e você tinham um lance por lá.

Kevin sorriu com tristeza para as suas mãos.

– Não. Bom, só um pouco. Só o que tinha de espaço sobrando no seu coração. Você não me amava. Você gostava de mim. – Ele sentiu o seu rosto esquentando e desejou não ter aumentado tanto a maldita luz da lamparina quando estava tentando secar Nala. – Você realmente me beijou e me disse para procurar você neste mundo, e para ser eu mesmo, porque você me amaria neste mundo também.

– *Também?* Parece que eu posso ter amado você um pouco.

– Talvez um pouco.

– E você? Como você se sentiu?

Ele engoliu em seco e mexeu os ombros.

– Como poderia qualquer cara *não* se apaixonar por você?

Ela não disse mais nada por tanto tempo que o rosto ardente de Kevin ficou frio com o tipo de constrangimento que só é decorrente de um coração partido.

E então Kevin sentiu que ela se mexeu. Ela deslizou para mais perto, tão perto que podia tocá-lo. Aphrodite estendeu a mão e segurou o queixo dele, levantando-o delicadamente e virando o seu rosto para que ele encontrasse os olhos dela.

– Nenhum cara *nunca* me amou. Nenhum. Eles sempre me quiseram e me desejaram. Tentaram me usar. Eles tiveram medo de mim e me odiaram. Mas nunca me amaram.

– Então todos eram idiotas.

– Mas você não é. Kevin Redbird, você não é nenhum idiota – ela disse.

Ele riu sem humor.

– Acho que a definição de idiota é alguém que se apaixona por uma mulher que não é sua para amar.

– Aquele Guerreiro não está aqui, Kev – ela falou em voz baixa, passando a olhar para os lábios dele. – E se neste mundo *você* for o meu Darius?

Aphrodite se inclinou na direção dele, puxando-o para mais perto. Ela o beijou por muito tempo, de um jeito quente e profundo. As suas línguas se encontraram, se tocaram, se provocaram. Ela passou os braços ao redor dos ombros dele, e de repente ela estava sentada no colo dele, e a mão dele acariciava toda a sua perna macia.

– Eu quero ficar com você esta noite – ela sussurrou contra os lábios dele. – Eu *preciso* ficar com você esta noite.

– Você pode ficar comigo para sempre – ele murmurou de volta, levantando-a e virando-a de modo que os seus corpos ficaram

pressionados um contra o outro, enquanto eles exploravam os lugares secretos e extraordinários que somente os amantes compartilhavam.

E então, finalmente, eles se encaixaram. Perfeitamente.

# 31

## Zoey

– O que aconteceu com a Universidade de Tulsa? – Stevie Rae perguntou quando entramos no estacionamento já lotado.

O tempo havia sido calculado para que os Guerreiros da Resistência, que estavam todos com suas tatuagens cobertas e usando parafernália de um dos times que iam jogar, chegassem mais tarde, só um pouco antes do início do jogo. Isso funcionaria para que tivessem uma desculpa para entrar correndo com os outros humanos, que deviam esperar até o último minuto para entrar, porque os vampiros sempre sentavam na frente – e sempre nos melhores lugares.

– O que você quer dizer? A Universidade de Tulsa está como sempre esteve – Dragon falou, sentado no banco do motorista da van de Vovó Redbird.

– No nosso mundo, o campus é muito maior e, bem, melhor – eu tentei explicar ao olhar para os esparsos edifícios antigos de pedra ao redor de um estádio super moderno. – Mas o estádio de vocês é mais legal, mesmo depois de a gente ter reformado o nosso.

– Não acontece muita coisa em termos acadêmicos na Universidade de Tulsa – Anastasia contou. – Era uma universidade maravilhosa algumas décadas atrás. Só contava com os alunos mais brilhantes e os cursos mais procurados, mas ela não conseguiu competir com os programas de esportes da Universidade de Oklahoma e da Universidade Estadual de Oklahoma, então entrou em declínio. Bom, como você já percebeu, exceto pelo estádio. Os outros times o utilizam, então aquele ricaço… Bryan, como é mesmo o nome dele?

– Boone Pick, ou Pick Boone, algo desse gênero.

– Sim, obrigada, meu amor, ele mesmo. Ele doou dinheiro para a escola, mas não para a parte acadêmica, é claro. Foi para reconstruir o estádio para que eles pudessem receber times semiprofissionais. Acho que o novo estádio tem trinta mil lugares.

– Que droga – Stevie Rae protestou. – Isso me deixa triste. Eu sempre quis ir para a Universidade de Tulsa. Eles têm… bom, a *nossa* Universidade de Tulsa tem um curso de cinema incrível.

– Eu não sabia que você gostava desse tipo de coisa – eu disse.

– Sim, no ensino médio eu queria mesmo ser uma diretora de cinema. Sabe, como a Patty Jenkins. Daí eu fui Marcada e morri. E então eu desmorri e me Transformei na primeira Grande Sacerdotisa vampira vermelha, então eu meio que acabei desviando desse caminho.

– Se você quiser ir para a Universidade de Tulsa quando a gente voltar, você pode fazer isso – eu afirmei.

– Z, isso seria simplesmente incrível! Você acha que eu vou ter tempo, mesmo cuidando do Restaurante da Estação?

– A gente cria esse tempo. Ninguém deve ignorar os seus sonhos.

– Ok, todo mundo pronto? – Dragon perguntou. Ele girou no assento para olhar para nós na parte de trás. Stevie Rae, Rephaim, Anastasia, Dragon e eu tínhamos decidido chegar juntos. O resto da Resistência, incluindo Kevin e Aphrodite, havia se dividido em carros e caminhões que Tina costumava disponibilizar para os membros da Resistência. Kevin e Aphrodite foram no seu sedã de luxo, fingindo ter voltado da sua viagem de compras a Dallas direto para o estádio.

– Estou pronta! – Eu reuni o máximo de confiança que podia, embora a preocupação estivesse corroendo o meu estômago. Havia tantas coisas que podiam acontecer em um lugar tão gigante e cheio de tantas pessoas e de um exército de vampiros vorazes e desumanos. Quer dizer, o que podia dar errado senão tudo isso? Então eu me sacudi mentalmente. *Recomponha-se, garota. Aja como uma Grande Sacerdotisa.* – A gente vai conseguir – eu disse com firmeza. – Todo mundo entendeu o que deve fazer?

– Nós nos separamos e vamos para o alto da arquibancada, cada um na direção do elemento que representa – Anastasia respondeu.

– E então assistimos ao jogo e esperamos – Dragon completou.

– Essa é a minha parte favorita! – Stevie Rae se empolgou. – *Boomer Sooner!* – Então ela pareceu envergonhada. – Ahn, mas eu não quis dizer que a parte em que Aphrodite salva todos os vampiros vermelhos não vai ser tão legal quanto um jogo de futebol.

– Eles entenderam – Rephaim falou e a beijou com carinho.

– Eu não gosto do fato de que vamos estar separados – Dragon comentou.

– A gente tem isto aqui. – Eu levantei o walkie-talkie super tecnológico que estava no meu bolso. Ele parecia um daqueles antigos telefones dobráveis, só que não abria de verdade. Havia um botão do lado e, quando eu o pressionava, podia falar com os

outros. Cada um de nós tinha um: Dragon, Anastasia, Stevie Rae, Rephaim e eu. O meu papel era dar um sinal para os outros, e então Anastasia começaria a invocação dos elementos com o ar.

– Eu queria que pudéssemos ter dado um walkie-talkie para Aphrodite. É ela quem deve fazer o sacrifício – Stevie Rae lamentou.

– Era arriscado demais. Ela tem que fazer um relatório a Neferet. Se Neferet a obrigar a ficar lá na cabine de imprensa com ela, nós seríamos descobertos assim que o bipe do walkie-talkie dela tocasse – Anastasia lembrou.

– Mas ela vai saber quando a gente traçar o círculo. Deve ser óbvio para ela sentir – eu acrescentei.

– Espero que sim – Dragon resmungou.

Eu olhei para o Mestre da Espada ranzinza.

– Espere e verá. Todo mundo vai saber quando a gente traçar o círculo.

Nós descemos da van e adentramos na corrente de humanos usando vermelho da Universidade de Oklahoma ou laranja da Universidade Estadual de Oklahoma. Era uma multidão menos arruaceira do que seria o normal para um clássico Bedlam, mas isso não foi um grande choque, principalmente porque tivemos que passar em silêncio por uma fileira de Guerreiros vampiros azuis carrancudos. A boa notícia era que ninguém precisava pagar para entrar no jogo. Percebi que essa era a única boa notícia quando entramos no estádio e demos a primeira olhada no campo – e nos vampiros vermelhos que estavam agrupados ao redor de cada saída, formando um bizarro círculo cor de sangue em volta de jogadores e líderes de torcida.

– Ah, Deusa! – Anastasia ofegou ao meu lado. – Ela os colocou lá embaixo no nível do campo.

– Prontos para devorar qualquer um que tente sair – Rephaim observou.

– Isso é péssimo, Z – Stevie Rae comentou.

– Talvez não tanto. – Eu fiz um gesto para o meu grupo me seguir até um estande de comida, onde nos agrupamos em um círculo apertado, fingindo que estávamos tentando escolher entre cachorro-quente e nachos. Eu falei em voz baixa e rapidamente: – Já estão todos juntos lá embaixo.

– Mas como vamos tirar as armas deles se estão no campo e os nossos Guerreiros estão espalhados por todo o estádio? – Anastasia perguntou.

– Os nossos Guerreiros não vão conseguir se armar – Dragon falou sombriamente.

– Tudo isso só quer dizer que a gente precisa ser rápido – eu afirmei. – Sabemos que o massacre não vai acontecer até o final do jogo. Aphrodite profetizou até esse ponto. Imagino que Neferet vá fazer algum tipo de discurso ridículo primeiro.

– Faz sentido – Dragon concordou.

– Então, assim que ela começar o discurso, a gente se prepara para invocar os elementos.

– Talvez seja melhor começar a invocação assim que o jogo acabar – Rephaim sugeriu.

– Isso só vai funcionar se ninguém perceber que estamos traçando um círculo. – Dragon olhou para mim. – E você tem certeza de que as pessoas vão perceber o que estamos fazendo?

Eu assenti, ainda falando baixo.

– Uma faixa de luz nos conectando deve aparecer. As pessoas definitivamente vão notar isso, principalmente Neferet.

– Certo. Então nós esperamos até que ela dê a ordem – Dragon disse.

– Anastasia, esteja pronta para invocar o ar – eu falei.

– Eu estarei. Não se preocupe comigo.

– Você vai ser o próximo, Dragon – eu o lembrei, tentando não soar tão nervosa quanto me sentia.

– Eu sei a ordem dos elementos, Zoey – ele respondeu, mas não de um modo grosseiro.

– Todos nós sabemos, Z. Vai dar tudo certo – Stevie Rae afirmou.

– Ok. Eu vou pegar um lugar lá embaixo, o mais próximo do centro do campo que eu conseguir. Vou estar lá para invocar o espírito. Abençoados sejam todos.

– Eu vou ficar no leste. Abençoados sejam. – Anastasia deu um beijo em Dragon e então saiu apressada.

– Eu vou para o sul. Abençoados sejam – Dragon disse. Eu o vi começar a levar o punho sobre o coração, já que ele automaticamente ia me demonstrar o respeito devido a uma Grande Sacerdotisa e se curvar, mas ele notou a tempo e, com um sorriso forçado, deu uma piscadela para mim antes de sair na direção do lado sul do estádio, deixando-me só com Stevie Rae e Rephaim.

– Z, isso vai funcionar? – minha melhor amiga perguntou.

– Tem que funcionar, mas, se alguma coisa terrível acontecer, você e Rephaim têm que ir embora. Não esperem por mim. Não esperem por Kevin, Aphrodite, nem por ninguém. Só vão embora. E não voltem para a montanha. Peguem a van. Vão para a fazenda de Vovó. Eu encontro com vocês lá.

– Entendido – Rephaim assentiu sobriamente. – Eu vou mantê-la em segurança.

– Pelo menos nós estamos usando as camisetas certas – Stevie Rae apontou para os moletons vermelhos da Universidade de Oklahoma que o meu grupo inteiro tinha escolhido usar. – A Universidade de Oklahoma quase sempre ganha.

– *Boomer Sooner!* – eu disse. – E abençoados sejam vocês dois.

Demos um rápido abraço em grupo, e então eles foram para o lado norte do estádio. Respirei fundo, tentando me preparar. Eu me virei para ir na direção do campo quando escutei uma voz que me deixou paralisada. Olhei freneticamente em volta. Stark estava parado perto do banheiro masculino, falando com – e outro choque me atingiu – *Dallas*! Neste mundo, Dallas era um vampiro azul, mas ele estava exatamente igual à última vez em que eu o tinha visto, logo antes de morrer.

Abaixei a cabeça e passei por eles, como se eu tivesse que ir para o banheiro feminino rápido, *bem* rápido. Então fiz uma pausa depois de uma parede de concreto, escondendo-me em sua sombra e escutando atentamente.

– Dallas, pare de reclamar e vá para o nível do campo agora – Stark disse. – Eu preciso que você e todos os oficiais que não estiverem na cabine de imprensa com Neferet fiquem lá embaixo. Mantenha aqueles soldados vermelhos unidos. Mantenha-os sob controle. Faça com que fiquem em posição de descanso. Que inferno, faça com que eles fiquem de ponta-cabeça, qualquer coisa que seja. Só evite que eles devorem as líderes de torcida!

– Ei, eu entendi. Vou fazer o melhor que posso, mas tem muitos soldados vermelhos. Eles estão em um número muito maior do que nós.

– Então mate um deles, se for preciso. Faça com que eles tenham mais medo de você do que fome. Que merda, Tenente, eles acabaram de comer!

– Né? A fome deles é irritante demais.

– Bom, mantenha todos sob controle! A última coisa que precisamos é de um massacre lá embaixo.

*Stark não sabe o que Neferet está planejando!* A compreensão me atravessou. *Eu sabia! Eu sabia que ele não podia ser como Neferet. Ela está usando Stark e a devoção dele a Nyx.* Aquele pensamento deixou meu humor mais leve e alterou a minha atitude.

Stark e Dallas se separaram. Eu observei Stark desaparecer dentro de uma entrada vigiada, coberta com uma cortina, em que se lia CABINE DE IMPRENSA em uma placa acima da porta.

*Ótimo. Pelo menos eu sei onde ele está. Stark não vai aceitar Neferet ordenando que o Exército Vermelho devore inocentes. Ele vai se rebelar contra esse massacre. Ele vai tentar impedir isso. E, quando ele fizer isso, nós seremos a sua retaguarda.*

Sentindo-me muito mais confiante, eu me preparei e entrei no estádio. O jogo já tinha começado e as bandas – nas pontas dos lados opostos do estádio – estavam tocando algum tipo de duelo de músicas que fazia com que muitas pessoas estivessem em pé. Eu fiquei de olho na arquibancada, tentando encontrar um lugar vazio o mais perto possível do centro do campo. Na fileira vinte e cinco, finalmente avistei um lugar e abri caminho em meio a um mar vermelho até chegar lá, onde tentei sentar – mas o juiz tinha acabado de apitar falta contra a Universidade de Oklahoma, então, claro, todos os Sooners em volta de mim se levantaram e vaiaram.

Então fiquei em pé também, e finalmente deixei que o meu olhar fosse na direção do campo.

Heath estava lá. Ele tinha corrido para a lateral do gramado, tirado o capacete e gesticulava muito em uma discussão com o juiz, que estava balançando a cabeça e apontando para o campo, para a aglomeração de jogadores da Universidade de Oklahoma onde Heath deveria estar.

Eu fiquei olhando fixamente e coloquei a mão no peito porque o meu coração estava batendo tão forte que eu tinha a sensação de que ia sair para fora do meu corpo. Ele estava usando a camisa número três, como sempre. Tive que piscar com força para não chorar. O número três não era por causa de Daryle Lamonica, o famoso *"Mad Bomber"* do Oakland, que jogou futebol americano tipo milhões de anos atrás, nos anos 1960. (Eu só ouvi falar nele porque Heath sabia *simplesmente tudo* de futebol americano.) Enfim, Heath sempre usou o número três porque foi quando nos conhecemos. No terceiro ano.

Eu enxuguei os olhos e continuei olhando para Heath. Ele era tão fofo! Parecia que uma vaquinha tinha lambido o cabelo dele, levantando adoráveis tufos loiros cor de areia. Ele estava com aquelas linhas escuras desenhadas embaixo dos olhos que os quarterbacks usavam, o que me levou de volta para o ensino médio, e tive que segurar a vontade de berrar o nome dele e de exclamar o bom e velho grito de guerra da Broken Arrow, *"Go Tigers!"*.

O juiz fez um gesto dispensando Heath, e ele enfiou o capacete de novo na cabeça, juntando-se ao grupo de jogadores.

*Ele parece tão adulto!* Percebi isso enquanto observava o seu time – um time mais velho e mais experiente – olhar para Heath enquanto ele comandava a próxima jogada. Meu coração doeu, mas juro que eu poderia ficar assistindo a Heath durante dias. Eu cresci vendo Heath jogar futebol americano, ficando cada vez melhor,

transformando-se em um atleta de destaque e, finalmente, em um líder de destaque. Eu fiquei feliz de ver que ele tinha segurado a onda. Obviamente, ele não tinha se afundado em um barril de cerveja e desistido de tudo depois que eu morri.

Claro, uma parte de mim ficou um pouco ressentida – a parte egoísta e imatura. Mas o resto de mim… bom, o resto de mim amou assisti-lo vivendo o seu sonho. E, quando ele fez o primeiro *touchdown* do jogo, eu fiquei em pé também, juntando-me aos torcedores mais fanáticos da Universidade de Oklahoma e ao seu novo canto de “Nós temos Luck! Nós temos Luck! Nós temos Luck!”.

Ele saiu do campo com o ataque, e foi nessa hora que eu a vi. Uma das líderes de torcida – uma garota negra atraente, usando o uniforme minúsculo da Universidade de Oklahoma – correu até Heath, colocou os braços ao redor dele e o beijou na boca. Enquanto a multidão vibrava, Heath retribuiu totalmente o beijo.

– *Touchdown* para Universidade de Oklahoma! – anunciou o locutor. – E o seu quarterback acaba de receber uma *saudação de Oklahoma* de Jenn Amala, uma das líderes de torcida. Parece que a *sorte* dele é muito mais do que um nome.

Senti um aperto na garganta quando vi Heath dar aquele seu sorriso doce para a garota, enquanto ela saía dando pulos (pulos! sério!) para se juntar com o resto do seu grupo com pouquíssima vestimenta. Heath acenou para a multidão.

Então o pequeno walkie-talkie no meu bolso chiou.

– Zo. Atenda, Zo!

Eu sentei, cobri uma orelha, coloquei a mão sobre o walkie-talkie e tentei fingir que estava falando no telefone.

– Kev?

– Estão todos aqui?

– Sim. Estamos nas nossas posições.

– Ignore aquela garota. Ele sempre vai amar você.

Eu suspirei.

– Isso não é importante agora. Onde você está?

– Na parte mais alta do lado oeste. Ironicamente, logo abaixo da cabine de imprensa. Na direção do centro do campo, mas beeeeem acima. Pronto para chamar a água quando você der o sinal.

– Ei, isso significa que você está aí em cima bem atrás de mim. Eu estou na fileira vinte e cinco, perto do centro do campo. Onde está Aphrodite?

– Na cabine de imprensa com Aquela-Que-Não-Deve-Ser-Nomeada.

– Entendi – eu falei.

Então a voz de Kevin ficou fazendo eco porque ele deve ter coberto o walkie-talkie para sussurrar.

– Ei, a gente não consegue pegar nenhuma arma porque todos os vampiros vermelhos estão no campo.

– Dragon já sabe disso. Eles vão ter que improvisar – eu falei.

– O que significa que a gente vai ter que trabalhar rápido.

– Esse é o plano – eu disse. O estádio ressoou de novo quando a Universidade Estadual de Oklahoma perdeu a bola e o outro time recuperou. – Tenho que ir. Não estou te ouvindo muito bem.

– *Boomer Soo…* – Kev gritou antes de o walkie talkie cortar o som.

Heath correu de volta pelo campo e os meus olhos o seguiam. Bom, quando eu não estava encarando a namorada dele. Eu tinha que admitir que Jenn Amala era bonita. E achei bom que ela não era uma loira qualquer como Kayla. Estremeci só de pensar nisso.

Shaunee ficaria feliz por Heath estar variando mais o seu gosto. Tentei ficar feliz também.

E, como não consegui, voltei a assisti-lo e a tentar controlar a bile que continuava subindo pela minha garganta.



## Outra Aphrodite

– Este jogo é um tédio – Neferet reclamou, dando um gole em uma taça de cristal cheia de vinho tinto misturado com sangue bem vermelho. – Pensei que essa coisa toda do Bedlam fosse uma rivalidade magnífica.

– Bom, e é – Aphrodite disse com relutância, dispensando com a mão um dos Guerreiros de Neferet que tentou servi-la com mais vinho misturado com sangue. – Mas é que o time da Universidade Estadual de Oklahoma não é muito bom, só isso.

– *Não muito bom* parece gentileza da sua parte. Está na interrupção e o placar está trinta e oito a três. *Três.* Um *field goal* foi tudo que o time laranja conseguiu.

– Intervalo – Aphrodite a corrigiu.

– O quê? – A cabeça de Neferet girou como a de uma coruja para olhar para Aphrodite. – E por que você está com essa roupa tão simples?

Aphrodite olhou para a sua calça jeans, os seus sapatos de salto Jimmy Choo favoritos, prateados e brilhantes, e a camiseta vermelha da Universidade de Oklahoma que ela havia amarrado com um nó para mostrar um pouco da sua barriga chapada e maravilhosa.

– Neferet, eu estou vestida para um jogo de futebol. E essa pausa no jogo não se chama interrupção. É intervalo.

– Questão de semântica. – Ela gesticulou desprezando o comentário de Aphrodite.

– As bandas são boas. – Aphrodite tentou manter uma conversa fiada que continuasse tranquila.

– Boas? São pavorosas. Barulho demais e pouca elegância. – Ela tamborilou suas unhas vermelhas compridas no vidro da cabine de imprensa e estendeu a sua taça vazia. – Artus. Mais vinho.

O Guerreiro grisalho se moveu com a velocidade e a graça de um predador, enchendo a taça da sua Grande Sacerdotisa. Ao fazer isso, Neferet deslizou uma unha afiada pelo seu braço, delineando o bíceps e deixando um rastro rosado e aparentemente dolorido.

O Guerreiro reprimiu um gemido de prazer.

Enojada, Aphrodite desviou o olhar.

– Você tem mais alguma coisa a dizer? Talvez um “obrigada” por estes lugares formidáveis? – Neferet perguntou a Aphrodite.

– São ótimos lugares. Eu costumava sentar aqui em cima com o meu pai. Ele foi aluno da Universidade de Tulsa – Aphrodite falou.

– De novo… que tédio. Pais humanos são tão superestimados. Achei que você entendia isso.

Aphrodite deu de ombros.

– Comparado com a minha mãe, ele ganhava o troféu de pai do ano, todos os anos. – Ela percebeu o olhar sombrio de Neferet e rapidamente mudou de assunto. – Mas ele nunca teve o poder que você tem. É incrível ter a cabine de imprensa toda para nós. Obrigada pelo convite, Neferet. Esses lugares realmente são ótimos.

Aphrodite olhou em volta, colocando um sorriso de gratidão forçado em seu rosto engessado. A única outra pessoa na cabine com elas, além dos Guerreiros de Neferet, era um humano muito suado que estava comentando o jogo. Neferet tinha tocado o

homem para o canto mais distante do ambiente e ignorado completamente sua presença. Aphrodite percebeu que ele tinha começado a gaguejar no meio do jogo quando Neferet começou a reclamar do tédio.

– O que você fez com aquele jovem vampiro vermelho que estava seguindo você por aí? – Neferet tinha desviado o olhar da enorme parede de vidro e estava analisando Aphrodite com uma concentração desconcertante.

– Quem? Ah, você está falando do Tenente Fedido. – Ela deu de ombros novamente. – Eu disse para ele ir procurar o seu pelotão ou esquadrão ou sei lá como chama. Não me importo com o que Stark diz, eu não aguento mais o cheiro dele.

– Stark disse que *não* designou aquele soldado para você.

O coração de Aphrodite começou a bater mais forte, mas ela havia passado a infância inteira escondendo o medo que tinha da mãe – e aquela habilidade nunca a abandonou. Ela revirou os olhos.

– Ah, certo. Foi escolha *minha* ter um vampiro vermelho rançoso me seguindo por aí. Espere aí! Eu pensei que Stark estava seguindo as *suas* ordens. – Ela se endireitou na cadeira, como se aquele pensamento tivesse acabado de ocorrer a ela. – Quer dizer que você não mandou Stark me acorrentar àquela criatura fedida?

– Não, minha querida. Não mandei.

Ela bufou.

– Bom, eu vou ter uma palavrinha com o General Cara do Arco. Onde ele está, afinal?

– Cuidando do Exército Vermelho. Ele deve voltar a qualquer momento – Neferet respondeu.

– Ótimo. Vou dizer a ele que, se a ideia de designar o Fedido para mim foi uma piada, *eu não achei graça nenhuma.*

– Hum. Isso é interessante. – O olhar de Neferet então se voltou para o campo abaixo delas, onde as bandas haviam terminado de tocar e os jogadores estavam se aquecendo. – Ao contrário desse jogo, mas eu sei como posso deixá-lo muito mais interessante. Artus, pegue o microfone daquele humano inconsequente ali e traga para mim. Está na hora.

Aphrodite se sentiu enjoada.

– Hora do quê?

– Você não é Profetisa? Não é você quem deveria me dizer? – Os olhos aguçados de Neferet a aprisionaram.

Aphrodite fez o melhor que podia para parecer confusa.

– Não. Eu não tive nenhuma visão desde aquela com o campo de feno.

– Bem, então olhe e aprenda. – Neferet pegou o microfone que o Guerreiro havia tirado do comentarista. – Preciso daquela câmera em mim. Quero aparecer no telão com o placar para que todos possam me ver.

– Humano! Vire a câmera para a Grande Sacerdotisa! – Artus ordenou.

O pobre rapaz estava tremendo tanto que quase não conseguiu virar a câmera na direção de Neferet.

– O que você vai fazer? – O estômago de Aphrodite estava revirando tanto que ela estava achando difícil respirar.

– Bom, eu simplesmente vou dar uma animada nas coisas. Está pronto?

– Si-si-sim, senhora.

– Grande Sacerdotisa! – Neferet berrou. – Quantas vezes eu vou ter que dizer a vocês, humanos simples e ridículos, principalmente

vocês, *homens*, que o meu título é Grande Sacerdotisa, não querida, nem docinho, nem senhora!

– E-eu si-sinto muito, Grande Sacerdotisa – ele choramingou.

– É claro que você sente. Eu o perdoo. – Ela sorriu como um réptil. – Agora ligue essa coisa.

A luz vermelha piscou e o homem assentiu para ela. Aphrodite olhou para o campo e viu o rosto de Neferet aparecer de repente em cada telão e monitor de TV do estádio.

– Boa noite a todos vocês. Eu sou Neferet. A sua Grande Sacerdotisa. Eu estou *empolgada* que vocês aceitaram o meu convite e vieram celebrar o Bedlam comigo. Eu tenho certeza de que muitos de vocês, especialmente aqueles vestidos de laranja, estão desapontados e talvez um pouco entediados com o desenrolar do jogo. Eu posso dizer que eu estou. Felizmente, preparei uma solução, embora minha intenção fosse deixar isso para quando o jogo estivesse oficialmente encerrado, mas não importa. Agora é a hora perfeita. Talvez vocês tenham notado que o meu adorável Exército Vermelho está no nível do campo, guardando todas as saídas. Com esse cheiro, certamente é difícil não reparar neles! – Ela riu da própria piada antes de continuar. – Bom, assim como tudo que eu faço, posicioná-los ali teve um propósito, e agora vou explicar o porquê. O time vencedor vai levar para casa aquele sino de vidro idiota. O time perdedor, incluindo líderes de torcida, banda e técnicos, vai ser todo devorado pelo meu Exército Vermelho. Perdedores são realmente desprezíveis, vocês não concordam? Então, continuem e façam o seu melhor. Metade de vocês tem pouco tempo de vida restante.

# 32

## Zoey

Quando a imagem de Neferet sumiu dos monitores de vídeo, o estádio irrompeu em pânico. Os humanos em toda parte se levantaram imediatamente e começaram a empurrar uns aos outros para chegar até as saídas. Lutei para ficar no meu assento enquanto as pessoas ao meu redor se empurravam, xingando e chorando. Horrorizada, abaixei os olhos para o campo. Heath tinha arrancado o seu capacete e estava encarando o time adversário. Eu assisti paralisada quando ele caminhou decidido na direção deles e se ajoelhou. Então, virando-se para encarar a cabine de imprensa, Heath ergueu a mão em um gesto desafiador. Devagar, os seus companheiros de time se juntaram a ele, cercando-o, e fizeram o mesmo.

Eu pude ver as lágrimas nos olhos dos jogadores da Universidade Estadual de Oklahoma quando eles seguiram o exemplo. Técnicos, líderes de torcida, árbitros… todos se ajoelharam e levantaram os punhos em protesto.

E, apenas com esse gesto, as pessoas ao meu redor também mudaram sua postura. O pânico cessou quando a primeira pessoa

fez uma pausa e ergueu o punho para o céu, virando-se para encarar a cabine de imprensa de modo desafiador. Então outra parou, depois outra, até que um mar laranja e vermelho começou a ondular junto em protesto.

O rosto de Neferet surgiu de novo nas telas, só que desta vez ela não parecia linda e serena. Desta vez ela estava mais como a Neferet que eu conhecia muito bem – totalmente louca. Os seus olhos verdes estavam manchados de vermelho e saliva voava dos seus lábios enquanto ela gritava para a câmera.

– *Vocês vão voltar a jogar ou eu soltarei o meu Exército Vermelho em cima de todos! Vocês têm até o final da interrupção para decidir!*

Isso disparou uma onda de medo pelo estádio, mas Heath não se moveu. E o resto das pessoas em campo se manteve firme também.

Eu apertei o botão do walkie-talkie.

– Anastasia!

– Aqui!

– Chame o ar!

Eu me concentrei e senti uma corrente do ar quente da noite passando por mim em direção ao leste, atendendo ao chamado de Anastasia.

– Dragon… vai!

Fiz uma pausa até sentir o calor do fogo, como se alguém tivesse ligado um desses aquecedores a gás para áreas externas que os restaurantes usam. Então apertei o botão do walkie-talkie de novo.

– Kev, sua vez! – eu gritei para o walkie-talkie, sabendo que ele estava em algum lugar no alto das arquibancadas atrás de mim.

Assim que senti o cheiro do oceano, eu disse:

– Terra! Sua vez, Stevie Rae!

– Facinho! – a resposta dela chegou, seguida pelo aroma de grama recém-cortada.

– Espírito, eu preciso de você! Por favor, venha e complete o meu círculo!

As pessoas mais próximas de mim haviam começado a me encarar, então eu fiz a única coisa na qual consegui pensar. Passei a manga do meu moletom na minha testa e no meu rosto, expondo as minhas tatuagens de vampira adulta. E sorri para as pessoas ao meu redor.

– A Resistência está aqui. Nós vamos ajudar vocês. Espalhem a notícia. Tentem ficar calmos.

– Mas o que vocês podem fazer contra o Exército Vermelho? Eles são monstros! E, se eles nos morderem, a gente morre!

– Vejam! – Eu apontei, fazendo um movimento circular com o dedo, seguindo a faixa de luz prateada incandescente que circundava o estádio inteiro. – Esse é o meu círculo. Nós temos mais poder do que vocês imaginam. Confiem em nós. Estamos aqui para deter Neferet para sempre.

As pessoas ao meu redor ofegaram, surpresas. Uma mulher deu um passo à frente.

– Boa sorte. Nós contamos com vocês – ela disse. – E abençoados sejam. A minha irmã foi Marcada muito tempo atrás. Ainda sinto falta dela.

– Obrigada! – eu agradeci.

– O que nós podemos fazer para ajudar? – o homem ao lado dela perguntou.

– Eu preciso chegar lá em cima. Rápido. – Apontei para os assentos acima de nós e logo abaixo da cabine de imprensa.

A mulher que tinha falado primeiro se virou e gritou para a fileira à sua direita.

– Jeremy! Ajude esta jovem, por favor? Ela precisa chegar lá em cima bem rápido. – A mulher apontou para cima.

Um homem gigante se levantou e olhou na minha direção. Percebi que ele era bem parecido com a mulher mais velha.

– Claro, mamãe – ele respondeu e olhou para mim. – Bom, mana. Fique atrás de mim e bora lá. Segura aí no meu cinto pra eu não te perder.

Eu não questionei a ordem, só fiz o que ele mandou. Ele se virou. Eu agarrei o cinto dele, e então ele começou a subir, dando passos gigantes para cima de cada fileira, enquanto as pessoas abriam caminho ou ele simplesmente as empurrava de lado como se fossem cortinas e ele estivesse determinado a atravessá-las para chegar ao palco.

Eu segui em seu rastro, agradecida, segurando o cinto dele com as duas mãos de modo que ele praticamente me carregou como uma cauda atrás dele.

– Mana, tem um cara lá berrando e acenando pra gente. É pra ele que eu tô te levando?

Eu espiei pelo lado da montanha humana na minha frente e vi Kev, abanando os braços por cima da cabeça na nossa direção.

– É, é o meu irmão.

– Guenta aí!

Eu me segurei firme, e logo Jeremy me depositou bem na frente de Kevin. Ele estava sozinho na última fileira da arquibancada. Todo mundo tinha saído correndo na direção das saídas.

– Cara, isso foi demais! – Kevin estendeu a mão para cumprimentar o cara gigante.

– Sem problemas. Precisam de mais alguma coisa?

– Não – eu respondi. – Volte para a sua família e deixe todo mundo junto e calmo. A gente assume daqui. E obrigada. Muito obrigada.

– De nada, mana. – E, tão facilmente quanto ele tinha subido até lá, Jeremy, o Gigante, fez o seu caminho de volta até lá embaixo.

– Ok, a gente vai chamar Oak e os espíritos agora, certo? – Kev perguntou.

– Ainda não. Primeiro, temos que ir até a cabine de imprensa. – Eu dei uma olhada no quadro do placar. – A gente tem exatamente um minuto e vinte e dois segundos antes que o intervalo acabe. Não dá tempo de negociar com Oak para consertar essa bagunça e, se a gente não conseguir conter a ordem de “Devorem todos” da Neferet, um monte de humanos inocentes vai morrer.

– Como diabos você acha que vai impedir Neferet de mandar o Exército Vermelho começar a matança?

– Eu vi Stark indo para lá. Espero que ele ainda esteja na cabine. Eu não vou impedir Neferet. Ele também não precisa impedi-la. Tudo que ele tem que fazer é…

– Dar uma contraordem! – Kevin sorriu. – Isso pelo menos vai deixar os exércitos confusos e fazer com que eles hesitem.

– Sim, por tempo suficiente para que a gente invoque os espíritos e faça com que eles curem os vampiros vermelhos.

– Bom plano, Zo, mas como a gente vai chegar lá? – Ele apontou para a caixa de vidro gigante acima de nós.

– Bom, como Stevie Rae diria, já que nós temos todos os cinco elementos aqui, isso deve ser facinho. Confie em mim. Não sou uma Sacerdotisa de primeira viagem. – Eu apertei o botão do walkie-talkie. – Anastasia! A gente precisa do ar. Isso significa que você

tem que se concentrar e nos ajudar a controlar o seu elemento. Pronta para fazer isso?

– Sim, estou! – ela disse.

– Ok, aí vai! – Eu estendi a mão para Kevin, e ele a pegou sem hesitação. – Foque no ar… em como ele é forte, em como ele nos cerca e nos preenche e está sempre aqui para nós. – Então eu me virei, de modo que Kevin e eu ficamos olhando para o leste. – Ar! Escute o meu chamado! Eu sou Zoey Redbird. Este é meu irmão, Kevin Redbird. Nyx nos concedeu afinidade com o ar e precisamos que você nos ouça. Para o bem deste mundo, nós precisamos ser levados até lá em cima. – Eu apontei para a parte mais alta da cabine de imprensa, sabendo que Neferet nunca se contentaria com assentos que não fossem os melhores. – Ar, leve-nos para lá! – Eu apertei a mão de Kevin com força. – Tenha foco! E não solte!

Kevin e eu fechamos os olhos. Eu imaginei o ar rodopiando ao nosso redor, tornando-se tangível, como uma rajada de vento transformada na mão da Deusa – envolvendo-nos com a palma de sua mão e nos levantando. Dentro da minha imaginação, eu de repente vi uma imagem clara de Anastasia. Ela estava sentada de pernas cruzadas no alto da arquibancada leste, com os olhos fechados e a sua cabeça inclinada para trás. O rosto dela estava completamente sereno. O seu longo cabelo loiro com mechas grisalhas flutuava ao seu redor em correntes invisíveis de ar. Ela estava radiante e bonita como eu nunca tinha visto antes.

E então Kevin e eu fomos cercados por um funil de ar, mas esse funil não era como um tornado louco de Oklahoma. Era reconfortante, sereno e quente. Seguros dentro do olho da tempestade, nós começamos a levantar.

– Uau! É, a gente manda bem!

Eu podia ouvir a multidão abaixo de nós exclamando surpresa, mas continuei focada, pensando no ar e em como eu estava grata ao elemento invisível, mas sempre poderoso. Em alguns segundos, nós estávamos flutuando em frente à parede de vidro onde Neferet estava, de onde ela nos encarava furiosa. Aphrodite também estava lá, com olhos arregalados. Também havia um Guerreiro mais velho, enrugado, cheio de cicatrizes e com olhos malvados, observando-nos com uma expressão fria e calculista.

E lá estava Stark, que tinha acabado de entrar correndo na cabine de imprensa, boquiaberto e nos encarando.

– Como vamos entrar? – Kevin gritou mais alto que o barulho do funil de vento.

– Do mesmo jeito que a gente subiu até aqui. O ar pode nos levantar, então também pode quebrar aquele vidro. – Eu vi o olhar chocado de Aphrodite e pronunciei com a boca, sem som: *Abaixe-se.* Ela não hesitou. Ela se jogou no chão, e então levantei as minhas mãos, junto com as de Kevin. Virei a cabeça para olhar para ele, que encontrou o meu olhar. – Imagine o que a gente quer, e depois a gente pede para o ar empurrar forte – eu falei, e ele assentiu. Fechei os olhos de novo, concentrando em uma visão do ar batendo com força contra o vidro e o estilhaçando em milhões de pedacinhos, que caíam inofensivamente nas arquibancadas vazias abaixo de nós. Então abri os olhos e falei para Kevin. – Com força! Agora!

Kev e eu nos concentramos e, milagrosamente, o ar respondeu, batendo com força contra o vidro e o estilhaçando em uma poeira de diamante, antes de nos levar através da moldura da janela vazia e nos depositar gentilmente do lado de dentro, a apenas alguns passos de Neferet.

# 33

## Zoey

– Obrigada, ar! – Eu agradeci antes de encarar uma Neferet furiosa. – Oi, Neferet. Lembra de mim?

– Criança insolente! – ela gritou. – Eu nunca vi você antes na minha… – Ela perdeu as palavras abruptamente, e eu vi um lampejo no seu rosto no instante em que ela me reconheceu.

– Isso mesmo. Você pensou que tinha me matado. Adivinha? *Eu voltei!* – E, sem pensar, o meu corpo fez algo que eu tinha vontade de fazer há eras. Encurtei o espaço que nos separava e tasquei um tapa, com força, na cara dela.

– *Sua putinha!* – Neferet colocou rapidamente a mão no rosto enquanto as sombras ao redor dela se desdobravam em filamentos de Trevas e começavam a sibilar de raiva e a deslizar na minha direção.

– Ah, que inferno, não! Já passei por essa droga antes. – Eu olhei para Kevin, que estava bem atrás de mim. – Concentre-se no espírito! – Eu o vi assentir e então levantei as mãos. – Espírito, ilumine essas criaturas de Trevas com a Luz da Deusa!

Uma bola de luz roxa brilhante se formou nas minhas mãos, e eu a arremessei dentro das sombras retorcidas.

O grito de Neferet espelhou os berros inumanos dos filamentos. Estava torcendo para que esta Neferet ainda não pudesse manifestar completamente os seus “filhotes” neste mundo e, assim, incapazes de suportar a Luz da Deusa, eles bateram em retirada para o vácuo das Trevas – ou para qualquer outro inferno (literalmente) de onde tinham vindo.

– Artus, meu Guerreiro! *Mate-os!* – Neferet ordenou.

Eu estava tentando pensar freneticamente qual elemento podia invocar para nos ajudar a enfrentar o Guerreiro quando Kevin deu um passo na minha frente e, com um movimento rápido, tirou de uma bainha na sua perna uma faca com uma lâmina branca de aparência estranha. Ele gritou:

– Ar, guie isto para o lugar certo! – Ele atirou a faca.

Com uma rajada uivante de um vento forte como um furacão, a adaga se encravou até o punho no pescoço do Guerreiro. Artus levou a mão até ela por um momento, até que os seus olhos ficaram brancos e, como uma torre em um terremoto, ele desabou.

– Você trouxe uma faca para cá? – eu perguntei, atordoada.

Aphrodite sorriu.

– Foi ideia minha. É feita de porcelana. Não aparece nos detectores de metal.

– General Stark! Proteja a sua Grande Sacerdotisa! Mate esses assassinos!

Stark pegou o seu arco e engatou uma flecha nele.

Eu sabia que estávamos ferrados se Stark atirasse. O meu Guardião, o meu Guerreiro, o meu amante nunca, nunca errava.

Aphrodite ficou de pé e correu para se colocar na frente de Kevin e de mim.

– Não faça isso, Stark. Eles são os mocinhos da história… não Neferet.

– Você me traiu? A minha própria Profetisa? – O rosto de Neferet empalideceu. Os seus olhos faiscavam com uma estranha luz vermelha.

Sem se afetar nem um pouco pelo ódio de Neferet, Aphrodite jogou o cabelo para trás e encarou a Grande Sacerdotisa enlouquecida.

– Ah, que merda! Eu não sou a *sua* Profetisa! Assim como Stark não é o *seu* general. Em primeiro lugar e para sempre, nós juramos servir a Nyx, e já ficou óbvio para mim há algum tempo que você não está servindo a Deusa. Você se aliou às Trevas. – Aphrodite desviou o olhar de Neferet e se voltou para Stark. – Você também sabe disso. Stark, você e eu não somos amigos, mas você não é como ela. Você ainda segue Nyx.

– Mate essas crianças insolentes! Todos eles! E, enquanto você faz isso, eu vou ordenar que o *meu* Exército Vermelho ensine a esses humanos patéticos uma lição que eles nunca mais vão esquecer. – Ela se levantou para pegar o microfone, mas Stark a interceptou, pegando primeiro.

– O que você está fazendo? – A voz de Neferet estava repleta de ódio. – Você quer dar a ordem para matar ou vai me trair também, provando ser um mentiroso e quebrando o seu Juramento como Aphrodite?

Eu falei antes que ele respondesse, rapidamente.

– Stark, eu diria para você não escutar o que ela diz, mas você precisa escutar. Ouça Neferet cuidadosamente. Observe-a. Pense.

Aposto que você já a vem observando há algum tempo, porque você não é nada disso. Você não é um mentiroso. Você não quebraria o seu Juramento. Você leva os seus votos muito a sério e você deve saber que Neferet não está seguindo Nyx há muito tempo.

– General Stark, cale essa criança ridícula!

– Não, Neferet. Você já fez isso uma vez, quando você me matou para começar essa maldita guerra. Você nunca mais vai fazer isso de novo.

– Zoey Redbird? – Os olhos de Stark se arregalaram de choque quando ele finalmente me reconheceu. – Você é a novata que foi morta pelo Povo da Fé mais de um ano atrás.

– Bem, sim. Mais ou menos. Uma versão de mim foi morta, mas não pelo Povo da Fé. Neferet me matou e arrumou a cena do crime para parecer que o assassinato foi cometido por humanos radicais. Neferet foi ferida quando criança antes de ser Marcada. Em vez de se curar, ela escolheu o caminho da vingança e do ódio. Ela detesta todos os humanos. Toda essa guerra não é nada mais do que a maneira de Neferet revidar o estupro que sofreu do pai.

– Sua *vadia*! Você não sabe nada sobre mim!

– Você está totalmente errada. Eu provavelmente conheço você melhor do que você mesma. Eu sei que em breve você iria tentar libertar um imortal alado da sua prisão eterna para que pudesse fingir que ele é Erebus. Eu sei que você tem estudado a terrível Tsi Sgili. Eu também sei que você está considerando a ideia de ser consorte das Trevas em seu estado bruto, o Touro Branco. – Enquanto eu falava, observei os olhos de Neferet e vi a verdade dentro deles, quando eles registraram o choque por eu saber de tudo aquilo. Voltei a minha atenção para Stark. – Stark, você realmente acredita que há alguma chance de Nyx aprovar que

vampiros vermelhos matem um estádio inteiro cheio de humanos inocentes?

– É claro que Nyx aprova – Neferet afirmou. – E por que não aprovaria? O tempo dos humanos acabou. O que eles fizeram em todos esses séculos, desde que permitimos que eles usurpassem o nosso poder sobre este mundo? Eles envenenaram esta terra preciosa, guerrearam interminavelmente entre si mesmos e cometeram atrocidades em nome de diversos deuses. A Deusa sabe que eles só servem como alimento e força de trabalho. Senão, por que ela criaria os vampiros vermelhos, a não ser para nos dar a vitória sobre os homens? Agora, faça o que a sua Deusa e eu ordenamos… mate todos eles!

Eu encontrei o olhar de Stark.

– Você sabe que ela está errada, mas eu posso provar. Só diga para o Exército Vermelho se afastar e eu mostro a você.

– Esse não é o tenente vampiro vermelho em quem você confiou? – Neferet fez um gesto na direção de Kevin, que se retraiu. – Aquele que essa Profetisa vadia e mentirosa disse que você designou para ela? Não é de se espantar que a sua última missão tenha falhado, General Stark. Ele não é um vampiro vermelho! Ele nem sequer tem uma Marca! Ele faz parte da Resistência!

Não consegui impedir que o meu olhar se voltasse para o campo. O Exército Vermelho não tinha atacado, mas eles estavam se movimentando lá embaixo. Eu vi soldados vampiros azuis tentando contê-los enquanto aguardavam a ordem de Neferet para começar a matança. Os dois times de futebol americano tinham formado um grupo em forma de círculo no meio do campo – jogadores do lado externo e líderes de torcida, árbitros e técnicos do lado de dentro. Não consegui ver Heath, mas eu tinha certeza absoluta de que ele

seria um dos primeiros a morrer se Stark não escolhesse o nosso lado.

Ao meu lado, Kevin tirou a maquiagem da sua Marca vermelha.

– Errou de novo, Neferet. Eu sou o que todos aqueles soldados lá embaixo podem se tornar se a humanidade deles for restaurada, que é exatamente o que Zoey, Aphrodite e eu pretendemos fazer hoje. – Ele se voltou para Stark. – Desculpe por ter mentido, mas eu tenho uma mensagem para você de William Chidsey. Ele está envergonhado por você estar ao lado de Neferet. Ele sabe que você é melhor do que isso.

O rosto de Stark ficou branco ao ouvir a menção ao nome do seu amado mentor.

– William está morto.

– Neste mundo, ele está – eu disse. – Mas isso só significa que ele está junto da Deusa. Você realmente acredita que ele ficaria orgulhoso das coisas que você fez em nome de Neferet?

Sem responder, Stark levou o microfone aos seus lábios e apertou o botão para falar.

– Aqui é o General Stark. A ordem de Neferet para matar foi retirada. Eu repito: abaixem a guarda. Abaixem a guarda agora. Mantenham o controle do Exército Vermelho e aguardem as minhas ordens. Acenem se vocês entenderam!

Ele fez uma pausa, e todos nós olhamos para o campo lá embaixo, onde um oficial vampiro azul, depois outro e depois outro, parados entre os humanos no campo e os vampiros vermelhos agitados, deram um passo em frente e acenaram, indicando que haviam recebido a ordem.

Eu estava observando os oficiais quando senti um choque ao reconhecer um deles. Eu tinha certeza de que sabia quem era.

Mesmo daquela distância, o corpo poderoso e o modo como se mexia eram evidentes. *É Darius. Eu sei que é!*

Stark pressionou o botão do microfone de novo.

– Excelente. Darei novas ordens em breve. Humanos, fiquem onde estão. Vocês estão seguros. – Ele soltou o botão. – Prove que você está dizendo a verdade, Zoey Redbird.

– Não! – Neferet berrou. Levantando as mãos e mostrando as garras, ela se precipitou na direção de Stark, que facilmente desviou para o lado, segurando os braços dela para trás e empurrando-a para uma cadeira.

– Fique quieta e sentada aí ou eu vou amordaçar e amarrar você. Tenho ouvido as suas vontades e seguido as suas ordens há meses, acreditando que eu estava cumprindo a vontade da Deusa. Agora é a sua vez de ouvir. Vamos ver de uma vez por todas exatamente quem está seguindo Nyx e quem é a pessoa quebrando Juramento e mentindo. – Ele assentiu para mim. – Mostre para mim.

– Vamos olhar para a janela e invocá-los juntos – eu disse para Kevin.

– Estou com você, Zo.

– Eu também – Aphrodite disse.

Nós fomos até o local onde antes havia uma parede de vidro e que agora estava aberto para o enorme céu.

– Você começa – eu falei para Kevin. – Eles conhecem você melhor neste mundo.

Eu o vi respirar fundo e soltar o ar devagar. Então a sua voz forte e confiante ecoou para a noite.

– Espíritos de Magia Antiga, seres elementais tão ancestrais quanto a terra, eu sou aquele a quem vocês conhecem como Garoto Redbird. Eu preciso da sua ajuda. Oak! Eu peço que você e os seus

elementais venham até mim. Há uma abominação que vocês precisam consertar!

– Bom trabalho – eu sussurrei para ele.

– Obrigado. Aphrodite me ajudou a ensaiar. – Ele sorriu para ela, e senti um aperto no coração ao ver o amor que ardia entre eles.

Respirei fundo, assim como Kevin tinha feito, e soltei o ar devagar. Então levantei a voz para me juntar ao chamado do meu irmão.

– Espíritos de Magia Antiga, eu sou aquela que vem de muito longe e a quem vocês chamam de Garota Redbird. Eu me junto ao meu irmão ao suplicar por sua ajuda. Oak! Eu peço que você e os seus elementos de ar, fogo, água e terra venham até mim. Vocês precisam conhecer essa abominação da natureza!

Nós esperamos e o meu estômago se revirou algumas vezes. Tive tempo de pensar na minha síndrome do intestino irritável e de desejar que o fato de eu ser uma adulta completamente Transformada e Grande Sacerdotisa pudesse ter curado isso.

Então o céu na nossa frente começou a brilhar e, com um estranho som de *Pop!*, espíritos começaram a se materializar de repente. Eu engoli o ar e ouvi Kevin e Aphrodite ofegando em surpresa, e o som ecoou pelo estádio cheio abaixo de nós.

Eu nunca tinha visto tantos espíritos – nem em Skye quando eu os invoquei com a ajuda da Rainha Sgiach. Eles preencheram o céu acima do estádio, e eram magníficos. Eles vieram em tantas formas e tamanhos que a minha mente mortal não conseguia processar tudo. Muitos pareciam pássaros com cabeças de mulheres. Alguns pareciam mais com insetos, como enormes borboletas e libélulas – cada parte dos seus corpos era fosforescente e brilhava como pérolas reluzindo.

De dentro do grupo, Oak flutuou até nós enquanto os outros espíritos abriram caminho para ela passar. Ela estava maior do que quando nos trouxe para este mundo e parecia mais selvagem, de algum modo menos humanoide e mais parecida com a personificação de uma árvore.

– *Garoto Redbird e Garota Redbird, o seu chamado é uma surpresa. Eu achei intrigante. Qual é essa abominação da qual vocês falam?*

– Olhe para o campo lá embaixo – eu disse. – E veja *bem* os vampiros vermelhos. Sinta o cheiro deles. Observe a sua fome insaciável.

– *E por que eu deveria fazer isso?* – o espírito perguntou.

Aphrodite respondeu antes que eu conseguisse.

– Porque eles são uma abominação do que é natural. Eles estão sem a sua humanidade.

O espírito ficou alerta em choque, o que provocou sussurros entre os outros seres de Magia Antiga. Então ela franziu os seus olhos amendoados de forma suspeita.

– *Mesmo? Ou eles são simplesmente uma força que se opõe a vocês? Nós não interferimos nas disputas entre os mortais, mesmo que esses mortais tenham vidas longas como os vampiros, sejam eles vermelhos ou azuis.*

– Eu já fui um deles – Kevin afirmou. – A minha humanidade foi restaurada através de um grande sacrifício no mundo da minha irmã. Mas, mesmo com o meu sangue, que me liga à terra, eu senti a mesma fome e a mesma fúria interminável. Não é natural. Não é uma força que se opõe a nós. É uma oposição à natureza e ao mundo.

– Desça lá embaixo e veja com os seus próprios olhos – eu reforcei. – Você vai entender quando examiná-los mais de perto.

– Não dê ouvidos a essas crianças. – Neferet se levantou, ajeitando o seu longo cabelo ruivo e endireitando os ombros. Nesse momento, ela parecia completamente uma Grande Sacerdotisa, amada por Nyx. – Os vampiros vermelhos são simplesmente os meus soldados. Eles são, de fato, menos evoluídos do que os vampiros azuis, mas eles são meus. Dados a mim por Nyx. Sou eu que falo pela Deusa, não esses hereges.

A risada de Oak foi visível, criando tremulações brilhantes de som cadenciado ao nosso redor.

– *Neferet, eu vejo você. Eu conheço você. Você não fala por Nyx há mais de um século.* – O espírito se virou e ordenou. – *Espíritos de ar! Vão até os vermelhos no campo. Entrem neles. Conheçam todos por dentro. Depois me contem o que aprenderam.*

Como uma miniexplosão de fogos de artifício, um grupo de espíritos saiu em disparada, caindo sobre o campo e o grupo de vampiros vermelhos confusos, que começaram a gritar de raiva e de medo e tentaram bater nos espíritos como se eles fossem insetos.

Levou apenas alguns segundos. Os espíritos de ar voltaram e Oak os encontrou. Eles a cercaram, obscurecendo a nossa visão do espírito da árvore. E então ela voltou, flutuando diante de nós, com a expressão severa. Quando ela falou, pude ver os seus dentes pontudos e afiados. Os seus olhos faiscavam de raiva.

*“Abominação da natureza de fato!*
*O pedido do conserto dos seres putrefatos*
*Nós atenderemos sem hiato.”*

Kevin e eu soltamos suspiros idênticos de alívio quando reconhecemos o tom ritmado que o espírito usava sempre que decidia fazer um acordo.

– Muito obrigada… – eu comecei.

*“Mas, como a abominação não foi feita por nós,*
*Deve haver um pagamento para este algoz.”*

– Sou eu – Aphrodite disse. Ela deu um passo na direção da janela e dos espíritos pairando no ar. – Eu vou pagar o preço para devolver a humanidade aos vampiros vermelhos.

*“Profetisa, há muito que precisa*
*aqui ser consertado*
*E, embora a sua humanidade brilhe incisiva,*
*não é luz bastante para o encantado.”*

– Aphrodite, tenha cuidado – eu falei rápido para ela em voz baixa. – Tenha certeza de que você sabe o preço exato que deve pagar.

Os seus olhos azuis me encontraram, e eu vi a verdade solitária dentro deles. Esta Aphrodite parecia com a minha, mas de repente eu percebi que, lá dentro, ela estava muito, muito mais ferida.

– Eu sei o que eu tenho que fazer e estou bem com isso. Estou mais do que bem. Estou feliz com isso. – Ela se virou para Kevin e entrou no abraço dele, levantando na ponta dos pés para beijá-lo. Eu a ouvi sussurrar para ele. – Eu te amo. Me perdoa. – Então ela se afastou dele e se aproximou mais da janela. – Eu entendo. Eu vou pagar o preço. Você tem a minha palavra como Profetisa de Nyx. O meu sangue é suficiente para consertá-los? Todos eles?

*“É suficiente como compensação.*

*Você basta para completar a transação.”*

– Espere aí. Não. Isso não parece certo – Kevin interveio.

Ele começou a estender o braço na direção de Aphrodite, mas eu segurei o pulso dele antes.

– Você não pode parar isso – eu disse.

Aphrodite olhou por sobre o ombro para mim.

– Diga a sua Aphrodite que eu fiz a coisa certa.

Os meus olhos se encheram de lágrimas, que escorreram pelo meu rosto.

– Eu vou contar. Obrigada.

– Zo, espere – Kevin falou. – A gente precisa impedi-la antes que…

Oak estendeu a mão delicada e incandescente para Aphrodite.

*“Venha, Profetisa, o nosso acordo está feito.*
*Pague o preço que é de direito.*
*Eu selo este acordo entre mim e ti.*
*E tenho dito – que assim seja.”*

– Aphrodite! Não! – Kevin pulou na direção dela, mas ela foi mais rápida. Sem hesitar, ela atravessou a janela quebrada e agarrou a mão de Oak.

Eu prendi a respiração, certa de que a gente ia assistir Aphrodite cair até as arquibancadas lá embaixo, mas isso não aconteceu.

Aphrodite flutuou com o espírito. Eles pairaram no ar juntos, enquanto as pessoas abaixo apontavam e gritavam. Eu consegui ver o rosto de Aphrodite. Ela estava radiante. O seu sorriso estava repleto de alegria, e ela parecia uma garota que não conheceu o abuso, a tristeza, a dor ou a solidão. Então os espíritos a cercaram, engolfando-a em uma bola de luz prateada brilhante.

– O que está acontecendo? – Kevin correu até a janela, olhando para fora.

Eu não conseguia dizer nada porque eu sabia o que estava acontecendo. Aphrodite estava se sacrificando para salvar este mundo.

A bola prateada incandescente flutuou devagar para baixo e, enquanto ela chegava mais perto do campo, a luz mudou sua cor para um rosa parecido com o de sapatilhas de bailarina e depois para um adorável tom salmão. Quando a bola finalmente parou na linha do centro de campo, fazendo com que os dois times debandassem para as linhas laterais do gramado, ela ainda mudou de cor mais uma vez para a sua tonalidade final: o vermelho perfeito do sangue fresco.

No instante em que tocou no campo, a bola de luz explodiu, disparando feixes de luz escarlate de dentro dela. Como ondas batendo numa praia, a luz ensanguentada banhou os humanos, os vampiros azuis e alcançou o Exército Vermelho. Os vampiros vermelhos gritaram quando a luz se chocou contra eles, cobrindo-os em um vermelho fulgurante e tão brilhante que todos nós tivemos que desviar os olhos.

Então tudo ficou escuro. Eu vi pontinhos de luz quando a choradeira começou. Ela se ergueu lá do campo e foi levada pelo vento da noite como fumaça. Eu esfreguei os olhos, frustrada que ainda estivesse tão difícil de enxergar. Então a minha visão de repente clareou, e eu entendi o que era aquele som. No campo, os vampiros vermelhos estavam chorando. Alguns tinha caído de joelhos. Alguns estavam de pé, com os braços ao redor de si mesmos. Outros ainda estavam deitados de lado em posição fetal. Mas todos estavam chorando incontrolavelmente. Cada um deles.

Eu me virei para encarar Neferet.

– Você fez isso. Você os usou ao invés de tentar ajudá-los. A agonia deles estará para sempre ligada a você. E tenho dito. Que assim seja!

Neferet se levantou, com o rosto totalmente sem expressão – quase serena. Então ela sorriu, e eu nunca tinha visto tanto mal refletido na alma de outra pessoa.

– E por que eu deveria me importar com esses homens? Homens são todos iguais, não importa a pele em que habitem. Eles são agressores. Eles subjugaram as mulheres e as usaram por séculos. Eles nos estupraram. Eles nos compraram e nos venderam. Eles vivem para nos controlar. Qualquer agonia que esses homens sintam é menos do que cada um do seu gênero merece.

– Tenho pena de você – eu disse.

– Neferet, Grande Sacerdotisa da Morada da Noite de Tulsa – Stark falou formalmente –, eu vou escoltá-la de volta aos seus aposentos. Você será mantida lá até que o Conselho Supremo dos Vampiros decida o seu destino.

– Não, garoto. Você não vai. – Com um movimento rápido, de um modo tão sobrenatural que ninguém conseguiria detê-la, Neferet se atirou da janela sem vidro.

Nós olhamos para baixo, esperando ver o seu corpo quebrado e ensanguentado nas arquibancadas abaixo, mas não havia nada. Nenhum corpo. Nada de Neferet.

– Droga! – eu exclamei. – Eu deveria ter imaginado! Eu deveria ter trazido turquesas para amarrá-la. Droga!

– O que aconteceu com eles? – Stark perguntou quando olhou para o campo cheio de vampiros vermelhos aos prantos.

– Eles estão de luto – Kevin explicou. – A humanidade deles foi restaurada, e eles compreendem exatamente as coisas monstruosas que fizeram.

– Isso… isso é terrível – Stark disse, passando a mão no rosto. – Eles são perigosos?

– Só para si mesmos – eu respondi.

Stark pegou o microfone e ordenou:

– Oficiais azuis, escoltem todos os humanos para fora do campo e do estádio. Deixem o Exército Vermelho onde está. Nós vamos lidar com eles depois que os humanos estiverem seguros do lado de fora.

Os oficiais e soldados azuis instantaneamente começaram a fazer o que Stark ordenou, conduzindo os humanos para as saídas.

– O que Neferet é? – Stark se virou para mim e perguntou.

– Bom, ela não é imortal. Ainda. Ou não teria sido tão fácil derrotá-la. Só que ela definitivamente está trilhando esse caminho. Stark, você precisa conversar com a minha avó, Sylvia Redbird. Ela pode ajudá-lo a aprender sobre a Tsi Sgili.

– Sobre o quê?

– É o que Neferet está se tornando. E isso é péssimo, de verdade – eu disse. – Mas você pode derrotá-la. Você só tem que trabalhar junto com o meu irmão, Kevin – eu assenti para Kev, que não estava prestando atenção. Ele estava olhando fixamente para o campo… para onde Aphrodite tinha ido. – E também com Dragon e Anastasia Lankford, e todo o resto de Grandes Sacerdotisas e Guerreiros que Neferet baniu ou forçou a fugir e que juntos se tornaram a Resistência. Eles vão ajudá-lo… e você vai precisar deles.

– Zo, nós temos que ir. Os espíritos foram embora e Aphrodite está sozinha lá embaixo – Kevin falou.

– Eu sei. O ar vai nos levar de volta lá para baixo.

Kevin estendeu a mão para mim, mas, antes que eu pudesse pegá-la, Stark se colocou entre nós dois.

– Esperem, não vão ainda. Quem são vocês? Ou melhor, *o que* são vocês? Por que eu sinto como se a conhecesse? Eu encontrei a outra Zoey uma vez, um pouco antes de ela ser morta, mas ela não tinha os seus poderes… ou pelo menos eu acho que ela não tinha. Eu mal cheguei a conhecê-la.

– Você realmente me conhece, mas não neste mundo. Neferet estragou tudo para nós dois aqui. Eu sou a mesma Zoey que você conheceu, só um pouco mais velha e espero que muito mais sábia. O que eu sou? Uma Grande Sacerdotisa que acredita que nós somos mais fortes, melhores e mais *humanos* juntos, e isso inclui vampiros vermelhos, vampiros azuis *e* também humanos. Eles não são as nossas geladeiras ambulantes. Eles não são tão diferentes de nós. Que inferno, Stark, nós já fomos como eles, mas você já sabe disso porque é realmente um bom homem. Nyx o conhece. Ela confia em você. Você pode fazer grandes coisas neste mundo. Você pode ser uma grande parte da cura que precisa acontecer entre humanos e vampiros. Mas você tem que dar ouvidos ao seu instinto. E confiar na Deusa.

– Você vai me ajudar também, certo?

Eu sorri com tristeza para ele.

– Não, Stark. Eu tenho que ir para casa.

– Mas eu vou vê-la de novo algum dia?

– Procure por mim embaixo da Árvore de Pendurar Desejos no Bosque da Deusa. Mas não tenha pressa para chegar lá. Viva uma vida longa e feliz. Ame com paixão, e com frequência. E que você seja sempre abençoado, meu amor.

Eu coloquei os meus braços ao redor dele e o puxei para mais perto, beijando-o como eu queria beijar o *meu* Stark.

Então eu fui até Kevin e peguei a sua mão. Não olhei para Stark de novo. Não conseguiria, já que eu estava mesmo indo embora.

– Ar! Venha para nós de novo, por favor. Leve-nos para o campo de futebol lá embaixo.

Juntos, Kevin e eu demos um passo para fora e entramos nos braços do ar da noite, que nos segurou firme até nos colocar suavemente no campo.

– Aphrodite! – Kevin gritou ao vê-la. Ela estava caída de lado e deitada muito imóvel. Um Guerreiro em pé perto dela mantinha afastada a multidão que ficava olhando embasbacada, enquanto outros Guerreiros ajudavam apressadamente os times e as líderes de torcida a saírem do campo.

Kevin correu até ela, chegando lá primeiro. Eu podia ter corrido com ele, mas sabia o que ia encontrar e, talvez de modo egoísta, eu quisesse apenas mais um momento sem ter que sentir meu coração partido.

Quando eu os alcancei, não fiquei chocada ao reconhecer que o Guerreiro vampiro que estava parado perto de Aphrodite era Darius.

Kevin havia colocado Aphrodite em seu colo e a estava embalando como uma criança. Eu me ajoelhei ao lado dele.

– Está tudo bem. Está tudo bem. Eu estou com você. Tudo vai ficar bem agora – Kevin estava falando baixinho para ela, enquanto a balançava de um lado para o outro e as lágrimas escorriam silenciosamente pelo seu rosto.

Os olhos de Aphrodite tremularam e se abriram. Eu não conseguia acreditar que ela ainda estava viva. Ela estava tão pálida

que a sua pele parecia transparente. A respiração dela estava ofegante.

– Kev. – A voz dela estava tão baixa que a gente teve que se inclinar para ouvi-la.

– Shhh, não fale. Eu vou buscar ajuda – Kevin disse.

– Tarde demais. Eu estava esperando para me despedir de você. – Então o rosto dela desabou. – Não queria partir, mas eu preciso. Medo, Kev. Estou com medo.

– Ei, ei! Não. Você vai ficar…

Eu toquei o braço dele.

– Isso não vai ajudá-la. Ela está morrendo, Kevin.

Um desespero bruto brilhou nos olhos dele, mas ele assentiu e levantou Aphrodite em seus braços até que ela ficasse quase sentada.

– Você não precisa ter medo de nada. Você conseguiu. Você salvou todos eles.

– Deu certo?

– Sim, você foi fantástica. E agora você vai ver Nyx. Zoey diz que é incrível lá com ela, certo, Zo?

Eu me inclinei mais e peguei a mão fria e sem vida de Aphrodite.

– É mais bonito do que eu posso descrever. Você vai amar. Eu prometo. A versão de mim deste mundo está lá. Encontre-me lá, ok?

Aphrodite assentiu e tentou sorrir para mim, mas não conseguiu.

– E algum dia eu vou encontrar você lá… se o seu Darius não estiver lá em cima esperando por você – Kevin disse.

Pelo canto do olho, eu vi que o corpo do Guerreiro alto se mexeu surpreso, mas Kevin e Aphrodite estavam em um mundo só deles e, por apenas mais alguns momentos, ninguém mais estava vivo além deles.

Aphrodite tentou tocar o rosto de Kevin, mas não conseguiu. Kevin pegou a mão dela e a colocou contra a sua bochecha.

– Seu bobo – ela falou. – Você ainda não sabe que *você* é o meu Darius neste mundo? Era isso que eu estava tentando dizer pra você.

– Eu te amo, Aphrodite. Para sempre – Kevin afirmou.

– Eu também. Você é a minha pessoa favorita no mundo, a que me completa perfeitamente. Me dê um beijo de despedida, Kev.

Kevin se abaixou e a beijou. Aphrodite deu um longo suspiro – e então não respirou mais.

Darius se aproximou de nós devagar, respeitosamente. Ele estendeu a mão e tocou o cabelo dourado de Aphrodite.

– Eu não a conhecia, mas mesmo assim ela me parece tão familiar. E tão espetacular – ele disse.

Kevin levantou os olhos para ele.

– O nome dela era Aphrodite, e ela é espetacular. Em qualquer mundo que seja.

Darius assentiu, curvou-se respeitosamente para mim, e então se juntou de novo aos outros Guerreiros que tentavam descobrir o que fazer com um exército de vampiros histéricos.

Eu sabia que eles precisavam de ajuda. Eu sabia que devia pensar em algo a fazer por eles, mas naquele momento eu estava me sentindo tão atordoada, tão vazia, que tudo o que consegui fazer foi ficar sentada ali com os braços em volta do meu irmão, enquanto o choro dele se juntava ao dos vampiros vermelhos e subia aos céus.

– Ela conseguiu! Aqueles espíritos eram tão incrí… – Stevie Rae estava falando empolgada enquanto ela e Rephaim chegavam correndo até nós.

E então ela viu Aphrodite.

– Ah, Deusa. Não. – Stevie Rae desabou no gramado ao nosso lado, com Rephaim perto dela. – Por quê?

– Eu não sei – respondi.

– Deu certo! – Escutei a voz de Dragon atrás de mim.

– Aphrodite foi incrível! – A voz de Anastasia veio por trás dos meus ombros também.

Eu me virei e vi os dois correndo até nós, vitoriosos… até que viram Aphrodite.

– Oh, Aphrodite. – Anastasia se agachou ao meu lado e fechou os olhos de Aphrodite com delicadeza. – Que a sua reunião com Nyx seja repleta de alegria.

– Eu não entendo. Esse sacrifício não tirou a vida dela no seu mundo – Dragon falou.

– Não, não tirou. – Eu enxuguei o nariz com a manga do moletom. – Eu também não entendo.

– *Então deixe-me explicar, Filha.*

Calafrios percorreram a minha pele quando a voz familiar da Deusa preencheu o ar ao nosso redor. O estádio inteiro ofegou junto e depois ficou em completo silêncio quando todos os vampiros, vermelhos e azuis, caíram de joelhos e abaixaram as cabeças.

Parada em pé a apenas alguns passos de nós, estava Nyx. Nessa encarnação, ela parecia uma extraordinária jovem Cherokee. Eu reconheci instantaneamente o vestido feito no tear que ela estava usando – era de calicô brilhante estampado com todas as cores do arco-íris. Fitas incandescentes decoravam as mangas três quartos e, ao redor da saia, logo acima do babado, havia diamantes radiantes criando o desenho da estrela de sete pontas do nosso

povo. Ela estava com o seu longo cabelo solto, que flutuava em uma cascata negra até a sua cintura.

– Olá, Nyx. – Eu abaixei minha cabeça e coloquei a mão em punho sobre o meu coração. – *Merry meet.*

Ela deslizou no ar até mim e levantou o meu rosto, dando um beijo em cada uma das minhas bochechas e secando instantaneamente as minhas lágrimas.

– *Merry meet, u-we-tsi-a-ge-ya. Você fez bem de vir para cá, embora eu saiba que o custo para o seu coração tenha sido grande.* – Ela voltou o seu olhar luminoso para Kevin, que ainda estava com o corpo de Aphrodite em seus braços e de cabeça baixa.

– *U-we-tsi, você pode levantar a cabeça.*

O meu irmão obedeceu. O rosto dele estava devastado de tristeza e lágrimas, mas ele sorriu para a sua Deusa.

– *Merry meet*, Nyx.

– *Quero que vocês saibam por que a vida de Aphrodite foi sacrificada hoje aqui. Neste mundo, ela não era forte o bastante para resistir à perda de sua humanidade. Ela não tinha amigos aqui. Ela só conheceu o amor brevemente, com você, Kevin Redbird. A sua solidão a destruiu.* – O olhar da Deusa incluiu Dragon e Anastasia. – *Façam com que a perda dela se torne um aprendizado. Vocês precisam uns dos outros. Não importa a cor da Marca do seu rosto, nem se você é vampiro, novato ou humano. Vocês precisam uns dos outros para viver de verdade. E vocês sempre vão ser mais fortes juntos.*

Então a Deusa se virou devagar, e os seus olhos negros miraram os vampiros vermelhos que estavam ajoelhados ou deitados. Todos estavam olhando fixamente para ela e continuavam a chorar em silêncio, com lágrimas de partir o coração.

– *Oh, meus pobres filhos* – ela falou baixo, mas a sua voz chegou a cada canto do estádio. – *Vocês não são responsáveis pelas atrocidades que cometeram. Vocês foram usados por alguém em meu nome, como se eu aprovasse jogar meus filhos uns contra os outros. Eu não aprovo! Nenhum deus ou deusa digno aprova a guerra, a violência e a matança. Não, sou eu quem tenho que suportar essa tristeza, e não vocês.*

Então a Deusa começou a chorar e, enquanto as lágrimas escorriam pelas suas bochechas, o céu se abriu e uma chuva quente e suave começou a cair – apenas sobre o estádio. Ela nos atingiu, mas não nos molhou. Em vez disso, ela atravessou as nossas roupas, a nossa pele e se derramou dentro dos nossos corpos até encontrar os nossos corações – as nossas almas. E ela lavou toda a tristeza, o luto e a dor, levando tudo isso embora completamente.

As lágrimas dos vampiros vermelhos também mudaram do desespero para a alegria, e todos começaram a se abraçar e dar graças em nome da Deusa.

Eu olhei para Kevin. Ele ainda chorava, mas estava sorrindo para o corpo imóvel de Aphrodite, acariciando o cabelo dela e a abraçando pela última vez. E então eu vi quando ele fez uma careta e sentiu um solavanco, como se algo tivesse acabado de atingi-lo nas costas. Ele virou a cabeça e puxou a camisa, e eu vi a sua nova tatuagem safira, que parecia exatamente com a que se estendia de um dos meus ombros até o outro.

Ele levantou a cabeça e encontrou os meus olhos.

– Sério? – ele perguntou, incrédulo.

– Sério – eu assenti.

Nós dois olhamos para a Deusa, mas ela estava encarando o céu da noite.

– *Oak! Volte* – Nyx ordenou.

O espírito da árvore instantaneamente se materializou, curvando-se em uma reverência profunda para a Deusa.

– *Querido espírito, você tem a minha gratidão por consertar o erro terrível que foi feito com os meus filhos vampiros vermelhos.*

– *Qualquer coisa por você, Grande Deusa* – Oak respondeu.

– *Então eu tenho um pedido.*

– *Diga qual é, Nyx, Deusa da Noite.*

– *Deixe que o sacrifício desta filha seja um pagamento suficiente para levar meus três filhos para o mundo ao qual eles pertencem.*

– *Assim você falou, Mãe Terra Imortal. Que assim seja.*

Nyx veio até nós.

– *Vocês precisam voltar agora, filhos. Há um limite que pode ser permitido para a interferência de um mundo no outro, e o seu tempo aqui acabou*. – Ela fez uma pausa e encontrou o meu olhar. – *Zoey Redbird, você gostaria de dar um último adeus antes de voltar?*

Eu sabia a que ela estava se referindo – ou melhor, a *quem* ela estava se referindo. E a minha resposta foi fácil.

– Não, obrigada. Eu conheço o meu coração. Nós já nos despedimos no seu bosque. – Pronunciar essas palavras me deu a maior sensação de alívio que eu já tinha sentido na vida. Eu amava Heath. Eu ia amar Heath para sempre. Só que o homem que estava com o rosto dele neste mundo não era o *meu* Heath. Ele não compartilhava as minhas memórias e não poderia compartilhar o meu futuro. Vê-lo agora, e tão brevemente, só iria causar confusão e dor para nós dois. – Mas ele sabe que eu estou aqui? Ele sabe que esta sou eu?

*– Não, filha. Ele só viu uma Grande Sacerdotisa vampira poderosa, de cabelos negros, não a Zo dele. Você fez uma escolha sábia, como eu sabia que faria.*

– Obrigada, Nyx. Muito obrigada.

Só que eu ainda precisava de algumas despedidas. Kevin olhou para mim e, com cuidado, deitou o corpo de Aphrodite no gramado. Ele deu um beijo na testa dela e então se levantou e me puxou para um abraço.

– Eu vou sentir a sua falta – ele disse.

– Eu também.

– Você vai ser legal com o outro eu lá no seu mundo?

– Vou. Você não é tão bobo quanto eu pensava que era.

– Ótimo. Seja amiga dele. Não o deixe sozinho – Kevin falou.

– Nunca. Eu jamais vou deixar que ele se sinta sozinho – eu garanti a ele. – Eu te amo, Kev.

– Eu também te amo, Zo.

Eu o abracei de novo e sussurrei para ele:

– Você pode encontrar o amor de novo. Eu juro. Já estive no seu lugar.

Ele não respondeu nada, mas me abraçou mais forte. E eu desejei que ele se lembrasse do que eu disse e se permitisse estar aberto para amar de novo.

Quando ele me soltou, dei um abraço em Anastasia e Dragon, e Stevie Rae e Rephaim também se despediram de todos.

Sem conseguir me conter, levantei os olhos para a cabine de imprensa. Stark estava lá, parado na frente da parede de vidro quebrada. Devagar, ele ergueu a mão em um gesto simples de adeus. Eu toquei os meus lábios com os dedos e então levantei a mão, retribuindo o gesto de despedida.

Eu me virei para os meus amigos, e nós três demos as mãos e encaramos a nossa Deusa.

– Estamos prontos para ir para casa agora.

– *Então devo dizer merry meet, merry part e merry meet again, já que devo receber uma nova Profetisa em meu bosque. Lembrem-se de que estamos todos ligados pelo amor… sempre o amor.*

Enquanto a Deusa desaparecia em uma grande explosão de brilho escuro, Oak fez gestos circulares repetidamente na nossa frente, até que o círculo se tornou tangível e nós conseguimos ver a porta entre os mundos.

– *Chame se precisar de mim de novo. Eu a achei muito interessante, Zoey Redbird.*

Eu sorri e assenti, mas murmurei:

– Não se eu puder evitar.

E então guiei os meus amigos através da abertura e deixamos o mundo do meu irmão para trás…

Eu senti a diferença instantaneamente. Aquela sensação estranha de que eu estava perdida, que tinha me acompanhado nos últimos dias, finalmente desapareceu. Finalmente.

*Este é o meu mundo. É a ele que eu pertenço.* Soltei um suspiro de alívio quando Stevie Rae e Rephaim apareceram na minha frente, o que fez com que a abertura circular se fechasse.

– Cara, como é bom estar… – Stevie Rae começou, mas foi cortada por um grito efusivo.

– Z!

Eu virei a tempo de ver Stark, que me abraçou e me levantou no ar, me dando beijos sem parar. Antes que eu conseguisse recuperar o fôlego, ele me colocou no chão e começou a apalpar os meus

braços, tocar o meu rosto e até me virou para olhar as minhas costas.

– O que você está fazendo? – eu perguntei ofegante para ele.

– Estou conferindo se você está cem por cento bem! Você está, não está?

Eu abri a boca para responder e então o que estava atrás dele chamou a minha atenção. Ali, armada bem ao lado da árvore agora purificada, havia uma barraca.

– O que é isso? – eu perguntei, com o coração acelerado.

– É a minha barraca – ele respondeu. Então ele deu aquele seu meio-sorriso metidinho. – Pode ser que você tenha que me deixar para trás de vez em quando, mas você vai voltar. E, quando voltar, você precisa saber que eu vou estar bem aqui. Esperando. Sempre.

– Você me perguntou se eu estava cem por cento.

– Sim, perguntei.

Eu me aproximei mais e coloquei os braços dele ao meu redor.

– Agora eu posso responder de verdade. Sim, James Stark. Agora que estou de volta ao lugar ao qual pertenço, estou totalmente cem por cento.

Foi a minha vez de beijá-lo, e eu fiz isso, e eu não queria parar nunca mais.

– Z! Ei, Z está de volta! – o grito de Jack ecoou o de Damien e o de Shaunee.

Olhei por cima do ombro de Stark e vi os três, juntos com Erik, Shaylin, Nicole, Lenobia e Travis, atravessando o gramado correndo na nossa direção, e o meu coração flutuou de felicidade.

– Ei, Rephaim, sabe qual é a coisa mais forte em qualquer mundo? – Stevie Rae perguntou.

– Sim, eu sei. É o amor… sempre o amor – Rephaim respondeu.

E eu não poderia concordar mais.

FIM

Por enquanto…

# ENTREVISTA COM OS FÃS

*Você tem perguntas? P.C. & Kristin respondem para você!*

**Quando vocês estão escrevendo sobre diversos mundos, já tiveram dificuldade para alternar entre eles? Algo parecido com uma ressaca literária? Se tiveram, como superaram isso?**

**• LEAH GEORGE**

**P. C.:** Eu já tive, mas não tenho mais tanto assim. Quanto mais livros eu escrevo, mais ferramentas para escrever eu tenho para dispor, e parte dessas ferramentas me ajuda a compartimentalizar os mundos e os personagens. Na verdade, é fácil escrever um livro sozinha (como um dos meus livros da série "Tales of a New World") *enquanto* eu escrevo outro em coautoria com Kristin. Isso me dá uma pausa em cada mundo!

**K. C.:** Eu concordo! Pensei que isso seria muito mais difícil do que é. (Não estou dizendo que é fácil. Alguns autores preferem escrever apenas em um mundo de cada vez.) Eu aprecio o intervalo. A mudança de cenário, que é como eu penso nisso, dá a essa parte do meu cérebro a chance de descansar um pouquinho e, quando eu volto ao trabalho escrevendo sobre o mundo do qual eu saí um pouco, acho que eu descubro coisas que não descobriria se só tivesse continuado em frente.

---

**Vocês já abandonaram algum texto que haviam começado porque ele não estava chegando a lugar algum ou porque tiveram bloqueio de escritor e simplesmente não conseguiram terminar?**

**P. C.:** Raramente. Normalmente, eu escrevo livros sob contrato, o que significa que eu mando uma proposta formal de um novo livro ou série, e então um editor ama a ideia e compra os direitos de publicação – e só depois eu escrevo o livro inteiro. Então, o que eu vou escrever já está decidido bem antes de o rascunho ser concluído. De vez em quando eu acabo levando a história para um beco sem saída, então tenho que fazer algumas mudanças, mas abandonar o livro inteiro não é uma opção quando eu já assinei um contrato para aquele projeto. Geralmente, quando eu tenho algum problema é porque eu tentei forçar personagens a fazer algo que eles não queriam, e eu tenho que sair do caminho e entrar em contato com eles de novo. E eu não acredito muito em bloqueio criativo. Ter uma carreira como autor é um trabalho, mas as pessoas gostam de romantizar isso como se fosse algo místico e mágico. Então, quando elas não conseguem terminar um livro, um conto ou o que for, gritam “bloqueio de escritor!”. Pessoas que fazem sua carreira como escritores escrevem mesmo em meio a dificuldades e problemas de enredo. Nós não temos tempo para usar o bloqueio de escritor como desculpa.

**K. C.:** P. C. e eu trabalhamos da mesma forma. Eu também já tenho um contrato para qualquer projeto em que esteja trabalhando. Abandoná-lo significa que eu teria que devolver qualquer quantia de dinheiro que já tenha recebido. (E então como eu iria fazer os pagamentos da minha casa, comprar comida ou pagar pelo meu seguro? Já fico estressada só de pensar nisso.) Eu também me orgulho muito do meu trabalho e jamais iria querer decepcionar o meu editor dessa forma. Se eu estou com um problema, é nessa hora que um bom editor é realmente um trunfo. O seu editor está lá

para ajudar exatamente com esse tipo de questão. Eu sou grata por ter vários com os quais eu não apenas trabalho, mas que também considero como meus amigos.

---

**Vocês imaginavam que a base de fãs de "House of Night" seria tão grande quanto é? Você pensaram que tantas faixas etárias diferentes iriam ler a série? Sei que eu comecei a ler lá pelos meus treze anos e fui instantaneamente fisgada!**

**• MAUREEN GURNEY**

**P. C.:** Sinceramente, não! Eu estava dando aula no ensino médio e simplesmente queria escrever uma série na qual pudesse lidar com os desafios que observava os meus alunos enfrentando há anos. Basicamente, eu escrevi os livros para os meus estudantes e fiquei chocada quando tantas pessoas diferentes se apaixonaram por eles.

**K. C.:** Eu tinha dezenove anos quando começamos a trabalhar juntas em "House of Night". Eu definitivamente fiz isso porque simplesmente presumi que seria um grande sucesso. Agora eu reviro os olhos para a minha versão mais jovem por não ter a menor ideia na época do que é preciso para conseguir vencer neste negócio, mas eu também acredito que a minha atitude de "a gente vai fazer um sucesso enorme!" só nos ajudou. Eu sempre entro no meu próximo projeto pensando a mesma coisa. Não vale a pena se eu não pensar assim. Só agora eu entendo a quantidade de trabalho duro e disciplina que é preciso para criar um livro ou uma série que possa alcançar tantas pessoas como "House of Night" alcançou e continua alcançando.

---

**Quando vocês se deram conta de que "House of Night" tinha deixado de ser uma "nova série na prateleira" e passado a ter um grupo gigante de admiradores? Quando perceberam que a série tinha tantos seguidores, qual foi a reação de vocês?**

**• AMY COPELAND**

**P. C.:** Eu amo contar esta história! Foi na semana de lançamento do terceiro livro da série, *Escolhida* (o meu décimo oitavo livro publicado). A nossa editora já estava nos dizendo há um tempo que os dois primeiros livros continuavam a ter reimpressões, e que os números do novo livro pareciam muito bons – mas a gente jamais esperava o que aconteceu! Eu lembro que a nossa editora me ligou numa quarta-feira no meio da manhã e disse que as vendas estavam realmente altas no Bookscan (que registra as vendas de livros nos Estados Unidos), e eu perguntei: "Você acha que há alguma chance de a gente entrar na lista de mais vendidos do *New York Times*? Talvez na lista estendida? (A lista publicada é dos dez livros mais vendidos em cada categoria. A lista estendida vai até o vigésimo quinto.) Ela disse que não tinha ideia, mas que ia nos ligar mais tarde porque o *Times* informava aos editores na quarta-feira se algum dos seus autores tinha entrado na lista que sairia domingo. Então, Kristin e eu decidimos levar nossos scottish terriers para passear ao anoitecer. A nossa editora me ligou quando estávamos no meio do passeio. Ela estava aos berros: "VOCÊS SÃO O NÚMERO DOIS DA LISTA DE MAIS VENDIDOS DO *NEW YORK TIMES*!". Eu fiquei tão chocada que não consegui falar. A nossa editora continuava gritando e surtando no telefone, e ao mesmo tempo Kristin ficou me perguntando se a gente tinha entrado na lista. Nessa hora eu comecei a chorar. Levantei dois dedos, e Kristin exclamou: "Vinte! Nós somos o número vinte?!". Eu balancei a

cabeça e pronunciei só com a boca, sem som: *número dois.* Então ela surtou também, e nós rimos, choramos e chamamos o resto da família e os nossos amigos mais chegados. No dia seguinte, os meus alunos e os professores amigos entraram na minha aula mais cedo e a decoraram com balões. Foi mágico e transformativo – tão especial como você pode imaginar.

**K. C.:** Essa história ainda me faz chorar! Eu nunca vou me esquecer desse momento. (Eu também nunca vou me esquecer de como os nossos cachorros surtaram também. A gente continuou chorando e gritando durante o passeio, mas eu tenho certeza de que eles já se recuperaram desde então.)

---

**Como vocês conseguem lidar com a rotina do dia a dia quando se aproximam do prazo de entrega dos seus livros?**

**• BRITNEY SPOTO**

**P. C.:** Eu adoro essa pergunta porque eu não lido *nada* bem com isso! Eu escrevo durante a noite, normalmente terminando entre meia-noite e uma da manhã, a menos que eu esteja perto de terminar o livro (o que significa que está perto do prazo final de entrega). Então eu escrevo por horas e horas e vou para a cama quando o sol se levanta, o que realmente bagunça os meus dias e noites. O único jeito de lidar com isso é dependendo da minha assistente fantástica, Sabine. Ela cuida para que tudo corra bem na minha casa e tenha comida na geladeira, mesmo quando me torno totalmente uma vampira.

**K. C.:** Eu estou no caminho para aprender a lidar melhor com isso. Sou uma procrastinadora crônica, então eu fico escrevendo como uma louca nas semanas perto do prazo de entrega, dizendo o tempo todo para mim mesma que, se eu tivesse escrito pelo menos

um pouquinho mais nos meses anteriores, eu não teria que me matar no final. Recentemente, eu cheguei à conclusão de que *odeio* viver assim, então criei um novo sistema. Eu faço uma estimativa de quantas palavras o meu primeiro rascunho precisa ter, e então eu uso a matemática (eca!) para descobrir quantas palavras eu preciso escrever em uma semana normal de trabalho, de segunda a sexta. Depois eu superestimo bastante quanto tempo isso vai me tomar por dia, então, quando eu termino mais cedo, posso continuar escrevendo para adiantar o dia seguinte ou sinto aquele prazer de sair mais cedo do trabalho.

---

**Vocês planejam continuar a série "House of Night" enquanto puderem? Eu não me canso de "House of Night"!**

**• ANGEL BURBULES FINNEGAN**

**P. C.:** Eu fiz um esboço de mais dois romances da série "Outro Mundo", mas se vou publicá-los ou não depende totalmente da demanda dos fãs. Eu sempre tenho ideias para vários livros e séries rodopiando na minha imaginação. Então, para que eu escreva os próximos dois livros de "House of Night" em vez de uma nova série, os fãs vão ter que me mostrar (ou mostrar para a nossa editora) que eles querem mais!

---

**O que deixa você no humor certo para escrever? Sei que para mim é uma música que simplesmente estimula os meus poderes de escrita. Qual é a sua canção ou estilo musical favorito?**

**• CYNTHIA MAZUR**

**P. C.:** Saber que eu tenho contratos e prazos a cumprir me coloca no humor certo para escrever. Para pessoas que têm uma carreira

de escritor, escrever é um trabalho, então, apesar de ser agradável ter as minhas velas acesas e o meu bule de chá preparado, o que realmente é necessário é apenas um computador e uma ideia. A única música que eu sempre escuto enquanto escrevo, e sei que isso vai soar meio louco, é de um canal do YouTube do qual sou assinante, que toca músicas para ajudar a ansiedade em cachorros. Os meus cachorros (e gato) estão sempre por perto enquanto eu escrevo, e eles gostam – e eu simplesmente consigo ignorar o barulho. Em relação aos estilos musicais, gosto de vários tipos de música – do pop ao rock clássico (Meat Loaf!), passando pela new age e por trilhas sonoras de filmes. E country. Eu adoro música country!

**K. C.:** Comigo é parecido – mas um pouco diferente. Eu consigo escrever a qualquer hora, em qualquer lugar, se eu estou obrigada por contrato a entregar um livro. Se estou em casa, eu gosto de acender as minhas velas, deixar a minha bebida ou água à mão e começar a queimar um incenso. Isso realmente diz para o meu cérebro que estou falando sério e que é hora de escrever. Algumas das minhas bandas e cantores favoritos são Ella Vos, Nahko and Medicine for the People, Selena Gomez (ela faz eu me sentir super atrevida) e Billie Eilish – e é quem estou ouvindo neste exato momento!

---

**Quando vocês se apaixonaram pela escrita? O que ou quem foram sua inspiração?**

**• BETH JACOBS**

**P. C.:** Eu escrevi o meu primeiro livro no primeiro ano da escola. Não foi publicado. Ainda. Não sei o que me inspirou na ocasião, mas não consigo lembrar de uma época em que eu não estava

lendo ou escrevendo. Eu cresci em uma casa onde os meus pais liam diariamente, e ainda continuam fazendo isso. Eu descobri os livros de Anne McCaffrey da série “Pern” quando tinha treze anos, e essa foi a primeira vez que eu percebi que uma mulher podia escrever e estrelar um romance de fantasia, e então fiquei determinada a fazer exatamente isso!

**K. C.:** Logo depois de entregar *Redimida*, eu tive que fazer uma escolha. Eu possivelmente voltaria para a faculdade (por favor, Deus, não!), ou tentaria conseguir um contrato e escrever os meus próprios livros? Eu me matriculei em uma instituição de ensino superior que sugava a alma (como você pode ver, eu não tenho muitas coisas positivas para falar sobre a faculdade, mas com certeza faça isso se você quer e todas aquelas coisas que eu devo dizer para fazer você ir atrás das suas dívidas… quer dizer, de um diploma) e comecei a escrever um livro. Eu escapei de ir para a faculdade por uma editora com a qual não trabalho mais e com a qual não tive uma experiência positiva, mas aprendi um monte, então foi bom. Eu só me apaixonei por escrever depois que realmente comecei a fazer isso sozinha. E P. C. sempre vai ser a minha inspiração. Ela é uma mulher incrível e trabalhadora, a melhor pessoa que conheço.

---

**Quando você cria um mundo de ficção, como decide quais partes precisa pesquisar e quais partes você apenas precisa criar? Em “House of Night”, o que fez você decidir mais tarde nos livros a começar a alternar os pontos de vista?**

**• JACKIE GARDNER**

**P. C.:** Eu pesquiso tudo. Eu faço uma pesquisa extensiva para criar ecossistemas que funcionem e para me certificar de que as minhas

criações paranormais e/ou mutantes são críveis para o mundo. Mesmo a fantasia pura precisa de um fundamento na realidade.

Eu só tinha vendido três romances quando comecei a escrever “House of Night”. Então a série decolou e o meu editor maravilhoso, Matthew Shear, disse que eu poderia fazer o que quisesse com esse universo. Eu percebi então que queria estender e expandir a narrativa para incluir muitos outros personagens e tramas paralelas. Nenhuma dessas coisas extras poderia ser feita se houvesse apenas o ponto de vista de Zoey, e foi por isso que eu alterei os livros para a terceira pessoa, a menos que Zoey seja o foco da cena.

**K. C.:** Eu detesto pesquisar. Tenho certeza de que isso vem do meu ódio profundo pela escola… Hum… Mas eu nunca deixo que isso me impeça de criar um mundo crível. Eu passei um ano pesquisando para a nova série que estou escrevendo sozinha e na qual estou trabalhando agora, porque eu quero que ela seja real para os meus leitores. Ela também é um pouco baseada em coisas científicas, que na minha opinião *precisam* ser totalmente pesquisadas para serem bem-feitas.

---

**A Horda Nerd é formada por mais do que apenas super-heróis mortos-vivos, eles também são ícones que representam e valorizam a diversidade cultural, religiosa, racial e sexual. Quais são algumas das suas inspirações para incorporar o progresso da diversidade dentro da série?**

**• MATTHEW MADONIA**

**P. C.:** Nos primeiros livros de “House of Night”, os meus estudantes de ensino médio inspiraram as questões que eu incluí. Quando a série progrediu, eu comecei a me inspirar na sociedade em geral,

principalmente em questões sociais que afetam mais os jovens. As pessoas me perguntam com frequência por que eu “fiz” a mãe e o padrasto de Zoey serem tão horríveis, e a minha resposta é que esses pais ficcionais refletem o que eu testemunhei muitas vezes durante os meus quinze anos como professora. Eu também adoro criar conflitos que estremeçam o Cinturão da Bíblia.

**K. C.**: P. C. e eu sempre incluímos e representamos todos os tipos diferentes e bonitos de humanos incríveis que vivem neste planeta.

---

**O que inspirou a série “Outro Mundo”?**

**• BRI’ANN BEAR**

**P. C.:** Vocês! Kristin e eu queríamos escrever um livro surpresa especial para o décimo aniversário de “House of Night”, e isso nos inspirou a fazer um brainstorming para criar a história de “Outro Mundo”.

---

**Vocês já escreveram contos sobre outros personagens? Eu amo todos os livros e adoraria saber mais sobre o *background* de certos personagens. Como talvez um conto sobre a minha personagem favorita, a Irmã Mary Angela, e como ela se tornou freira ou a sua vida antes disso, ou sobre a Vovó Redbird como uma jovem garota. Qual é a melhor parte de escrever esses livros? Você já pensou em escrever algo com outra pessoa, talvez mesmo um fã?**

**• KATARINA ENNA ALEXANDROVNA DMITRIEVICH-SHCHERBATSKAYA**

**P. C.:** Eu adoro escrever contos, com certeza! Mas, se vou escrever mais ou não, depende totalmente dos nossos editores. Eu não

posso escrever o que eles não me contratam para fazer – então, se você quer contos, diga isso para a Blackstone Publishing!

A melhor parte de escrever “House of Night” é que os personagens parecem minha família. Para mim, é incrivelmente fácil entrar no mundo deles. É como voltar para casa.

Sobre escrever em parceria – em primeiro lugar, eu não escrevo “House of Night” em parceria com Kristin. Ela é a minha editora e me ajuda a pensar em novas ideias e soluções. Kristin e eu de fato fazemos outros livros em coautoria, o que eu aprecio muito. E eu já fiz parceria com outra autora, Gena Showalter. Nós criamos duas antologias juntas e também escrevemos uma duologia – embora essas tenham sido colaborações e não coautoria de fato. Apesar de gostar de colaborar com outros escritores, eu não tenho nenhum desejo de fazer algo em coautoria com ninguém além de Kristin. Ela e eu nos completamos perfeitamente.

---

**Quando começou o seu interesse por Wicca?**

**• CHELSEA HAMILTON**

**P. C.**: Eu sou adepta do Paganismo há muitos anos. Para a religião de “House of Night”, eu fundi diversas tradições pagãs diferentes, incluindo Wicca, para criar uma sociedade matriarcal única.

---

**Nós sabemos que vocês tiram a inspiração para os seus romances de coisas da sua vida e dos seus arredores. Qual é a coisa que vocês acham mais inspiradora e que seria uma surpresa para a maioria das pessoas que as conhecem pessoalmente?**

**• KATELYN RENEE SIMERSON**

**P. C.:** Isso pode parecer bobo, mas acho que até as pessoas que me conhecem bem ficariam surpresas pelo tanto que me inspiro nos meus animais de estimação. A aceitação, o amor incondicional e a alegria deles aparecem com frequência nas páginas dos meus livros.

**K. C.:** Nenhum dos seus amigos ficaria surpreso com isso, mulher. Você é totalmente uma daquelas senhoras doidas por cachorros/gatos. “Tales of a New World” foi inspirado inteiramente nos seus animais. E da última vez que alguém perguntou quem a inspirava, eu estufei o peito pensando que você ia dizer que era eu, sua filha, MAS VOCÊ DISSE QUE ERA O SEU PASTOR ALEMÃO! Então, não, não tem como ter surpresa nenhuma.

Quando eu escuto a minha playlist no Spotify, fico constantemente criando videoclipes na minha cabeça, e com frequência eles acabam virando cenas inteiras nos livros.

---

**Os seus livros dialogam com um monte de questões sobre as quais as pessoas não gostam de falar. Isso foi um modo de quebrar essa barreira, trazer as injustiças para a superfície, e fazer as pessoas realmente pensarem sobre como nós vivemos e tratamos uns aos outros?**

**• NINA GIBSON**

**P. C.:** Quando comecei a escrever “House of Night”, eu estava dando aula no ensino médio em uma escola pública nos arredores de Tulsa, em Oklahoma, e estava determinada a retratar as questões que eu observava os meus alunos enfrentando e tentando superar a cada dia – normalmente sem um adulto que os apoiasse ou até mesmo alguém que quisesse falar francamente com eles. E, depois de viver em Oklahoma por décadas e de observar a

hipocrisia do racismo, da misoginia e da homofobia que está crescendo desenfreadamente no Cinturão da Bíblia, eu decidi escrever uma série para jovens adultos que trouxesse essas questões e a hipocrisia para o primeiro plano para que elas não pudessem mais ser ignoradas.

**K. C.:** Sim! Sim! Sim! Eu (sendo uma das duas únicas crianças negras que moravam na vizinhança onde cresci) não tinha permissão para nadar nas piscinas de certos amigos, entrar nas suas casas ou dormir na casa deles por causa de “regras” que os seus pais tinham. E essas são apenas algumas das memórias que eu tenho de crescer em uma área com esse racismo velado passivo-agressivo tão forte. (Eu vou poupá-los de contar detalhes do que as pessoas diziam para minha mãe e para mim quando entrávamos em lojas juntas.) Todas essas experiências serviram para reforçar a importância de falar sobre (ou de escrever sobre) o que é certo. Eu sou abençoada por ter esse palanque e vou usá-lo para falar sobre o que é real e o que é certo, não importa o quanto seja desconfortável.

---

**QUANDO VOCÊ VEM PARA A NOVA INGLATERRA?! Risos. Isso não sai da minha cabeça a cada vez que você sai em turnê. Nunca é perto do meu estado e isso me deixa feito um panda triste.**

**• ALEISHA ZINTEL**

**P. C.:** Fico feliz que você fez essa pergunta! A maioria das pessoas pensa que os escritores vão para onde quiserem em turnê. Isso não é verdade. As editoras organizam as turnês. Nós vamos para onde elas nos mandam. Se você quer que algum escritor vá até a livraria mais próxima de onde você mora, a melhor coisa que pode fazer é

falar isso para essa livraria e pedir que eles requisitem para as editoras que os coloquem na lista da turnê. Boa sorte!

---

**O que fez com que você quisesse que os símbolos nos personagens de "House of Night" fossem luas crescentes nas suas testas que depois se transformariam em bonitas tatuagens quando os seus poderes se manifestassem?**

**• KRISTY YARBROUGH**

**P. C.:** Isso foi uma reverência respeitosa à prática ancestral de marcar fisicamente uma sacerdotisa que foi aceita em serviço de sua deusa, e eu sou uma grande fã de tatuagens!

**Como você teve a ideia dos familiares? Foi uma relação com um dos seus próprios felinos que a inspirou?**

**• BAILEY BERGMAN**

**P. C.:** Os meus animais de estimação estão com frequência nos meus livros, e "House of Night" não é exceção! Mas a ideia foi inspirada pelo fato de que as mulheres sábias, parteiras e curandeiras são associadas aos gatos, já que eles compreenderam há muito tempo que os gatos diminuem a população de roedores e ajudam a prevenir doenças.

---

**Você planeja o final de um livro com antecedência? Ou simplesmente segue o fluxo enquanto escreve no dia a dia?**

**• MICHELLE MEYERS**

**P. C.:** Essa pergunta me fez rir (semi-histericamente)! Eu gostaria de poder apenas seguir o fluxo quando estou escrevendo, mas acho que nunca terminaria algo se fizesse isso. Eu faço, sim, um roteiro e um esboço. Apesar de o meu trabalho ser guiado pelos personagens, o que significa que os meus personagens fazem

coisas que alteram o esboço, já começo sabendo a cena inicial e a cena final de um livro. O caminho até a cena final normalmente muda enquanto escrevo, mas o final propriamente dito permanece o mesmo.

**K. C.:** Eu escrevo esboços detalhados porque não escrevo tudo na ordem cronológica. Para ser capaz de fazer isso e não acabar com uma pilha de cenas que não têm jeito de juntar, preciso ter tudo já planejado. Às vezes eu penso no final antes, mas na maioria das vezes eu chego em algum ponto no meio e essa é a semente do meu esboço.

---

**Como duas pessoas podem escrever juntas o mesmo livro sem que o estilo de escrita fique se alterando durante o livro inteiro?**

**• SHAUNA LYNCH**

**P. C.**: Bom, em “House of Night” eu faço toda a parte escrita e Kristin faz toda a edição. Nós já escrevemos outros livros juntas e, quando fazemos isso, nós nos alternamos na escrita dos capítulos de acordo com qual personagem está em destaque durante aquele capítulo. Os nossos editores e agentes não conseguem sempre dizer quem escreveu cada capítulo e, sim, o estilo é o mesmo. Parte disso vem do fato de que nós somos mãe e filha e parecemos uma com a outra. O resto é porque estamos escrevendo juntas, então nós sabemos que a voz narrativa tem que permanecer consistente. Nós somos autoras experientes e somos boas nisso. Podemos resumir isso com muito trabalho duro e foco – e uma grande caixa de ferramentas de escrita.

**K. C.:** Permanecer na mesma sintonia com a mesma voz e estilo não é tão difícil quanto parece. É como qualquer coisa em que você está imersa. Se você está lendo o mesmo livro há horas e então

volta para a sua vida real, há aquela pequena janela de tempo em que você realmente se sente como se ainda estivesse conectada ao universo do livro. Você pode até soar exatamente igual ao seu personagem favorito, se quiser. É bem parecido com isso – mas de uma forma mais ampla, já que eu não saio do universo do livro para voltar à vida real.

---

**Vai ser feita uma série ou filme de "House of Night" nos próximos anos?**

**• JULIANNA BERGER**

**P. C.:** Em novembro de 2011, Samuel Hadida da Davis Filmes comprou os direitos de filmagem de "House of Night". Kristin e eu encontramos com Hadida em Paris e passamos ótimos momentos discutindo o que deveria ser o primeiro de cinco filmes para o cinema. Hadida contratou um roteirista fantástico, Marc Haimes (*Kubo e as Cordas Mágicas*). Marc escreveu um roteiro maravilhoso que tem o meu apoio completo. Hadida decidiu não fazer nada com esse roteiro. Não há mais nada que Kristin e eu podemos fazer até os direitos voltarem para nós em 2020. Sim, nós achamos a situação muito frustrante. Se você quer fazer a sua voz ser ouvida e dizer a Samuel Hadida que gostaria que "House of Night" virasse um filme (ou série de TV!), aí vão as informações de contato. Ele não está dando ouvidos às autoras. Talvez ele escute os fãs!

Twitter: @Metropolitan_Fr
Facebook: www.facebook.com/DavisFilms.us
Email: info@metropolitan-films.com
Endereço:
Davis Films

29 Rue Galilée, 75116
Paris, França

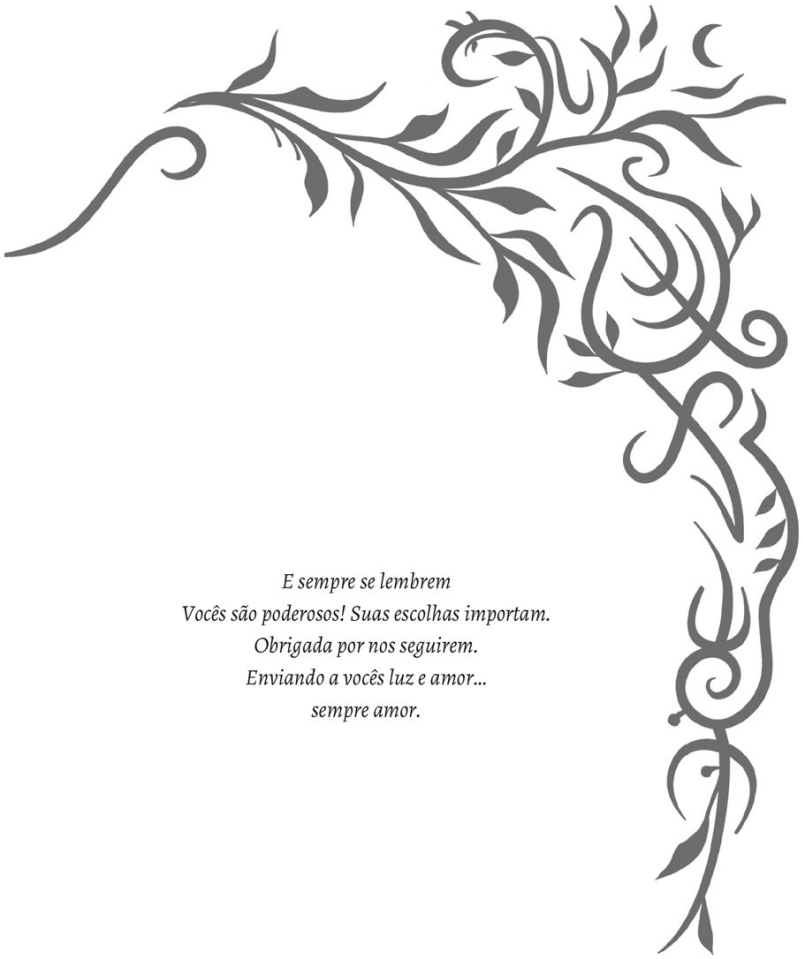
---

**O que ainda está pela frente para essas duas mulheres talentosas?**

**• SAMANTHA GREEN**

**P. C.:** *Wind Rider*, o terceiro livro da minha série best-seller de fantasia para jovens adultos “Tales of a New World”, vai ser lançado em outubro de 2018. E depois, em janeiro de 2019, é a vez do primeiro livro da minha nova série para jovens adultos em coautoria com Kristin, *The Dysasters*. Mal podemos esperar!

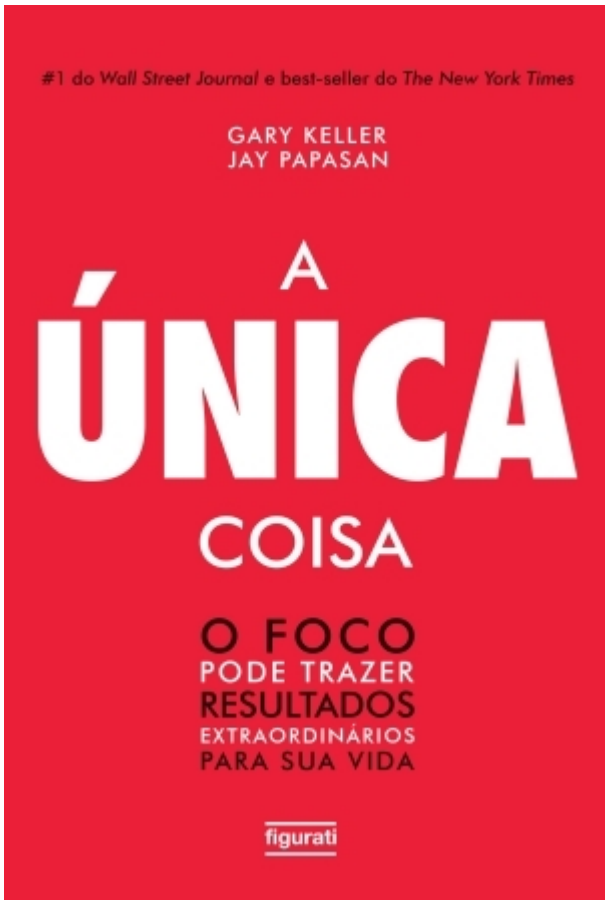
**K. C.:** E a gente de fato escreveu *The Dysasters* juntas! Então, deem uma conferida e vejam se conseguem dizer quem escreveu cada capítulo. Eu também estou trabalhando na adaptação do primeiro livro da série “The Dysasters” para ser um quadrinho incrível (data de lançamento a definir). E fiquem de olho nas notícias sobre a minha nova série para jovens adultos, “The Key”!



*E sempre se lembrem*
*Vocês são poderosos! Suas escolhas importam.*
*Obrigada por nos seguirem.*
*Enviando a vocês luz e amor...*
*sempre amor.*

**gruponovoseculo**.com.br

**@novoseculo** nas redes sociais


#1 do Wall Street Journal e best-seller do The New York Times
GARY KELLER
JAY PAPASAN
A
ÚNICA
COISA
O FOCO
PODE TRAZER
RESULTADOS
EXTRAORDINÁRIOS
PARA SUA VIDA
figurati

# A única coisa

Keller, Gary

9788542802443

208 páginas

Compre agora e leia

**#1 DO WALL STREET JOURNAL E BEST-SELLER DO THE NEW YORK TIMES. MAIS DE 50 MIL EXEMPLARES VENDIDOS NO BRASIL**

Ocupado demais para ler um livro?

Tudo bem, não há nada de errado em se dedicar a seu trabalho, a sua família, a seu futuro. A questão é: você está focado no que é realmente importante? Você dedica, hoje, a maior parte de seu tempo a alguma coisa, uma ÚNICA coisa, que sintetize seus sonhos, seus desejos, suas aspirações?

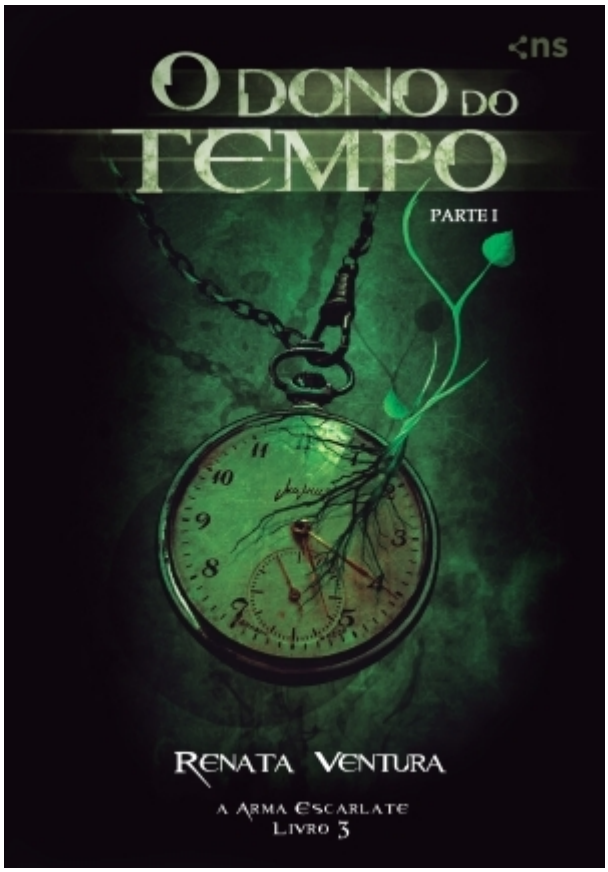
Os resultados que você obtém são diretamente influenciados pelas escolhas que faz. Alcance resultados extraordinários em todas as áreas de sua vida. Acabe com a desordem de sua rotina, siga e mantenha-se firme em direção a sua meta. Torne-se um mestre no que realmente importa para você. Focando em sua ÚNICA coisa, é possível alcançar mais,

fazendo menos.

Qual é a sua única coisa?

• O best-seller da editora em uma nova reimpressão.
• Mais de 50 mil exemplares vendidos só no Brasil.
• Este livro ensinará a eliminar a desordem, alcançar melhores resultados em menos tempo, construir ímpeto em direção a objetivos, superar o estresse e outros sentimentos oprimidos, retomar a energia e dominar o que é importante para você.

Compre agora e leia


O DONO DO TEMPO
PARTE I
RENATA VENTURA
A ARMA ESCARLATE
LIVRO 3

# O Dono do Tempo

Ventura, Renata

9788542815726

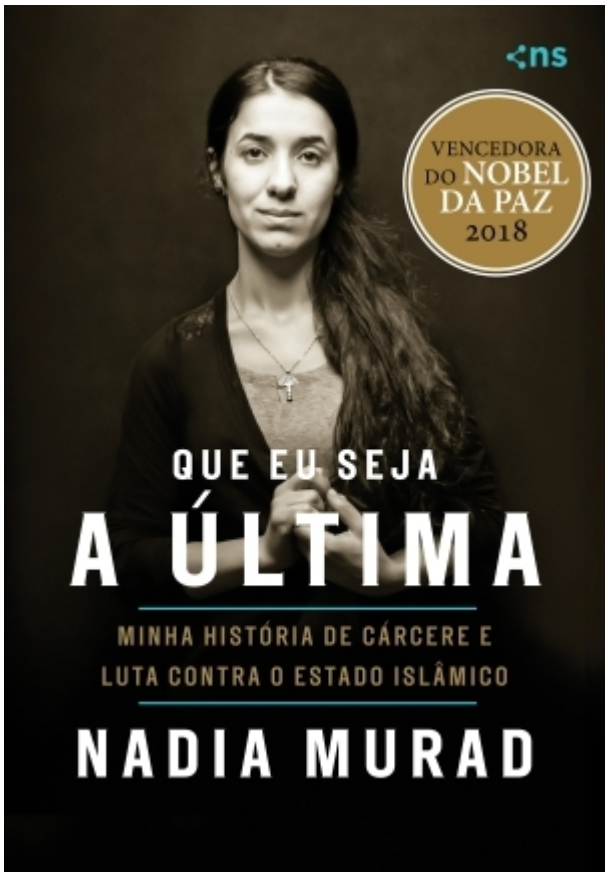
512 páginas

Compre agora e leia

Palavras têm poder. Elas podem reerguer uma pessoa ou atingi-la com a força de mil feitiços. Em seu terceiro ano como bruxo, Hugo terá de aprender, de uma vez por todas, que sua varinha vermelha não é sua maior arma, nem a que mais machuca. Após um dos anos mais conturbados na história da comunidade bruxa brasileira, 1999 começa derrubando a porta com todos os cruéis efeitos do ano anterior, e enquanto um dos amigos de Hugo lida com as duras consequências do heroísmo de seus atos, outro precisará muito de sua ajuda. Alguém a quem Hugo feriu mais do que a todos, com suas palavras irrefletidas. Movido pelo remorso e pelo profundo desejo de salvar alguém que tanto admira, Hugo terá de fazer uma perigosa jornada pelo interior da gigantesca floresta amazônica, numa corrida contra o tempo para consertar o inconsertável, porque, como diz a inscrição em tantos relógios antigos pelo mundo... Todas as horas ferem. A última mata. "Hugo tem um

potencial tão grande para se tornar uma pessoa boa, que nós comemoramos sempre que ele acerta e nos entristecemos toda vez que ele falha, tornando-o muito real para nós." "The Guardian" "Uma história fascinante! A riqueza, a trama, o desfecho... Eu quase tive um ataque!" Caco Cardassi, canal Caldeirão Furado "Um dos livros mais corajosos e importantes que já li. Se eu já tinha 'A Arma Escarlate' e 'A Comissão Chapeleira' como meus livros favoritos, eles ganharam um peso ainda maior com 'O Dono do Tempo'. É uma saga que todos deveriam ter como livros de cabeceira." David Ernando, "Paralelismo"

Compre agora e leia


ns
VENCEDORA DO NOBEL DA PAZ 2018
QUE EU SEJA
A ÚLTIMA
MINHA HISTÓRIA DE CÁRCERE E LUTA CONTRA O ESTADO ISLÂMICO
NADIA MURAD

# Que eu seja a última

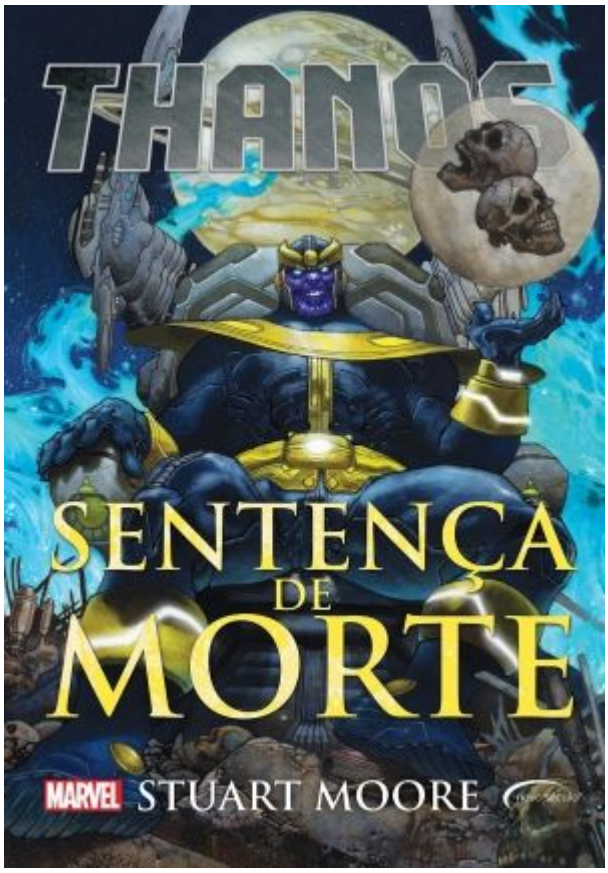
Murad, Nadia
9788542815689
336 páginas

Compre agora e leia

Nestas intimistas memórias de sobrevivência, uma ex-prisioneira do Estado Islâmico conta a sua angustiante, mas inspiradora história. Em 15 de agosto de 2014, quando Nadia tinha apenas 21 anos de idade, sua vida terminou. Os terroristas do Estado Islâmico massacraram o povo de sua aldeia, executando os homens que se recusaram a se converter ao Islã, e as senhoras idosas demais para se tornarem escravas sexuais. Seis dos irmãos de Nadia foram mortos, e pouco depois, também a sua mãe. Os corpos foram jogados em valas comuns. Nadia foi transportada à força a Mossul e, junto com milhares de outras moças iazidis, vendida como escrava pelo Estado Islâmico. Nadia fora mantida em cativeiro por vários terroristas, e passou a ser continuamente estuprada e espancada. Contudo, ela conseguiu fugir pelas ruas de Mossul, encontrando guarida no lar de uma família muçulmana sunita, cujo filho mais velho arriscou a vida para contrabandeá-la a um local

seguro. Hoje, a história de Nadia — como testemunha das atrocidades do Estado Islâmico, sobrevivente de estupro, refugiada, iazidi — forçou o mundo a prestar atenção ao genocídio em andamento no Iraque. É um chamado à ação, um testamento à vontade humana de sobreviver e uma carta de amor a um país perdido, uma comunidade frágil e uma família destroçada pela guerra.

Compre agora e leia


THANOS
SENTENÇA DE MORTE
MARVEL
STUART MOORE

# THANOS

MOORE ,STUART

9788542813920

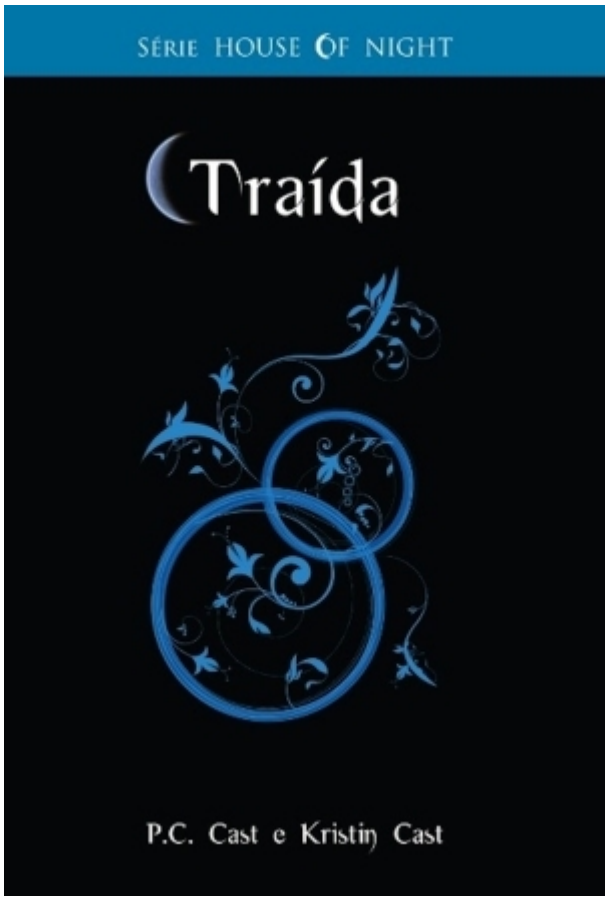
320 páginas

Compre agora e leia

UM ROMANCE INÉDITO ESTRELANDO O MAIOR VILÃO DA MARVEL!É uma luta antiga: Thanos conquista as Joias do Infinito, Thanos perde as Joias do Infinito. O mundo é, então, reconstruído. Desta vez, no entanto, a Morte perdeu a paciência com o poderoso Titã Louco. É hora de mudança.A Morte está cansada de esperar. Essa incessante busca de Thanos pelas Joias do Infinito sempre o definiu. Mas quando os heróis da Marvel o derrotam mais uma vez, a Morte, amada de Thanos, concede-lhe uma última chance. Desprovido de seus poderes e de sua velha pele, Thanos embarca num itinerário cósmico para reafirmar seu poder sobre si mesmo e sobre o Multiverso. "Thanos: Sentença de morte" é uma história original que explora os aspectos mais profundos de um dos personagens mais poderosos do Universo Marvel. Thanos tem em suas mãos a chance de se tornar algo completamente diferente. Ele manterá suas ilusões de grandeza, ou seria este um novo caminho para

um deus perdido? Confira neste 19º livro da Série Marvel, trazida a você com exclusividade pela Novo Século.

Compre agora e leia


SÉRIE HOUSE OF NIGHT
Traída
P.C. Cast e Kristin Cast

# Traída

Cast, P. C.

9788576795612
344 páginas

Compre agora e leia

Em Traída, Zoey se estabelece na Morada da Noite. Finalmente sente-se incluída e aprende a controlar os seus poderes. Agora ela supera novos desafios, luta contra a morte que se abate sobre adolescentes humanos e sobre a própria Morada da Noite e, de repente, percebe que seu coração e sua alma acabam de ser partidos por uma grande traição.Nesse segundo livro da série House of Night depare-se com novos mistérios, surpreendentes emoções e muita sensualidade. House of Night é um dos maiores sucessos da atualidade nos Estados Unidos com mais de 3 milhões de livros vendidos em todo o mundo. O primeiro livro, Marcada , vendeu mais de setecentos mil exemplares nos Estados Unidos e já foi reimpresso 28 vezes.As autoras anunciaram que a série House of Night será formada por 9 livros. No Brasil o terceiro livro da série será publicado no mês de novembro com o título Escolhida .No Brasil, pela segunda semana consecutiva os livros da série House Of Night,

Marcada e Traída , aparecem nas listas dos mais vendidos os principais jornais do país e da Revista Veja.

Compre agora e leia